Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Aurea Maria Bezerra Machado

Professor Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional para o “Brasil real”

Rio de Janeiro
2023

Aurea Maria Bezerra Machado

Professor Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional para o "Brasil real"

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.ª Dra.Lia Ciomar Macedo de Faria

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M149 Machado, Aurea Maria Bezerra
Professor Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional para o "Brasil real" / Aurea Maria Bezerra Machado. – 2023.
205 f.

Orientadora: Lia Ciomar Macedo de Faria
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação - Brasil - Teses. 2. Suassuna, Ariano, 1927-2014 -Teses. 3. Educação - História - Teses. I. Faria, Lia Ciomar Macedo de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

ml CDU 37(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Aurea Maria Bezerra Machado

Professor Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional para o "Brasil real"

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 08 de março de 2023

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Drª. Lian Ciomar Macedo de Faria (Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Ana Chrystina Venancio Mignot

Faculdade de Educação - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

_____

Prof. Dr. Luiz Antônio Gomes Senna

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

_____

Prof. Dr. Carlos Newton Júnior

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta escrita ao Mestre Ariano Vilar Suassuna, minha inspiração no Magistério e na compreensão do meu País, a Nossa Mãezinha do Céu, a quem ele chamou de "A Compadecida", a Santa Teresa de Ávila, com quem nos momentos difíceis da vida e da tessitura dessa escrita, em tempos nunca imagináveis de uma pandemia, aprendi "a viver um dia de cada vez", ao meu marido Robin Moreira Machado, parceiro de todas as horas, ao meu filho, Max Bezerra Machado, meu fiel escudeiro, em minhas dificuldades tecnológicas, aos meus pais, os sertanejos Maria das Dores Bezerra e Antônio Alcides Bezerra, a minha netinha Ágatha do Carmo Bezerra (minha Tatá), que é a minha Oncinha malhada, ao irmão que a vida me deu Washington Dener dos Santos Cunha, às queridas Dona Nilza Pinheiro Moraes e Maria da Conceição de Oliveira (ambas in memoriam), que estiveram comigo em grande parte desse tempo de escrita, e a Dito Luz, artista plástico de Olinda, aqui representando a Arte e a Gente do "Brasil real".

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Pai do Céu, que me deu saúde, força e coragem para seguir, mesmo nos momentos mais difíceis. Este texto foi escrito numa época na qual a Humanidade jamais esquecerá, de uma pandemia e de uma guerra, na qual foi preciso deixar o pessimismo para tempos melhores, como nos ensina Eduardo Galeano.

À minha família, que sempre torceu, e acreditou, recarregando minhas "baterias", nas horas de cansaço e desalento, lembrando-me que também era preciso "regar as minhas plantas, e amar as minhas rosas", como no poema de Fernando Pessoa, e cuidar dos meus amores, e escrever o meu texto, quando a minha alma ouvisse o silêncio lá fora...

A minha querida orientadora, Lia Faria, que mais do que tudo, tornou-se amiga e parceira, nesta tese e em sua organização.

Ao professor Carlos Newton Júnior, que também me orientou ao longo desta pesquisa, com sua admirável erudição e dedicação à Obra sem par do mestre e amigo Ariano Suassuna.

À querida professora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, outra orientadora que esteve comigo, compartilhando além de seus teóricos e filósofos, seu otimismo e intelecto, e torcendo a cada etapa iniciada.

À professora Lívia Suassuna, a quem tive o privilégio de conhecer e entrevistar, que muito acrescentou, com suas informações sobre o tio e mestre, com as lembranças de sua memória afetiva e com a sua generosidade.

À bailarina Maria Paula Costa Rêgo, muito simpática, gentil e comprometida, ao me transmitir seus conhecimentos e experiências como amiga e assessora do Mestre Suassuna, no caminhar da Arte e da Cultura do nosso país.

À família Suassuna, nas pessoas de Ana Rita, Dona Zélia e Dantas, que me receberam com grande carinho, no Recife e na residência do Bairro da Casa Forte, às margens do Rio Capibaribe.

Ao Dr. Ernesto Faria, que na pandemia, foi uma luz para cuidarmos do meu velho pai.

Aos gentis e prestativos funcionários do Arquivo da Universidade Federal de Pernambuco.

À alegria, companheira constante, que para mim é forma de Resistência e contato com Deus.

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, permitiram que esta tese se concretizasse.

“ Professor...era como meu pai gostava de ser chamado” (Manuel Dantas Suassuna)[1]

[1] Frase do filho de Ariano Suassuna, Manuel Dantas Suassuna, dita à pesquisadora, durante visita à casa da família, em 19 de julho de 2019.

RESUMO

MACHADO, Aurea Maria Bezerra. **Professor Ariano Suassuna**: a escrita e a prática de um pensamento educacional para o "Brasil real". 2023. 204f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho configura-se como uma reflexão sobre a contribuição de Ariano Suassuna, poeta, dramaturgo, professor universitário, ensaísta, romancista e artista plástico, à Educação brasileira, desenvolvida no espaço político-social que Machado de Assis intitulava de "Brasil real". Suassuna lecionou por mais de trinta anos na Universidade Federal de Pernambuco, nas cátedras de Estética, Filosofia da Arte, Teoria do Teatro, Literatura brasileira e História da Cultura brasileira, aplicando sempre a arte literária com as Ciências sociais. Durante a sua docência, coordenou vários departamentos culturais na UFPE e produziu vasto material didático para ser usado pelos seus alunos, numa época de escassez editorial nessa área. Também foi Secretário de Educação e Cultura do Recife, na década de 1970, e posteriormente Secretário de Cultura nos governos estaduais de Miguel Arraes (1995-1998 – PSB) e Eduardo Campos (2007-2010-2014 - PSB), fazendo uso das políticas educativas para realizar diversos projetos culturais voltados para o povo periférico das cidades pernambucanas e do agreste. A problemática estabeleceu-se a partir da indagação da ausência do registro do seu nome como educador, nos anais da História da Educação brasileira. Assim, buscando enfocar a relevância social de sua produção docente, dentro e fora do *locus* tradicional da sala de aula, esta tese caracteriza-se como uma produção de conhecimento em Ciências humanas, focada no campo da Educação, inserindo-se no paradigma da natureza qualitativa e desenvolvendo-se em grande parte pela pesquisa bibliográfica e análise documental. Por outro lado, apresenta a sua fundamentação no âmbito da História da Educação, compondo o seu arcabouço teórico a partir da análise e da interpretação das informações e dados obtidos, através dos conceitos e noções de pensadores e agentes dessa área, estabelecendo como categorias de análise cultura, educação, ensino, identidade memória e profissão docente. Assenta-se ainda em estudos biográficos para identificar e mapear as ressonâncias e epifanias vividas pelo meu objeto de pesquisa que nortearam a sua carreira no magistério. A pesquisa também recebeu a contribuição da Metodologia da História oral, através de entrevistas com pessoas de sua família e de suas redes de sociabilidade nos campos da Educação e da Cultura. A escolha do tema justifica-se pela importância da prática educativa de Ariano Suassuna, fundamentada e desenvolvida na preocupação com a construção do conhecimento e da valorização da identidade do povo brasileiro, inferindo educação como fenômeno de inclusão das minorias sociais.

Palavras-chave: Ariano Suassuna. Cultura. História da Educação. Práticas educativas

ABSTRACT

MACHADO, Aurea Maria Bezerra. **Professor Ariano Suassuna**: the writing and the practice of an educational thought for the “real Brazil'. 2023. 204f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This work is configured as a reflection on the contribution of Ariano Suassuna, poet, playwright, university professor, essayist, novelist and artist, to Brazilian Education, developed in the social and political space that Machado de Assis called “Real Brazil”. Suassuna taught for more than thirty years at the Federal University of Pernambuco, in the Chairs of Aesthetics, Philosophy, Theater Theory, Brazilian Literature and History of Brazilian Culture, always applying the literary art with social sciences. During his teaching, he coordinated several cultural departments at UFPE and produced vast didactic material to be used by his students, at a time of editorial scarcity in this area. He was Secretary of Education and Culture of Recife, in the 1970s, and later Secretary of Culture in the state governments of Miguel Arraes (1995-1998 - PSB) and Eduardo Campos (2007-2010- 2014 - PSB), when he made use of educational policies for carry out various cultural projects aimed at the peripheral people of the cities of Pernambuco and, in particular, the agreste. The research problem was established from the question arising from the absence of the registration of his name as an educator, in the annals of the History of Education. Seeking to focus on the social relevance of its teaching production, inside and outside the traditional locus of the classroom, this thesis is characterized as a production of knowledge in the humanities, focused on the field of Education, inserted in the paradigm of qualitative nature and developing largely through bibliographic research and document analysis. It presents its foundation in the context of the History of Education, composing its theoretical framework from the analysis and interpretation of the information and data obtained, through the concepts and notions of thinkers and agents in this area, establishing as categories of analysis culture, education, identity, memory and teaching profession. It is also based on biographical studies to identify and map the resonances and epiphanies experienced by my research object that guided his career in teaching. The study of Suassuna's professional trajectory will also receive the contribution of oral history methodology, through interviews with people of his family and his network of sociability in the fields of Education and Culture. The choice of the theme is justified by the importance of its educational practice, founded and developed in the concern with the construction of knowledge and the valorization of the identity of the Brazilian people, inferring education as a phenomenon of inclusion of social minorities.

Keywords: Ariano Suassuna. Culture. History of Education. Educational practices

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 Fazenda Acauhan.....40
Imagem 02 Ilumiara Jaúna, na Fazenda Carnaúba.....46
Imagem 03 Ariano Suassuna e companheiros de faculdade, na década de 1940.....51
Imagem 04 - Fachada da Casa de Ariano, no Recife, dedicada à Compadecida 53
Imagem 05 - Parede-Mural Armorial, nos jardins da Casa da família Suassuna 53
Imagem 06- Ariano e Zélia, com os filhos e os netos, no Mural Armorial.....54
Imagem 07 - Sala da Casa – "uma galeria de arte".....55
Imagem 08: Sala da Casa com obras produzidas pela família Suassuna e amigos.....55
Imagem 09: Pintura sobre papel do Neto Lucas Suassuna de Albuquerque Wanderley.....56
Imagem 10: Cartaz de evento em homenagem ao professor Suassuna, Colégio ISBA 56
Imagem 11: Os jardins da propriedade da família Suassuna.....57
Imagem 12: Vista dos belos jardins da Casa da Rua do Chacon.....57
Imagem 13: O casal Ariano e Zélia, na época do namoro.....63
Imagem 14: Foto do casal Suassuna em evento, na década de 1950.....64
Imagem 15: Ilustrações de Dona Zélia Suassuna para o livro *Farsa da Boa Preguiça*.....65
Imagem 16: Ariano e Zélia Suassuna num momento de carinho.....66
Imagem 17: Dona Zélia, aos dezesseis anos.....67
Imagem 18: Pais e filhos.....67
Imagem 19: "Os filhos são o arco-íris da vida; os netos são o pote de ouro".....67
Imagem 20: Ilumiara Pedra do Reino, na Serra do Catolé 76
Imagem 21: Ariano Suassuna e dona Zélia, na cavalgada anual da Pedra do Reino.....78
Imagem 22: Ariano, um jovem professor 80
Imagem 23: Boneco-mamulengo do professor e brincante Ariano Suassuna.....83
Imagem 24: Os professores e amigos Ariano Suassuna e Carlos Newton Júnior.....88
Imagem 25: Tela de Francisco Brennand, na sala da residência da família Suassuna 91
Imagem 26: Os professores Ariano Suassuna e Paulo Freire, no Recife.....98
Imagem 27: Diploma de Doutor em História, pela UFPE (1978).....105
Imagem 28: Capa da Obra *Iniciação à Estética*, 1ª edição, 1975, UFPE.....113
Imagem 29: O professor Ariano Suassuna, produzindo, em sua casa.....115
Imagem 30: Capa do livro O *Movimento Armorial*, publicado em 1974, pela UFPE 117

Imagem 31: Mesa de trabalho de Ariano, com seus manuscritos e desenhos.....120
Imagem 32: Sala onde Ariano trabalhava, em sua casa.....122
Imagem 33: O professor Suassuna, gravando o programa “O Canto de Ariano.....123
Imagem 34: Anfiteatro Ilumiara Zumbi.....126
Imagem 35: Mural da Ilumiara Zumbi, onde estão representados Zumbi e Dandara.....126
Imagem 36: Mural da Ilumiara Zumbi representando Oulu e sua mãe Iemanjá 126
Imagem 37: Mural da Ilumiara Zumbi representando Iansã e Ogum.....127
Imagem 38: Ariano e Zélia Suassuna, na Ilumiara Zumbi 127
Imagem 39: Mural da Ilumiara Zumbi.....128
Imagem 40: A bailarina Maria Paula Costa Rêgo e o Mestre Ariano, no palco.....135
Imagem 41: Aula-espetáculo na Escola Estadual Carlos Alberto Gonçalves de Almeida.....141
Imagem 42: Capa do box *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*..... 149
Imagem 43: O casal Ariano e Zélia, no Sertão.....155
Imagem 44: Ariano e Zélia, na divisa entre os Estados da Paraíba e Pernambuco.....155
Imagem 45: Ana Rita menina e o pai 156
Imagem 46: O professor Carlos Newton em entrevista para esta pesquisa. 160
Imagem 47: A professora Lívia Suassuna.....163
Imagem 48: A entrevistada Maria Paula Costa Rêgo.....170
Imagem 49: A bailarina Maria Paula no teatro.....171

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	**AULA-ESPETÁCULO Nº 1 – O CAMINHO DE ARIANO NO "SERTÃO DO MUNDO"**.....	28
1.1	**Escritas que perpassam o professor Suassuna**.....	28
1.2	**Uma vida entre dois "Brasis"- "A tarefa de viver é dura, mas fascinante**!.....	36
1.2.1	Zélia - "E o meu coração e o meu sangue se desataram para a Alegria do Mundo".....	60
1.2.2	Autores e teóricos que o fundamentaram – A "leitura do Mundo" pelos livros.....	68
1.3	**Uma literatura do "Brasil real"- A "mentira de Deus" e os quengos**.....	70
1.3.1	O Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do Vai-e-Volta.....	74
1.4	**Surge o educador – Um brincante por natureza**.....	78
1.5	**Suas redes de sociabilidade – "Que eu nunca perca a vontade de ter amigos**!	84
2	**AULA-ESPETÁCULO Nº 2 - UMA HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DOCENTE**.....	99
2.1	**O professor universitário - A sala de aula, o palco e o picadeiro de Ariano**...	99
2.1.1	A produção didática – Os passos que damos do desconhecido para o conhecido...	111
2.2	**O Movimento Armorial – um laboratório de brasilidade**.....	166
2.3	**O Canto de Ariano - Um ensaio pela tevê sobre cultura e identidade**.....	121
2.4	**O secretário de governo e os projetos culturais**.....	124
2.4.1	A Onça malhada, a Favela e o Arraial: um projeto de Ariano Suassuna sobre Educação e Cultura itinerantes.....	131
2.4.2	O projeto e as aulas-espetáculo.....	137
2.5	**Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores – A dimensão do Professor no Testamento literário**.....	143
3	**AULA-ESPETÁCULO Nº 3 - UMA EDUCAÇÃO IDEAL PARA O "BRASIL REAL"**.....	150
3.1	**A família de um professor**.....	153
3.1.1	Zélia, esposa e companheira da Vida inteira.....	153
3.1.2	A filha Ana Rita.....	156
3.2	**Os alunos**.....	157

3.2.1 Carlos Newton Júnior..... 157
3.2.2 Lívia Suassuna..... 162
3.3 **A colega de projetos culturais e de palco**..... 167
3.3.1 Maria Paula Costa Rêgo..... 168
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 174
REFERÊNCIAS..... 177
ANEXOS: ENTREVISTAS..... 182

INTRODUÇÃO

> Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver. (Ariano Suassuna)[2]

A demanda por uma educação pública de qualidade, assim como a valorização da identidade cultural de um povo, requer um diálogo permanente entre práticas docentes, políticas educativas e redes de sociabilidade. Assim, passados mais de 133 anos da Proclamação da República, que tem dentre os seus valores a tolerância e a solidariedade, e cuja concretização requer como prioridade uma educação democrática e inclusiva, apresento esta tese à comunidade científica da História da Educação.

Entretanto, inicialmente gostaria de registrar que os acontecimentos e fatos que fundamentaram a sua realização surgiram antes mesmo de mim e do século XX, no qual nascemos o professor Suassuna e eu. Tudo começou com uma afirmação de Machado de Assis, em 29 de dezembro de 1861, em seu artigo de final de ano para o *Diário do Rio de Janeiro*, sobre a realidade social de nosso país, de que no Brasil haveria dois países distintos: o "País oficial", dos ricos e empoderados, e o "País real", dos despossuídos. E eu, menina dos meus cinco anos de idade, ainda não sabia que fazia parte do segundo Brasil, morando então no Sertão do Maranhão, onde minha mãe que se chama Maria Das Dores, quebrava coco babaçu para sustentar os filhos. O meu pai tinha vindo para o Rio de Janeiro, trabalhar e juntar dinheiro para que pudéssemos vir mais tarde, e esse é um êxodo que se repete há séculos, sem que o "Brasil oficial" tome uma atitude.

Desse tempo, lembro-me da mamãe trabalhando, e nas horas em que estávamos todos juntos, dela contando as aventuras e desventuras do Cancão de fogo, da Moura torta, da princesa Rosalinda, de João da Cruz e do Pavão Misterioso, narrativas que bem mais tarde eu saberia fazer parte das raízes ibéricas da Cultura brasileira, e transformados em cordéis, no Nordeste. Às vezes, ela cantava, embalando meus irmãos menores: "Oh, lua, luar, me dá um pão com farinha, pra criar meus pintinhos, que estão presos na cozinha. Xô, xô, passarinho..." A minha avó, que também era Maria, tinha o ofício de costureira, e enquanto fazia suas bainhas e chuleios, contava-me também muitas histórias, como a do rei Dom Sebastião, um rei quase menino que desaparecera em combate, num lugar muito distante, chamado África, e também a de um outro rei, Carlos Magno, com os seus Doze Pares de França. Havia um deles chamado Oliveiros, que era o nome de um dos meus tios maternos. Aliás, essa erudição que

[2]Máxima constantemente proferida pelo professor Ariano Suassuna em suas aulas-espetáculo.

tem o sertanejo, com raízes tão arraigadas na cultura ibérica só fui compreender com o professor Suassuna, muitos anos depois. O meu avô Saul, um outro grande companheiro nas viagens pela Literatura oral e pelas cantorias, a quem nunca chamei um só dia de avô, porque ele era o meu "Pai Saul", quando chegava da roça (lugar das plantações) ou das caçadas de preás e tatus, sentava-se na soleira da porta, com a sua latinha de rapé e me recitava os cordéis, povoados por tipos incrivelmente espertos ou tolos, que eram bêbados, loucos, mentirosos e corajosos, trágicos ou picarescos, como Pedro Malasartes. Pai Saul, que com os seus olhos rasgados se parecia com as pinturas que mais tarde vi de Filipe Camarão, imitava as vozes, fazia os trejeitos teatralmente, provocando as minhas risadas. E ouvindo aquelas narrativas, eu, muito naturalmente, dava rosto a todas aquelas personagens, emprestando-lhes as fisionomias dos meus parentes e conhecidos, que no meu entendimento, possuíam aquelas características. Para mim, todos aqueles tipos eram extraordinários e moravam não em castelos, não em terras distantes, mas ali, conosco, naquele sertão de pedras, palmeiras e árvores perfumadas, e de pôr-do-sol incandescente.

Na verdade, sequer preciso fechar os meus olhos quando às vezes, vivencio tudo aquilo outra vez, com os meus cinco sentidos. Assim é a memória afetiva, que nos remete aos pertencimentos e aos momentos de interação, que não importando quanto tempo passe, visitam-nos de repente. A quentura na pele, o cheiro das pessoas, dos animais, dos bogarins e das pimentas de cheiro que a minha avó tinha no quintal. O cheiro da terra seca e o da chuva, quando vinha subitamente, renovadora. Os aromas do dia e os da noite, o gosto da manga rosa, da pinha, do caju e da farinha de puba, a visão do entardecer no sertão, dourado e cor de rosa, que hoje tenho a certeza que é um dos espetáculos mais lindos dessa vida, o som das cantigas da minha tia Júlia pilando arroz, e das vozes, de todas as vozes daquele tempo.

Às vezes, caixeiros-viajantes passavam lá em casa, trazendo até nós utensílios, cacarecos e notícias de outras terras. Eram ocasiões memoráveis, porque era um contato com o conhecimento do Mundo, do vasto Mundo, além das serras que avistávamos da porteira. Apesar dos aperreios (como o povo do sertão chama as dificuldades), nós, sertanejos, somos dados a gaitadas (é como chamamos as risadas). Por conta disso, rimos com as histórias, com os "causos", com os violeiros e os repentistas, porque se no sertão a terra é seca, a alma do sertanejo é verde, que é a cor da esperança. Dizem que a primeira forma de comunicação com Deus é a oração, mas que há uma outra muito especial, que é a alegria, uma palavra tão sonora, por si já ruidosa, que quando pronunciada, já anuncia um sorriso. Foi nesse tempo que aprendi isso. E aprendi de cor, porque aprendi com o coração. Posso afirmar que de alguma

maneira, foi toda essa minha memória afetiva que me aproximou da Literatura e me ligou inicialmente a Ariano Suassuna. Os lugares que ele descreveu em suas obras, são como os meus lugares de memória, e os que estavam neles, vivendo o que ele contou, são como meus velhos conhecidos e familiares.

Depois, viemos para o Rio de Janeiro, morar na favela. Aqui tornei-me aos olhos do "Brasil oficial", mais uma filha de lavadeira de "madame". Eu e minha mãe, duas Marias, subíamos o Morro da favela da Santo Amaro, no bairro do Catete, com a trouxa de roupa e lata d'água na cabeça. Nos prédios da Rua Silveira Martins e adjacências, os porteiros diziam: "- Vão pelo elevador de serviço, está? " Um dia, dona Rosa, uma das "patroas madames", me olhou e disse: "-Oi, filhinha! Você está aprendendo a lavar e passar com a sua mãe? Que bonitinho! Vai ser lavadeira também, não é? " Eu respondi: "- Não, senhora! Vou ser professora! " Ela sorriu e disse: "- É, não faz mal sonhar..." E eu falei: " – Não estou sonhando, não senhora! Estou estudando! " E estava mesmo. O meu pai era contínuo de escritório de advocacia, mas tinha como se dizia naquela época o "científico completo"[3] e à noite, era professor do Mobral. Eu já tinha aprendido a ler, vendo-o alfabetizar os adultos, quando fiz sete anos e fui para a Escola Municipal Rodrigues Alves, na rua do Catete, que por um erro de projeto, foi desnecessariamente demolida para a construção do metrô. Um ano depois, ganhei uma bolsa de estudos e fui estudar no Colégio Angelorum, da Ordem das Franciscanas Missionárias de Maria, na Glória. Com doze anos, tinha em casa uma escolinha, para ajudar as crianças menores a fazerem os seus deveres de casa. Aos quinze, comecei a ensinar alguns vizinhos adultos a ler. Aquele encantamento e brilho nos olhos dos que, "decifrando letras e fonemas", redescobriam o Mundo, foram presentes que jamais alguém poderá me tirar. Lembro-me de todos aqueles homens e mulheres com carinho, mas em especial da "dona Maria do Zé Pedro", que queria aprender a ler e a escrever para traçar o seu nome, os das 3 filhas e os das flores que plantava, no fundo do quintal. O povo do "Brasil real", lá do Nordeste, vem morar nas favelas do Sudeste, mas continua sendo chamado como era no Sertão: é "Zé de Dona", "Rosinha do Manel", "Severino da Lurdinha e "Dona Maria do seu Bezerra", como a mamãe. O poeta pernambucano, João Cabral de Melo Neto, já nos

[3]O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968. Entretanto, só foi efetivamente implementado a partir de 1971. Seu principal objetivo era promover a alfabetização funcional para os analfabetos de 15 anos ou mais.

contava em versos: " O meu nome é Severino,/ não tenho outro de pia./ Como há muitos Severino,/ que é santo de romaria,/deram então de me chamar/ Severino de Maria."[4]

Eu ainda não tinha dez anos quando conheci um senhor, nosso vizinho, de quem eu nunca soube o nome, porteiro de um prédio em Ipanema. Todos os chamavam de "seu Pernambuco". Se eu fechar meus olhos agora, ainda posso ver o seu rosto, o cordão de prata com um crucifixo que trazia ao pescoço, e a pinta que tinha entre o nariz e os lábios. Um dia, "seu Pernambuco" descobriu pelo meu avô Saul que eu gostava de ler. Desde então, passou a me trazer muitos livros que os moradores do prédio em que trabalhava lhe davam para que ele os jogasse fora. Eram muitos volumes dos mais variados títulos: *Pluft, a fantasminha, Tom Sawyer, Oliver Twist, Dom Quixote de La Mancha, Os Miseráveis, Papai Pernilongo, Poliana, O Guarani, Iracema, O príncipe e o mendigo, A Odisseia, a Ilíada, A Divina Comédia, O Auto da Compadecida, Dom Casmurro, O Noviço, o Pequeno príncipe...* até o *Ulisses*, do irlandês James Joyce, cuja complexa narrativa eu só compreenderia muito tempo depois, ele me trouxe certa vez. Numa manhã, o "seu Pernambuco" saiu para trabalhar, e nunca mais voltou. Jamais chegou ao local de trabalho. Debalde, as pessoas o procuraram em hospitais, delegacias... infelizmente, o que lhe aconteceu é um dos mistérios da minha infância. Mas relato aqui esta história porque devo significativamente a ele a "minha primeira biblioteca", uma estante, feita de caixotes, na parede do quarto que eu dividia com os meus irmãos, e o gosto pela Literatura, o amor e o encantamento pelos livros. Com o passar dos anos, fiz a faculdade de Letras, na UERJ, e tornei-me mesmo uma professora de Língua portuguesa e Literatura, reunindo na profissão as minhas duas paixões. Desse modo, não é por acaso que o sujeito de minha pesquisa, do qual começarei a falar a seguir, traz em sua trajetória de vida pessoal e profissional estas características: o amor pela docência e pela Literatura, e a luta por uma educação de qualidade para a gente do "Brasil real".

Através dessa preliminar narrativa da minha própria trajetória, dou como explicitada a motivação e a gênese da minha tese, passando nas linhas que se seguem a mapeá-la, estabelecendo a sua metodologia, seus objetivos, categorias de análise e referenciais teóricos.

Minha investigação, que descende da Linha de pesquisa **Instituições, práticas educativas e História**, valorizando a Educação como conhecimento científico, configura-se como uma análise sobre a produção docente de Ariano Suassuna, homem das Letras, que se destacou no magistério como professor universitário e como secretário de educação e cultura,

[4] - *Morte e Vida Severina* é um poema dramático de João Cabral de Melo Neto, escrito entre 1954 e 1955, que retrata a trajetória de Severino, que deixa o sertão nordestino, em direção ao litoral, em busca de melhores condições de vida. Trata-se de um auto de Natal de temática regionalista.

em Pernambuco, sendo assim um professor dentro e fora dos lócus tradicionais da sala de aula. Mesmo após aposentar-se, fez uso das políticas educativas para realizar diversos projetos culturais, como o Projeto "Onça Malhada, a Favela e o Arraial" e suas aulas-espetáculo. A base epistemológica do meu texto estrutura-se na História da Educação, com a reverberação da Cultura e Literatura brasileiras. Apesar da constituição da História da Educação como área de pesquisa ter se originado na educação e não na história, citemos Marc Bloch, que nos lembra a preocupação com a interdisciplinaridade com a qual os pesquisadores devem estar entrelaçados. Porque a compreensão da sociedade passa por temas e conteúdo de várias ciências, inclusive as Ciências sociais, não se atendo apenas aos fatos, mas à problematização.

Trago, na tessitura do meu texto, a história e o registro da trajetória do magistério de Ariano Suassuna, seu cuidado com a construção do conhecimento e da valorização da identidade do povo, bem como da preservação da memória cultural da gente brasileira. Não obstante ter nascido no seio de uma família tradicional, política e abastada do Nordeste, Suassuna, para quem a cultura era "a sede da alma e da honra de uma nação", optou por trabalhar, levando conhecimento aos mais pobres e desvalidos, o povo da periferia, da favela e do sertão, territórios da parte geopolítica do Brasil esquecida e não contemplada pelas autoridades.

Assim sendo, pretendo, na intercessão do rigor científico e da relevância social, investigar a sua experiência individual como professor, que se expandiu por décadas, perpassando por diversas redes de sociabilidade, registrando a contribuição deste sujeito social, envolvido com a cultura do seu país e preocupado com a realidade social dos menos favorecidos, que representam a maioria da nação. "Em outros termos, toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção. " (BLOCH, 2001, p. 79)

O meu projeto de pesquisa desenvolveu-se após a minha descoberta de que além da Literatura, a outra grande vocação de Ariano sempre fora o magistério. Empreendi então uma pesquisa para sondar se haveria livros ou mesmo escritos acadêmicos sobre o assunto, mas depois de debruçar-me sobre centenas de trabalhos produzidos no Brasil e até no exterior, a respeito do autor de *Auto da Compadecida* e do *Romance d'A Pedra do Reino e do Príncipe do sangue do Vai-e-Volta*, constatei que se tratavam de centenas de artigos, monografias, dissertações e teses que tinham como viés o romancista, o dramaturgo, o poeta, o ensaísta, o

produtor e fundador do Movimento Armorial[5] na década de 1970, o criador de um novo gênero artístico, a Ilumino gravura, que reúne a poesia e as artes plásticas, o escritor que produzia artigos para jornais e apresentava quadros semanais sobre a cultura em programas de tevê. Mas nada ancorado ao seu magistério, destacando a sua contribuição para a História da Educação brasileira.

Desse modo, onde estaria mencionada, anotada em lugar próprio, a sua participação como educador brasileiro? Ele que foi um verdadeiro missionário nesse campo? Se ainda não existisse tal registro, compreendia-se urgente a supressão de tal lacuna teórica ou temática nos anais da História da Educação brasileira.

A verdade é que muitos conhecem o universo mítico de Taperoá[6], chão de João Grilo, Chicó, Pedro Quaderna e outras tantas personagens de Suassuna, através da leitura de seus romances e peças de teatro, como espectadores de sua fabulosa dramaturgia, ou ainda como telespectadores dos filmes e minisséries para a tevê, baseadas em sua vasta obra literária. Mas será que o Brasil e o Mundo têm conhecimento de que o que ele mais apreciava era ser chamado de "professor Suassuna"? Por que o seu nome não está registrado nos manuais de História da Educação, se por décadas dedicou a sua vida aos seus alunos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em aulas que eram a sua festa, frequentadas não apenas por alunos inscritos regularmente, mas pelos ex-alunos que sempre voltavam, e por visitantes que chegavam e recebiam autorização do mestre para entrar, que não se importavam de sentarem-se ao chão ou mesmo assistir às aulas de pé? Por que não lembrar que entre os anos de 1950 e 1960, quando o mercado editorial do nosso país produzia ainda escasso material didático sobre Estética e História da Cultura Brasileira e de Literatura nacional, por exemplo, o professor Suassuna passava horas em seu gabinete na universidade, ou recolhido no quarto de trabalho, em sua casa às margens do Rio Capibaribe, em Recife, a produzir, primeiro em manuscritos que eram rodados em mimeógrafos, vasto e significativo material de estudo para as centenas de alunos que frequentavam suas concorridas aulas, nos cursos de Letras e de Filosofia? Onde estão registradas as reuniões na universidade, nas quais ele sempre lutava e mesmo brigava, se preciso fosse, pela qualidade do ensino? Que enquanto secretário de

[5] Em 18 de outubro de 1970, o professor Ariano Suassuna fundou, na UFPE, o Movimento Armorial, cujo objetivo era criar uma arte erudita brasileira a partir dos elementos da cultura popular, abrangendo todas as formas de expressões artísticas, como música, dança, teatro, literatura, tapeçaria, artes plásticas, cinema, arquitetura, etc.

[6] Taperoá é uma cidade do Sertão dos Cariris paraibanos, onde Suassuna passou a infância, lugar que marcaria para sempre a sua vida, e que seria o cenário mítico onde desfilariam suas ricas personagens, como João Grilo e Chicó, da peça *Auto da Compadecida*.

governo, utilizava a máquina pública, com intelectual orgânico[7] que era, para levar cultura e educação de qualidade para os centros culturais, teatros, academias de letras, presídios, favelas, povoados do agreste e tantas outras instituições, através do seu projeto "A Onça Malhada, a Favela e o Arraial", e de suas concorridíssimas aulas-espetáculo? Por que não lembrar do dia em que escreveu um memorando pedindo exoneração como secretário de governo, em 1978, para dedicar-se exclusivamente ao magistério e à literatura, suas duas grandes vocações? Ariano Suassuna foi por toda a vida o "professor Suassuna". Mesmo após a aposentadoria, quando na década de 1990 exercia o cargo de secretário de cultura de Pernambuco, no governo de Miguel Arraes, preferia ser chamado de professor: "- Eu sou é professor! Secretário era um jumento que tinha lá em Taperoá. " - Dizia Ariano, sempre sorrindo.

A polivalência de Ariano Suassuna permitiu nesta investigação uma interação entre categorias de estudo e ciências, e a mesma refletiu-se por toda sua vida particular e cultural. Dessa maneira, ele elaborou e desenvolveu sua literatura e docência, o popular e o erudito sempre se imbricando e desconstruindo o discurso propagado pela classe dominante de que o que nasce do povo não tem qualidade, criando nesta questão de poder a dicotomia "cultura superior" e "cultura inferior". Segundo suas inferências, é o popular que dá sentido à nação. Assim, o popular está no erudito e o erudito está no popular. O Movimento Armorial foi a concretização dessa rede de sociabilidade.

Segundo Gramsci, intelectual orgânico é aquele indivíduo que tem como ocupação, profissão ou como meta levar a cultura, o conhecimento às massas, instruindo-as, num diálogo entre cultura e hegemonia, prática que possibilitará a emancipação das mesmas. De acordo com Soler, essa cultura da qual fala Gramsci deve ser encarada como o fortalecimento das massas populares. "Ou seja, deve-se insistir na valorização dos produtos culturais em detrimento dos estrangeirismos e incorporações feitas pelos países periféricos em relação às nações imperialistas" (SOLER, 2017, p.550)

Para o professor Suassuna, o povo tinha de ter acesso à educação e à cultura porque o "Brasil real" merecia uma educação ideal. Educação que deveria ser levada aos sertões, às periferias e às favelas, como um projeto pautado na construção do conhecimento e da valorização da memória cultural.

Este texto tem ainda como objetivo investigar as ressonâncias e as epifanias vividas pelo professor Suassuna, que resinificaram e mudaram sua trajetória pessoal e profissional,

[7] Conceito criado pelo filósofo italiano Antônio Gramsci.

identificando elementos biográficos que o levaram à carreira de professor, sua verdadeira vocação, segundo o relato de alguns que conviveram com ele, como familiares, ex-alunos e colegas de trabalho. Afinal, uma pesquisa acadêmica requer muito mais do que um olhar minucioso a documentos e fontes bibliográficas que fundamentam um tema escolhido e sua problemática. É preciso ouvir o "outro", com suas memórias coletivas, individuais, históricas, afetivas e autobiográficas, pois segundo Henry Rouço, um dos fundadores do Instituto de História do Tempo presente, que enfoca a importância de se historiar o presente do qual se faz parte. "A entrevista é a palavra viva. " (ROUSSO, 2017), e nessas práxis, a importância das fontes orais é que a entrevista transforma os depoimentos em fontes documentais para a história, uma vez que falam de memória.

Ariano Suassuna foi um professor brasileiro, um arauto da cultura nacional, que conciliou a vida pessoal, a artística e a profissional a serviço de uma sociedade mais igualitária, porque sem justiça social não haverá humanidade, tampouco nação. Foi um intelectual que, não obstante ter nascido no seio do "Brasil oficial" com suas prerrogativas para o poder e o conhecimento, optou por compreender e importa-se com as necessidades e as precariedades do "Brasil real", o que fez ao longo da vida, ilustrando com sua prática pessoal e profissional o pensamento junguiano que serve de epígrafe a um dos capítulos desta pesquisa. Assim, este trabalho apresenta a trajetória de Suassuna, esse humanista que tocou e modificou a vida daqueles que o conheceram como artista, mestre e pessoa.

O papel do educador é o de levar a cultura, o conhecimento autônomo às massas, para que ao apropriar-se dele, possam fazer sua própria leitura do mundo. Como um deles, era essa a percepção e intenção de Suassuna: formar cidadãos críticos, que valorizassem a sua cultura e a sua identidade, pois como no conceito Gramsciano do intelectual orgânico, de que embora na sociedade a luta de classes seja desigual, o objetivo final é o conhecimento para todos como patrimônio. Aprendera com o amigo da vida inteira, Capiba[8], ser um grande erro dizer que "cachorro gosta de osso, porque ele gosta mesmo é de carne". E Suassuna acrescentava que as pessoas deveriam oferecer filé ao invés de osso para ver o que um cachorro preferia de verdade. A partir desse exemplo, fazia uma analogia com a questão cultural, afirmando que o povo também tem direito sim a uma cultura de qualidade, sendo isso o que espera que lhe seja oferecido pelo Estado.

Minha tese, valorizando a importância das pesquisas sobre histórias de produções docentes, tem como relevância social apresentá-lo como pensador e agente de práticas

[8] Capiba é o apelido de Lourenço da Fonseca Barbosa, músico, pianista e compositor pernambucano de Surubim. Compôs muitos frevos e foi grande amigo e parceiro artístico de Ariano Suassuna.

pedagógicas e projetos culturais, levando ao povo uma cultura erudita a partir da popular, a qual entendia tão genuína e identitária como as outras. E sempre evidenciando aos educandos que o conhecimento adquirido era o grande propulsor da transformação da vida em sociedade. A história de sua produção docente é a escrita de uma experiência de individualidade que se expande para diversas redes de sociabilidade, a serviço de uma "educação ideal" para o "Brasil real".

Portanto, escrever sobre Suassuna é à minha maneira de produzir conhecimento direcionado a uma reflexão sobre como se produzir uma escrita ancorada no campo da educação, que sirva não apenas aos meios acadêmicos, mas também para ser útil a todos que aspiram a uma escola brasileira de qualidade, voltada para o "Brasil real". Acreditando que a educação é um processo de semear, escrevo para evidenciar o "professor Suassuna", sujeito sócio histórico, que com seu pensamento, suas singularidades e pluralidades, no mundo acadêmico da universidade, nos projetos de cultura populares e na política, lutou por uma educação pública mais humana, inclusiva, e, portanto, mais justa, tendo uma história de vida como docente que merece ser visualizada e compartilhada.

As produções acadêmicas devem estar sempre próximas aos seus objetos de estudo e análise, que são a própria sociedade, as estruturas e os objetos que a compõem. Cabe a nós, pesquisadores, escrever e compartilhar resultados, levando a reflexões sobre práticas, inclusive pedagógicas. Na inferência de Garcia, "Se a escola é o fim de nossas pesquisas e de tudo o que escrevemos, o resultado de nossas pesquisas deveria a ela chegar e, de algum modo, a ela beneficiar. " (2011, p. 10) portanto, a investigação por mim desenvolvida tenciona evidenciar o protagonismo do povo brasileiro, na visão de um educador e na importância que ele lhe conferia.

A ciência, em sua atividade de produção de conhecimento, é sistematizada de acordo com a relação objeto e métodos, nomenclatura que provém do termo grego methodos (caminho ou via). Assim, minha pesquisa, que é uma produção de conhecimento em Ciências Humanas, focada no campo da educação, insere-se no paradigma da natureza qualitativa.

> As abordagens qualitativas de pesquisas se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. (ANDRÉ, 2013, p. 97)

O meu trabalho acadêmico estruturou-se através de várias fases: a primeira foi estabelecer o foco da tese, a delimitação da problemática do tema, que é o levantamento da produção docente de Ariano Suassuna e sua importância para a História da Educação

brasileira, com a finalidade de registrá-la nos anais da História da Educação. Essa etapa foi necessária para abalizar a amplitude da pesquisa, para que mais tarde se percebesse a relevância das informações coletadas. Traçar um planejamento adequado e cuidadoso, abordando de forma crítica e ampla o objeto de estudo é de caráter essencial para se obter dados que representem com expressão a qualidade que se deseja.

Essa primeira parte fundamentou as outras que se seguiram, como a coleta de dados e de informações exploratórias, e a seleção de fontes, ambas assentadas em entrevistas, observações e análise de documentos e escritos teóricos que serviram à fundamentação textual. Ragazzini infere que " A relação com as fontes é a base sobre a qual se edifica a pesquisa historiográfica" (2001, p. 15), e nos pontua que a responsabilidade da relação que o pesquisador estabelece com suas fontes, a identificação, o uso e a interpretação das fontes (entrevistas, arquivos, teóricos e categorias de análise), são elementos constituintes do caráter e da qualidade da pesquisa, além de portarem a identidade e a auto compreensão da pesquisa histórica. Ainda de acordo com o autor, as fontes nos permitem encontrar materialmente e reconhecer culturalmente. Alerta-nos de que " a fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação. (2001, p. 14)

Nesse modelo de pesquisa, tem-se acesso a grande volume de dados a serem examinados e selecionados com a finalidade de se chegar à etapa seguinte da investigação, que é o da análise, quando o material coletado é examinado para ver ser corresponde ao que se procura qualitativamente para se obter os resultados esperados. Entretanto, com tal intuito, foi necessário identificar previamente categorias e tendências a serem desenvolvidas, bem como relações e padrões que revelassem sentido para que a pesquisa prosseguisse, organizando-se as partes, procedendo-se a escrita e o refinamento para se estabelecer os recortes. Ginzburg (2006) nos fala da História e sua escrita (em função da condição sempre fragmentária dos documentos e dos relatos), baseando-se no "Mito do labirinto" e da metáfora do "fio do relato", que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade.

O texto é desenvolvido em grande parte pela pesquisa bibliográfica e análise documental. "Documentos são muito úteis nos estudos de casos porque complementam informações obtidas por outras fontes e fornecem base para triangulação dos dados. " (ANDRÉ, 2013, p. 11) fundamenta-se no campo da História da Educação, contudo, inferindo que a educação é um fenômeno social e cultural. Estrutura-se teoricamente a partir da análise e da interpretação das informações e dados obtidos, através dos conceitos e noções de

pensadores e agentes da área, estabelecendo como categorias de análise: cultura, educação, ensino, identidade, memória e profissão docente. Os textos foram buscados e localizados nos livros, periódicos e materiais visuais citados, ao final, nas referências. Assenta-se ainda em estudos biográficos encontrados em livros e ego-documentos[9], bem como na Metodologia da História oral, para obtenção de fontes.

A fase das entrevistas com pessoas que interagiram com o professor Suassuna caracteriza-se como de extrema importância para dar suporte a esta investigação acadêmica. Envolvendo categorias de estudo como memória e a metodologia da história oral, foram registradas, no corpo das transcrições das entrevistas, informações como idade e pertencimento social dos entrevistados. "É no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a História encontra a certeza na existência de um passado que foi, que não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente. " (CHARTIER, 2011, p.117). As transcrições literais dessas entrevistas, realizadas e gravadas com familiares, com profissionais que trabalharam com Suassuna em projetos culturais das secretarias de governo e ex-alunos, podem ser apreciadas integralmente, nos anexos, ao final da tese. As informações planeadas e obtidas foram textualizadas, no corpo da pesquisa. Num estudo qualitativo, a entrevista é um dos principais instrumentos de coleta de dados. Foram também utilizados como material de investigação os vídeos de diversas aulas-espetáculo do professor Suassuna, assim como documentários sobre ele, disponibilizados no YouTube.

As fontes documentais, como fichas funcionais, relatórios e memorandos da sua vida profissional como docente na UFPE, bem como documentos de identidade e oficiais, foram localizadas e consultadas no Arquivo da UFPE, universidade onde Ariano Suassuna trabalhou como professor. Foram também ali selecionados e examinados documentos que registram a sua trajetória como secretário de educação e cultura do Recife. Segundo Chartier, nós, os pesquisadores, somos dependentes do arquivo. Não existe pesquisa histórica sem ele. Na obra *A Memória, a História e o Esquecimento*, Ricoeur (2007) faz reflexões sobre o termo "Memória arquivada", estabelecendo o "arquivo" como um lugar social por ser considerado um espaço de preservação da memória.

O arcabouço do texto estrutura-se numa INTRODUÇÃO que apresenta o tema, sua problemática, metodologia e estruturação, abrindo o leque para três capítulos, tendo no final a preocupação de se fazer a interligação entre eles.

O primeiro capítulo, **AULA-ESPETÁCULO Nº 1 – O CAMINHO DE ARIANO**

[9] - São documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. Eles se fazem presentes quando alguém narra ou registra sua vida.

NO "SERTÃO DO MUNDO", inicia-se com o registro de uma investigação preliminar para se empreender um levantamento sobre a existência de pesquisas acadêmicas já realizadas, tendo como foco a "docência do Mestre Suassuna". Entretanto, a seguir, é predominantemente de cunho biográfico, e procura identificar elementos que levaram o escritor à docência, tratando de sua trajetória de vida entre os dois "Brasis": sua infância e juventude, a vida em família, em seus lugares de memória, uma vez que o passado se torna tangível quando se vivencia o local onde os fatos aconteceram. O capítulo segue, buscando ressonâncias e epifanias, e traçando linhas de tempo, com o objetivo de investigar a sua prática educativa em dois momentos: o discente e o docente, pois foi no primeiro que ocorreu a revelação que o levou a ser educador por tantas décadas. Aborda ainda a sua vida com a esposa Zélia, as suas redes de sociabilidade, essencial e de suma importância na sua trajetória, enfatizando sua convivência com nomes como Carlos Newton Júnior, Capiba, Francisco Brennand, Hermilo Borba Filho, Miguel Arraes, e o Dr. Murilo Guimarães.

O segundo capítulo, **AULA-ESPETÁCULO Nº 2 – UMA HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DOCENTE**, apresenta Suassuna como professor universitário, salientando ainda a sua produção didática que se iniciou por conta da escassez editorial de manuais das disciplinas universitárias, como *Estética*, nas décadas de 1950 e 1960, o Movimento Armorial, nascido durante seu trabalho como docente na UFPE, sua atuação em programa semanal de tevê, e notabilizando ainda sua ação como secretário de governo voltado para as políticas e as práticas educativas, e os projetos culturais populares desenvolvidos a partir daí, como A" Onça Malhada, a Favela e o Arraial" e as aulas-espetáculo. Para compô-lo foram utilizados os textos de teóricos da Educação, transcritos documentários e entrevistas com o professor Suassuna, acessadas e assistidas online, foram consultadas suas obras didáticas, algumas delas publicadas pela editora da Universidade Federal de Pernambuco, empreendidas pesquisas feitas no arquivo dessa universidade, e na apreciação de documentos de sua atuação como secretário de governo voltado para seus projetos de aulas itinerantes. Ressalta-se como de grande importância para o texto as declarações do professor Carlos Newton Júnior, ex-aluno, colega de trabalho, amigo pessoal e um dos maiores estudiosos do conjunto da obra e da trajetória de vida de Ariano Suassuna. Por fim, o capítulo termina analisando a questão da autobiografia e da prática docente em sua última produção literária, o *Romance de Dom Pantera no Palco dos Pecadores*, uma obra-síntese.

O terceiro capítulo, **AULA-ESPETÁCULO Nº 3 – UMA EDUCAÇÃO IDEAL PARA O "BRASIL REAL"**, assenta-se na metodologia de pesquisa da História oral, e foi

tecido na maior parte a partir da transcrição das entrevistas. Apresenta o professor Suassuna por familiares, ex-alunos e colegas de trabalho. “Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações. ” (ANDRÉ, 2013, p. 97)

Gostaria de registrar que a fase das entrevistas apresentou várias dificuldades. Foram muitas as tentativas de localizar as pessoas selecionadas, dentro das categorias que constituiriam o texto: familiares, amigos, colegas de trabalho e ex-alunos. Foram estabelecidas comunicações com algumas selecionadas, que infelizmente, não retornaram contato posterior para a realização das conversações. Outras, sequer responderam às insistentes tentativas de contato, para iniciarmos diálogo. E ainda houve aquelas que demoraram para retomar as conversações. Desse modo, foi necessário a redução no número dos entrevistados, uma vez que o tempo é fator relevante quando se trata de pesquisas, pois existem prazos a serem cumpridos.

Concluídas finalmente as possíveis, que inicialmente seriam para compor o terceiro capítulo, com a temática do professor Suassuna que seus familiares, amigos, ex-alunos e colegas do universo da educação e cultura conheceram, percebeu-se informações importantes, não apenas para tal momento da pesquisa, mas ainda para enriquecer as outras partes. Desse modo, o conteúdo das entrevistas foi também utilizado nos outros capítulos, principalmente no primeiro. É importante registrar que duas delas, a da esposa, Dona Zélia, e a da filha Ana Rita, infelizmente foram enviadas escritas, pela dificuldade do contato em si. Mas eu já havia estado pessoalmente com elas, numa visita ao Recife, em 2019, o que muito contribuiu par a compreensão e aproveitamento do conteúdo. As transcrições completas das outras entrevistas, bem como o teor escrito dessas duas, encontram-se ao final da tese, na parte dos anexos, para apreciação.

Algumas citações de Ariano, a respeito de por exemplo, sua infância em Taperoá, foram extraídas dos cadernos e diários de filmagem da minissérie *A Pedra do Reino*, em 2007, organizados pelo diretor Luís Fernando Carvalho, e publicados posteriormente pela Editora Globo. Os mesmos não foram paginados ao serem impressos. Por isso, aparece “s.p.” nos trechos em questão que constam neste texto.

A pesquisa possui várias imagens. Algumas foram cedidas por familiares de Ariano, vindas do acervo de família, outras, encontradas em livros, citados nas referências, bem como em exposições sobre a obra de Suassuna. Há ainda muitas, do fotógrafo Robin Moreira

Machado, meu marido, que compõem o meu acervo pessoal para a tese.

Finalmente, na última parte da pesquisa, são apresentadas as **CONSIDERAÇÕES FINAIS** sobre a importância da produção docente de Ariano Suassuna e inferências relevantes.

Não existe método científico sem que haja uma abordagem teórica que lhe dê suporte. Como pesquisadora, devo apropriar-me do que dizem os teóricos para estabelecer a minha escrita científica. Desse modo, apresentando Suassuna como um ator e produtor social, que compreendeu e utilizou as inter-relações entre sociedade, cultura e educação, esta pesquisa apresenta uma fundamentação no âmbito da História da Educação, compondo seu arcabouço teórico a partir da análise de textos de pensadores e agentes como Paulo Freire, com sua "Pedagogia da esperança", donde podemos ressaltar que "Sem que o educador se exponha por inteiro à cultura popular, dificilmente seu discurso terá mais ouvintes do que ele mesmo." Freire (1992, p. 108); António Nóvoa, e seus textos a respeito da profissão e vida de professores, Mauro Fernandes dos Santos, com o seu conceito de "Pedagogia da festa", e Jenesis Genuncio, apresentando "mediações e práticas culturais", entre outros autores.

Para abordar a Identidade, fundamental questão na pesquisa que se pretende, será levado em conta o foco para o âmbito nacional, convocando-se ao diálogo o acadêmico Euclides da Cunha, com *Os Sertões* e suas fundamentais reflexões neste aspecto. Também está presente nesta parte o historiador britânico Eric Hobsbawm, com a sua obra *Pessoas extraordinárias – Resistência, rebelião e jazz*, leitura a mim sugerida pela professora Raylane Andreza. Trata-se de um livro surpreendente, em que o autor reúne vários artigos publicados em periódicos e textos de palestras que ministrou em diversas instituições pelo mundo, cujo tema são momentos da trajetória de vida de pessoas comuns, anônimas, que foram sapateiros, alfaiates, operários, estudantes e cantores cujos nomes não foram registrados pela historiografia e ficaram na lembrança apenas dos familiares, vizinhos e companheiros de trabalho, estudo ou outras lutas. E se foram de alguma maneira citados, tal fato ocorreu de modo pouquíssimo significativo na narrativa macro histórica. Tais pessoas constituem a maioria da raça humana. Oficialmente, seus nomes e existências apenas constam nas certidões conferidas por repartições públicas, como as de nascimento, casamento e morte. Mas são indivíduos que desempenharam importantes papeis em diferentes momentos da História, com as suas rotinas, suas artes e batalhas de vida. Não obstante, de algum modo, deixam marcas na vida de outras pessoas de maneira significativa (e essa é uma certidão que não é de papel), e assim, tornaram-se umas "pessoas extraordinárias". De acordo com

Hobsbawm “são pessoas comuns como indivíduos, mas extraordinárias como agentes de uma ação coletiva (...) esses homens e mulheres são os principais atores da História. O que realizam e pensam faz a diferença. ” (HOBSBAWM, 1998, p. 7)

A categoria Memória será desenvolvida através dos conceitos de “Memória oral” e “Memória arquivada”. Para desenvolver o primeiro conceito, serão analisados textos de Verrina Alberti, para se entender a metodologia de História oral: “A História oral pode auxiliar na reconstituição de trajetórias de vida de pessoas cuja biografia se deseja estudar. ” (ALBERTI, 2004, p. 25) também para se compreender como usar fontes orais na pesquisa histórica e como são preparadas as entrevistas: “Uma entrevista de História oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. ” (ALBERTI, 2000) cito também Henry Rousso, para quem a “A entrevista é a palavra viva. ” Essa parte do estudo tem como escopo mostrar que a importância das fontes orais é que a entrevista transforma o depoimento em fonte documental para a história, uma vez que fala de memória coletiva, individual, histórica, afetiva e autobiográfica. Maurice Halbwachs será citado nesta questão da memória e para respaldar o conceito de “memória arquivada”, cito também Chartier, Paul Ricoeur, e ainda sobre fontes documentais, Carlos Bacellar com seu texto sobre o uso dos arquivos. A questão biográfica, será fundamentada por Pierre Bordel, Franco Ferraroti e Vavy Pacheco Borges, bem como por Sabina Loriga e será citado Georges Duby. O tema das redes de sociabilidade será fundamentado por Jean-François Sirinelli.

Por outro lado, objetivando o embasamento acerca de Literatura e Cultura são analisados e citados textos do próprio Suassuna e Euclides da Cunha. Também é de grande importância a inserção de textos de Carlos Newton Júnior, grande estudioso da vida e obra do Ariano Suassuna.

Para concluir, mais uma vez, registro Halbwachs, que ao tratar da “Memória coletiva, afirma que “existem acontecimentos nacionais que modificam ao mesmo tempo todas as existências. ” (1991, p. 99) faço esse registro porque comecei a minha escrita sobre o mestre Suassuna num momento confuso para quem escreve, pesquisa, estuda, trabalha, come, ama, reza ou simplesmente respira. Penso que naquele momento, Halbwachs substituiria “nacionais” por “mundiais”, porque por todo o planeta estava atravessando tempos inóspitos, ou algo nesse sentido. A pandemia da Covid-19, que assolou o Mundo, no final de 2019, e impactou as nossas vidas de maneira avassaladora. Mudou nossas rotinas, impediu nosso ir e vir e até práticas essenciais como abraçar. Tornou-nos confinados, enlutados, falidos e até transtornados, com toda a gente, do Oriente ao Ocidente, em busca de orientação. Foi como

uma guerra, onde era preciso viver um dia de cada vez, cuidando-nos e também uns dos outros, para que estivéssemos os mais inteiros que pudéssemos, quando esse tempo tivesse passado. Nós, professores e alunos, encontramos no ensino remoto a maneira de prosseguir. Nós, pesquisadores, embrenhamo-nos nas pesquisas remotas, no zoom meetings, nas leves e no que podemos tirar de proveito das ferramentas tecnológicas e das redes sociais. Avistamo-nos e falamo-nos pelos vídeos, pelas telas dos monitores, percebendo de uma maneira súbita como é importante a presença dos entes queridos, acreditando, cada um de nós, dentro da própria crença, que Deus iluminaria os cientistas para que a cura chegasse e nos permitisse organizar cotidianos normais, mesmo que o conceito de normalidade tenha se transformado para sempre. Porque o Mundo estará mudado para sempre.

Mas de todo modo, tentamos avançar nas pesquisas e em suas escritas como pudemos, porque a Vida é movimento, e a História precisa ser escrita para os que virão. É sempre imprescindível respirar e acreditar, e tornarmo-nos pessoas melhores, porque é do que o mundo precisa. O melhor de tudo é que poderemos sempre lembrar do professor Suassuna, afirmando em tantas de suas aulas e ocasiões de momentos conturbados: ‘- Eu sou o homem de Esperança”! Se essa é a lição que sabemos de cor, como alunos, só nos resta aprender.

1 - AULA-ESPETÁCULO Nº 1: O CAMINHO DE ARIANO NO "SERTÃO DO MUNDO"

1.1 - Escritas que perpassam o professor Suassuna

A seguir, passo a registrar o resultado do levantamento que realizei sobre a existência de trabalhos produzidos e publicados em periódicos que tiveram como objetivo publicar escritas sobre a História da Educação brasileira, as quais porventura tivessem tido como tema a docência de Ariano Suassuna, ou pelo menos de alguma maneira próximos ao meu sujeito de pesquisa, articulando-o a reflexões sobre objeto e metodologia, visando não apenas uma estatística qualitativa. Buscava-se desse modo, acessar trabalhos com temáticas afins ou semelhantes, e ainda questionando como pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, até mesmo com objetivos centrais distintos, tivessem abordado ou se aproximado do meu, refletindo sobre a maneira como os mesmos poderiam contribuir para a minha escrita.

Inicialmente, foram consultadas as edições da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), que tem como função há vinte anos a publicação de artigos que tratem da escrita da História da Educação no Brasil, através de experiências e perspectivas, produzidos por mais de duas décadas de debates sobre os modos de se produzir conhecimento histórico-educacional, fomentados pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE: 1999-2020).

A entidade foi criada para servir de espaço de debate sobre os diferentes modos de produção do conhecimento histórico-educacional, proporcionando o reconhecimento de tendências em curso no interior do campo científico e disciplinar. O registro escrito dos resultados dessa demanda acadêmica e científica, sobre Historiografia da Educação, desenvolvidas e em desenvolvimento, oriundas de teses, dissertações e monografias coube à RBHE, visibilizando os resultados dessas pesquisas, garantindo a circulação do conhecimento no âmbito nacional e internacional. O periódico surgiu em 2001, com publicação semestral até o ano de 2006, tornando-se quadrimestral entre 2007 e 2015. Circulou trimestralmente entre 2016 e 2017, e a partir de 2018 passou a ser publicação contínua, por conta da grande demanda de material dos campos editorial e científico. Tal fato, caracterizou a ampliação crescente da quantidade de artigos publicados e o seu amadurecimento, e consequentemente, a consolidação da pesquisa em História da Educação no Brasil.

Segundo Cury e Vieira “Um problema histórico do campo é a concentração da produção em determinadas instituições, estados e regiões do país. ” (2019, p.4) ainda de acordo com estes autores, a concentração de recursos e de instituições qualificadas de pesquisas não é uma questão exclusiva da História da Educação, o que demonstra as marcantes diferenças sociais e econômicas brasileiras.

Assim foi que, tendo o meu levantamento inicialmente se debruçado sobre as edições da RBHE, constatei que entre 2001 e 2018, os artigos por ela publicados revelaram que a História da Educação foi um tema tratado em vinte e um dos vinte e seis estados brasileiros. O dossiê *A Escrita da História da Educação no Brasil: Experiências e Perspectivas*, que trata de comentar as contribuições da SBHE ao longo dos seus vinte anos de existência, traz em seu escopo alguns gráficos com dados sobre a pesquisa. Um deles apresenta as vinte instituições de ensino superior que mais publicaram na RBHE entre 2001 e 2018, apontando em 1º lugar a USP e em 2º a UFMG. Nele, a UFRJ aparece em 3º, a UERJ em 4º lugar, mas a UFPE, instituição onde Suassuna trabalhou por décadas não consta. Representando a sua terra natal, a Paraíba, a UFPB ali está, na 17ª posição.

Em julho de 2019, durante o 30º Simpósio Nacional de História: História e o Futuro da Educação no Brasil, sediado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apresentei o trabalho *Ariano Suassuna: a escrita e a prática de um pensamento educacional no “Brasil real”*. O evento teve a duração de uma semana, quando aproveitei para realizar incursões no local, inclusive no arquivo geral, para coletar dados sobre o meu sujeito de pesquisa, o próprio Ariano, professor naquela cidade e por décadas naquela instituição. Por aqueles dias, ocorria no campus uma feira de livros sobre História da Educação, onde permaneci por horas a fio, consultando obras expostas, e conversando com os livreiros, indagando sobre publicações que tivessem como tema o escritor cuja prática educativa eu escolhera como tema da minha tese de doutorado. Obviamente eles me mostravam com entusiasmo e orgulho muitas obras de Suassuna e outras de autores diversos, provenientes de estudos sobre a sua obra literária, em suas facetas de romance, dramaturgia, lírica e ensaística. Sobre Ariano Suassuna, o professor, não encontrei nenhuma, e os livreiros com os quais conversei também as desconheciam.

Infelizmente, após acessar on-line os arquivos da revista, não encontrei na RBHE nenhuma publicação sobre Ariano Suassuna e a sua docência ou projetos culturais. Busquei o tema no link do periódico sob vários títulos: “Ariano Suassuna”, “Professor Ariano Suassuna”, “Professores universitários de Pernambuco”, “História da Educação pernambucana”, “A contribuição de Ariano Suassuna para a História da Educação brasileira”,

"os projetos culturais de Ariano Suassuna", "Cultura e educação por Ariano Suassuna" e "Ariano Suassuna e a Educação no Brasil". A busca acessou 50 edições da publicação, no período de 2001 a 2020.

Ao mesmo tempo, ampliando a minha investigação, consultei outros periódicos também criados com a finalidade de divulgar resultados de estudos e pesquisas de caráter científico, realizados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, afeitos à temática da Historiografia da Educação, provenientes de instituições de pesquisa nacionais e internacionais. Com esse intuito, acessei os títulos discriminados a seguir:

Tabela 1: Produção do Laboratório Educação e República - LER

PERIÓDICO	HISTÓRICO	EDIÇÕES
1- Revista Brasileira de Educação (RBE)	Publicação da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), veiculada a Partir de 1995, trimestralmente, mas em 2018 passou a ser publicada em fluxo contínuo.	75 números
2 – Cadernos de História da Educação	Publicação da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), lançada em 2002, com periodicidade quadrimestral.	54 números
3 – Revista HISTEDBR On-Line	Publicação do Grupo de Estudos e Pesquisas em "História, Sociedade e Educação no Brasil", vinculado à Faculdade de Educação/UNICAMP, reproduzida a partir de 2000, em edições trimestrais, adotando desde 2019 a modalidade de periodização contínua	70 edições
4 – Revista de História e Historiografia da Educação	Publicação organizada pelo Grupo de Trabalho Nacional em História da Educação (GTHE), da Associação Nacional de História (ANPUH), em parceria com seus núcleos nacionais, a partir de 2017, em edições quadrimestrais.	10 edições
5 – Revista de Educação e Pesquisa	Publicação da Faculdade de Educação da USP, desde 1995, ainda com o nome de "Revista da Faculdade de Educação". Inicialmente, objetivava divulgar apenas trabalhos de seus docentes, mas a partir de 1996, passou a publicar artigos de pesquisadores de outras instituições e países. Em 1999, recebeu a atual denominação. Já foi semestral, quadrimestral e trimestral, mas desde 2018, é divulgada em volume único anual.	46 volumes
6 – Revista História da Educação	Lançada em 1997, pela Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). Foi quadrimestral até 2006, e semestral de 2007 a 2018. A periodicidade contínua foi adotada desde 2019.	58 edições

Fonte: O autor (2023).

Ao longo da pesquisa, foram dessa maneira consultadas mais seis publicações científicas no campo da História da Educação, e em nenhum número e edição dos mesmos foram encontrados artigos que tivessem como tema ou fizessem alusão ao sujeito Ariano Suassuna como professor, e sua relevância na Educação brasileira. As nomenclaturas sugeridas para busca foram as mesmas utilizadas na pesquisa junto à RBHE.

A seguir, dando continuidade à investigação, foi também acessado o Banco de Dissertações e Teses da CAPES, em busca de textos, realizando um levantamento de experiências e perspectivas transformadas em produções que dialogassem com a temática da minha tese, abordando de alguma maneira o meu sujeito de pesquisa, atualmente ou em períodos passados.

Tratou-se de uma terceira etapa da coleta de dados, visando ao proposto levantamento temático, através do acesso ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma fundação do Ministério da Educação (MEC), que desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da Pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), em todos os estados da federação. O Catálogo, anteriormente denominado Banco de Dados, é um sistema de busca bibliográfica que reúne registros desde 1987.

Após a digitação no campo de busca da nomenclatura “Ariano Suassuna”, surgiram 206 resultados: 147 dissertações de mestrado acadêmico, 42 teses de doutorado e 17 dissertações de mestrado profissional. Deste total, apenas foram encontradas 6 pesquisas que apresentaram alguma citação comum ou relevante com o meu objeto de pesquisa: 01 dissertações de Mestrado em Literatura comparada, 02 dissertações de Mestrado em Educação, 01 dissertações de Mestrado em Comunicação, 01 dissertações de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais e 01 Tese de Doutorado em Comunicação. Como pudemos perceber, elas foram escritas por pesquisadores de diferentes áreas de atuação, que escolheram Ariano Suassuna e sua obra como objeto de investigação, sem, entretanto, abordá-lo como o professor, o mestre universitário, o produtor de material didático para seus discentes, o secretário de educação e cultura que trabalhou a serviço da Educação do “Brasil real”. Não obstante, elas serão citadas na parte a seguir porquê de alguma maneira ou em algum momento da tessitura, caracterizaram Suassuna como professor e frisaram o seu comprometimento como educador em algum comentário, mesmo explorando-se um distinto objeto de análise.

Entretanto, ao se digitar nomenclaturas como “o professor Ariano Suassuna”, “A contribuição de Ariano Suassuna para a História da Educação no Brasil”, ou outras de mesmo campo semântico, a resposta era sempre a mesma “Nenhum registro encontrado para o termo buscado. As seis pesquisas acadêmicas encontradas durante a busca, que fazem alusão ou que de alguma maneira perpassam pelo meu objeto de pesquisa serão comentadas a seguir:

1 - **Ariano Suassuna, o palhaço-professor e sua pedra do reino**

O texto é uma dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, de Anna Paula Soares Lemos, do Departamento de Ciências da Literatura, da UFRJ, concluído em 2007. O objeto da pesquisa é o *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do Vai-e-Volta*, de Ariano Suassuna, cuja narrativa ficcional se baseia num fato histórico ocorrido no Sertão do Pajeú, em Pernambuco, no Século XIX: o Movimento sebastianista da Pedra do Reino. O texto é narrado em primeira-pessoa, pelo personagem Pedro Dinis Ferreira Quaderna, um palhaço-poeta, que é abordado na pesquisa como um mediador entre a cultura popular e a erudita, a oral e a letrada, o arcaico e o moderno, tratando dos dois Brasis: “o real e o oficial”, apresentando um ao outro. Por isso, Ariano Suassuna é analisado por Lemos como “um professor em tensões armoriais”. A autora cita o fato de que após ter assumido o cargo de diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, Suassuna lança, em 1970, o Movimento Armorial, onde mescla a cultura popular e a erudita, base de toda a sua obra.

Sobre o “palhaço-professor”, Lemos registra que “tanto a voz tradicional do professor quanto a voz circense e mediadora do palhaço são configuradas no narrador Quaderna, que é o homem que fala no romance e figura principal de nossa análise. ” (2007, p. 17) O universo circense e o seu encantamento, com os quais Ariano Suassuna teve contato na infância, marcaram-no de maneira significativa como literato e educador, fazendo da sala de aula o seu picadeiro. Ainda segundo a autora, Suassuna, falando pela boca de Quaderna, utiliza o circo como metáfora da vida, homenageando e defendendo a cultura popular. Por isso, o “palhaço professor”, um bufão que carnavaliza, transfigura, poetisa e ri, por intermédio de sua festa, a sua literatura.

2 -A cultura popular no contexto armorial de Ariano Suassuna: educação e emancipação

Esse texto é a dissertação de Mestrado em Educação de José Bezerra Filho, pela Universidade Estadual de Maringá, concluído em 2011. Nele, o autor, toma como ponto de partida a classe burguesa europeia Pós- Revolução industrial, que teria se submetido a formas ideológicas de dominação contrárias aos interesses emancipatórios, através de mecanismos manipulatórios dos setores hegemônicos da sociedade, o que desencadeou num modelo de cultura planejada pelos setores dominantes, e difundida como popular, destinada apenas ao entretenimento. Assim, o burguês teria deixado para trás seus costumes e sua própria cultura.

Logo a seguir, José Bezerra Filho apresenta a cultura popular como sinônimo de espontaneidade, de construção de identidade, e se reporta à cultura popular nordestina, expressa no Movimento Armorial de Suassuna, convergindo o erudito e o popular. E apresenta exemplos extraídos dessas construções para se repensar umas práxis educacional que leve os sujeitos sociais a estabelecerem relações autônomas para com o mundo circundante. Por esse motivo, foi considerado relevante para ser citado neste levantamento. Toma como exemplo a obra teatral Auto *da Compadecida*, transformada em filmes e numa minissérie, que sugere e incentiva leitores, expectadores e telespectadores a viagens pela cultura nacional e pelos clássicos universais.

3 - A literatura de Ariano Suassuna na tv: um estudo de formação estética

Trata-se de uma dissertação de Mestrado em Educação, de Fernando Favaretto, concluída em 2008, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A escrita de Favaretto chamou-me a atenção por três motivos: primeiro, por abordar as relações entre mídia e educação, analisando as minisséries televisivas *Auto da Compadecida* e *Pedra do Reino*, baseadas nas obras homônimas de Ariano Suassuna, a partir das quais o pesquisador estabelece articulações, tendo como foco a formação estética; segundo, por ser um trabalho de Mestrado em Educação que tem como foco Suassuna; terceiro, por tratar-se de um estudo de estética, uma das disciplinas ministradas por décadas por ele, na UFPE. Favaretto realiza uma análise sobre a linguagem televisiva das duas minisséries, de acordo com os estudos de formação estética e a importância da arte na educação da sensibilidade estética, como uma construção social e cultural, mediadora de saberes. Pretende ainda investigar a mídia

televisiva e as implicações éticas, estéticas e políticas que se fazem presentes em suas produções.

4 - Da pedra do reino à selva de pedra: o Brasil de Ariano Suassuna na Folha de São Paulo

Este é o interessante título da dissertação de Mestrado em Comunicação, do pesquisador Amílcar Almeida Bezerra, defendida em 2004, no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A escrita é caracterizada por Bezerra como uma reflexão sobre as ideias de Ariano Suassuna, presentes na mídia, a partir da análise das colunas publicadas por ele no Jornal *A Folha de São Paulo*, entre os anos de 1999 e 2001. A escolha do tema é justificada por conta da grande exposição à mídia a qual a imagem do escritor vinha sendo submetida naqueles anos. Para comprovar tal fato, Bezerra procura reconstruir a visão de Mundo de Suassuna, contextualizando-a à História e à Filosofia, recorrendo ao estereótipo historicamente construído da região Nordeste, afim de explicar as razões que fazem com que as ideias de Suassuna venham a circular em espaço privilegiado na mídia nacional, sendo ele mesmo transformado em produto da mídia.

O texto encontrou a sua relevância neste levantamento temático por conta de uma inferência de Bezerra: “A arte pregada por Suassuna apela de uma só vez a uma visão do Brasil que repousa no inconsciente coletivo da população, por ser fruto de uma identidade nacional historicamente construída. ” (2004, p. 78). E a luta por esta identidade nacional, bem como do seu reconhecimento foi um dos objetivos do professor Suassuna. É o escritor da Pedra do Reino escrevendo para os leitores da Selva de Pedra.

5 - Narrativas De Memória E Cultura Em Ariano Suassuna

A pesquisadora Roberta Fernandes Fajardo escreveu a presente dissertação para defender o seu Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, em 2017, pela Universidade La Salle, na Cidade de Canoas, Rio Grande do Sul. No escopo do trabalho, ela caracteriza Ariano Suassuna como literato, artista plástico e professor, partindo do viés de sua missão em defender as artes em todos os seus campos de atuação. A dissertação de Fajardo

fundamenta-se nas categorias de memória e cultura, buscando compreender como narrativas de memória serviram de base para a produção de documentos e relatos acerca de cultura e identidade cultural.

A investigação procura ainda atinar como ocorreu a relação de Ariano e de sua obra com cultura e a indústria cultural e a criativa, afim de delinear como se deu a transição de suas obras literárias até essas indústrias, principalmente a televisão, que mais do que um meio de entretenimento, é ainda um veículo capaz de levar educação e cultura de forma simultânea e de grande alcance territorial.

6 - (Re) inventando o autêntico: arte, política e mídia na trajetória intelectual de Ariano Suassuna

Este último trabalho acadêmico citado em meu levantamento vem a ser uma tese de Doutorado em Comunicação, também escrita por Amílcar Almeida Bezerra, que mais uma vez escolheu Ariano Suassuna como seu sujeito de pesquisa. Foi defendida em 2013, no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Nela, Bezerra procurou mapear a trajetória artística e intelectual do escritor, considerada emblemática para se compreender aspectos da formação de um campo cultural em Pernambuco, a partir de 1940. A tese analisa textos de Suassuna publicados sobretudo em jornais, nos quais foram identificadas as principais afiliações de seu pensamento nacionalista e de sua defesa incondicional das culturas populares pré-modernas do Nordeste, bem como os movimentos de sua trajetória intelectual em relação às instituições artísticas, políticas e midiáticas de seu tempo.

No texto, Suassuna é caracterizado como professor, porque apesar de suas múltiplas atuações, fosse como dramaturgo, escritor, poeta, ensaísta ou artista plástico, ao difundir e defender a cultura, era sempre o Mestre à frente. O texto de Bezerra chamou a atenção por registrar que a polarização entre as visões armorial e tropicalista da Cultura brasileira era uma característica fundamental da dinâmica do campo cultural recifense entre as décadas de 1960 e 1970. E narra debates nesse sentido, entre o professor Suassuna, criador e defensor do Movimento Armorial, hegemônico na época, com seus ex-alunos de Filosofia, que tomavam partido do Movimento Tropicalista, que então surgia no cenário nacional. Há mesmo um subcapítulo da tese “Celeumas entre um professor ‘compadecido’ e seus alunos tropicalistas”,

em que o pesquisador conta sobre as críticas que Ariano Suassuna recebeu de dois de seus ex-alunos da UFPE, Jomar Muniz de Brito e Celso Marconi, no *Jornal do Comércio*, impresso que servia na época como fórum de debate a respeito de questões emergentes no campo cultural recifense. Era o veículo preferido utilizado pelos tropicalistas para atacar o *establishment* cultural da cidade, do qual acusavam o ex-professor de fazer parte. Era o ano de 1968 e Suassuna preparava-se para a primeira versão cinematográfica do *Auto da Compadecida*, financiada pela EMBRAFILME, um dos motivos pelos quais os jovens justificavam as duras críticas que publicavam, porque como tropicalistas, não concordavam com o fato do Estado financiar modelos estéticos, mas também porque eram partidários do Cinema Novo de Glauber Rocha, e diziam não gostar da maneira como o seu antigo professor mostrava o Nordeste em sua obra, e como ela seria adaptada na tela, por um diretor estrangeiro, George Jones, um húngaro refugiado no Brasil, desde a Segunda Grande Guerra Mundial. Encontrar essas informações que revelam o professor Suassuna e seus ex-alunos, em posições distintas em relação aos movimentos culturais da época foi bastante interessante nessa coleta de dados.

Não obstante, como pudemos constatar, apesar de terem como tema Ariano Suassuna, as pesquisas acima citadas postergam o seu magistério de maneira geral, dando ênfase à sua contribuição como homem das Letras ou artista plástico. Como intelectual, artista ou professor, foi um ser multifacetado, e as investigações sobre ele são constantes, mas é preciso que o campo da Educação valorize o seu trabalho, a sua vocação como o mestre que foi, que registre a sua "Educação pelo riso".

1.2 - Uma vida entre dois "Brasis" – "A tarefa de viver é dura, mas fascinante! "

> O sertão é o nódulo espinhento, pedregoso e belo do 'Brasil real'. (Ariano Suassuna, 2007, s.p.)

Em 1986, o filósofo francês Pierre Bourdieu, um dos maiores pensadores das Ciências Humanas do Século XX, publica o seu artigo *A Ilusão biográfica*, cuja importância como expressão em estudos desta categoria se justifica pelo momento em que foi lançado: quando as histórias de vida ressurgiam nas Ciências Humanas e Sociais. Segundo Verena Alberti, foi a partir da virada das décadas de 1970-1980, que surgiu um novo quadro na pesquisa histórica. A História deixou de ser reservada apenas ao estudo de períodos remotos e a ela foram incorporados os temas contemporâneos, valorizando assim a análise qualitativa: "(...)

experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (...) e revalorizou-se o papel do sujeito na História, portanto, da biografia. ” (ALBERTI, 2000).

Para Bourdieu, “o mundo social (...) dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do “eu” (2006, p. 186). Exemplificando, o autor nos evidencia o “nome próprio”, suporte do estado civil, que é o conjunto de propriedades ligadas a essa pessoa:

> O nome próprio é o atestado visível da Identidade visível do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais, *curriculum* vitae, *cursus* honorum, ficha judicial, necrologia ou biografia, que constituem a vida na totalidade finita(...) ele só pode atestar a identidade da personalidade , como individualidade socialmente constituída, à custa de uma formidável abstração. (2006, p. 187)

Pelo texto, Bourdieu lança um olhar de suspeita sobre os métodos biográficos nas pesquisas acadêmicas, ao falar sobre a impossível unidade do “eu”. Entretanto, suas obras posteriores, A *Miséria do Mundo*, de 1993, e *Esboço de autoanálise, de 2005*, sugerem a sua mudança de postura em relação ao método, uma vez que aderiu à biografia na obra de 1993, e em 2005, escreveu a sua autobiografia intelectual.

Por sua vez, o sociólogo e escritor italiano Franco Ferrarotti defende a autonomia do método biográfico usado na pesquisa das histórias de vidas (como no caso deste estudo, sobre a vida do professor Suassuna e a sua prática docente), e sua contribuição e relevância para o futuro da pesquisa nas Ciências Sociais. Em seu texto *Sobre a autonomia do Método biográfico* publicado em 1988, ele registra a luta do mesmo para obter o reconhecimento do seu estatuto científico enquanto método autônomo de investigação. O autor considera dois tipos de materiais utilizados pelo método biográfico: os materiais biográficos primários, que se compõem de narrativas ou relatos autobiográficos, coletados a partir de entrevistas, e os métodos biográficos secundários de várias espécies: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias, etc. Ferraroti reconhece a tendência dos pesquisadores atuais em utilizar os materiais secundários, mas faz sua defesa dos métodos primários:

> Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários, a sua objetividade explosiva. Não é só a riqueza objetiva do material primário que nos interessa, mas também e sobretudo a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador. (1988, p. 25)

Com o advento da Micro História, gênero da historiografia que reduz a escala de observação de seus objetos na pesquisa histórica, várias metodologias que têm resultado em técnicas de pesquisas diferenciadas passaram a definir a ciência História. Tendo essa nova categoria historiográfica o seu reconhecimento teórico-epistemológico, as pesquisas biográficas com cerne na História, e cabe aqui citar as relacionadas à História da Educação, mostraram suas possibilidades de conhecer ou reconhecer educadores, com suas ações e produções docentes, em diferentes contextos históricos.

Sobre a temática das investigações sobre esses sujeitos sociais, o professor António Nóvoa infere que os estudos voltados para as histórias de vida de docentes, abordagem praticamente ignorada antes da década de 1980, têm como ponto de partida a obra de Ada Abraham, *O professor é uma pessoa*, de 1984. Após a sua publicação, "a Literatura pedagógica se enriquece com obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores. " (NÓVOA, 1992, p. 15).

Segundo Nóvoa, o professor é a pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor. Esta pesquisa, neste primeiro capítulo, traz a história de vida de Ariano Suassuna, mostrando o seu caminho para a docência, através da história de sua família e de sua relação com ela, passando pelos seus lugares de memória, pelas escolas que frequentou e por suas redes de sociabilidade, registrando a sua formação intelectual e profissional. "O nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual. " (FERRAROTTI, 1988, p. 26) A do professor Suassuna começa há quase cem anos, quando o Brasil, que ele escreveu ser "O Sertão do Mundo" ainda era predominantemente patriarcal e agrícola, as distâncias geográficas eram maiores e a desigualdade social e o analfabetismo atingiam a maioria da população.

De acordo com Bezerra, "Do ponto de vista sociológico, a reconstrução da trajetória de vida de qualquer indivíduo deve levar necessariamente em conta sua relação com a conjuntura histórica em que se situa e com as instituições sociais que o cercam."(2013, p.213) Assim, nascia Ariano Vilar Suassuna no dia 16 de junho de 1927, na Cidade da Paraíba, antiga Cidade de Nossa Senhora das Neves e atual João Pessoa, capital da Paraíba, o estado mais oriental das Américas, onde o sol nasce primeiro, e que é geograficamente instalado entre o sertão, a serra e o mar. Naquela época, o estado chamava-se Paraíba do Norte, e tinha como capital a Cidade da Paraíba. Em 2021, Newton Júnior reuniu treze crônicas escritas

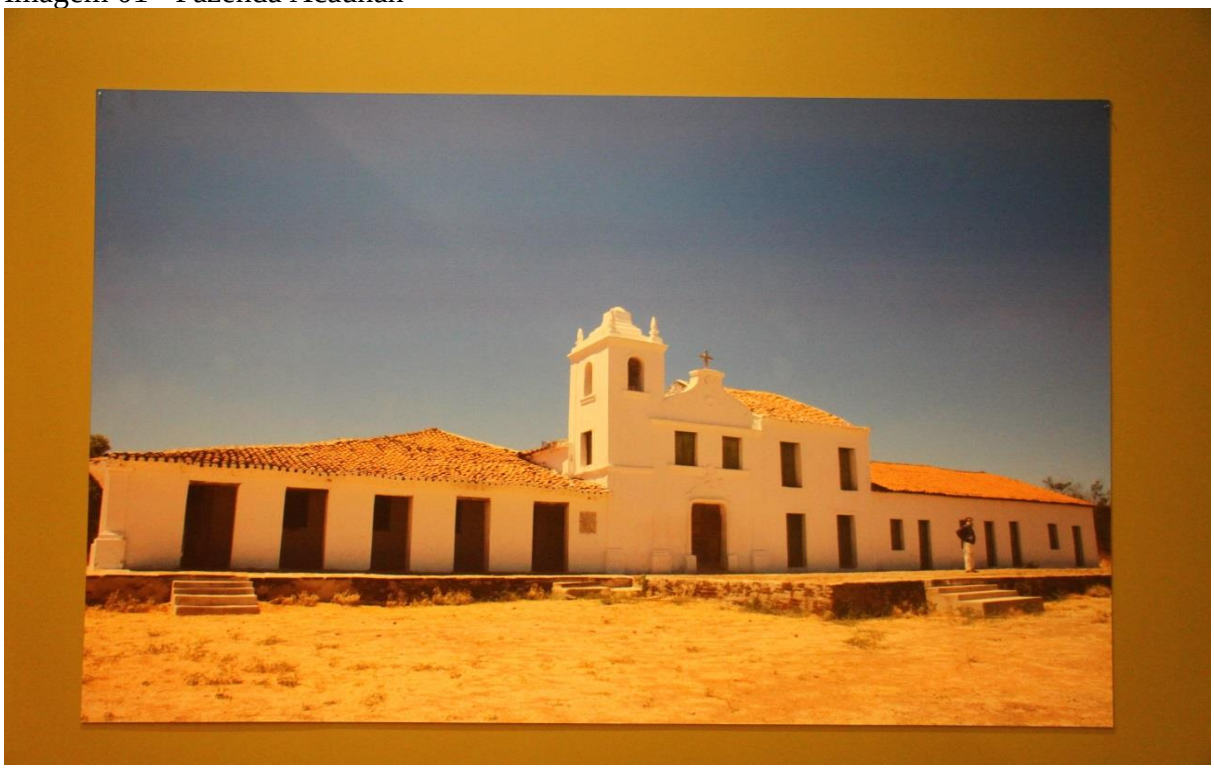
pelo professor Suassuna, a maioria delas publicadas originalmente numa coluna do *Jornal da Semana* (um modesto semanário do Recife) com alguns trechos autobiográficos, chamado *A pensão de Dona Berta e outras histórias para jovens*, pela Editora Nova Fronteira. Numa delas, intitulada *Suassuna por ele mesmo*, encontramos o trecho a seguir: "A cidade onde nasci não existe mais. Existia até 1930. Nesse ano, uma catástrofe nominal acabou com ela. Foi na Cidade da Paraíba que eu nasci, cidade que então era a capital do Estado da Paraíba do Norte. " (2021, p. 93)

Ariano despontou nesse mundo no seio de uma família abastada e tradicional da primeira metade do Século XX. Sua mãe era dona Rita de Cássia Dantas Vilar e o pai, João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, governador (na época se dizia "presidente") do Estado, um grande entusiasta das manifestações artísticas populares, sendo também um exímio tocador de viola e notável contador de histórias. O casal escolhera o nome do oitavo filho em homenagem a Santo Ariano do Egito. Pelo certo, ele deveria ter se chamado Ariano Cavalcanti de Albuquerque. "Suassuna" era um apelido da família Cavalcanti de Albuquerque, que o recebera por causa das terras que possuíam. Após a independência do Brasil, em 1822, o país passou por um certo "surto de nativismo", e a maioria das famílias do Nordeste começou a trocar os nomes europeus portugueses por outros ligados à terra. A sua família, que já tinha o velho apelido de "Suassuna", adotou-o desse modo como sobrenome. O seu bisavô chamava-se Raimundo Francisco de Sales Cavalcanti de Albuquerque, mas a partir do avô, passou-se a adotar o sobrenome de Suassuna, que o deu também ao filho João, que por sua vez, legou-o ao filho Ariano.

O parto realizou-se no atual Palácio da Redenção, então sede do governo e residência oficial da família. Muitas décadas depois, por ocasião da realização de um congresso de crítica literária, em João Pessoa, para o qual Suassuna fora convidado para falar sobre seu conterrâneo, o escritor José Lins do Rêgo, o então governador do Estado, o doutor Pedro Gondim, organizara um almoço para os palestrantes, no palácio do governo. Ariano esqueceu-se de vestir terno e gravata, o que na ocasião era uma exigência de protocolo, e um segurança tentou barrar-lhe a entrada, alegando que ele não estava apropriadamente vestido para adentrar na sede do governo: "- O senhor não pode entrar não, porque está sem gravata. " Muito bem-humorado, Suassuna respondeu-lhe: "- Vê como são as coisas. Esta é a segunda vez que estou entrando neste palácio. A primeira vez, entrei nu e ninguém reclamou. E agora, só por causa de uma simples gravata..."

Apesar de ter nascido próximo ao mar, Suassuna tinha uma alma sertaneja. Quando o seu pai entregou o cargo de presidente da Paraíba a João Pessoa, em 22 de outubro de 1928, a família mudou-se para o sertão, passando a residir na Fazenda Acauhan, na zona rural do Município de Sousa, distante 438 quilômetros da capital paraibana, atualmente município de Aparecida. “O primeiro lugar em que morei, no Sertão, foi numa fazenda também histórica, a “Acauhan”, cuja casa é também do Século XVIII, e é tombada pelo Patrimônio Histórico. [...] Frei Caneca ali dormiu, na sua jornada de revolucionário e prisioneiro. (SUASSUNA, 2021, p.97)

Imagem 01 - Fazenda Acauhan



Fonte: Foto do acervo da família Suassuna, exposta em evento do CCBB/2022.

De acordo com Newton Júnior, o lugar “será sempre identificado em sua obra, como um reino estranho e belo, de vegetação selvagem e chão pedregoso, território consagrado à imagem desse rei único, de cantar divino. ” (2013, p. 15). Esse “rei” é o pai, que Ariano Suassuna perderia aos três anos de idade, “a figura de um verdadeiro rei, ungido e coroado pela morte sagratória. ” (NEWTON JÚNIOR, 2014, p.15).

Três anos mais tarde, a 09/10/1930, acusado de suposto envolvimento no assassinato de João Pessoa, então governador da Paraíba e sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa, que tinha sido candidato a vice-presidente, na chapa de Getúlio Vargas, João Suassuna foi assassinado no Rio de Janeiro. Apreensivo e antevendo a própria morte, deixou para os

familiares uma carta na qual pedia que eles se afastassem do ódio e do desejo de vingança que poderiam se perpetuar após a tragédia.

Os fatos que culminaram no assassinato do pai de Ariano Suassuna envolvem questões políticas locais da Paraíba, e alguns membros de sua família, como o primo de sua mãe, João Dantas, um brilhante advogado que durante algum tempo, passou pela narrativa da história oficial da Paraíba como um pistoleiro de aluguel. Em junho de 1930, João Pessoa ordena a prisão de Joaquim Duarte Dantas, irmão de João Dantas, que tinha vindo do Rio de Janeiro à Paraíba apenas para visitar a família. Apesar de já haver um *habeas Corpus* impetrado, não liberavam o preso e ficavam lhe trocando de lugar. João Dantas, revoltado com a situação, passou um telegrama para o governador, ameaçando matá-lo, caso o irmão morresse. João Pessoa fez uma publicação no jornal, declarando já estar acostumado com "bravuras telegráficas", levando João Dantas a escrever-lhe críticas também através de jornais. O advogado namorava Anaíde Beiriz, professora e poetisa, já há algum tempo, e teve o seu escritório invadido pela polícia da Paraíba, por ordens do governador. Na ocasião, foram confiscados vários documentos e também cartas íntimas trocadas pelo casal de namorados, e oficialmente foi publicado que "na casa do espião foram encontrados documentos que comprometem a honra. Esses documentos revelam a alma vil de um tarado. " A perseguição do governo de João Pessoa à família Dantas no Jornal *A União*, órgão de imprensa oficial governamental, era tão grande, que João Dantas, já residindo no Recife por aconselhamento de familiares e amigos, afim de apaziguar o conflito, declarou que se o governador da Paraíba fosse até lá, ele o mataria, o que acabou realmente acontecendo, na Confeitaria Glória, na Rua Nova, na capital pernambucana, em 26 de julho de 1930.

A morte de João Pessoa, então candidato derrotado à vice-presidência, na chapa encabeçada por Getúlio Vargas, é considerada o estopim que deflagrou a Revolução de 1930, quando Vargas ascendeu ao poder, após um levante contra uma suposta fraude nas eleições. Segundo os historiadores, sua morte teria também uma relação indireta com a revolução de Princesa, município paraibano, na área da divisa com Pernambuco, que passara a se chamar "Território Livre de Princesa", liderada pelo seu líder político, o coronel José Pereira Lima, amigo e aliado da família Suassuna e adversário do governador. Ao tomar posse, João Pessoa viu-se entre um choque que ocorria entre o patriarcalismo rural e o capitalismo urbano. Esse embate foi um dos maiores conflitos armados do Brasil Republicano, e começou em 28 de fevereiro de 1930, quando a polícia invadiu a cidade de Teixeira para aprisionar alguns membros da família Dantas, da qual pertencia Dona Rita de Cássia, mãe de Ariano Suassuna.

O coronel José Pereira, que era amigo e compadre de João Suassuna, enviou um telegrama, rompendo com o presidente da província, dizendo que ficava ao lado de seus amigos. E proclamou o "Território Livre de Princesa", por decreto, com seu hino, sua bandeira e seu próprio exército, com autonomia, em relação à Paraíba, situação que durou de 26 de fevereiro a 26 de julho de 1930. Ali se cultivava o algodão, produto que ganhou muito prestígio na Paraíba, com a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos. A Revolução de 1930 eclode por vários estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais chegando à Paraíba, entre os dias 3 e 4 de outubro.

João Dantas, que morava em casa de uma irmã, foi preso juntamente com o seu cunhado, Augusto Caldas, e ambos confinados na Casa de Detenção do Recife, onde foram assassinados em 6 de outubro daquele ano. A versão oficial, que é contestada, diz ter sido suicídio. Anaíde Beiriz, sua namorada, morreu dias depois, aos 25 anos, por envenenamento, o que também ficou registrado como suicídio.

O então deputado federal João Suassuna, por ser casado com uma prima de João Dantas, e ter o apoio da família na cidade de Teixeira e do coronel José Pereira, foi acusado pela família de João Pessoa e seus correligionários de ser o mandante da morte do governador. Com as perseguições políticas, mudou-se do sertão para a capital e depois levou sua família para o Rio Grande do Norte. Mas resolvendo viajar para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para defender-se das acusações, na câmara dos deputados, deixou a esposa e os nove filhos, inclusive Ariano, resguardados na cidade pernambucana de Paulista, onde hoje encontra-se sepultado o professor e escritor. Na Capital federal, já ocorrendo os tumultos da revolução pelo país, colocou-se politicamente ao lado do presidente Washington Luís. Encontrava-se hospedado no quarto 63, do Novo Hotel Belo Horizonte, na Rua do Riachuelo, 130, bairro da Lapa. No dia 9 de outubro, por volta das oito e quarenta daquela manhã de quinta-feira, João Suassuna seguia a pé com o farmacêutico paraibano Caio Gusmão para o Palácio Tiradentes, sede da Câmara Federal, quando próximo à esquina da Rua dos Inválidos, foi atingido nas costas por um tiro. Tinha apenas 44 anos de idade, e em sua roupa, encontraram uma carta para a esposa, dona Rita de Cássia, prevendo a morte e deixando orientações para que a família não procurasse o caminho da vingança.

Segundo historiadores, João Suassuna foi assassinado a mando da família de João Pessoa, por um pistoleiro de aluguel de Alagoa Nova, Miguel Alves de Souza, que foi preso naquela mesma noite, na Rua São Clemente, 261, em Botafogo, no sobrado do engenheiro Joaquim de Souza Leão. Capturado, confessou o crime e entregou os seus cúmplices, o

carteiro Antônio Granjeiro e Otacílio de Lucena Montenegro. Todos foram presos, por exigência de Washington Luís. Entretanto, logo os revolucionários tomaram a Capital federal, depuseram o presidente, assumiram o poder, e os três homens, responsáveis pela morte de João Suassuna, foram soltos.

Dona Rita de Cássia, a mãe de Ariano, tendo se refugiado sob a proteção dos irmãos, no sertão da Paraíba, na Fazenda Acauhan, procurou justiça pela morte do marido, enviando emocionada carta ao presidente Getúlio Vargas, que mandou reabrir o caso, sendo apenas Miguel Alves e Antônio Granjero novamente presos. Mas após dois conturbados julgamentos, quando foram defendidos por ilustres advogados da época, os dois assassinos passaram pouquíssimo tempo na cadeia.

Segundo relato de Manuel Dantas Vilar Filho (Manelito), primo de Ariano Suassuna, para o documentário *Princesa do Sertão*, ao ser solto, Miguel Alves, o atirador, arrumou um emprego no DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), com sede no Rio de Janeiro, causando grande insegurança para a família, pois veio trabalhar no canteiro da obra de construção do açude de São Gonçalo, praticamente no terreiro da Fazenda Acauhan, onde morava a viúva com os nove filhos. Com a grande seca de 1931-32, Dona Ritinha, vendo morrer o gado e para se livrar da pressão da família que queria vingança, mudou-se para outra fazenda, em Malta, Pombal. E contou com tristeza Manuel Dantas Vilar Filho que "aí transferiram a cabra para o canteiro de obra do açude do condado, em obra também pelo DNOCS. " Mas ela, nunca permitiu que os seus agissem pela vingança. Entretanto, com esses constantes deslocamentos e a grande estiagem, Dona Ritinha viu-se obrigada a vender a fazenda Acauhan, e mudar-se para Taperoá, região de pecuária e plantio de algodão, no sertão dos Cariris paraibanos, a 216 quilômetros da capital, região de difícil localização e castigada pela seca, relegada à marginalidade, por não se situar nem à beira da estrada de ferro e nem às margens da principal rodovia do Estado. Eram tempos difíceis na política e na economia do Brasil. Os filhos mais velhos foram enviados para estudar no Recife e ela ficou no casarão de Taperoá com os mais novos, inclusive Ariano, que frequentemente visitava as fazendas "Malhada da Onça" e "Carnaúba", propriedades de seus tios maternos, seus grandes protetores e mentores, Joaquim Duarte Dantas e Manuel Dantas Villar.

Ao desenvolvermos a escrita da biografia do professor Suassuna, finalidade deste primeiro capítulo, percebemos que tal gênero delineia-se como um modelo da história nitidamente definida. De acordo com BINDÁ & FROTA, em seus escritos sobre o tema, é objetivo fundamental da biografia "levar à compreensão da época, que, como a montagem de

um quebra-cabeça, vai revelando o que é permanente, indicando as diferenças, permitindo perceber a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida. ” (2013, p.58.)

Ao longo de sua vida, Ariano Suassuna neutralizou pela arte o sofrimento pela perda precoce do pai, característica que marcaria sua obra. Ariano carregou sua infância dentro de si por toda a vida. Para compreender os escritores e o que escrevem, o conhecimento dos seus lugares de memória é fundamental, e ele via na Fazenda Acauhan um reino, onde morara um rei que foi assassinado. Podemos perceber a sua empreitada de transformar esse sofrimento em beleza, ao lermos a sua poesia, principalmente o poema abaixo, que escreveu para o pai:

A ACAUHAN – A MALHADA DA ONÇA

Aqui morava um rei quando eu menino:
Vestia ouro e castanho no gibão.
Pedra da Sorte sobre o meu Destino
Pulsava junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu cantar era Divino,
quando, ao som da viola e do bordão,
cantava com voz rouca, o Desatino,
O Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia,
eu me vi, como cego sem meu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua Efígie me queima. Eu sou a presa.
Ele, a Brasa que impele ao Fogo, acesa.
Espada de Ouro em Pasto ensanguentado.
(Ariano Suassuna, 1999, p. 190)

Apesar de ter nascido na capital da Paraíba, a imagem de uma grande cidade que Suassuna tinha quando menino era ligada a Campina Grande, e não a João Pessoa. Segundo ele, havia mesmo uma rivalidade entre esses dois municípios. Contava em suas aulas-espetáculo, disponíveis online, inclusive uma história sobre uma discussão entre dois mentirosos que os representavam. O de João Pessoa afirmava que a arquitetura de lá era tão desenvolvida, que certa manhã, avistara um terreno vazio, e ao retornar no final daquela tarde, já havia ali um prédio de oito andares. O mentiroso de Campina Grande declarou ter lhe sucedido fato semelhante. Também, em sua cidade, passara pela manhã, avistando um terreno vazio e ao retornar, ao entardecer, lá vira erguida uma casa. – Uma casa de quantos andares? – Quis saber o homem da capital. – Não, era uma casa térrea. - Respondeu o de Campina Grande. O outro concluiu: - Então eu ganhei! No meu caso, encontrei foi um prédio. Mas o mentiroso de Campina grande encerrara o debate: - Não, eu ganhei! Acontece que quando

voltei no final do dia, já havia no portão um oficial de justiça botando para fora uma família que já devia seis meses de aluguel.

Muitos anos depois, em 2007, durante a realização das filmagens da minissérie da Globo, A *Pedra do* Reino, produção comemorativa dos oitenta anos de Suassuna, que foi toda ambientada em Taperoá, e que escalou a maior parte do elenco e demais profissionais envolvidos no projeto dentre os moradores locais, o escritor escreveria suas impressões sobre a cidade onde passara a infância:

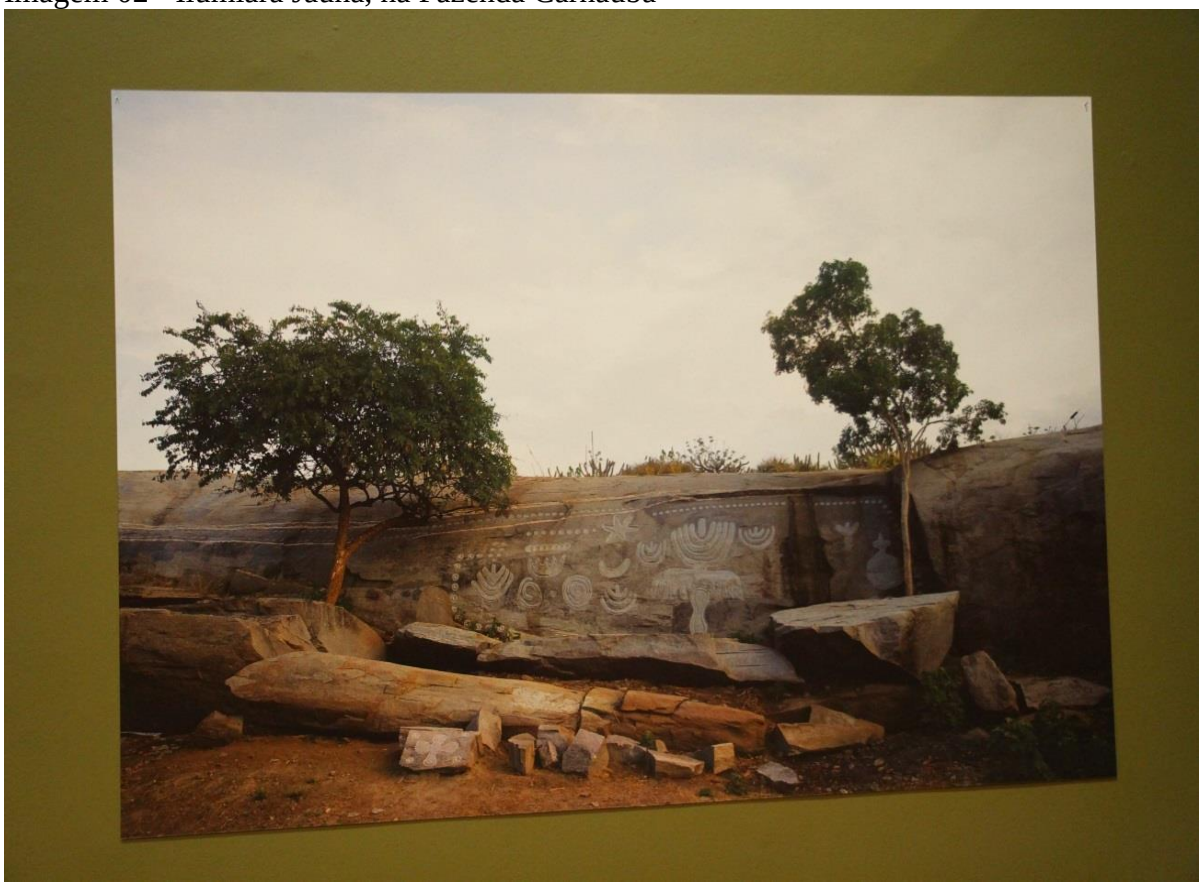
> Para mim, ela não é uma cidade comum. Quando comecei a escrever, fiz dela o centro de tudo o que eu escrevia, de maneira que ela foi tomando um sentido literário e mítico que não existia nem na minha infância. Poderia ser uma tentativa de reinvenção literária da cidade que o menino Ariano conheceu. Mas, de qualquer maneira, Taperoá é a base física da cidade literária que eu construí com toda a minha obra de escritor. (SUASSUNA, 2007, s.p.).

Segundo Newton Júnior, " Se, de fato, não foi seu lugar de nascimento, indo morar lá aos seis anos de idade, Ariano Suassuna fez de Taperoá o seu lugar de decisão. Ariano é taperoaense porque decidiu sê-lo. " (2014, p.22) O artista plástico Manuel Dantas Vilar Suassuna, filho do professor e escritor, que tem em Taperoá o ateliê "Cabeça de Cabro", *conta* emocionado a primeira vez que foram passar férias naquela cidade, em 1971. Eles vinham de Recife, numa Kombi, e Ariano, que não dirigia, pediu ao motorista que parasse o veículo na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Ariano colocou-se no lado paraibano, enquanto dona Zélia e os filhos ficaram esperando, no lado pernambucano para atravessar, e lhes disse: "- Vocês vão entrar em solo sagrado. "

Durante a entrevista que fizemos com sua filha, Ana Rita Suassuna Wanderley, ela nos contou que se lembrava demais desse dia, em que o pai levara a família em férias, no Sertão: "Ele tinha reformado a casa para passarmos todas as férias de julho. Pediu para parar o carro na divisa do Estado, e ficamos um grupo do lado de Pernambuco e outro no lado da Paraíba, e nos cumprimentamos. " (Wanderley, 2023)

Atualmente, Dantas, como o artista é mais conhecido, desenvolve a *Ilumiara Jaúna*, na fazenda Carnaúba que pertence à família Suassuna, em Taperoá. Numa grande rocha, ele grava relevos, insculturas e símbolos inspirados nos desenhos rupestres do sítio arqueológico da Pedra do Ingá, no interior da Paraíba, feitos pelos povos originários da Região Nordeste. Essa missão, uma releitura das pinturas, ele considera a maior herança que o pai lhe deixou.

Imagem 02 - Ilumiara Jaúna, na Fazenda Carnaúba



Fonte: Foto do acervo da família, exposta em evento do CCBB/2022.

Lá em Taperoá, naquela sua espécie de Pasárgada, território de sua memória afetiva da infância, que anos mais tarde o professor Suassuna caracterizaria como real e não imaginária, o menino Suassuna cresceu vendo os retirantes fugindo da fome, passando pela porta da propriedade da família. A seca da década de 1930 castigou todo o sertão, época de sofrimento, e foi quando Ariano começou a perceber a desigualdade social que separava o "Brasil Oficial" do "Brasil real". De acordo com Maurice Halbwachs, as lembranças que temos da nossa primeira infância são do exato momento em que nos tornamos um ser social. Mas foi ao falar sobre um dia de sua infância, em Taperoá, nesse tempo de seca, que o já então professor Suassuna, contou sobre uma das cenas mais lindas de sua vida. Ele estava brincando com outras crianças, no meio da vegetação seca, quando avistou uma árvore quase morta, sem folhagem alguma. Mas de repente, surgiu um bando de papagaios selvagens, que pousou no que restava de seus galhos, deixando-a toda verdinha, por alguns instantes, como que por milagre.

O sertão de Ariano Suassuna é um sertão transfigurado porque ele usa a arte como um grande reencantamento. Muitos dos nossos escritores regionalistas recriam o sertão, em seus textos, mas se os comparamos com os de Suassuna, percebemos que "aquele sertão seco e

pedregoso" que encontramos nas obras de Graciliano Ramos e de outros, não se parece com o dele. Apesar de não fechar os olhos para o sofrimento do sertão (afinal foi leitor de Euclides da Cunha, que para ele mostrou o sertão verdadeiro), mostra-nos um "sertão fabuloso". Reconhece que há seca, mas que também há momentos verdes, que é a cor que evolui, que é a cor da esperança.

Quando os irmãos mais velhos foram estudar no Recife e ele ficou no sertão, com a mãe e os outros familiares, teve a oportunidade de vivenciar de maneira significativa a cultura popular do Nordeste, no contato com as cantigas populares brasileiras e as canções ibéricas dos portugueses, que chegaram até ele nas cantorias e desafios de viola. Conheceu o teatro de mamulengos e o encantamento do circo, que marcariam de maneira significativa toda a sua existência de literato e educador. Suassuna dizia que para os meninos do sertão, havia duas saídas para o cotidiano: o circo e o livro. Das lembranças do primeiro, ficou a imagem do palhaço Gregório, astro do Circo Stringhini, que o escritor frequentou, quando menino. Ao escrever sua peça *Auto da Compadecida*, o narrador seria um palhaço, em homenagem a ele, que se tornara para Ariano a figura emblemática do ator:

> O primeiro circo que eu vi na minha infância chamava-se Circo-teatro Stringhini, que era o nome do dono. Parece que ele era italiano ou filho de italiano. Eu achava até muito estranho esse nome e tinha uma figura. Era um sujeito extraordinário, que era o palhaço Gregório. Esse palhaço está ainda hoje dentro de mim. O narrador do "Auto da Compadecida" é um palhaço inspirado nesse palhaço Gregório, e vem da figura do cantador nordestino, que tem alguma coisa da oralidade do palhaço. Só que ele fala em verso. E ele representa o autor também. Representa ainda o coro da comédia clássica. (SUASSUNA, 1991) [10]

Ariano Suassuna possuía uma memória extraordinária e se lembrava de uma serenata meio surrealista que Gregório executava no picadeiro:

> Se o mar fosse de leite
> E as ondas de coalhada
> Eu mandava para o meu amor
> Um prato de tapioca.
>
> Se o mar fosse de leite
> E as ondas de coalhada
> Eu mandava para o meu amor
> Um prato de tapioca.
>
> Eu subi num pé de coentro
> Para tirar uns tomates
> Veio o dono das laranjas:
> - Não tire os meus abacates. (SUASSUNA, 1991)

[10] - Entrevista concedida à Folha de São Paulo, em 26/10/1991.

Ao longo de sua carreira, Suassuna diria que para se exercer a função de professor, era necessário ser um pouco ator. O palhaço Gregório fora sua inspiração para atuar. E foi assim que "atuou como professor", representando tão bem a arte de ensinar. Para ele, os palhaços aumentavam a alegria do mundo. "Além disso, a forma circular do circo me levava a crer que o mundo era assim também. E que a vida então era uma representação a qual nós éramos chamados. " (SUASSUNA, 1991)

E Taperoá, aquela cidadezinha dos Cariris, onde ele fora apresentado às rodas de viola, ao teatro de mamulengos e às narrativas de cordel, seria no futuro o universo mítico onde ele se inspiraria para criar as suas personagens inesquecíveis. Mais tarde, ao consagrar-se na Literatura, Ariano Suassuna ocuparia a Cadeira número 7 da Academia taperoaense de Poesia.

Nascido e criado no Nordeste, o qual chamava de "O coração do Brasil", Ariano Suassuna trouxe para as páginas de suas obras as influências culturais populares de sua infância em Taperoá e de sua mocidade, no Recife, que foram essenciais na formação do seu universo literário, por onde desfilaram personagens como João Grilo, Chicó, Cancão, Manuel Gaspar, Euricão, Joaquim Simão, Aderaldo Catacão e Quaderna. Pregava em suas obras e aulas uma cultura erudita, baseada nas raízes populares do Nordeste.

Durante a sua infância e adolescência, os livros foram de grande influência para a sua formação acadêmica e escolha profissional. Naquela época, os seus amigos inseparáveis eram os volumes herdados da vasta biblioteca de seu pai, João Suassuna. Seus autores prediletos eram aqueles que o faziam rir. Aos sete anos de idade iniciou os seus "estudos convencionais", alfabetizado pela mãe, dona Ritinha, e sua tia Neves, em casa. "Foi aí que minha amada tia Neves me deu uma cartilha e começou a me alfabetizar. Coitada, santa como era, não sabia que naquele momento, estava me vendendo como escravo. " (2021, p.98)

Já aprendera a ler e a escrever, quando começou a frequentar a escola, aos sete anos, em 1934, e foi aluno dos professores Emídio Diniz e Alice Dias. O professor Emídio, seu primeiro mestre, tinha cinco turmas, e em cada uma delas, crianças de idades diferentes.

Ariano Suassuna declarava não ter apenas o hábito da leitura, mas a paixão por ela, pois o livro sempre fora para ele uma fonte de encantamento. O pai, ao falecer, deixara como herança para a família uma biblioteca fabulosa para os padrões da época, com exemplares das obras de Cervantes, Shakespeare, Dostoiévski, Euclides da Cunha e Machado de Assis. E os seus tios sempre lhe compravam muitos livros, para que o menino conhecesse os grandes nomes da Literatura universal. Mais tarde, a leitura continuaria a ser valorizada por ele como professor. Durante a exposição de suas aulas, frequentemente dizia aos seus alunos que "quem

gosta de lê não morre só. ” De acordo com ele, os livros serão sempre bons companheiros e por isso, citaremos a seguir um de seus autores preferidos da Modernidade, o argentino Jorge Luís Borges, que perdendo a visão aos 55 anos, mesmo assim assumiria a diretoria da Biblioteca Nacional da Argentina, e declararia a sua visão pessoal de paraíso: “Sempre imaginei o Paraíso como um tipo de biblioteca. ” (BORGES, 2009).

Posteriormente, em 1937, por ocasião dos exames do antigo curso de admissão ao ginásio, aos 10 anos, Ariano Suassuna mudou-se para Recife, onde frequentou, em regime de internato, o Colégio Americano Batista. Em 1943, passou a frequentar o Ginásio Pernambucano e mais tarde, o Colégio Oswaldo Cruz. Voltava para Taperoá nas férias escolares, mas com o tempo, Pernambuco passou a ser também o seu Estado.

Costumava dizer que a Paraíba era o Estado materno e Pernambuco o Estado paterno. No Ginásio Pernambucano, tradicional colégio da capital pernambucana, concluiria o “Curso clássico” e se deslumbraria com o universo da Arte, decidindo vivenciá-la e fazer dela a sua missão, e com o tempo, forjando “... não só o escritor famoso, o dramaturgo e o romancista, como também o futuro professor de *Estética e de História da Arte*, o agregador de artistas, o incentivador de jovens talentos...o pensador da Cultura brasileira...” (NEWTON JÚNIOR, 2014, p. 24).

A história da publicação do seu primeiro poema, *Noturno,* escrito em versos decassílabos[11], nos reporta ao ano de 1945, quando o jovem Suassuna fazia o preparatório para o vestibular da Faculdade de Direito, no Colégio Oswaldo Cruz. Quase cinquenta anos depois, durante uma Aula magna, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 11 de março de 1994, ele contaria que em sua época de mocidade, havia três carreiras de prestígio: Engenharia, Direito e Medicina. Quem soubesse fazer conta de somar, seria engenheiro. O que ele disse não ser o seu caso: “ - Eu faço uma conta de somar seis vezes, encontro seis resultados diferentes, todos seis errados. ” Aquele que aguentasse olhar para um defunto de manhã poderia ser médico. Mas aquele que não dava para nada, seria advogado. “- Era o meu caso. ” - Disse sorrindo para a plateia que o assistia.

Durante uma prova de geografia, não sabendo as respostas, escreveu uns versos e o professor Tadeu Rocha, que era apaixonado por literatura, sobretudo por poesia, ao invés de zangar-se, elogiou bastante o aluno. Um dia, Marco Bahé, da Revista *Caros Amigos,* perguntou a Ariano quando ele havia se sentido escritor e ele respondeu justamente citando o

[11] - Versos decassílabos são aqueles que possuem dez sílabas métricas, adotados por Camões, nos Lusíadas e depois consagrados como medida por excelência dos poemas heroicos. O poema de Ariano foi escrito em decassílabos heroicos, com vinte e nove versos, dez sílabas poéticas e tônicas nas sílabas seis e dez.

fato: “Aos 18 anos, no colégio, tive um professor de geografia que era interessado em literatura. Quando foi um dia, ele passou uma prova lá e eu não estava preparado...aí taquei literatura. ” Segundo Ariano, o tema da prova era os aspectos do relevo brasileiro. E ele escreveu sobre Drummond, Aleijadinho e outros. “- Falei o diabo, só não falei do relevo. ” Ao entregar as provas, o professor deixou a sua para o final porque queria conhecer o autor que, pelo que percebera, podia não ser bom em geografia, mas gostava de literatura. Ariano, já um assíduo leitor e admirador das obras de Camões, Dante Alighieri e dos poetas da Segunda Geração do Romantismo inglês, Shelley e Keats, apresentou-se, e o professor lhe perguntou se ele escrevia e lhe pediu que trouxesse um poema. Quando Ariano o entregou, na aula seguinte, ele lhe pediu emprestado e dias depois Suassuna teve uma surpresa: “- que alegria! Quando foi no domingo, abri o *Jornal do Commércio*, estava publicado. Foi em 7 de outubro de 1945. A partir daí, passei a publicar lá. Foi assim que comecei de fato a escrever. ”

NOTURNO
Têm para mim chamados de outro Mundo
As Noites perigosas e queimadas,
Quando a lua aparece mais vermelha.
São turvos sonhos, Mágoas proibidas,
São Ouropéis antigos e fantasmas
Que, nesse Mundo vivo e mais ardente
Consumam tudo o que desejo aqui.

Será que mais alguém vê e escuta?

Sinto o roçar das asas Amarelas
e escuto essas Canções encantatórias
que tento, em vão, de mim desapossar.

Diluídos na velha luz da lua
A quem dirigem seus terríveis cantos?

Pressinto um murmuroso esvoejar.
Passaram-me por cima da cabeça
E, como um Halo escuso, te envolveram.
Eis-te no fogo, como um Fruto ardente,
A ventania me agitando em torno
Esse cheiro que sai de teus cabelos.

Que vale a natureza sem teus Olhos,
ó aquela por quem meu Sangue pulsa?

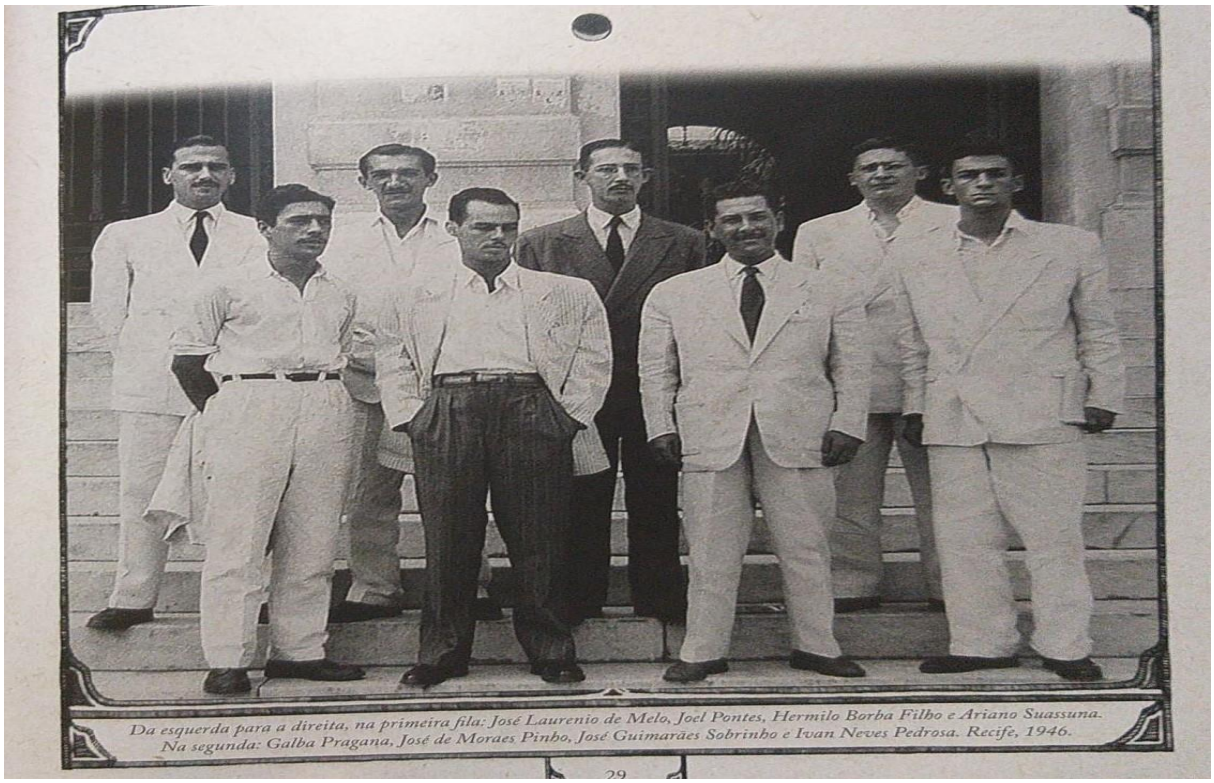
Da terra sai um cheiro bom de vida
E nossos pés a ela estão ligados.
Deixa que teu cabelo, solto ao vento,
Abrase fundamente as minhas mãos...

Mas, não: a luz Escura inda te envolve,
O vento encrespa as Águas dos dois rios
E continua a ronda, o Som do fogo.
Ó meu amor, por que te ligo à Morte? (Ariano Suassuna, 1999, p. 33)

Assim começaria a carreira de Suassuna como poeta, e apesar de o presente estudo não ter como objetivo a sua poesia, é importante lembrar que ela está assentada em belíssimo cancioneiro, ainda pouco estudado, e que a sua lírica está presente em seus romances, peças teatrais e iluminogravuras. Segundo Newton Júnior, a poesia do mestre ainda não recebeu por parte dos críticos e estudiosos a atenção merecida, e lembra, no prefácio de uma de suas obras, uma entrevista concedida por Suassuna ao *Jornal do Commércio*, em 1990: "O Ariano Suassuna poeta (...) é tão desconhecido como qualquer autor estreante.

Juntamente a outros jovens com os quais descobriria muitas afinidades, inclusive o amor pela arte, e com os quais brincava, dizendo que como ele, não davam para nada e por isso estudavam para advogado, Ariano Suassuna iniciou seus estudos em Direito na Faculdade de Direito do Recife. Lá, teve como amigos e companheiros Hermilo Borba Filho, que era diretor de teatro, Aloísio Magalhães, pintor e artista plástico, e o poeta José Laurênio de Melo. Nesse período, retomou, ao lado de Hermilo Borba Filho, o TEP (Teatro do Estudante de Pernambuco), com o intuito de uma renovação do teatro brasileiro, com raízes nordestinas e populares. Segundo Newton Júnior, Suassuna, que já conhecia a poesia de García Lorca, apaixonou-se também pela sua dramaturgia.

Imagem 03 - Ariano Suassuna e companheiros de faculdade, na década de 1940, fundadores do
TEP.



Fonte: Foto do acervo da Família Suassuna.

No campo da religião, Suassuna teve na infância uma formação calvinista, mas depois, na mocidade, declarou- se agnóstico, convertendo-se mais tarde ao catolicismo. Foi depois disso que escreveu algumas peças como: *Uma mulher vestida de sol (1947); cantam as harpas do Sião (1948); os homens de barro (1949) e O Auto de João da Cruz (1950)*, ganhando com este último trabalho o Prêmio Martins Pena, e em cuja estética funde o popular e o erudito "à procura de um teatro que representasse nosso país e nosso povo. " (Newton Júnior, 2014, p.31)

Em 1950, formou-se Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, instituição que mais tarde faria parte da Universidade Federal de Pernambuco, cujo campus seria criado anos depois, reunindo várias instituições superiores do Recife. Nesse mesmo ano, precisou voltar a Taperoá para convalescer de uma tuberculose, pois a cidade possui um clima melhor, seco e frio. Foi uma espécie de exílio de dois anos, o que não lhe fez parar com seus projetos literários, produzindo e montando nesse tempo a peça *Torturas de um coração*, seu primeiro trabalho cômico, escrito em homenagem a familiares e à namorada Zélia, que iriam visitá-lo. Ariano Suassuna dizia que conhecer Zélia havia mudado o seu jeito de ver a vida, retirando-o de trágico que o seguia, dando leveza e luz à sua existência, trazendo-lhe o contato com a alegria, o que fez com que começasse a produzir as comédias. A peça foi representada por ele e primos, e foi nela onde se deu a primeira aparição da personagem Preto Benedito.

Até 1956, dedicou-se à advocacia e paralelamente ao teatro. Sua fase como advogado durou pouquíssimo tempo, quando trabalhou no escritório do doutor e professor universitário Murilo Guimarães quando percebeu a ausência da vocação para aquele ofício. Nesse período, produziu as peças cômicas *O castigo da soberba* (1953), *O rico avarento* (1954) e *O Auto da Compadecida* (1955), peça escrita com base em romances e histórias populares do Nordeste, que o consagrou por todo o país, e que foi considerada por Sábato Magaldi, em 1962, como "o texto mais popular do Moderno Teatro brasileiro". A produção foi encenada pela primeira vez no Recife, em 11 de setembro de 1956, no Teatro Santa Isabel, dirigida por Clênio Wanderley. Com o dinheiro dos direitos autorais das várias encenações que se seguiram, ele comprou a casa da Rua do Chacon, no bairro recifense Casa Forte, cuja fachada reformou, com os azulejos do grande amigo, o ceramista Francisco Brennand.

Em entrevista, dona Zélia contou que eles sempre gostaram de casas antigas. "Soubemos da existência de algumas, no bairro da Casa Forte, e fomos lá procurar. A que compramos não estava à venda na época, mas nos chamou atenção. Tempos depois, compramos e mantivemos a arquitetura original até hoje..."

Imagem 04 - Fachada da Casa de Ariano, no Recife, dedicada à Compadecida.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado

Imagem 05 - Parede-Mural Armorial, nos jardins da Casa da família Suassuna

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

O casarão, que fica quase no ponto em que a rua do Chacon se encontra com as margens do rio Capibaribe, ainda é a residência da família Suassuna, e possui um acervo artístico incomensurável. É toda decorada com obras de arte: peças do escritor, esculturas de dona Zélia Suassuna, sua esposa, e de Manuel Dantas Villar Suassuna, seu filho, ambos, artistas plásticos, ligados ao Movimento Armorial. São peças em olearia, com o espírito da cerâmica e da tapeçaria, herança da pintura popular, inspirada em capas de folhetos do cordel, e com o espírito mágico do romanceiro e das xilogravuras. Ao entrarmos pelo portão, podemos ver à esquerda um belo mural em homenagem à Compadecida e à Dona Zélia, "A Leoa coroada".

Imagem 06- Ariano e Zélia, com os filhos e os netos, no Mural Armorial.

Fonte: Acervo da família Suassuna

Na sala, com cadeiras de balanço e bonecos de mamulengo, podemos apreciar na parede quadros de Suassuna, do filho Dantas e de um dos netos: três gerações de artistas. Há ainda peças de outros familiares e amigos, como Arnaldo Barbosa, e podemos apreciar telas de Francisco Brennand, como *O Cristo na hora do Julgamento,* e *O Frade,* pintado por Capiba. Quem visita a residência dos Suassuna, cercada de jardins, obras de arte e poesia, percebe que a casa tem a essência do professor e escritor: sem luxo, sem tecnologia, sem ostentação, mas é pura arte, cultura, bom gosto e alegria, uma espécie de *Ilumiara*[12] construída e traçada ao longo da vida de um professor-artista.

[12] - Após a década de 1990, Suassuna adota o termo para identificar "conjuntos artísticos diversos, surgidos a partir da integração de vários gêneros (pintura, escultura, arquitetura, etc.), e que pudessem ser compreendidos como locais de celebração da Cultura brasileira. (Documentário "Ariano Ilumiaras", COR, Brasil, 2020, 73 min, de Cláudio Brito)

Imagem 07 - Sala da Casa – “uma galeria de arte”, com peças dos familiares e amigos.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado

Quando visitei a família do professor, naquela manhã chuvosa de 19 de julho de 2019, no dia do aniversário de Dona Zélia, Dantas eles falaram da rotina e das produções do mestre Ariano, sobre os planos da família para o futuro daquele acervo inestimável, e relembraram episódios extraordinários da vida com ele. Dantas me dizia que quando eles e seus irmãos eram crianças, na casa não havia televisão. Um dia, um vizinho dirigiu-se a Suassuna e disse: “- Seu Ariano, o senhor já reparou que a sua é a única casa da rua que não tem televisão? - Suassuna respondeu-lhe: “- Mas também é a única que tem cavalo. Pergunte aos meus filhos o que eles preferem...” Mas finalmente, um dia, presenciou Dantas olhando para a televisão do vizinho, pelo lado de fora, e ficando com pena do menino, comprou uma também.

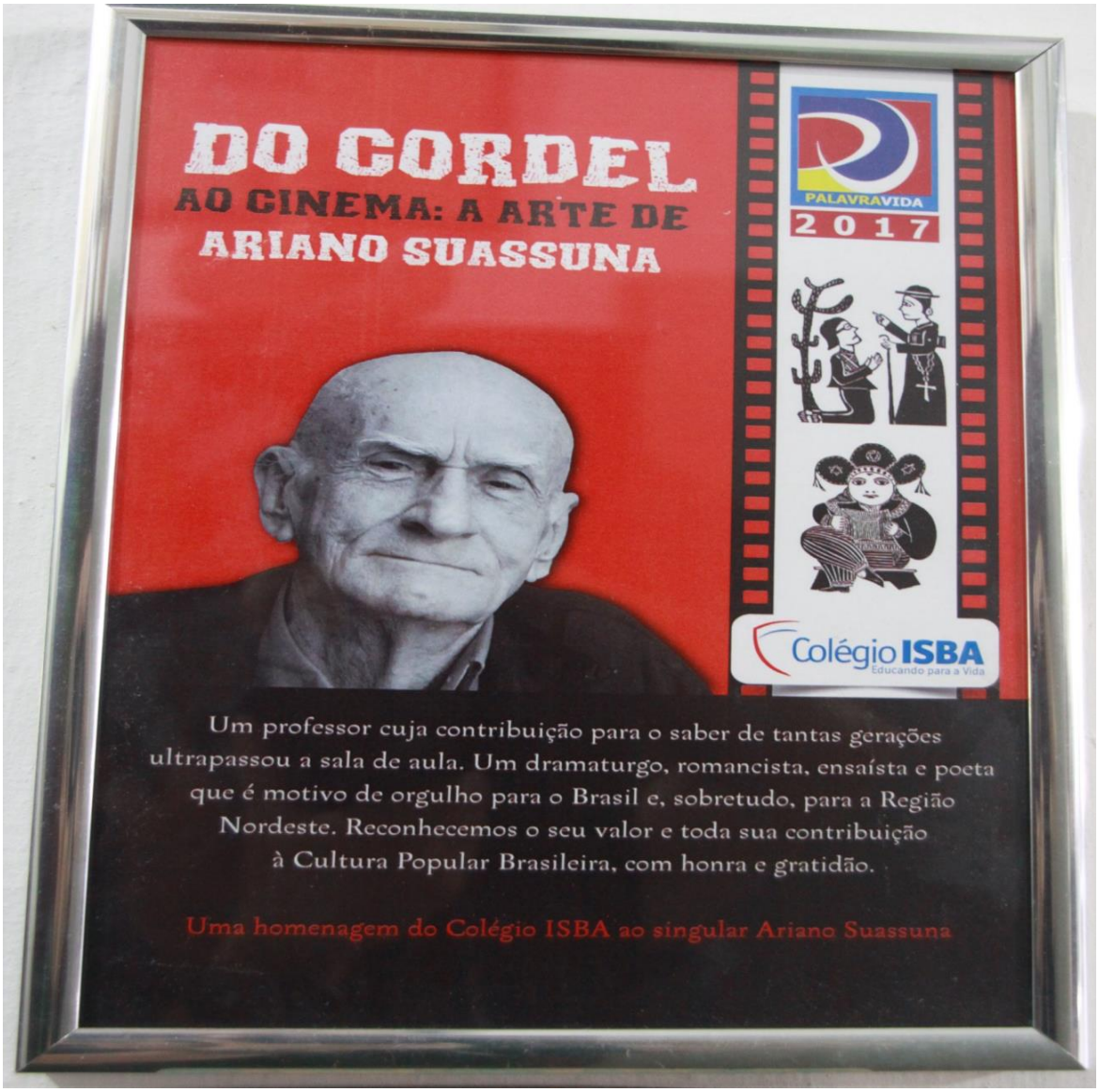
Imagem 08: Sala da Casa com obras produzidas pela família Suassuna e por amigos.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 09: Pintura sobre papel do Neto Lucas Suassuna de Albuquerque Wanderley.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 10: Cartaz de evento em homenagem ao professor Suassuna, Colégio ISBA (BA).



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 11: Os jardins da propriedade da família Suassuna, onde moram também as filhas.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 12: Vista dos belos jardins da Casa da Rua do Chacon, uma verdadeira galeria da Arte Armorial.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Em janeiro de 1957, já contratado para exercer o magistério pela universidade, casou-se com dona Zélia, e vieram passar a lua de mel no Rio de Janeiro: “Professor, pude casar...” (SUASSUNA, 2021, P. 103) Era também a ocasião da estreia nacional do *Auto da Compadecida*, no Teatro Ducina, e da consagração de Ariano como um grande dramaturgo, na então Capital federal, durante o Primeiro festival de Amadores Nacionais, promovido pela Fundação Brasileira de Teatro. Segundo Newton Júnior, era uma obra que “apontava para uma abertura universal, um teatro que, ao pôr em discussão sob uma ótica local, problemas comuns a todos os homens, certamente despertaria interesse para além de nossas fronteiras. ” (2014, p. 37). Ganhando a “Medalha de Ouro” da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, foi ainda publicada em livro naquele ano, sendo posteriormente traduzida para vários idiomas, como o inglês, francês, alemão e italiano. Nas décadas seguintes, ganharia três versões cinematográficas. Ainda em 1957, o autor escreveria *O casamento suspeitoso* e *O Santo e a Porca*. As produções para o teatro continuariam nos anos que se seguiram. *A Pena e a Lei* foi escrita em 1959, e *Farsa da boa Preguiça*, em 1960.

Foi ainda no início de 1957, que iniciou a sua carreira de professor universitário, lecionando *Estética,* e mais tarde outras disciplinas, até se aposentar em 1989, após 32 anos de docência e dedicação à educação brasileira. Mas o trabalho em prol dela e da cultura do nosso país continuaria, através dos seus projetos culturais.

O romancista Ariano Suassuna já havia plantado as suas raízes, em 1956, quando escreveu *A História de amor de Fernando e Isaura*, uma narrativa curta, por sugestão do artista plástico e amigo da vida inteira, Francisco Brennand. O livro só seria publicado quase quarenta anos depois, em 1994. Entretanto, o seu projeto de romance era outra narrativa. Uma mais longa, complexa. Que levaria vários anos para ser escrita: o seu Romance *d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta,* uma tessitura de mais de seiscentas páginas, produzido entre 1958 e 1971, quando finalmente foi publicado.

Em 1969, foi produzida, pela Embrafilmes, a primeira versão cinematográfica da peça *Auto da Compadecida*, dirigida pelo húngaro George Jones. No ano de 1975, foi publicada a primeira edição da obra *Iniciação à Estética*, pela editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Em 30 de dezembro de 1976, conciliando a carreira no magistério e o cargo de secretário de educação e cultura da Cidade do Recife, defendeu na UFPE a tese de livre-docência que lhe deu o doutoramento em História, intitulada *A Onça castanha e a Ilha Brasil*: *Uma reflexão sobre a Cultura brasileira,* título que já nos remete à sua visão sobre a

formação mestiça do povo brasileiro e de sua cultura, onde ele fala sobre o mito da "Rainha do meio-dia", que reúne os povos escuros, magros e pobres da América latina, da África e da Ásia. O texto seria a base para o seu projeto cultural "*A Onça malhada, a Favela e o Arraial"*, três décadas mais tarde.

Em 1990, o escritor passou a ocupar a cadeira de número 32 da Academia Brasileira de Letras, mas optou por não usar o traje tradicional da instituição, não indo tirar as medidas com o alfaiate da ABL. Segundo contou numa de suas aulas-espetáculo, acessada pelo YouTube, arrumou um retrato do conterrâneo e acadêmico José Lins do Rego vestindo o fardão, e entregou para a Edite Minervina, uma costureira do Recife para que ela preparasse o seu. Ela disse que faria, mas que não sabia bordar. Suassuna então encarregou Ceci Ferreira, uma bordadeira do clube carnavalesco de Recife *Clube das pás douradas*, para terminar o traje. Suassuna também não gostava de usar terno e gravata, por conta de uma particularidade filosófica de Gandhi. Suas roupas eram feitas pelas costureiras simples do Recife. Em 1993, tornou-se também membro da Academia pernambucana de Letras.

Naquele ano, filiou-se pela primeira vez na vida a um partido político, o PSB (Partido Socialista Brasileiro), e anos depois, foi nomeado secretário de cultura nos governos de Miguel Arraes (1995-1998) e de Eduardo Campos (2007-2010), quando ajudou também na elaboração do programa de governo nas áreas de cultura e educação. Para Eduardo Campos, que era um ex-aluno, Ariano Suassuna foi um grande professor não só na universidade, mas na vida. Com o seu exemplo de humanidade e de compreensão, formou muitas pessoas. Convidou-o no seu segundo mandato, para integrar a Assessoria Especial de Governo de Pernambuco.

O escritor e professor Ariano Suassuna foi homenageado três vezes, por agremiações carnavalescas: Em 2002, pela Escola de Samba Império Serrano, no Rio de Janeiro, com o enredo *Aclamação e Coroação do Imperador da Pedra do Reino Ariano Suassuna*. Ao receber a notícia e o convite para desfilar, Suassuna inicialmente chegou a pensar em não ir. Planejou mandar em seu lugar um ator pernambucano que o imitava muito bem: Aramis Trindade. Mas depois, resolveu comparecer ao evento, um acontecimento que marcaria sua vida. Tinha refletido e percebido que se não fosse, estaria sendo infiel a tudo no qual acreditava. Em entrevista ao programa Roda Viva, da Tevê Cultura, em 06/05/2002, o mestre Suassuna declarou que quando eleito para a ABL, em 1990, comparecera à posse para receber uma homenagem do "Brasil Oficial". Entretanto, em 2002, ao ser homenageado pelo Império

Serrano, viera para a avenida para receber uma homenagem do “Brasil real”. Isso foi algo que ele percebeu, ao ser aclamado pelo povo que cantava e vibrava com o desfile.

Em 2008, foi a vez da gente festeira da “Pauliceia desvairada” reverenciá-lo na avenida, através da Escola de Samba Mancha Verde. Em 2014, Recife fascinou-se ao vê-lo desfilar, quando mais uma vez foi agraciado na maior festa popular do planeta, pelo Bloco O Galo da Madrugada.

A saúde de Ariano Suassuna começaria a apresentar problemas em 2013. Em 21 de agosto, sofre um infarto e é internado, recebendo alta em 4 de setembro. Em 19 de julho de 2014, após ministrar sua última-aula espetáculo em Garanhuns, retorna para casa, para comemorar com a família o aniversário de dona Zélia. Mas no dia 21, passa mal durante o jantar e sofre um acidente vascular cerebral hemorrágico, sendo então internado no Hospital Português do Recife. Suassuna Falece vítima de uma parada cardíaca, em 23 de julho de 2014, aos 87 anos. Está sepultado no Cemitério Morada da Paz, no município de Paulista, Região Metropolitana do Recife. Sobre aquela que o poeta pernambucano Manuel Bandeira chamou de “A Indesejada das gentes, Ariano escreveu um dia: “Não tenho medo da Morte, que na minha terra é uma Mulher e se chama Caetana. Aliás, é o único jeito de eu aceitar essa maldita – se ela vier sob forma de uma Mulher linda, carinhosa, acolhedora e amante. (2014, p. 112)

No dia 19 de dezembro daquele ano, o Tribunal de Contas do Estado da Paraíba inauguraria na capital o Centro Cultural Ariano Suassuna, um edifício projetado pelo arquiteto Expedito Arruda, com auditório, salão de exposições e biblioteca, em homenagem ao grande agente e incentivador da educação e da cultura do Brasil, “um sertão transfigurado” do Mundo, por aqueles que como ele, dedicaram a existência pela justiça social, cuja base é uma educação de qualidade para todos.

1.2.1 - Zélia – ”E meu coração e meu sangue se desataram para a Alegria do mundo. ”

Em 1947, ano em que escreveu a sua primeira peça, *uma mulher vestida de sol,* baseada em folhetos do Romanceiro popular nordestino, Suassuna conheceu o grande amor de sua vida inteira, Zélia de Andrade Lima, com quem namorou por quase dez anos até o casamento. Um dia, uma amiga jornalista fez-lhe uma pergunta para a qual ele nem precisou pensar muito para responder: “- Qual teria sido o dia mais feliz de sua vida? ” A resposta foi

6 de janeiro de 1948, Dia de Reis, quando após alguns meses de namoro, estavam passeando numa tarde, na praia de Boa viagem, e ele pedira Zélia em casamento (para ela). Segundo ele, "Foi a mulher mais pedida em casamento do Recife. " Aos sogros, foram três vezes. Em 1947, pedira aos pais de Dona Zélia para namorar com ela, mas como era pagão, não permitiram. Depois de batizar-se na Igreja católica, pediu pela segunda vez e obteve o consentimento para o namoro. Na terceira vez, pediu para noivar e deixaram. Entre batizado, namoro, noivado e casamento foram dez anos. No ano em que noivaram, Ariano Suassuna contraiu uma tuberculose e passou dois anos em Taperoá, para convalescer. Não podia trabalhar e ganhar dinheiro, então, como casar? Recuperado e já formado em Direito, foi trabalhar como advogado, mas sem vocação para a carreira, deixou a advocacia. Foi então, que descobrindo a verdadeira vocação profissional, tornou-se professor universitário e pôde enfim, empregado e remunerado, casar-se e manter a esposa. Casaram-se em 19 de janeiro de 1957, no dia do aniversário de seu pai. Viajaram em lua de mel para o Rio de Janeiro, onde o *Auto da Compadecida* faria a sua estreia nacional. Tiveram seis filhos: Joaquim, Maria, Manuel, Isabel, Mariana e Ana Rita, que lhes deram quinze netos.

Segundo ele, conhecer dona Zélia mudara os rumos de sua arte. Antes dela, suas peças tinham uma tendência para a tragédia. Até então, todas as suas peças eram trágicas. Seus irmãos mais velhos brincavam dizendo que como escritor, o jovem Ariano era "um assassino terrível! " No primeiro conto que escrevera, todas as personagens tinham morrido tragicamente. Foi Dona Zélia quem permitiu em sua vida a erupção "do galope do sonho e do riso a cavalo". Com ela, Suassuna teve a impressão de que o seu coração e o seu sangue se abriram e se desataram para o mundo, inclusive para a alegria do mundo.

Dona Zélia nasceu no Engenho Pombal, que na época pertencia ao município pernambucano de Vitória de Santo Antão, distante 48 quilômetros do Recife, mas depois a sua família passou a morar na capital. Um de seus ancestrais foi o capitão José de Barros Lima, o "Leão coroado", militar morto em 1817, durante a Revolução pernambucana[13]. Sua alcunha foi dada devido a sua bravura e à calvície em forma de coroa, ladeada por seus longos cabelos. Na cidade natal deles, há uma praça com este nome, em sua homenagem.

Ariano brincando, dizendo se considerar feio, declarava que a sorte dele se devia ao

[13] - Também conhecida como a **Revolução dos Padres**, a **Revolução Pernambucana** foi um movimento separatista ocorrido na província de Pernambuco, em 1817, de caráter liberal e republicano, contra o absolutismo monárquico português. A capitania de Pernambuco era a mais lucrativa da colônia, e era obrigada a enviar grandes somas em dinheiro para o Rio de Janeiro, para custear salários, luxos e festas da Corte, prejudicando o enfrentamento dos problemas locais, como a seca de 1816 e o pagamento dos soldados, o que provocava grande descontentamento entre o povo.

fato de que “às vezes, as mulheres bonitas têm um mal gosto de desgraçado! ” Ele dizia isso, lembrando-se como conhecera a esposa. A primeira vez em que se encontraram fora no cinema, Ele, então com seus dezessete anos e ela com apenas treze. Ela se encantara com ele, que não reparara nela, por ser muito novinha ainda. Quatro anos depois, Ariano vinha andando pela rua Nova, quando de repente, a rua ficara toda iluminada. Era ela, com seus “olhos agateados”, como na canção escrita por Alceu Valença, décadas mais tarde. “- Aí, eu fiquei encantado...” chegando em casa, comentou com sua irmã Germana que avistara uma galeguinha linda, que olhara para ele “com cara de alma que estava pedindo missa. ” Germana achou graça e lhe disse para deixar de ser pretensioso, que uma moça bonita nunca repararia nele, que era feio que só a gota.

Durante a entrevista concedida para este trabalho, dona Zélia contou-nos a sua versão de como se conheceram. Confirmou sobre aquele primeiro dia, em que ela sentira uma emoção diferente, e que por ser mais jovem, não fora notada. Tempos depois, numa festa, encontraram-se de novo. Ela, o coração batendo forte...e dessa vez, ele a notou, e correspondeu com o olhar.

Após o primeiro encontro, na rua Nova, Ariano contava que lá se encontraram de novo, na calçada da igreja de Nossa Senhora da Conceição. “Só podia ser um presente da Compadecida para mim, ” Diria ele muitas vezes na vida. Anos mais tarde, escreveria o seu encantamento no poema **CANTO ARMORIAL AO RECIFE: CAPITAL DO REINO DO NORDESTE**.

Abaixo seguem alguns versos:

X
E todo o Reino canta nesse nome,
Pela Dama-de-Sangue-coroado:
O Sinopse, os Pescoços-de-serpente,
A Banda-sanguinosa do Enforcado:
Quatro laivos-de-sangue que meu Sangue
Tinha visto nos campos do Sagrado!

Ela era leve e tinha os olhos garçons
Como o paudarco-âmbar da “Acauhan”,
e os ouros das acácias do Recife
nos cabelos de sol-pela-manhã:
olhos andrades, crespos, cor-de-ouro,
boca, vermelha flor de flamboiã!
...
Mais o mel das abelhas do Sertão.
Cana caiana doce, olhos estranjas.
Tão bonita, tão boa e tão do chão.
Era mesmo a Leoa coroada
Flecha em meu sangue, anel da solidão.
(Ariano Suassuna, 1999, p. 227-236)

Dias depois, ao chegar em casa, Germana viera ao seu encontro, animada, para lhe confirmar que aquela linda galeguinha, que se chamava Zélia, era irmã de uma amiga sua de trabalho e que a menina era realmente toda encantada por ele. Alguns dias depois, reencontrou-a numa fila de ônibus, aproximou-se e disse: "- Zélia, você se incomoda de me conhecer sem ninguém nos apresentar? " E segundo Suassuna, ela que era "atiradinha" também, aceitou. Essa primeira conversa que tiveram, Suassuna reproduziria como parte de um capítulo do livro que escreveria em 1956 e que seria publicado em 1994, *A História do amor de Fernando e Isaura*, pelas *Edições Bagaço*, no Recife.

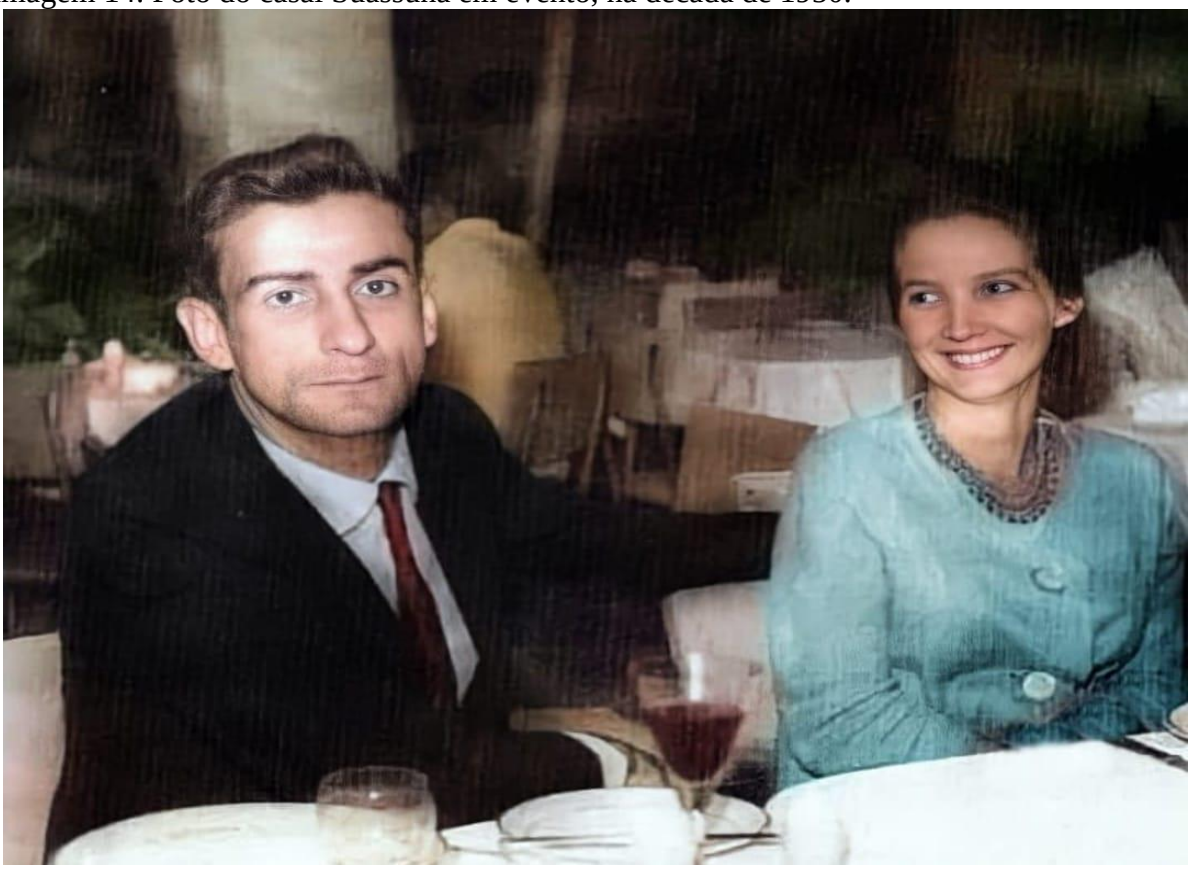
"Quando eu tinha dezesseis anos, estava no ponto de ônibus, com meu irmão Cyro, na Avenida Guararapes, quando ele se aproximou e perguntou se podia ir na minha casa. Assim, começamos a namorar. O que mais me encantou nele foram sua generosidade e sua retidão. " Eis o relato de Dona Zélia, durante a entrevista.

Passado algum tempo, foram ambos convidados para uma mesma festa, na qual dançaram a noite todinha. Era o dia 20 de agosto de 1947, quando oficialmente o romance começou. Entretanto, muitas décadas se passariam, e Ariano, sempre ao contar essa história, diria emocionado e com a convicção daqueles que têm o privilégio de viver um grande amor: "- E até hoje não acabou...e nem vai acabar nunca! "

Imagem 13: O casal Ariano e Zélia, na época do namoro.

Foto do Acervo da família Suassuna.

Imagem 14: Foto do casal Suassuna em evento, na década de 1950.



Fonte: Acervo da família Suassuna.

Dona Zélia, é uma artista plástica com trabalhos em pintura, cerâmica, litogravura e desenhos, o grande amor de Ariano, companheira por toda a vida, e inspiração para sua poesia:

A Mulher e o Reino

Oh, Romã do pomar, relva esmeralda,
olhos de Ouro e azul, minha alazã
Ária em cordas do Sol, fruto de prata,
meu chão e meu anel, sol da manhã.

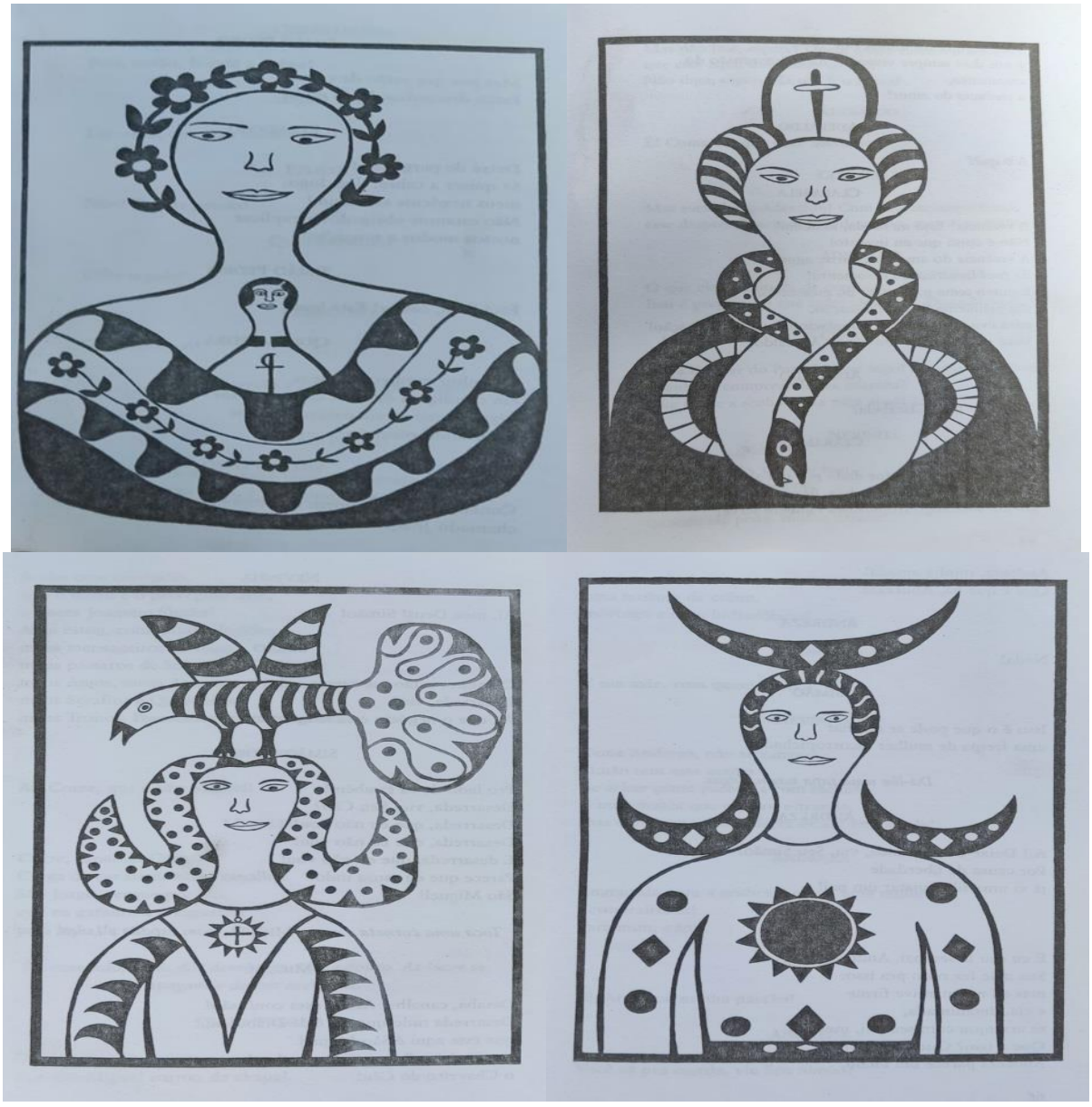
Ó meu canto, meu sono, dom ,coragem,
água das pedras, rosa e Belveder.
Meu candieiro aceso da Miragem,
meu mito e meu poder, minha mulher!

Dize-se que tudo passa e o Tempo duro
Tudo esfarela: o Sangue há de morrer!
Mas quando a luz me diz que esse Ouro puro

se acaba por finar e corromper,
Meu sangue brada, contra a Maldição,
Que há de pulsar Amor na escuridão!
- pulsar o seu Amor até na Escuridão!
(Ariano Suassuna, 2022, p. 67-68)

Dona Zélia tinha para ele a importância da figura feminina, a beleza do amor, da companheira: “Sempre fiz os meus trabalhos de cerâmica, porcelana e desenhos. Ariano era o meu maior incentivador. Usou minha arte para ilustrar seus livros, e sempre me apoiava a participar de exposições coletivas. ”

Imagem 15: Ilustrações de Dona Zélia Suassuna para o livro *Farsa da Boa Preguiça.*



Fonte: acervo da Família Suassuna, expostas em evento comemorativo aos 50 anos do Armorial, no CCBB, em junho/2022.

Ariano Suassuna repetia em suas aulas-espetáculo, ao apresentar a esposa, sempre presente na plateia: “É um amor grande demais, que nunca acabou e nunca vai acabar...nem na velhice e nem depois da morte...nunca! A ela dizia que quando terminasse de escrever *O*

Romance de Dom *Pantero*, estaria pronto para partir. E Dona Zélia dizia: ” - Você não está se lembrando de mim. Se você morrer, vai me deixar...” Ele respondia: “- É diferente...”

A professora Lívia Suassuna, sua sobrinha, admirava essa proximidade e cumplicidade dos tios, e nos contou que Ariano havia ficado muito preocupado com o infarto que sofrera, em 2013. Sentindo que o fim estava próximo, um dia chamou a filha Mariana, que mora atrás da casa deles para lhe fazer um pedido: “ – Mariana, quando eu me for, quero que você assume a tarefa de vir rezar todas as noites com a sua mãe, como eu e ela fazemos. E eu quero que você veja como a gente reza, para continuar isso com ela. ” E Mariana ficou emocionada, porque nem sabia que eles tinham esse costume. Todas as noites, entre onze e meia noite, o casal fazia um lanchinho e depois rezava para ir dormir. Eles começavam a reza pedindo pelo Mundo, pela paz mundial, vinham para a América latina, Brasil, Nordeste, pediam pelo povo pernambucano, e finalmente pela família. E sempre assim, todas as noites, pedindo também pelos pobres, pelos oprimidos, tocados pela ferida da desigualdade social.

Imagem 16: Ariano e Zélia Suassuna num momento de carinho.

Fonte: Acervo da família Suassuna.

Atualmente, dona Zélia vive na casa dedicada à Compadecida, na qual passou toda a vida de casada, ao lado do marido. Durante a entrevista, questionada sobre aquele espaço, uma verdadeira galeria de Arte Armorial, um dia ser oficializado como tal, ela nos disse: “Hoje, a nossa casa é cheia de filhos, netos e bisnetos. No futuro, quem sabe passe a ser um centro cultural? ”

Imagem 17: Dona Zélia, aos dezesseis anos, em tela a partir de colagem do sobrinho Romero de Andrade Lima.

Fonte: Acervo pessoal da família Suassuna.

Imagem 18: Pais e filhos

Fonte: Acervo da família Suassuna.

Imagem 19: “Os filhos são o arco-íris da vida; os netos são o pote de ouro” (Ditado popular)

Fonte: Acervo da família Suassuna.

1.2.2. Autores e teóricos que o fundamentaram – A leitura do Mundo pelos livros

Mudar o Mundo, meu amigo Sancho, não é loucura, não é utopia. É justiça![14]

A formação literária de Ariano, que ancora também a sua vocação como professor, sobretudo de Literatura, Estética, Filosofia e Cultura brasileira, inicia-se na vasta biblioteca do pai, João Suassuna, no casarão de Taperoá: Foi lá que iniciou as primeiras leituras, "viajando por outras eras e realidades", nas páginas de livros como *Os três Mosqueteiros, Scaramouche, Dom Quixote de La Mancha* e outros clássicos. Os livros de Monteiro Lobato, ganharia de presente da mãe, Dona Ritinha, em certa ocasião, por obter boas notas nas provas.

Dom Quixote de La Mancha, o livro mais publicado no ocidente depois da Bíblia, era considerado por Ariano Suassuna como a "Ilumiara da Cultura espanhola". O termo "Ilumiara" sempre foi para ele muito além dos lajedos. Há a Ilumiara arquitetônica, natural, as itaquatiaras, lugares de cultos dos nossos ancestrais, como a Pedra do Ingá, e a literária, como o livro de Cervantes (sua grande obra). Segundo Newton Júnior, o mestre Suassuna dizia que "a Espanha lembrava o Sertão. " E esse conceito de sertão fazia-o comparar o romanceiro da Literatura espanhola com o romanceiro da literatura popular nordestina. Percebia o homem ibérico, sofrido e sacrificado, muito semelhante ao sertanejo nordestino. Suassuna foi um mestre em sintetizar elementos e figuras do povo nordestino com obras clássicas da Literatura universal, como o personagem Quaderna, protagonista e narrador do *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta,* com Dom Quixote.

Na ausência do pai, dois tios lhe inspirariam e o orientariam, como figuras paternas: Manuel Dantas Vilar, o tio anticlerical, zombeteiro, que só tinha o curso primário, foi quem o iniciou nas leituras de Eça de Queirós, Euclides da Cunha e do poeta Guerra Junqueiro. Dantas era o irmão mais moço da mãe de Ariano, que após a morte dos pais, acabou sendo criado pela irmã e pelo cunhado, João Suassuna, que lhe iniciou na literatura. Por isso, Suassuna costumava dizer que aquela teria sido uma forma do pai, depois de falecido, iniciá-lo também. O outro tio, Joaquim Duarte Dantas, primo e cunhado de sua mãe, era uma espécie de oposto. Católico e monarquista iniciou-o em outras leituras. Quando Ariano era ainda bem pequeno, esse tio lia para ele a descrição da Batalha de Alcácer-Quibir, na qual desaparecera o rei Dom Sebastião. Em suas aulas, o professor Suassuna sempre citava Dom Sebastião não apenas como uma personalidade histórica portuguesa, mas como um mito humano e universal, um símbolo do desejo humano de se alçar acima de si mesmo, de

[14] - Sentença de autoria desconhecida, atribuída por alguns a Miguel de Cervantes. Acessado no Instagram Prosa, Verso e Arte, em 2 de julho de 2022.

alcançar as fronteiras do sagrado e do divino. Essa é a origem da marca do Sebastianismo na obra suassuniana, base do *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta.* As personagens Samuel e Clemente, os preceptores de Quaderna, foram inspirados em seus tios. Quaderna procurava ter de Clemente a visão política, e de Samuel a visão literária.

O que o teria levado a ser teatrólogo e romancista? Segundo Ariano Suassuna, durante entrevista para o programa "Os mágicos" (TVE-RJ- 1979), no Sertão, as diversões principais eram a caça e a leitura. Daí, vinha inclusive o seu fascínio pelas obras de Monteiro Lobato. A vasta biblioteca deixada pelo pai crescia, com livros dados pela mãe e os tios, e os irmãos mais velhos que já estudavam no Recife, também levavam nas férias muitos livros para Taperoá. Com o passar do tempo, a leitura tornou-se o encantamento daquele menino sertanejo, que tomou gosto pelas histórias de aventuras, como o *Scaramouche*, de Rafael Sabatini, considerado por ele uma obra-prima, *Os três mosqueteiros* e O *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Ao entrar para a escola, teve o que chamaria de "sorte" de ler um livro, uma espécie de paradidático dos dias atuais, *Através do Brasil*, da autoria do poeta parnasiano Olavo Bilac e do sociólogo Manoel Bonfim, por meio do qual, ali do sertão, conheceria as paisagens e as cidades do Brasil. A história do livro, que era muito utilizado nas escolas, "começava no Recife e acabava no sul do país. Contava a história de dois meninos à procura do pai, dado como morto. Os dois passavam mil aventuras e encontravam um sertanejo, Juvêncio."[15] Para "entender o Brasil", Suassuna mergulharia ao longo da juventude ainda nos sermões de Padre Antônio Vieira, nos livros e artigos de Machado de Assis, e finalmente na obra prima de Euclides da Cunha. Aos doze anos, escreveu o seu primeiro conto, cuja história passava-se durante a Guerra do Paraguai. Fez tanto sucesso na família, que alguns não acreditavam que ele o tinha escrito. Ariano Suassuna também declarava a admiração pelos escritos do filósofo luso-brasileiro do Século XVIII, Mathias Aires. Em suas aulas, tanto na universidade, quanto posteriormente, nas oferecidas em seus projetos culturais, suas explanações didáticas eram como um diálogo com autores universais e atemporais, como Aristóteles, Plauto, Boccaccio, Shakespeare, Gil Vicente, Moliére, Calderón de La Barca, e Cervantes, entre outros. Naquelas ocasiões, costumava registrar com frequência, as influências que os autores que lera na infância e juventude tiveram como alicerces de sua carreira literária e docente.

Com os folhetos de Cordel e os mamulengos, Ariano faria os primeiros contatos nas feiras e no Mercado popular de Taperoá, onde encontraria inspiração para personagens como

[15] - Entrevista de Suassuna para a revista *Língua portuguesa*, em 2007, Ano II, número 21.

Benedito de *A Pena e a Lei*, como o astuto João Grilo e o mentiroso fantasioso que foi Chicó do Auto *da Compadecida*.

O circo representava para ele tudo o que havia de mais maravilhoso na arte. O cotidiano das cidadezinhas sertanejas e das fazendas era interrompido pela chegada do circo, com aquelas "moças maravilhosas", que andavam em cima do arame. Mas os palhaços eram a melhor parte. Durante parte de sua vida adulta, Suassuna se consideraria um palhaço frustrado porque não tinha coragem de entrar no picadeiro e nem no palco. Por isso, resolveu escrever as peças de teatro, e colocar outras pessoas para representar suas histórias.

A primeira peça que assistira em sua vida, tinha sido no circo: "O Terror da Serra Morena". E lá, havia conhecido um grande ator de teatro mambembe, Barreto Júnior, que mais tarde encenaria algumas peças num armazém de algodão, que era esvaziado e ali se improvisava um palco.

Mas a "semente do escritor" brotara com a leitura dos romances de aventura e também das obras de Monteiro Lobato. Anos mais tarde, já consagrado como escritor e dramaturgo, alguns amigos comentariam com ele a semelhança que haveria entre a personagem Emília e João Grilo. Ambos seriam representantes dos subterrâneos de seus escritores. Diziam aquilo que eles gostariam de dizer, mas o faziam através das personagens. Entretanto, o seu grande herói, a grande inspiração para o romance, a poesia e a dramaturgia era o pai, com quem convivera por tão pouco tempo. João Suassuna, um sertanejo contador de histórias, cantor e tocador de viola, um rei, um pai "que se foi para o sol, transfigurado. "

1.3 - Uma Literatura do "Brasil real" – A "Mentira de Deus" e os quengos

> " Arte para mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte. Para mim é missão, vocação e festa. " (Ariano Suassuna, Facebook, 01/06/2015)

Para Suassuna, escrever era a sua missão, sua vocação e sua festa. Em seus textos, seja em forma de romance, poesia ou peça teatral, há sempre um cruzamento entre referências populares e eruditas. Desta forma, analisando sua obra, vislumbramos o seu eu-lírico buscando o lado luminoso do interior árido do nosso país. Concebemos pela tessitura textual de seus escritos que com acuidade, o escritor opta por dar pouca ênfase à seca, ao estéril, enquanto valoriza o afeto, a resiliência e a comunhão da vida, caracterizados em suas personagens maravilhosas, os mentirosos, os quengos, os bêbados, os gagos e os loucos.

Suassuna, em suas aulas na universidade e em palestras pelo Brasil, falava de “arrudeios”, que são voltas que se dá até se chegar ao destino, ao pretendido. “Arrudeios” que encontramos nas trilhas iluminadas pelo sol causticante do agreste e metaforicamente falando, também quando se trata de administrarmos os percalços que essa vida nos apresenta. Não obstante, todos os “arrudeios” do seu caminho o levaram à arte, fazendo-o vivenciar muitas de suas manifestações, valorizando-as e difundindo-as.

Por outro lado, fundamentando a sua prática social e profissional na inferência de Machado de Assis sobre os dois Brasis, o escritor e professor dizia que esse pensamento tinha sido para ele como uma revelação, uma epifania, uma vez que era uma verdade que ele constataria por toda a vida. Ariano Suassuna dizia-se nascido, criado, formado e deformado pelo “Brasil oficial”, mas entendia o “Brasil real”, formado por essa enorme maioria de analfabetos e semialfabetizados, que representam a maioria do povo brasileiro, que habita o sertão, as periferias e favelas das grandes cidades brasileiras. E citava também a obra “Os Sertões”, do escritor pré-modernista Euclides da Cunha, para ilustrar o que seria esse segundo Brasil: “Quem não entende Canudos, não entende o Brasil. ” (SUASSUNA, 2014)

Consciente do fato de que, se nós brasileiros quiséssemos que o Brasil desse um passo fundamental para tornar-se não um apenas um país, mas uma nação, Ariano Suassuna dizia que seria preciso levar em conta o “Quarto estado” de Dostoiévski. Por conseguinte, como literato e professor, resolveu prestar atenção na arte do “Brasil real”. Usando como instrumento a sua escrita, tecida sob o enfoque discursivo da cultura oral, e desestabilizando a diferenciação entre o erudito e o popular, uniu literatura e docência para levar cultura às periferias, às favelas e aos sertões, com o intento de apresentar um Brasil ao outro.

Neste momento da pesquisa, abordemos o conceito de Hobsbawm, “Pessoas extraordinárias”, já citado na introdução desta pesquisa, para compreendermos como os escritos e a prática docente de Ariano Suassuna estiveram a serviço da gente do “Brasil real”, como protagonistas da história da vida real. Antes mesmo de lermos o livro de Hobsbawm, deparamo-nos com uma observação feita em sua lombada: “Afinal, quem estaria interessado na história do sapateiro John Adams, figura muito popular em Kent, nos idos de 1830? ” Ele, uma daquelas pessoas que mesmo constituindo a maioria da raça humana não teve importância para a Macro história. Seus nomes são apenas conhecidos por familiares, vizinhos e pelas certidões de nascimento, casamento e óbito, o que nem sempre acontece. Contudo, percorrendo suas páginas, percebemos o autor expondo a emergência de uma classe, que se descobre portadora de uma identidade singular. “Minha questão diz respeito antes, a

que, coletivamente, se não como indivíduos, esses homens e mulheres sãos os principais atores da história. O que realizam e pensam faz a diferença. (Hobsbawm, 1998, p. 7)

O professor Suassuna não tratava em seus textos e aulas dos sapateiros, operários, camponeses e músicos que são registrados nos capítulos de Eric Hobsbawm. Mas para ele, as pessoas do "Brasil real", de Machado de Assis, do "Quarto Estado" de Dostoiévski, que ele representava em sua dramaturgia e no seu romanceiro, eram seres reais, com quem ele convivia todos os dias, desde a infância em Taperoá e depois, em todos os anos que viveu no Recife, produzindo arte e transmitindo em suas aulas a cultura brasileira, ensinando-os a respeito de conceitos como autonomia, resiliência e identidade.

Uma das mais extraordinárias personagens de seu universo mítico é o Chicó, de *Auto da Compadecida*, peça teatral, que se estrutura entre a elaboração literária e a tradição popular. Chicó é o arquétipo do mentiroso que não mente por maldade, porque a sua é a "Mentira de Deus", aquela que não prejudica ninguém, mas serve para tornar essa vida mais leve, menos enfadonha e menos sofrida. É o dom que o nordestino tem de numa condição tão adversa, ser alegre, gostar de festejar. Sempre que lhe perguntavam sobre qual era a sua personagem preferida, se João Grilo ou Chicó, respondia que era Chicó. Nessas ocasiões, Suassuna explicava que não era astuto como João Grilo, mas mentiroso como seu companheiro de aventuras, porque também mentia, já que era escritor e criava histórias. "Eu gosto do mentiroso que mente por amor à arte, o mentiroso lírico. " (SUASSUNA, 2008)

O escritor-professor admirava também os doidos, que à margem da sociedade, veem sempre as coisas e os fatos de uma maneira muito original. Suassuna acreditava que essa também é uma característica do escritor verdadeiro, que não indo atrás do lugar comum, procura o que tem de verdade por trás da aparência. Os doidos e os mentirosos seriam pessoas que, não contentes com o universo cotidiano, "inventam" outro. E numa analogia ao fenômeno literário, assim também se sucede com escritor, sujeito que recria realidades, que conta o que poderia ter sido, como definia Aristóteles em sua *Poética.* Sobre a sua relação com os mentirosos, Ariano Suassuna escreveu: " De todos, eu fui o único que se tornou profissional, o mentiroso profissional, "inventador" de histórias. (SUASSUNA, 2001, p. 48))

A obra teatral de Ariano Suassuna foi tecida a partir das tradições populares do Nordeste e da dramaturgia universal, em autores como Moliére, em *O Avarento*; Plauto, em *Aulularia*; Goethe, em *Fausto*; Cervantes, em *Dom Quixote de La Mancha* e tantos outros, pelo viés da perspectiva temática da comédia, baseada no herói picaresco da Literatura ibérica de origem popular , mas alicerçada na cultura do agreste do Brasil, com seus tipos: o

mentiroso, o trapaceiro, o bêbado, o doido e o palhaço, que darão origem ao "quengo" (uma recriação sertaneja do herói picaresco, de tradição ibérica)

Ariano citava, como sendo de grande relevância para a formação, tanto da Cultura como da Literatura brasileira, a Literatura portuguesa da Idade Média, com a sua novela de cavalaria, e também a novela picaresca, principal manifestação da Literatura da Renascença. Era apaixonado pelas tradições medievais, trazidas para o Brasil, durante a colonização, principalmente para o Nordeste. O historiador francês Georges Duby, que é especialista em Idade Média, período estudado e matricial para Suassuna, em seus cordéis, iluminogravuras, poesias e peças teatrais, define a arte como "expressão da sociedade em seu conjunto: crenças, ideias que se faz de si e do mundo. Diz tanto quanto os textos de seu tempo; às vezes, até mais. "

Numa de suas grandes matrizes, a obra de Cervantes, percebeu a convergência das duas vertentes: Dom Quixote, um aristocrata, como os heróis das novelas de cavalaria e Sancho Pança, um personagem popular da novela picaresca. Na primeira, há a presença do religioso e do fantástico; na segunda, onde aparece a figura do "pícaro", do ingênuo, emerge o realismo, e tal tipo de narrativa poderia perfeitamente se passar no Sertão do Brasil, onde há o folheto de cordel, que segundo Suassuna é a Literatura do povo do "Brasil real", que também evidencia o "pícaro", porém com outra denominação: o "quengo", que no linguajar do sertanejo é cabeça. E os personagens astuciosos, que provocam o riso e também a comoção, são chamados de "quengos", porque são espertos, de "cabeça boa" para armar "presepadas" e enganar os outros. No entanto, todas as artimanhas desses personagens têm como objetivo conseguir a "comida do dia". Sobre "pícaros" e "quengos", Suassuna afirmava que o "ser humano é o mesmo em todo o canto do mundo. Ele pode se expressar de modo diferente, mas é o mesmo ser humano". [16]

Suassuna fez uso da história oral nordestina e do Cordel para criar as personagens de seus romances e peças. E em seus textos, registra para provocar o riso os tipos oficiais do seu universo matricial, Taperoá, Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba, onde se desenrola a ação de quase todos os seus trabalhos. Ele dizia que toda cidade do sertão tem o seu bêbado, o doido, o mentiroso e o herege oficiais. Justificando-se, pela escolha do cômico, apesar da dura realidade do sertão, cita Moliére: "Não existe tirania que resista a uma gargalhada que dê três

[16] Citação extraída da Aula-espetáculo na FACAMP, em 2009, acessada em 22/08/2014, às 9:43 horas. Disponível em www.youtube.com/watch?=M3MSqbE2r04.

voltas em torno dela."[17]

Mas quando iniciou a sua produção teatral, Ariano Suassuna, não querendo imitar o teatro estrangeiro, voltou-se para a Literatura de cordel, que considerava 'uma expressão verdadeira do povo brasileiro. Participava de um grupo artístico o TEP, onde havia uma pequena gráfica, que um dia lhe encomendou uma peça de teatro para fazer um livro. Seria inicialmente uma peça de apenas um ato, mas Ariano acabou se empolgando e escreveu o *Auto da Compadecida*, que lhe consagraria nacionalmente. A peça foi escrita em vinte e poucos dias, a partir de três folhetos de cordel: *O Enterro do cachorro, A História do cavalo que defecava dinheiro* e *O Castigo da soberba.* A sua obra cômica revela assim o caráter da intertextualidade, que ocorre pela apresentação de um novo modo de leitura e reescrita.

Apesar de declarar o mentiroso Chicó como sua personagem favorita, Suassuna defendia João Grilo, que para ele vencia a fome, a injustiça, a opressão, os poderosos, na pessoa de Antônio Moraes, enfrentando a aristocracia rural sertaneja, a burguesia urbana sertaneja, na figura do padeiro, o padre, o bispo, o sacristão, "e enfrenta até as potências celestes, com quem dialoga de igual para igual. " (SUASSUNA, 1991) para o autor ele era a representação do povo forte e sofrido do sertão. Retratava João Grilo no ditado do Nordeste: "A astúcia é a coragem do pobre. "

"Por trás da festa do povo brasileiro e por trás da festa que consequentemente aparece nos meus livros, existe uma reivindicação ética e política inclusive, tá certo?"[18] Suassuna declarava em suas palestras pelo país, que muitos criticam o povo brasileiro por gastar o que não tem, para se enfeitar, por três dias, com as vestimentas das festas populares, mas ele dizia que tal costume é uma prova de grandeza e generosidade do nosso povo: "Isso é um protesto do sonho contra a injustiça. Eles estão mostrando com isso que têm direito a uma vida digna e justa."[19]

1.3.1. O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta

Muitos consideram o livro que narra a saga de Pedro Dinis Quaderna a obra-prima de Suassuna, que passou doze anos escrevendo-o em seu escritório na casa da Rua do Chacon,

[17] O dramaturgo francês e grande mestre da comédia satírica, Moliére, citado por Ariano Suassuna, durante a Aula-espetáculo ministrada na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, em Brasília, em junho de 2013, acessada em 02/09/14. Disponível em ww.cultura.df.gov.br.
[18] Citação extraída do Programa Suassuna Especial – parte 1, TV Assembleia do Rio Grande do Norte, em 2005.
[19] Idem.

conciliando sua redação com as aulas na UFPE. Como sempre, ao produzir uma obra, primeiro produzia o manuscrito, fazia revisões, depois o datilografava e o ilustrava. Em 1971, finalmente resolveu que o seu *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* estava pronto para publicação. Na época, foi saudado como a grande obra da ficção nordestina após o ciclo do romance regionalista da década de 1930. O poeta Carlos Drummond de Andrade o recepcionou escrevendo: "Extraordinário romance-memorial-poema-folhetim que Ariano Suassuna acaba de explodir. Ler esse livro em atmosfera de febre, febril ele mesmo, com a fantasmagoria de suas desventuras, que trazem a Idade Média para o fundo Brasil do Novecentos..." [20]

A narrativa, um misto da épica e lírica, foi inspirada em um episódio, ocorrido no Século XIX, no município de São José de Belmonte, na Serra do Catolé, no Sertão do Pajeú, a quatrocentos e setenta quilômetros do Recife: O Movimento Sebastianista de Pedra Bonita. Para compreendê-la reportemo-nos à história do nosso país e de suas raízes ibéricas.

Durante os primeiros séculos do Brasil-colônia, muitos portugueses vieram para o Brasil, em busca do sonho de "um novo mundo". Alguns fixaram residência no Nordeste brasileiro, e trouxeram consigo a sua cultura do outro lado do que Alberto da Costa e Silva chamou de "um rio chamado Atlântico". Assim, chegaram nas terras brasílicas com os seus costumes, crenças e mitos, como o Sebastianismo. Dom Sebastião foi o rei de Portugal e dos Algarves, de 1557 até o seu desaparecimento, aos 24 anos, em agosto de 1578, em combate no Marrocos, durante a Batalha de Alcácer-Quibir. Ele ascendera ao trono aos 3 anos de idade, após a morte do avô, o rei João III, porque seu pai, o príncipe Dom João, havia morrido 20 dias após o seu nascimento. Deram-lhe o nome porque nascera no dia de São Sebastião, em 20 de janeiro.

Após o seu desaparecimento, iniciou-se uma crise política na Península ibérica porque ele não deixará descendentes e o seu parente mais próximo era Dom Filipe I, rei de Espanha, que unificou os dois países, no período conhecido por "União Ibérica", que teve a duração de sessenta anos, culminando com a perda da independência de Portugal e de sua identidade enquanto nação. Foi então que o povo português viu nascer uma lenda, de que numa manhã de nevoeiro, Dom Sebastião voltaria para Portugal, restaurando a nação. Seria o salvador que resgataria os lusitanos das mãos dos castelhanos usurpadores, tal qual ocorrera na Inglaterra, com o rei Artur. Ao nascer, Dom Sebastião ficara conhecido como "o desejado", no qual os portugueses depositavam as esperanças de fazer do país um "império universal", com base no

[20] - Comentário do poeta Carlos Drummond de Andrade para a contracapa do romance de Suassuna,em1971.

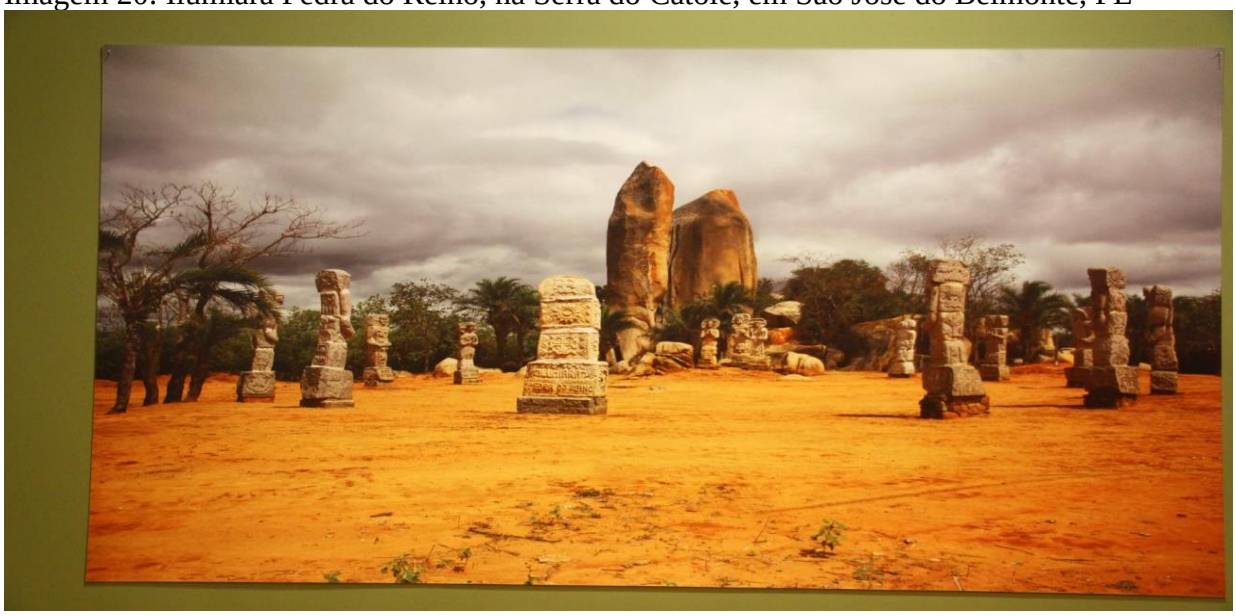
Cristianismo. Após o seu desaparecimento, passou a ser conhecido como o “rei adormecido”.

Assim, a sua história e o seu mito atravessaram o Atlântico, chegando até o sertão do Brasil, onde encontrou espaço na religiosidade popular da gente simples de São José de Belmonte, no Sertão do Pajeú, em Pernambuco. Lá, em 1838, o mameluco João Antônio dos Santos intitulou-se rei e espalhou a crença de que o rei Dom Sebastião havia sido encantado na Pedra Bonita (atualmente Pedra do Reino). Ali havia dois monólitos que deveriam ser regados com sangue humano para acabar com o encantamento. Quando ressurgisse, Dom Sebastião ressuscitaria os mortos no sacrifício e acabaria com a pobreza e a opressão dos poderosos. Para lá, além dos habitantes da localidade, acorreram também pessoas de outros municípios, como vaqueiros e agricultores, formando uma espécie de povoado em torno das duas grandes pedras. Para regá-las com sangue, as pessoas sacrificavam cães, familiares e mães ofereciam seus filhos. Foram 3 dias de carnificina (14,15 e 16 de maio de 1838):

> Finalmente, marcou João Ferreira o dia para iniciarem os sacrifícios necessários ”a quebrar de vez, este cruel encantamento”, e a 14 de maio de 1838, seu próprio pai foi o primeiro que correu a se oferecer a Carlos Vieira, que com um facão afiado, lhe cortou cerce a cabeça. Começou o morticínio inenarrável, que prosseguiu nos dias 15 e 16, com a turma em estado de grande exaltação. No fim do terceiro dia, as bases das duas torres tinham sido regadas com sangue de trinta crianças, doze homens, onze mulheres e catorze cães. (VALENTE, 1963, p. 86)

Uma tropa policial invadiu o local para combater os fanáticos sebastianistas, armados do que dispunham, como paus e facas, mas acabaram por serem esmagados, findando o movimento. No local, anualmente ocorre a Cavalgada da Pedra do Reino.

Imagem 20: Ilumiara Pedra do Reino, na Serra do Catolé, em São José do Belmonte, PE



Fonte: Foto do acervo da família Suassuna, que fez parte de evento em homenagem ao Movimento Armorial, no CCBB.

O romance é dividido em cinco livros e oitenta e cinco folhetos, numa homenagem ao Romanceiro popular do Nordeste, e alguns deles têm inclusive títulos inspirados na Literatura de Cordel. É narrado em primeira pessoa, pela personagem Pedro Dinis Ferreira Quaderna, que se encontra preso na cadeia de Taperoá e nos conta a sua história. Há muitos fatos em sua vida que podemos perceber serem baseados na biografia de Ariano Suassuna, apesar de não se tratar de uma obra autobiográfica, o que se daria mais tarde no *Romance de Dom Pantero* no *Palco dos Pecadores.*

No decorrer da narrativa, o leitor mergulha na saga de Quaderna e vislumbra o seu universo através das ilustrações do escritor, que com elas fazia sua estreia como artista plástico. Inicialmente, seria o amigo Francisco Brennand o encarregado dessa missão, que achando que as figuras deveriam seguir a poética das xilogravuras das capas de cordel, sugeriu que Suassuna convidasse Gilvan Samico para realizá-las. No entanto, naquele momento, samico encontrava-se na Espanha, e Brennand que já conhecia mais essa faceta do escritor, disse que ele então fizesse as ilustrações do próprio romance. Desse modo, Suassuna foi descobrindo o seu potencial como artista plástico, baseando-se em emblemas, ferros, brasões e desenhos dos povos originários, encontrados em vários sítios arqueológicos nordestinos.

Apesar da publicação em 1971, a saga de Quaderna fora concluída em 1970, juntamente com a mais relevante contribuição de Ariano Suassuna para a cultura brasileira, o Movimento Armorial. A obra foi adaptada como uma minissérie, pela Rede Globo, em 2007, em homenagem aos oitenta anos do escritor, com as locações feitas em Taperoá, com escalação dos próprios moradores como parte do elenco e assistentes de cena, com direção de Luís Fernando Carvalho, que na ocasião, declararia: "Na transposição para as imagens, eu me agarrei às entrelinhas do próprio texto, em que há uma boa dose de alquimia ungindo aquilo tudo (...) Uma aproximação com o universo Armorial, com muita delicadeza."(2007, p.21)

Alguns artesões vieram de Pernambuco, como o artista plástico Dito Luz, que trabalhou na preparação cênica e na confecção dos quarenta e um cavalos para as filmagens, juntamente com Manuel Dantas, filho de Suassuna. Durante as filmagens, ele testemunhou como aquele evento teve o poder de impactar a vida dos habitantes pobres daquela localidade, trazendo-lhes empregos, entretenimento, interações, orgulho e perspectivas de vida como nunca havia acontecido. Dito Luz, em 21 de julho de 2019, em entrevista realizada para esta pesquisa, nas ruínas do primeiro convento das Américas (Convento de Santo Amaro da Água

Fria dos padres oratorianos, fundado em 1630), nos relatou que pessoas muito simples, por conta da remuneração recebida por participar das filmagens, puderam se casar e até planejar o nascimento de filhos. Ele disse que foram tempos de muita emoção e renovação para aquela gente do "Brasil real", os taperoaenses.

De acordo com Newton Júnior, Ariano não participou da produção diretamente ou oficialmente. Mas empenhado como era, esteve lá, visitando e conversando com os artistas. "Ariano tinha uma relação muito forte com Taperoá, que nem sempre correspondeu institucionalmente, em termos de política. " O *Auto da Compadecida* não teve permissão para ser rodado lá, uma vez que o prefeito era oposição à família Suassuna.

Imagem 21: Ariano Suassuna e dona Zélia, na cavalgada anual da Pedra do Reino, na Ilumiara Pedra do Reino.

Fonte: Acervo da família Suassuna.

1.4. – surge o educador – um brincante por natureza

> Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. (Manoel de Barros, 2017)[21]

Em sua obra *A Educação na Cidade*, o professor Paulo Freire afirma que "ninguém começa a ser educador numa terça-feira às quatro da tarde", porque segundo ele, a pessoa se faz e se forma como educador. E isso é, ao longo da existência, um processo permanente de reflexão e prática. De acordo com o artista plástico, diretor de arte e cenógrafo Manuel Dantas Suassuna, filho do escritor, o amor pela docência e a descoberta desta vocação surgiu ainda na infância do pai, em Taperoá, numa escola muito simples, na década de mil novecentos e trinta, quando ele fazia o primário, pelo antigo sistema seriado, ou seja, alunos de várias idades, de vários níveis numa mesma classe. Assim, Suassuna que era um dos mais novos,

[21] - Pensamento extraído do periódico eletrônico Movimento (UFF), movimentorevista.com.br, em novembro de 2017.

assumia a turma, quando o professor Emídio Diniz precisava ausentar-se, e ensinava aos colegas. Era o sertão da Paraíba, em tempos de seca muito intensa e de extrema desigualdade social que marcariam profundamente o futuro escritor-professor. De acordo com o professor e ensaísta espanhol Jorge Larrosa Bondia, para quem o conceito de experiência tem a ver com paixão: "É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. " (BONDIA, 2002, p. 28) um dia, Suassuna passou a reparar em três irmãos, seus colegas de classe, que tinham muitas dificuldades no aprendizado e na hora do recreio, nem brincavam, nem merendavam. Ariano Suassuna descobriu que eles eram muito pobres e passou então a dividir o seu lanche todos os dias com os três meninos. Mais tarde ficou sabendo que aquela era a única refeição que às vezes eles tinham no dia. E segundo Manuel Dantas Suassuna, décadas depois, o pai ainda lamentava com tristeza: "- Eu podia ter dito a minha mãe que botasse mais pão. Teria sido melhor. "

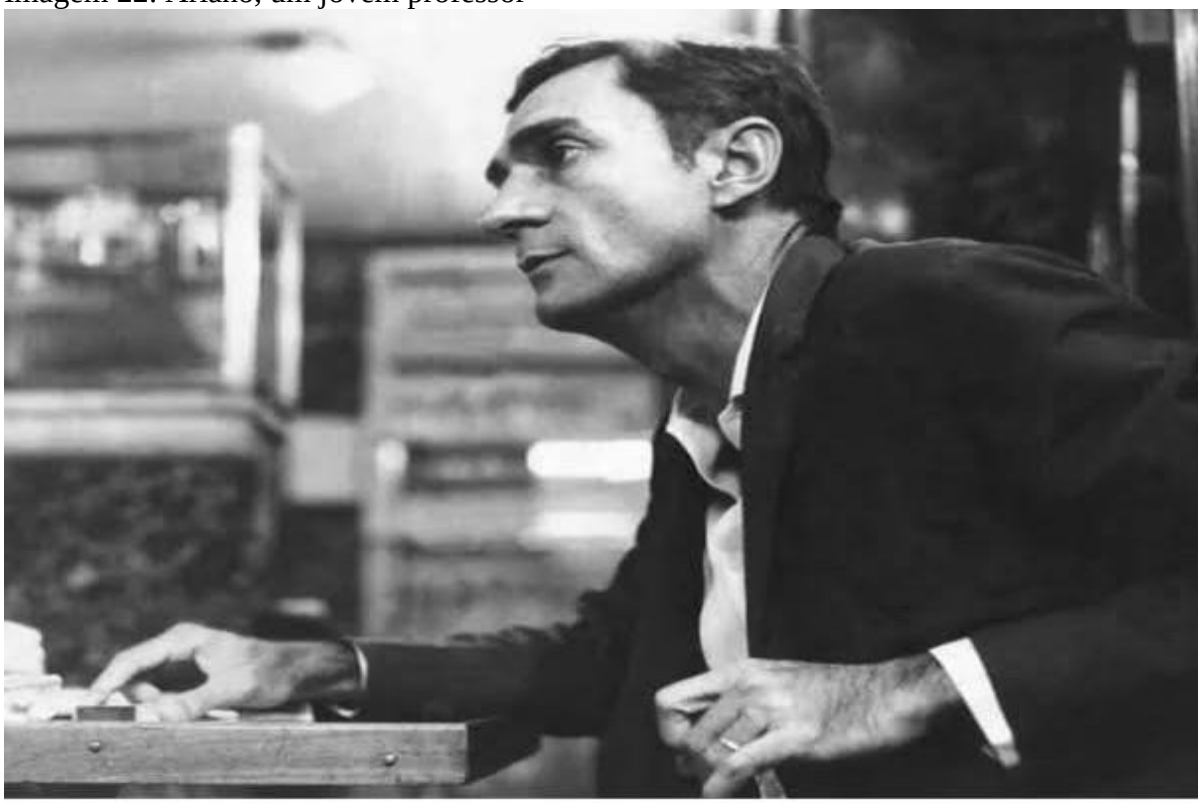
Ariano Suassuna estreou como professor de Língua portuguesa aos dezessete anos, no SESI (Serviço Social da Indústria) do Recife, onde anos mais tarde tornar-se-ia diretor do Departamento cultural. Já naquela época, usava a Literatura, uma de suas grandes paixões, para fundamentar sua docência e despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento

Em 1957, ingressou, paralelo ao seu processo de escrita, naquela que seria sua verdadeira a vocação, o magistério, tornando-se o professor Ariano Suassuna, na então Universidade do Recife, que seria a partir de 1967, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lecionando a disciplina Estética, até 1973.

Além de Estética, lecionou ainda nessa instituição Teoria *do Teatro, Filosofia da Arte, Literatura brasileira e História da Cultura brasileira*, aplicando sempre a Literatura com as Ciências sociais. "Eu tenho voz baixa, feia e rouca é por isso que eu escrevo para o teatro, para botar os outros para falar por mim. " [22] Mas isso nunca o impediu de ser o professor dinâmico, competente e divisor de águas nas vidas de seus alunos. Suas aulas eram festas, espetáculos, como se a sala de aula fosse um picadeiro circense: Em tais momentos, quando em mim predomina o "hemisfério Palhaço", não é que eu esqueça o abandono e a pobreza em que vive meu povo: é que vejo na Festa dos pobres um belo e altivo protesto do Sonho contra a feiura e a cinzentice da dura vida que lhes é imposta, de maneira injusta. (SUASSUNA, 2014, p. 53)

[22] - Aula-Magna à Universidade da Paraíba, 1994, p. 20

Imagem 22: Ariano, um jovem professor



Fonte: acervo da família Suassuna.

Como professor, Ariano Suassuna, que se dizia um palhaço frustrado, um missionário da Arte brasileira, transformava o ambiente natural da sala de aula da Universidade Federal de Pernambuco, pela sua "Educação pelo riso", por uma "Pedagogia da festa", tendo como consequência a inevitável transformação das vidas que tocava. Compreendia ainda, que aqueles sujeitos sociais que chegavam a ele, na condição de alunos[23], também eram as "Pessoas extraordinárias" de Hobsbawm que faziam parte do processo histórico, com toda a relevância de suas práticas sociais. Sobre os dois primeiros conceitos acima mencionados, que caracterizam a prática educativa do mestre, fundamentada em ações contrárias ao que Paulo Freire chama de "Pedagogia tradicional bancária" seguem algumas considerações

Inicialmente, passemos a compreender o que significa essa tal "Pedagogia tradicional bancária", sinalizada por Freire, que traduz a metodologia educacional das instituições, baseada na reprodução do conhecimento. Por ela, a educação se torna um ato de depositar, em que o educando são os depositários e o educador o depositante:

[23] - Aluno é uma palavra de origem latina *Alumnus "criança de peito, latente, menino, discípulo"* segundo Houaiss, em seu Dicionário etimológico, mas outros dão erroneamente à palavra o significado de "sem luz". Ao lermos Paulo Freire, percebemos o quanto estão equivocados os que pensam assim, pois todo educando, ao chegar à escola, traz em si uma bagagem, jamais sendo um papel em branco onde os professores escreverão novos conteúdos.

> Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção "bancária" da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora das práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam, na medida em que, nesta distorcida visão da educação não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 33)

Em sua obra *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire propõe que o grande educador deve deixar de lado esse tipo de pedagogia e partir para uma educação realmente significativa, que leve em conta a "Palavramundo", ou seja, todo o saber que o aluno traz consigo de sua vida pessoal, familiar e em sociedade, antes de estar sentado diante do professor.

O que é relevante é que o docente não é obrigado a segui-la, fazendo a diferença no processo ensino-aprendizagem com suas ações pedagógicas que possibilitam no aluno a autonomia, a liberdade responsável, a democraticidade e a solidariedade para a vida em sociedade.

"A Educação pelo riso" apresenta-se como a realização desse diferencial pedagógico do professor Ariano Suassuna, vivenciada em suas aulas na Universidade, que eram "como um redemoinho forte a rasgar as folhas dos velhos manuais de didática que a maioria dos professores seguia por comodismo ou limitação intelectual. " (JÚNIOR, 2014, p. 64) Essas são considerações feitas pelo professor Carlos Newton Júnior, que teve o privilégio de ser seu aluno, na UFPE, ao registrar que as aulas do seu mestre sempre foram "aulas-espetáculo", antes mesmo da nomenclatura surgir denominando o projeto cultural do posteriormente secretário de cultura do Estado de Pernambuco. E o ex-aluno e grande estudioso da trajetória profissional e artística do professor Ariano ainda ressalta a sintonia da "metodologia" dessas aulas com os postulados pedagógicos de Paulo Freire, por se guiarem pelos mesmos princípios humanísticos que fundamentaram o pensamento do grande amigo.

Podemos ainda perceber o professor Suassuna como um mediador cultural, fundamentando-nos no pesquisador Jenesis Genuncio, cuja pesquisa de doutorado sobre mediações e práticas culturais buscou analisar "a interação possível entre o mundo da cultura e o da educação, para a transformação deste mundo em outro mais solidário. " (2018), quando voltamos o olhar para suas aulas, que foram todas aulas-espetáculo. Em sua prática docente,

encontramos em Ariano, um mestre "buscando dar visibilidade às vidas, que muitas vezes não têm relevância política ou estética, na pólis (des) encantadora a qual é necessário incorporar novos sentidos para o que se chama esfera pública, comunidade ou mesmo humanidade. " (GENUNCIO, 2018, p. 21). Inferindo que a educação escolar e o meio social exercem ação recíproca e permanente, o pesquisador ainda analisa como a educação é pensada de forma idealística pelos educadores otimistas, "considerando-a muito influente, capaz de mudar por si só as práticas sociais. " (GENUNCIO, 2018, p.28)

Ariano Suassuna, que era um palhaço-professor, um ator-professor, era ainda um "brincante", termo cuja definição, de acordo com o *Michaelis, Dicionário Brasileiro de Língua portuguesa*, é "aquele que brinca, brincador". Brincante significa ainda um estado de graça, um expressar-se para o coletivo. No Nordeste, o termo designa os artistas populares que se dedicam aos folguedos tradicionais (Cavalo marinho, Mamulengo, Bumba-meu-boi, Frevo, Reisado, Maracatu), onde podem cantar, dançar e tocar instrumentos. Brincar é uma necessidade ontológica que se estende ao longo da vida. Segundo Mikhail Bakthin, brincar é uma atividade situada no entrever entre arte e vida, o que como educador, Suassuna evidenciava no cotidiano das salas de aula e nas itinerantes aulas-espetáculo, como artista multifacetado, um professor ao fazer uso de toda sua versatilidade.

O professor Suassuna era um "brincante" por natureza, como observa o artista plástico Dito Luz, recordando-se de uma aula-espetáculo de cuja cenografia participou, no Teatro Luís Mendonça, no Parque Dona Lindu, em Boa Viagem. Segundo ele, Ariano Suassuna não precisava de *script*, e "segurava" a plateia durante duas, três, quatro horas seguidas, com a sua alegria, brincadeiras e erudição, além dos números de dança e de música que proporcionava nesses eventos, tudo dentro do contexto do Armorial. Como "brincante", convocava o público para brincar junto, e não para assisti-lo, usando da "Pedagogia da festa" para transmitir conhecimento. Nas palavras da pedagoga Maria Amélia Pinho Pereira, "Brincar é usar o fio inteiro de cada ser. Quando você está usando o seu fio inteiro, você está brincando. E é profundamente sério isso! "

A "Pedagogia da festa" é um conceito formulado e desenvolvido pelo professor Mauro Fernandes dos Santos, em sua tese de Doutorado em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), *A Pedagogia da Festa: Memórias de Animadores Culturais e de Professores no CIEP Mª Joaquina de Oliveira* e *CIEP Brigadeiro Sérgio Carvalho (2021)*. No escopo de sua pesquisa, o autor registra a sua experiência como professor de Sociologia, compartilhada com outros docentes e animadores culturais, em dois Centros Integrados de

Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro, na qual ao perceber que a alegria, que também é forma de resistência, contribui para o aprendizado, resolveu não seguir os moldes de uma educação "bancária", passando a utilizar o teatro, a música e a dança para aperfeiçoar uma prática pedagógica comprometida com a construção de uma escola humanista.

Imagem 23: Boneco-mamulengo do professor e brincante Ariano Suassuna, no Centro Histórico de Olinda (PE).

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, foto de Robin Moreira Machado.

Nesse sentido, inferindo que "o educador não deve cair na ingenuidade do seu fazer" (SANTOS, 2021, 81), constata que tais manifestações artísticas, ao serem utilizadas como veículos facilitadores do ensino-aprendizagem de conteúdo, contribuem pedagogicamente para o aprendizado. Citando a palavra *Kizomba* (festa ou celebração, em Iorubá, língua do Povo nagô), o autor nos apresenta a sua "Pedagogia da festa", que " é toda e qualquer atividade lúdica, física ou cultural que contenha o espírito da festa e tenha objetivo pedagógico" (SANTOS, 2021, p. 104) como roteiro para atividades lúdicas e dinâmicas praticadas no espaço escolar, como forma de ensinar e atrair os alunos, contribuindo significativamente para sua aprendizagem.

Assim, apresentados os conceitos de "Educação pelo riso" e "Pedagogia da festa", que nos fazem repensar essa "educação bancária" da qual nos advertiu Paulo Freire, que surgiu de uma pedagogia sem esperança, que oprime, que nos afasta da comunhão na qual os homens finalmente se libertam, podemos melhor delinear e compreender o educador que foi Ariano Suassuna, que utilizando a sua arte, a sua alegria, o seu comprometimento com a educação e a cultura do povo do "Brasil real", transmitiu saberes que caracterizaram ensino-aprendizagem como prática de liberdade.

1.5 – Suas redes de sociabilidade – “Que eu não perca a vontade de ter amigos! ”

> “Que eu não perca a vontade de ter amigos, mesmo sabendo que, com as voltas do mundo, eles acabam indo embora de nossas vidas.” (Ariano Suassuna, 2022)[24]

O cidadão, o artista, o professor Suassuna sempre teve amigos, e muitos deles foram mais do que companheiros de aventuras: foram parceiros na vida, na estrada de mão dupla que se chama cidadania, na arte e na preocupação com a cultura do país, e na carreira profissional. Por isso, ao final deste primeiro capítulo da pesquisa que trata de tecer uma biografia do mestre, serão citados alguns nomes que fizeram parte de suas redes de sociabilidade ao longo da vida e carreiras. A pesquisadora Vavy Pacheco Borges afirma que “o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações deve-se atentar para os condicionamentos sociais do biografado, o grupo ou grupos em que atuava, enfim, em todas as redes de relações pessoais que constituíam seu dia-a-dia.” (2008, p. 222). É preciso vê-lo em movimento.

As redes de sociabilidade formadas por pessoas de qualquer faixa etária ou classe social, sejam elas pessoas do povo, profissionais liberais, artistas, educadores ou políticos, organizam-se em lugares, épocas, contextos históricos, e não apenas possuem importância porque propõem aspectos inclusive afetivos, mas também porque representam um engajamento nas redes de relações nas quais o sujeito encontra-se envolvido e atua:

> Não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço possível. (BOURDIEU, 2006, p.p.183-191)

Sirinelli aponta-as, definindo o tempo como um aspecto importante, a partir da história dos intelectuais e suas relações de engajamento com a sociedade: Dirigir as funções de ator, ao lado de outros agentes do jogo político, testemunho ou, que refrata e esclarece, por decantação ou por amplificação – as tensões e os desafios de seu tempo. Indiretamente, como a consciência do seu tempo: neste caso, não é apenas um tempo dos microclimas intelectuais ou o barômetro de ar dos tempos políticos; ou torna-se em um papel que também pode ser passivo, um agente das massas de ar cultural, o que determina instalação de grandes zonas de época ideológica. (1986, p.99)

---

[24] - Pensamento encontrado no site **Pensador**, publicado em 2022, https://www.pensador.com

Ainda de acordo com o autor, que ao abordá-las, propõe um programa de investigação a ser desenvolvido a partir da utilização das noções de itinerário ou trajetórias, a reconstrução destes itinerários pode ser lograda através da biografia e pelo estudo de um grupo de indivíduos que tiveram percursos inicialmente homogêneos. A seguir, destacaremos alguns nomes relevantes em suas redes de sociabilidade, que ao longo de décadas da História sociocultural do país, em especial da Região Nordeste, da Cidade do Recife, permearam sua prática como cidadão, professor e artista. Ariano Suassuna tinha um ciclo muito grande de amigos, além da família, que sempre conviveu muito próxima. Relatou a sobrinha, a professora Lívia Suassuna, em 2022, relembrando a infância, que " nas festas de aniversário, se a gente chamava só a parentada, já ficava de bom tamanho. As festas praticamente congregavam a família. "

Muitos nomes foram citados, durante as entrevistas com A esposa, Dona Zélia, a filha Ana Rita e o pesquisador e amigo Carlos Newton Júnior. Essas redes de sociabilidade se formaram no Recife, entre os anos de 1940-60, durante suas mocidades, no panorama social e cultural daquela cidade às margens do Capibaribe, e não tão distante do Sertão, e adentraram o Século XXI. Entre os nomes citados pelos entrevistados, foram constantes os seguintes: o ceramista Francisco Brennand e sua esposa, a poetisa Déborah Brennand, colegas da faculdade de Direito, como os poetas José Laurênio de Melo (tradutor e editor) e Gastão de Holanda, Hermilo Borba Filho, cuja paixão comum pelo teatro, o levaria a fundar, com Ariano o TEP (Teatro do Estudante de Pernambuco, em 1946) e Aloísio Magalhães, grande nome das artes plásticas de Pernambuco. Ele também criou com Ariano, José Laurênio de Melo, Gastão de Holanda e Orlando da Costa Ferreira " O Gráfico Amador", ateliê e editora experimental (1954-1961), que se tornou um marco do design gráfico brasileiro, ao produzir pequenas tiragens de qualidade visual e gráfica.

Nas entrevistas, são citados também Dom Hélder Câmara, Capiba, César leal, Abelardo da Hora, Gilvan Samico, Miguel Arraes e a filha Ana Arraes, juntamente com o esposo Maximiano Campos (poeta e jornalista) e seu filho, Eduardo campos, que foram também vizinhos da família Suassuna. Os músicos Antônio Madureira e Antônio Nóbrega, que criaram com o professor Suassuna o Quinteto Armorial, na década de 1970. Na área da educação, Paulo Freire, Ângelo Monteiro e Jarbas Maciel, que se aproximou de Suassuna durante sua graduação em Filosofia, na UFPE, tornando-se ali, posteriormente professor do curso e participando da gênese do Movimento Armorial. Sirinelli registra que grupos de

intelectuais costumam se formar em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural, nos quais encontramos afinidades mais difusas, porém igualmente determinantes.

O professor Carlos Newton Júnior nos relata ainda que, com a projeção nacional de Ariano, após se tornar conhecido com o *Auto da Compadecida*, outras amizades surgiriam, como com os escritores Rachel de Queiroz e José Cândido de Carvalho. Aliás, depois de ser seu aluno, o próprio Carlos Newton tornar-se-ia um amigo, colega de trabalho em seus projetos culturais, e pesquisador de sua obra.

Sobre o tema das "estruturas", ou "redes de sociabilidade", o professor e historiador francês, especialista em história política e cultural do Século XX, Sirinelli registra que elas são como ferramentas que possibilitam uma explicação para compreendermos a dinâmica e a organização do mundo intelectual, com suas amizades e inimizades, vínculos e tomadas de posição. Os intelectuais seriam os mediadores da cultura, agindo como professores, jornalistas, artistas, eruditos, além de serem também sujeitos históricos. Muitos deles, com seus engajamentos políticos. Assim, Suassuna, desde a adolescência, como estudante no colégio interno, no secundário, depois na faculdade de Direito do Recife, escrevendo para jornais, fundando grupos de teatro, na maturidade, lecionando na universidade, desenvolvendo seus projetos culturais, participou de vários grupos sociais do Recife, entre a década de 1940 e 2014.

O termo "rede" pode abranger relações que se dão entre indivíduos, expressando discordância, simpatia e amizade, ou até rivalidades e ressentimentos, que aproximam ou distanciam aqueles que pertencem a um grupo de sujeitos sociais:

> As "redes" secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo "redes" que estruturam e "microclima" que caracteriza um microcosmo intelectual particular. (SIRINELLI, 2003, ps. 252-253)

Sem desmerecer a importância de todas essas pessoas, com suas presenças e interações pessoais e profissionais na vida do professor Suassuna, foram nesta pesquisa, selecionadas apenas algumas, até pelo cuidado com a extensão do texto, e uma vez que a cada passo que se dava na busca de dados sobre a vida dele para a realização desta pesquisa, esbarrava-se por assim dizer também em suas existências como cidadãos, artistas ou mestres. Ao se investigar a biografia do professor, lá estavam as deles, mesclando-se como uma verdadeira rede de influências, parcerias, admiração e afetos. Estavam todos ali, no "caminho", na memória, que levava à compreensão e à percepção da trajetória do professor Suassuna.

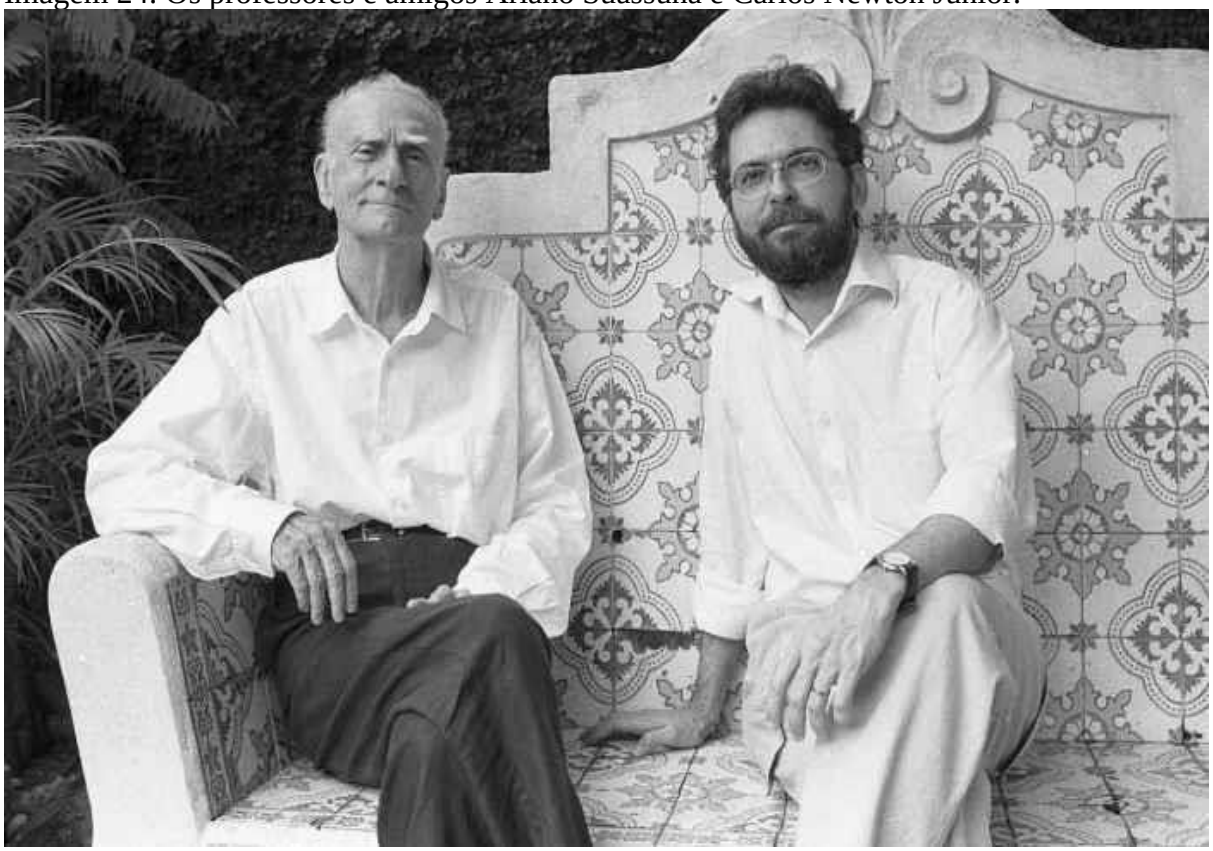
Carlos Newton Júnior

O **pernambucano** Carlos Newton de Souza Lima Júnior é Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco, onde encontra-se atualmente lotado no Departamento de Artes, como professor de *Estética e História das* Artes. Realiza pesquisas em Literatura, Estética, História das Artes, Crítica de Arte, Teatro e sobre Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. No universo das Letras, produz vasta obra como poeta, ficcionista e ensaísta, sendo considerado o maior pesquisador brasileiro da vida e obra de Ariano Suassuna. Teve o privilégio de ser seu aluno, colega de trabalho, amigo pessoal, e o professor Suassuna o considerava o seu sétimo filho. Pode-se dizer que faz parte da sua família afetiva, literária e profissional. Ao longo da infância e adolescência, Newton Júnior morou em várias cidades brasileiras por conta da carreira profissional do pai. Em março de 1984, passou a frequentar a Universidade Federal de Pernambuco, cursando Arquitetura, quando teve Ariano Suassuna como seu professor de *Estética,* uma das disciplinas obrigatórias, de quem recebeu grande influência na vocação para o Magistério e para a Literatura. ”até então, eu o conhecia apenas pelo Auto *da Compadecida*, quando assisti a uma montagem da peça, no colégio, durante o segundo grau, e Ariano compareceu e sentou-se na fileira em minha frente. ” Newton Júnior nos contou esse primeiro encontro, durante a nossa entrevista. “Tínhamos lá um bom grupo de teatro. O Joao Grilo foi interpretado por um aluno, o Tuca Andrada, que depois fez carreira como ator. ”

Entre 1986 e 1989, na Universidade Católica de Pernambuco formou-se em História. Logo após concluindo uma especialização em Teoria da Arte (Artes Plásticas), na UFPE. No ano seguinte, 1990, iniciou sua carreira de professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Departamento de Arquitetura, onde em 1996 tornou-se mestre em Literatura Comparada. Com a publicação de um conto, *O Galo*, iniciou sua carreira literária e foi presidente da Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte por três mandatos. Em 2002, fez o seu doutorado em Literatura Brasileira, na UFPE e em 2007, já tendo retornado ao Recife, foi convidado por Ariano Suassuna, seu antigo mestre e amigo, que retornava como secretário, durante a gestão de Eduardo Campos, à frente da Secretaria Especial de Cultura, a assumir a Diretoria de Literatura e Artes da Secretaria de Cultura, percorrendo o Brasil com o seu ex-professor nas aulas-espetáculo, agora então como colega de trabalho. Em 2008, passou a lecionar na Universidade Federal de Pernambuco, lotado no então Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística. Além da relevância para a

Literatura brasileira contida em sua vasta obra de poeta e ensaísta, Newton Júnior organizou e prefaciou várias das obras do professor Suassuna. Atualmente, qualquer pesquisador de Ariano Suassuna que chega no Recife para coleta de dados, o primeiro nome sugerido como "fonte viva" nessa matéria é o do professor Carlos Newton Júnior. Durante a entrevista, nos explicou como tal missão foi sendo traçada: " Isso aconteceu de uma maneira muito natural. Como eu me interesso pela obra dele, acabei procurando conhecer. Há trinta anos que convivo com isso. E desde 2017, venho revisando toda a sua obra. " Ele é o organizador de muitas delas, escrevendo inclusive o prefácio de várias, como *O Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* e *A Pensão de Dona Berta e outras histórias para jovens*, esse último publicado em 2021.

Imagem 24: Os professores e amigos Ariano Suassuna e Carlos Newton Júnior.



Fonte: Foto de Gustavo Moura.

Capiba

O pernambucano Lourenço da Fonseca Barbosa, mais conhecido como Capiba (28/10/1904 - 31/12/1997), foi um músico, pianista e compositor brasileiro que se tornou o mais conhecido compositor de frevos do Brasil. Capiba nasceu em Surubim, numa família de

músicos e assim, apesar de ter sido jogador de futebol e funcionário do Banco do Brasil, consolidou-se mesmo no universo das canções carnavalescas. Entre seus grandes parceiros de composições, podemos citar nomes ilustres como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira e Ariano Suassuna, de quem foi um grande amigo, compadre e companheiro em muitas produções culturais, incluindo a fundação do Movimento Armorial, em 1970. Juntos, compuseram a canção "São os do Norte que vêm" e "Cantiga de Jesuíno", ambas de 1967. Conheceram-se porque Capiba era amigo dos irmãos mais velhos de Suassuna, Saulo e João Suassuna. Os três, companheiros de faculdade, moravam juntos, numa pensão, em Recife, e juntos tinham criado o grupo musical "Bando Acadêmico do Recife", quando aconteceu o primeiro encontro, ainda na infância de Ariano:

> Conheci o menino Ariano Suassuna quando ele tinha uns dez ou doze anos, na pensão de dona Berta, mãe de Noel Nutels, Na Gervásio Pires, Boa Vista. O que realmente me impressionou nele foi o enorme gosto que tinha pela leitura. Lembro da aparição do filme *E o vento levou*, um estrondoso sucesso na época, e de Ariano pegando o livro homônimo, abrindo uma esteira no chão, e dali só se levantando depois de terminar de ler as quinhentas e tantas páginas.(CAPIBA, 1995)[25]

Assim, impressionado com a musicalidade do compositor e a capacidade que ele possuía em desempenhar composições em diversos gêneros musicais, Suassuna escreveria, aos 24 anos, um ensaio sobre a obra de Capiba. Durante o período como secretário de cultura de Pernambuco, no governo de Eduardo Campos (na campanha política dele como candidato, em 2006, Suassuna escolhera a canção de Capiba, "Madeira que cupim não rói", como hino da vitória do candidato), o professor Suassuna dedicou várias de suas aulas-espetáculo ao amigo. Uma delas foi em Recife, em 2011, que apresentava como mote[26] a música de Capiba, quando Suassuna ocupava o cargo de Assessor especial do Governo de Pernambuco. O título era "Tributo a Capiba", trazendo Antônio Madureira como diretor musical, e que após ter sido apresentada no Teatro Luís Mendonça, viajou por muitas regiões de Pernambuco, sendo assistida por mais de 30 mil pessoas. Nessa aula-espetáculo, Suassuna frisou a atitude revolucionária de Capiba, de musicar obras dos grandes poetas brasileiros, como os já citados como parceiros, e também Castro Alves e Carlos Pena Filho, de quem musicou "A mesma rosa amarela" como frevo-canção, em 1960, que mais tarde, durante a Bossa Nova, seria gravado por Maísa. Essa aula foi reapresentada em várias ocasiões, como

[25] - Informação disponível no Jornal Diário de Pernambuco, Recife, 7/10/1995.
[26] - Motes são versos de outros poetas que aparecem ressignificados em outras produções.

em Olinda, em novembro de 2012, no encerramento da Importo. O evento foi ao som do Choro, Maracatu rural, música erudita e canções de Natal. Enquanto no palco, músicos e bailarinos executavam obras de Capiba, Suassuna as ia explicando, falando do amigo, contando suas histórias e anedotas.

Em setembro de 2013, após ter sofrido um infarto, Suassuna afastou-se por alguns meses de suas atividades culturais, mas em dezembro foi com mais uma homenagem ao amigo que Suassuna realizou mais uma aula-espetáculo, mais um " Tributo a Capiba", evento ocorrido no Centro de Convenções de Olinda, para apresentar a uma plateia de professores da rede pública estadual de ensino de Pernambuco as suas peças musicais como "Voltei Recife", "Maria Betânia" e "Madeira que cupim não rói", e histórias sobre a vida de Capiba e sua genialidade, emprestando sua musicalidade a poetas famosos da nossa Literatura. As peças musicais eram cantadas, tocadas e dançadas pelo "Grupo Arraial", criado por Suassuna. Aliás, no dia 18 de julho de 2014, poucos dias antes do seu falecimento, o professor Suassuna ministrou a última de suas aulas-espetáculo, realizada em Garanhuns, durante o 24º Festival de Inverno, que foi mais uma reedição dessa aula " Tributo a Capiba".

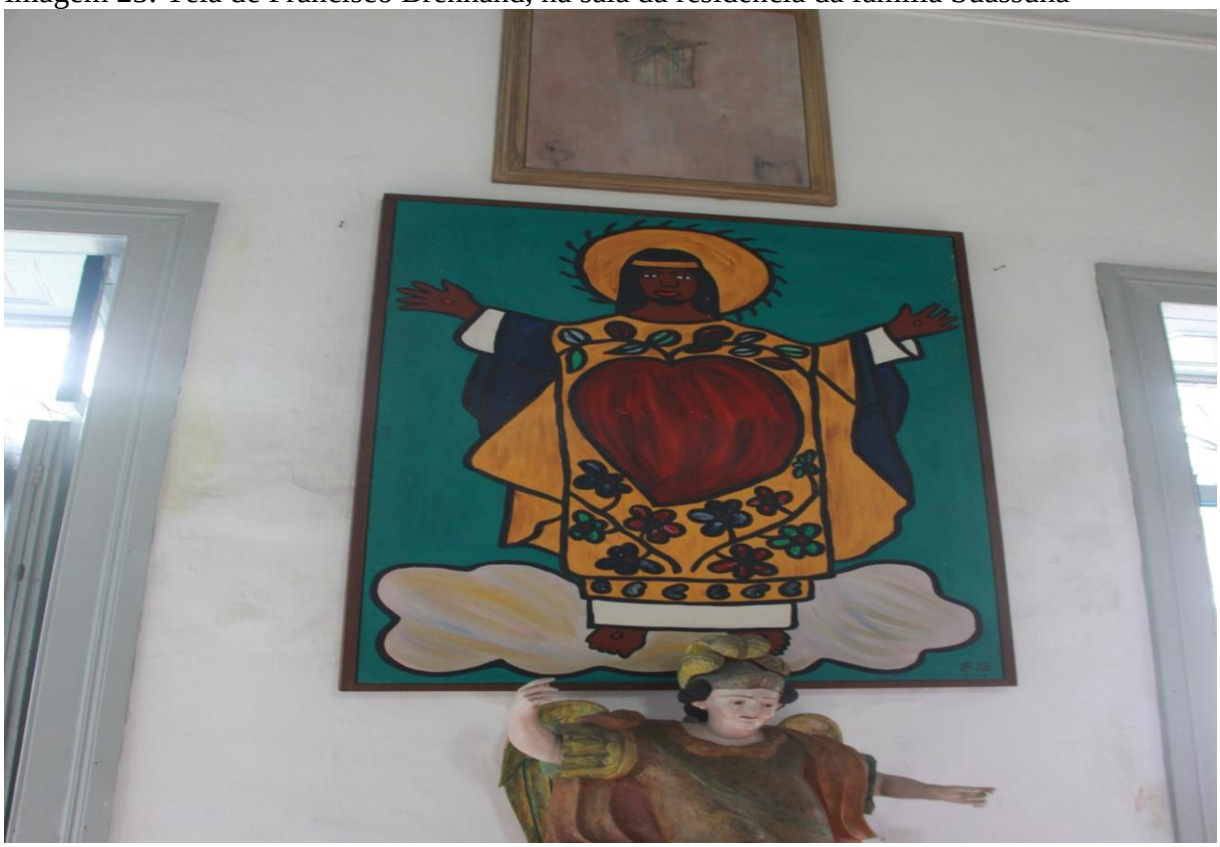
Francisco Brennand

Francisco de Paula de Almeida Brennand, pintor e ceramista, foi para Suassuna um amigo da vida inteira, aquele que o incentivaria a escrever o seu primeiro romance e pintaria os azulejos da fachada de sua casa em Recife. Os dois nasceram no mesmo mês e no mesmo ano, junho de 1927, um na Paraíba e outro no Recife. Conheceram-se na adolescência, no Colégio Oswaldo Cruz, quando um se preparava para expor seus quadros e o outro publicar seus primeiros poemas:

> Desde esse tempo, não digo que tivéssemos consciência daquilo que vai aqui afirmado. Mas, na noite criadora da vida pré-consciente do intelecto (noite talvez mais clarividente do que a luz da razão reflexiva), nós dois procurávamos escrever ou pintar como se a sorte do nosso país dependesse do que fizéssemos. (SUASSUNA, 2007, p .48)

Um dos programas "O Canto de Ariano", Suassuna dedicou ao grande parceiro, relembrando que por ocasião da primeira versão cinematográfica do *Auto da Compadecida*, fora ele quem desenhara todo o figurino dos atores, depois, pintaria vários quadros das roupas usadas pelo elenco, num total de setenta telas. Em casa de Suassuna, no seu vasto acervo artístico, há um quadro de Brennand, de Jesus Cristo Negro com as roupas do filme, inspiradas nos trajes populares do Nordeste.

Imagem 25: Tela de Francisco Brennand, na sala da residência da família Suassuna



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, foto de Robin Moreira Machado.

Segundo Ariano Suassuna, o amigo Francisco Brennand criou uma arte brasileira, colocando o Brasil no mesmo patamar da melhor arte do mundo. Na vida em família, na Sociedade Recifense, no mundo das artes, na paixão pelo futebol e no incentivo das carreiras um do outro, foram amigos inseparáveis, desde a adolescência, quando se conheceram no Colégio Oswaldo Cruz, no Recife. O nome de um sempre estará ligado ao do outro, na Arte e na Cultura brasileira, de modo geral.

Hermilo Borba Filho

Um dos maiores amigos e parceiro nas empreitadas pela cultura que Ariano Suassuna teve foi um pernambucano de Palmares, município da Zona da Mata Sul do estado, Hermilo Borba Filho, que também foi advogado e professor, além de jornalista, destacando-se ainda como crítico literário, romancista, tradutor, teatrólogo e dramaturgo. Chegou a escrever e a publicar sete romances, três livros de contos, duas novelas, doze pesquisas e ensaios e muitas traduções, como por exemplo, de nomes célebres da Literatura universal que foram de grande

influência na carreira de Suassuna, como Calderón de La Barca, Jorge Luís Borges e Tolstói, e escreveu muitas peças para o teatro, que foram encenadas internacionalmente.

A amizade entre os dois mestres começou na juventude, quando ambos cursavam a Faculdade de Direito do Recife, na década de 1940. Hermilo Borba Filho era dez anos mais velho do que Ariano Suassuna, e foi uma espécie de mentor para ele no universo teatral. Em 1946, juntamente com outros companheiros, os dois amigos fundaram o TEP (Teatro do Estudante de Pernambuco), que infelizmente fecharia as portas em 1953. Ali, se defendia a ideia de que a saída para o "teatro local" seria a inserção nas tradições teatrais universais, a partir de uma aproximação maior com a região Nordeste, cujas tradições Suassuna defenderia por toda a vida.

Após viver alguns anos em São Paulo, onde trabalhou como jornalista e diretor, escrevendo para jornais como *Última Hora* e *Correio Paulistano*, Hermilo Borba Filho retornou ao Recife em 1958, quando Ariano já era professor da UFPE. Em mais uma parceria, os dois e mais outros amigos fundaram um outro grupo de teatro, o TPN (Teatro Popular do Nordeste). Pode-se dizer que durante a longa convivência, os dois amigos foram grandes pesquisadores da Cultura Popular Nordestina, influenciados ainda pelos princípios e propósitos das ideias regionalistas de Gilberto Freyre. Em 1976, em seu artigo intitulado *Movimento Regionalista, Tradicionalista e a seu modo Modernista do Recife*, Freyre, voltando-se para o Movimento Regionalista de 1926, percorre diversos campos do saber e das artes, analisando as suas marcas em realizações posteriores, ocorridas na região Nordeste, e em Pernambuco, destaca os nomes de Hermilo Borba Filho e de Ariano Suassuna, membros fundadores do TPN, artistas que estariam em busca das raízes populares do teatro brasileiro.

Com a criação do TPN, eles reafirmavam a determinação dos tempos de faculdade, que era produzir um teatro capaz de inserir a expressão popular em sua melhor tradição universal. Obviamente, Hermilo e Ariano divergiam em alguns pontos, como por exemplo, no campo da aceitação da influência das novas teorias teatrais de vanguarda, para as quais Ariano apresentava certa resistência. No ano de 1964, escreve Hermilo Borba Filho: " Enquanto Ariano, que considero o maior dramaturgo da Língua, renovou o Teatro brasileiro através das histórias do povo, do cancioneiro e do romanceiro, eu tenho a pretensão de renovar o nosso espetáculo, partindo dos espetáculos populares. (Borba Filho, 1964, ps. 124-125) Hermilo tentara, no TPN, aproximar os folguedos nordestinos ao "Teatro épico de Brecht"[27], ao qual

[27] - Eugen Berthold Friedrich Brecht foi um grande poeta, dramaturgo e encenador alemão do Século XX, que desenvolveu o teatro épico, uma das grandes teorias de interpretação, influenciado pela arte do ator chinês Mei

Suassuna fazia ressalvas. Pode-se dizer que ambos eram regionalistas, mas inspirados por suas próprias vivências, escrevendo sobre distintos universos que se encontravam em cena.

Após o seu falecimento, que se deu precocemente aos 58 anos, em 1976, Hermilo foi homenageado pela prefeitura do Recife, cidade em que atuou durante tantos anos, em prol da arte e da cultura, com a fundação da Casa da Cultura Hermilo Borba Filho, em 1983. Em 1988, um dos teatros do Centro de Formação das Artes Cênicas da capital pernambucana recebeu o seu nome.

Miguel Arraes

Miguel Arraes de Alencar é um outro nome que se encontra com frequência, quando o tema é o professor e cidadão Ariano Suassuna. Nascido no Ceará, o seu nome por décadas se destacou na História da política nacional como um grande líder do Século XX, principalmente em Pernambuco, estado que governou por três vezes, além de ter sido advogado e economista.

Na juventude, deixou o Nordeste e veio para a então capital federal, Rio de Janeiro, cursar Direito na então Universidade do Brasil, atual UFRJ. Chegou finalmente ao Recife, após aprovação em concurso público como escriturário do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA). Terminou a faculdade de Direito na capital pernambucana. No trabalho, conheceu o advogado, escritor e político Barbosa Lima Sobrinho, que ao ser eleito para governar o estado, o indicou para assumir a Secretaria de Fazenda, em 1948. Ocupou o cargo de prefeito do Recife, de 1960 a 1962, quando se elegeu governador pelo PST – Partido Socialista Trabalhista. Foi preso em 1964 e exilou-se na Argélia, em 1975. Em 1979, com a Anistia, retornou ao Brasil, filiando-se ao PSB – Partido Socialista Brasileiro em 1990.

Na década de 1960, Suassuna não apoiava politicamente o amigo, apesar das famílias conviverem e os filhos de Suassuna estudarem com os netos dele e frequentarem a sua casa, uma vez que Arraes era marxista e ele, que sempre foi um socialista, nunca teve simpatia alguma pelo Marxismo:

> "Eu realmente não apoiava Arraes, devido à sua ligação com os marxistas, que naquela época eram intolerantes e dogmáticos. Eram tempos do Stalinismo, e quando eu falava mal do Imperialismo americano, eles batiam palmas. Quando dizia que a União Soviética estava fuzilando os intelectuais, eles diziam que eu estava vendido ao ouro americano. Nunca fui nem serei marxista. " (SUASSUNA, 2006, p.13))

Lang-Fang. Com a praticidade do seu pensamento, Brecht deixou de lado a expressão "drama épico", que substituiu ´por "teatro épico" por entender que o cunho da narrativa somente se completava no palco.

Uma aproximação maior entre eles se deu quando Arraes voltou do exílio. Suassuna já tinha sido professor de Eduardo Campos, neto do ex-governador, na Universidade Federal de Pernambuco, que mais tarde casou-se com Renata, uma de suas sobrinhas. Eduardo era filho de Ana Arraes e Maximiano Campos, grandes amigos do casal Ariano e Zélia. Então, Miguel Arraes e Suassuna aproximaram-se mais, o que o levou a filiar-se pela primeira vez na vida a um partido político, o PSB, também em 1990, o mesmo partido ao qual Arraes filiara-se naquele ano. Em 1994, quando se tornou governador de Pernambuco pela terceira vez, convidou Ariano, já aposentado do magistério, para ser o Secretário de Cultura do Estado, o que acabou se tornando uma grande parceria em prol da educação e da cultura, com o uso das políticas públicas e seus recursos, em prol dos menos favorecidos.

Em junho de 2014, em sua última entrevista para a revista *Veja*, o professor Suassuna declararia que o livro que estava escrevendo, que afirmava ser "o livro de sua vida", e que depois saberíamos tratar-se do *Romance de Dom* Pantero, era dedicado a várias pessoas, e uma delas, seria o amigo, falecido em 2005, que ele dizia fazer parte da História brasileira, e que apesar de não ter idade para ser meu pai, " via nele uma figura paterna, dado o respeito que tinha por ele e pelo paralelismo entre os dois: ambos eram sertanejos, foram governadores e sofreram perseguições políticas." (Suassuna, 2014)

Em 2018, o nome Miguel Arraes foi gravado no livro de Aço dos Heróis e Heroínas da Pátria, em Brasília, ao lado dos de Tiradentes, Leonel de Moura Brizola, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Maria Quitéria, Anita Garibaldi e Zuzu Angel. Entrara para a História do nosso país ao ter uma participação política que extrapolaria as fronteiras de Pernambuco. Na ocasião, o governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg, do mesmo partido político de Arraes e Suassuna, declararia que o político possuía duas características essenciais para um homem público: "sua luta e identidade permanente com os mais pobres, e seu olhar no futuro, sempre pensando num projeto nacional para o país. "

Murilo Guimarães

Murilo Humberto de Barros Guimarães foi um advogado, jurista muito conhecido na Cidade do Recife, e também professor catedrático de Direito Comercial da Faculdade de Direito do Recife, instituição da qual foi diretor. Quando foi criado o campus da Universidade Federal de Pernambuco, foi seu reitor, e por várias vezes examinador dos concursos para a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. De acordo com aqueles

que com ele conviveram como clientes ou funcionários na advocacia, ou como alunos, a sua exigência era com a ética e com os estudos. Como professor e reitor, era muito prestigiado pelos docentes universitários nacionais e pelos das universidades europeias, de visita ao Recife, que faziam questão de conhecê-lo.

Foi no ano de 1952, após passar dois anos convalescendo de uma tuberculose, em Taperoá, que o jovem Ariano Suassuna, já formado em Direito, antes de dedicar-se ao magistério universitário, começou a trabalhar no escritório do doutor Murilo, como seu assistente. Como Ariano, ele tinha simpatia pela Monarquia, bem como o mesmo amor pela leitura, possuindo uma vasta biblioteca com mais de vinte mil livros.

O professor Suassuna costumava contar em algumas de suas aulas-espetáculo um episódio ocorrido enquanto trabalhava em seu escritório, quando se enrolara ao atender uma ligação telefônica de um cliente do advogado, enquanto este se encontrava em viagem à Europa. Ao final da conversa, já nervoso com Ariano, que se identificara como auxiliar do dr. Murilo, o cliente dissera: " – O senhor? O senhor não sabe nem atender o telefone. O senhor deixe esse negócio. O senhor não dá para isso. "

Após desistir da carreira na advocacia, Ariano Suassuna começou finalmente, em 1957 a lecionar a disciplina *Estética*, na universidade, onde mais uma vez teria o prazer de trabalhar com o doutor Murilo, que anos mais tarde seria o seu reitor. Em 1969, Murilo Guimarães o nomearia diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, onde ele criaria e desenvolveria o seu Movimento Armorial.

Paulo Freire

Sobre os dois mestres, dona Zélia relatou durante a entrevista "Ariano tinha uma grande amizade com Paulo Freire. A vida não permitiu que convivessem muito, mas quando se viam, era uma festa! Paulo Freire era muito grato a ele pelo apoio que lhe deu, na época da ditadura.

De acordo com Newton Júnior, havia uma sintonia entre a metodologia das aulas-espetáculo do professor Suassuna com os postulados pedagógicos de Paulo Freire, sobretudo pela base humanística de educação que fundamentava o Pensamento freiriano. Ocorria inclusive uma influência recíproca entre ambos: " Ariano professor teria sido influenciado pelas ideias do educador Paulo Freire, e o educador Paulo Freire, por sua vez, influenciado pelas ideias do teórico da beleza e pensador da cultura Suassuna. " (2013, p. 66)

Para Newton Júnior, a prática pedagógica de Suassuna se destacava pela preocupação com a qualidade da educação e da cultura para a gente do “Brasil real”. Ele nos chama ainda a atenção para a visível generosidade que seu professor na UFPE tinha em relação aos alunos, quando adaptava o seu discurso para qualquer tipo de público, e a humildade, uma de suas grandes características, que era definida por Paulo Freire como “a humildade que o pensar certo exige. ”

Os dois amigos se encontraram muitas vezes, em eventos e em suas casas. Numa de suas aulas-espetáculo, Ariano Suassuna relembrou uma visita que Paulo Freire lhe fizera, em sua residência, no Recife, para submeter a sua apreciação um método de alfabetização que desenvolvera para adultos, o qual chamava de “Universo de palavras geradoras”. Era composto por uma exibição de imagens e uma parte, com as palavras decompostas. Mestre Ariano apreciou muito mas fez uma crítica ao amigo: a de que a parte gráfica não estaria correspondendo à qualidade do método extraordinário. Foi então que lhe sugeriu que procurasse Francisco Brennand, que na época fazia experiências de pinturas eruditas a partir de pinturas populares.

Certa vez, encontraram-se durante um evento e partiram para um longo abraço. Mas havia um repórter presente, cobrindo a cerimônia, e pediu que eles fizessem o favor de se abraçarem de novo, para registrar o gesto. Ariano Suassuna achou muito estranho e respondeu de sua maneira natural: " – “ Ó homem, onde já se viu? Então será possível representar amizade e afeto? Só se eu fosse ator! Como não sou, não posso fazer a cena de novo não. Vocês me desculpem! ” E nessa noite, o professor Suassuna deu uma aula-espetáculo sobre amizade.

O professor Carlos Newton Júnior publicou na Revista **Estudos Universitários**, da UFPE, em 2021, um artigo no qual nos traz uma carta escrita por Paulo Freire, em 31 de maio de 1968, durante o seu exílio em Santiago do Chile, onde agradece ao amigo o apoio “desde o primeiro momento de perseguição política” Newton Júnior registra que a carta faz parte do acervo epistolar de Ariano Suassuna, organizado em 2007, sob sua coordenação, e abaixo transcrevemos a seguir alguns de seus trechos:

> Querido amigo Ariano: (...) Nunca me esqueço de sua valentia de querer bem, quando, ao chegar ao aeroporto do Recife, vindo de Brasília, num momento em que tudo era penumbra, interrogação, desconfiança, medo, denúncia, fuga, negação; em que os “amigos”, antes e depois que o galo cantasse – não importava – diziam: “Quem é? Não conheço. Jamais vi esse homem! ” Ou, o que era pior: “Conheço esse homem, sempre desconfiei de suas intenções malvadas”, lá estava você, fraterno,

> risonho, confiante, ao lado de Monte[28], ambos abraçando-me. Abraçando-me quando cumprimentar-me, simplesmente cumprimentar-me, era uma ameaça a quem o fizesse. Você, Monte e outros, muitos outros, foram o contrário de alguns. Entre estes, nunca me olvido também, sem rancor e sem ressentimento, do testemunho de um professor da universidade, que, ao dobrar uma esquina – a do cinema São Luiz- me divisou a uns 10 metros de distância, e fez então o mais difícil: andou de lado... Você, pelo contrário, veio sempre em frente ao meu encontro, a nosso encontro. Encarcerado, você procurava Elza, enquanto os que andavam de lado perderam nosso endereço...

É fato notório que Ariano Suassuna, abertamente contrário ao marxismo, jamais deixou de ajudar seus amigos perseguidos, inclusive escondendo alguns em sua residência. Na época da prisão do amigo, Suassuna prestou-lhe solidariedade e também a sua família, sendo até mesmo sua testemunha de defesa no processo.

A iniciativa da publicação do artigo com a carta, em 2021, nesse periódico da Universidade Federal de Pernambuco foi uma homenagem ao Centenário de nascimento do professor Paulo Freire. Nele, Newton Júnior ressalta a relevância desse documento histórico, "sobretudo pelo que revela em termos de sensibilidade humana e de valores como gratidão, lealdade, coragem e honradez, valores cultivados tanto por Paulo quanto por Ariano, cada vez mais raros. " (2021, p. 40)

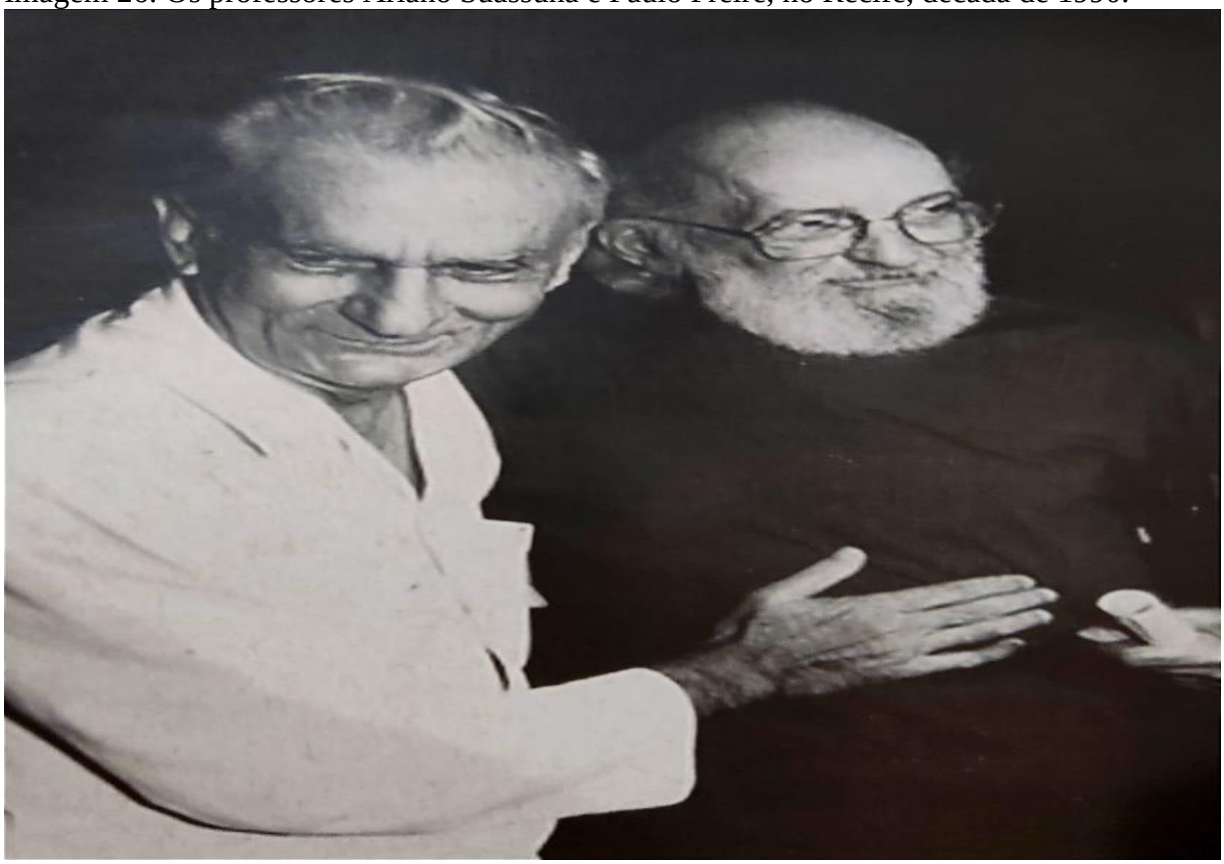
Depois da exposição dos nomes destes políticos, artistas, educadores, fossem eles mais velhos ou mais jovens do que Suassuna, concluímos haver ali a existência das afinidades e filiações em torno de projetos estéticos, políticos e até ideológicos, como na poesia, nas artes plásticas, no teatro, na filosofia, no socialismo e na docência. Obviamente, nem todos aqueles que conviveram com Suassuna em suas redes de sociabilidade, ali estavam por conta de afinidades. Na primeira parte desta pesquisa, quando tratamos de trabalhos acadêmicos já realizados tendo-o como sujeito de pesquisa, registramos o exemplo de um no qual se falava da celeuma entre o professor Suassuna, defendendo o Movimento Armorial, e alguns de seus alunos tropicalistas, no final da década de 1960 e início dos anos 70. Mas Ariano Suassuna, com sua genialidade e sensibilidade, e sobretudo, com seu costumeiro bom humor, costumava, "brincante" que foi a vida inteira, resumir e concluir: "A Humanidade se divide em dois grupos: os que concordam comigo e os equivocados. " O que era uma afirmação que costumava arrancar risos na sala de aulas ou nas plateias das aulas-espetáculo, sendo apenas o seu lado cômico de ler o Mundo, de agregar, interagir. Havia em suas redes sociais, qualquer que fosse o grau e a peculiaridade da relação o comprometimento com a sociedade.

---

[28] - Paulo Freire foi acusado, em 1964, de promover a luta de classes, com seu método de alfabetização de adultos, pelo regime militar, que acreditava ser uma ação de politização dos trabalhadores. Nessa ocasião, seus advogados foram Paulo Cavalcanti e Antônio Montenegro, o "Monte".

Em sua obra *O Pequeno X: da biografia à História*, a historiadora e pesquisadora francesa Sabina Loriga trata mais uma vez das relações entre história e biografia. “O pequeno x” que está no título da obra seria a contribuição individual para o desenvolvimento de uma sociedade em determinada época, não no sentido de uma melhora, mas de uma realização histórica, de fato. A expressão foi descoberta por ela, durante seus estudos. Foi registrada pelo alemão Johann Gustav Droysen, que no ano de 1863 inferiu que, se chamarmos de A o gênio individual (o que cada homem é, possui e faz), esse A seria formado por A+X. Nessa composição, A representa as circunstâncias externas do seu país, povo e época, e X seria a sua contribuição pessoal, produzida pelo seu livre arbítrio. Desse modo, esse “pequeno x” é na verdade, fundamental no processo histórico, uma vez que é o responsável por dar movimento à história. Ariano Suassuna, nascido no “Brasil oficial”, através de sua arte, docência e visão política da injustiça social, resolve fazer a ponte entre esse país e o outro, o “Brasil real”. Ariano Suassuna (o pequeno x), da biografia à história, foi do que tratou este capítulo.

Imagem 26: Os professores Ariano Suassuna e Paulo Freire, no Recife, década de 1990.



Fonte: Livro *Ariano Suassuna – Arte como Missão*, Carlos Newton Júnior, Recife: CEF, 2014. Foto do acervo pessoal de Suassuna.

2 - AULA-ESPETÁCULO Nº 2: UMA HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DOCENTE

" Conheça todas as teorias, domine todas as
Técnicas. Mas ao tocar uma alma humana,
Seja apenas outra alma humana. "
(Carl. G. Jung)[29]

2.1 - O professor universitário – A sala de aula, o palco e o picadeiro de Ariano

Esta parte da pesquisa registra a trajetória do professor Ariano Suassuna na hoje denominada Universidade Federal de Pernambuco, a partir de 1957, bem como em outras instituições, e muitas das informações coletadas para sua composição foram obtidas no Arquivo geral da UFPE, onde foram acessados documentos que representam a "memória arquivada" da História de sua docência nessa instituição. Ricouer estabelece o arquivo como um lugar social por ser considerado um espaço de preservação da memória. Segundo o autor, os arquivos preservam o que ele chama de "rastros" contidos nos documentos arquivados. Em sua obra *A memória, a história e o esquecimento*, Ricoeur discute os pontos de interconexão entre a Memória e a História, questionando onde termina a primeira e começa a segunda. E é nessa interconexão que o autor apresenta o lugar ocupado pelo arquivo, que é ao mesmo tempo, um lugar físico (por abrigar o "rastro" documental) e social (pela condição histórica a qual se encontra abrigado). Será a partir dessa espécie de "rastro" que ocorre a "operação historiográfica", momento onde a Memória se torna História, a partir da narrativa subjetiva do historiador. Contribuindo para tal, podemos citar Vavy Pacheco Borges, inferindo que " a maior objetividade possível é garantida pela prática estrita e séria do ofício do historiador, com sua pesquisa de provas documentais e, sobretudo, pelo questionamento e pela contraposição da própria documentação. " (2008, p.218.)

Como explicitado na parte introdutória, fui algumas vezes ao Arquivo Geral da UFPE, em 2019, afim de pesquisar os documentos ali guardados, referentes ao professor Ariano Suassuna, registros de mais de três décadas de sua vida profissional, naquela instituição. Muitas obras historiográficas tiveram suas origens em salas de arquivo. Para tal, por ainda não serem seus documentos disponibilizados em rede, foi por isso necessário o deslocamento físico. Inicialmente, tive alguma dificuldade para localizar o departamento, que ocupa um prédio simples e afastado do campus, até um pouco escondido, próximo ao setor de

[29] - Pensamento atribuído a Carl Jung extraído do Site **O Explorador, o pioneiro, o melhor! https://www.oexplorador.com.br,** acessado em 14 de março de 2014.

oceanografia. Anda-se muito até chegar lá e naqueles dias, fazia muito calor. Eu, por acaso, havia perdido os meus óculos de sol e como tenho fotofobia, brincava comigo mesma, enquanto andava e andava dizendo que estava atravessando o Saara, o Kalahari e os Cariris paraibanos, lembrando-me de que ali, naquele campus, se encontra a maior concentração urbana de baobás do Brasil. Enquanto caminhava sob o sol do meio-dia, eu ficava tentando compreender como aquela espécie viera da África para lá, talvez através das aves migratórias, atravessando o oceano, como tantos dos nossos ancestrais, trazendo nossas raízes culturais.

Mas finalmente lá chegando, encontrei funcionários muito competentes e gentis, que logo me atenderam e disponibilizaram o acervo para consulta. Ali estavam fichas funcionais, memorandos, umas tantas outras correspondências internas e várias cópias de documentos, como diplomas, certificados e certidões referentes ao professor. Pude ainda manusear, utilizando luvas e máscaras, cópias de suas certidões de casamento e de óbito, e as de nascimento de seus filhos. Tais documentos, juntamente com as fichas funcionais de Ariano Vilar Suassuna ali consultadas, foram os documentos históricos ou fontes documentais que me levaram a tecer a sua prática como educador naquela instituição. “A maior ou menor importância de cada arquivo pode ser estabelecida de acordo com o objeto da pesquisa específica a ser realizada pelo historiador, seus interesses e questionamentos. ” (BACELLAR, 2008, p. 25)

No decorrer do estudo, foram muitas horas “garimpando” fichas funcionais, ofícios, requerimentos, comunicações internas e memorandos. Tratavam-se ainda de correspondências enviadas pelo professor Suassuna ou a ele destinadas por diversas autoridades da UFPE, no exercício de suas funções, escritas durante mais de três décadas. A pesquisa em arquivos sempre haverá de nos surpreender. Segundo Bacellar, o que se encontra neles são expectativas, achados e surpresas, por conta da qualidade da documentação e pela riqueza das informações às vezes inesperadas, como o diploma de livre docência conquistado pelo então já professor Suassuna, obtido pela tese *A Onça castanha e a Ilha Brasil*, e o memorando que escreveu para o prefeito do Recife, pedindo exoneração do cargo de secretário de governo, documentos que o historiador alemão Peter Hüttenberg chamou de *resíduos de ação,* e cujo achado Bacellar definiria como “uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer e os move a novamente retornar à pesquisa. (2008, p. 49) Bacellar ainda nos lembra da importância de tais momentos, do “decifrar dos escritos. ”

Portanto, realizada a busca das informações no arquivo, procurei organizar cronologicamente a vida profissional de Ariano Suassuna como docente da Universidade

Federal de Pernambuco por mais de três décadas, com bastante atenção, uma vez que como lembra ainda Bacellar os documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas para atender às necessidades do momento. É relevante que se registre que para a elaboração desta etapa da pesquisa, também foi consultado o *Curriculum Vitae* do Mestre Ariano Suassuna, organizado e datilografado por ele, utilizando-se de sua antiga máquina de escrever, no seu quarto de trabalho, em sua casa no Bairro Casa Forte, ou Poço da Panela, como muitos chamam a localidade. Como registra a professora e pesquisadora Ana Chrystina Mignot, escrever sobre as práticas docentes "é trabalhar fontes documentais que contêm a vida de certos atores. " (2003, p.115) E tratar do ambiente da escola, segundo ela, significa ainda "adentrar no universo das letras, das palavras, do deciframento do mundo. " (2003, p.07).

Sendo assim, após coletar as informações, foi necessário justapor documentos e relacionar texto e contexto, tornando possível registrar na seguinte ordem a vida de professor universitário de Ariano Suassuna, organizada por década, desde 1957 a 1989, quando finalmente se aposentou.

De acordo com tais documentos que constam do Arquivo da UFPE, Suassuna tornou-se oficialmente professor da instituição (na época, ainda chamada de Universidade do Recife) no início do ano de 1957. Entretanto, vale ressaltar que no livro *A Pensão de Dona Berta e outras histórias para jovens*, ele relata que o convite para a contratação fora feito no ano anterior.

No trecho, chamamos a atenção para o fato de o professor já chamar a instituição pela atual denominação:

> Em 1956, o professor Luiz Delgado e o meu amigo Carlos Maciel me chamaram para ensinar *Estética* na Universidade Federal de Pernambuco. Não sei se foi a desgraça dos estudantes de Filosofia, mas foi a salvação de um escritor brasileiro, cujo destino e cuja vocação a família já estava examinando com muita ansiedade e alguma desconfiança. (SUASSUNA, 2021, p.101)

1957-1960

Em 12 de janeiro de 1957, o reitor da então denominada Universidade do Recife[30], Dr.

[30] - A principal referência temporal da criação da UFPE é a data da fundação da Universidade do Recife (UR), em 11 de agosto de 1946. A instituição reunia um conjunto de escolas de nível superior do Estado de Pernambuco, como por exemplo, as Faculdade de Direito, de Filosofia e de Medicina do Recife. O seu primeiro reitor, o professor Joaquim Amazonas, foi o principal incentivador da criação de uma Cidade universitária, e

Joaquim Inácio de Almeida Amazonas, "usando da atribuição de sua competência" admite Ariano Vilar Suassuna para exercer, a título precário, como contratado, a partir de 1-1-1957 até 31.12.1957, a função de instrutor, ref. 24, da Cadeira de Filosofia, da Faculdade de Filosofia daquela universidade, vínculo que de acordo com memorandos posteriores encontrados e analisados, foi dessa maneira prorrogado anualmente, até 31 de dezembro de 1960. Foram quatro anos letivos como "instrutor da Cadeira de Filosofia".

Como professor universitário, ainda encontra tempo para formar-se Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, entre 1957 e 1959.

A partir de 1958, torna-se professor de curso isolado de *Teoria do Teatro*, no Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

Em 30 de novembro de 1960, o reitor da ainda denominada Universidade do Recife, doutor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, resolve nomear Ariano Vilar Suassuna, para exercer o cargo isolado de provimento efetivo de Assistente de Ensino Padrão K, da parte permanente do Quadro de Pessoal, criado pelo Decreto nº 49.322, de 23 de novembro de 1960, publicado no Diário Oficial de 29 subsequente, lotado na Cadeira de *Teoria do Teatro*, no Curso de teatro da Escola de Belas Artes.

1961-1970

Em 02 de janeiro de 1961, Ariano Suassuna é admitido como Professor assistente e professor de curso isolado. Em 1963, começa a lecionar a disciplina *Estética*, no *Departamento* de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Pernambuco. A partir de 1965, torna-se professor substituto de *Estética* na Faculdade de Filosofia do Recife.

Em 15 de dezembro de 1966, o diretor da Escola de Belas Artes da agora denominada Universidade Federal de Pernambuco resolve designar pela portaria nº 39, o professor de curso isolado Ariano Vilar Suassuna, que ministra como função inerente, a matéria "Teoria do Teatro", do Curso de formação de ator , 1º série, para ministrar sob o regime de atividade didática acrescida (Ac.-1), a disciplina de curso "Teoria do Teatro"(Estética), 1ª série do Curso de Direção teatral também daquela escola, durante o período compreendido entre 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1967.

Em 12 de maio de 1969, o reitor da Universidade Federal de Pernambuco, professor

---

em 1967, a UR integrou-se às instituições federais do país, como autarquia vinculada ao Ministério da Educação, passando a chamar-se Universidade Federal de Pernambuco.

Murilo Humberto de Barros Guimarães, designa Ariano Vilar Suassuna, então professor de curso isolado, nível 15, da Escola de Artes, que se encontra lecionando *Filosofia da Arte e da Cultura*, no curso de graduação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, para exercer o cargo em comissão de Diretor Geral do Departamento de Assistência Escolar e Extensão Cultural (D.A.E.E.C.), criado pelo decreto nº 56.257, de 5.5.65, publicado no Diário Oficial de 18 subsequente, e vago em decorrência da exoneração concedida ao professor Newton Lins Buarque Sucupira, cargo que Ariano Suassuna exerceria até 1974.

Em 1970, sendo pró-reitor da UFPE, Fernando de Queiróz, Ariano Vilar Suassuna é contratado como Professor catedrático ou titular, passando a fazer parte do quadro de docentes do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

Em 2 de outubro de 1970, Ariano Vilar Suassuna tem aprovado pelo Departamento de Filosofia da UFPE seu regime de trabalho de tempo integral e dedicação exclusiva. Como na época estava exercendo o cargo de Diretor Geral do Departamento de Assistência Escolar e Extensão Cultural, foi acordado com o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas que parte de suas atividades docentes do horário da manhã fosse exercida temporariamente naquele departamento. Assim, em seu plano de trabalho previsto para o ano de 1971, como professor Assistente de Ensino, que encaminhou ao reitor da Universidade, consta que de segunda a sexta, entre as 7:00 e as 13:00 horas, fazendo um total de 30 horas semanais, exerceria a função de Diretor do DEC. À tarde, ministraria aulas de *Estética e Filosofia da Arte e da Cultura* no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, por 4 horas semanais. Naquele mesmo instituto, daria aulas no Curso de Pós-Graduação, ensinando *Filosofia da Arte*, perfazendo um total de 4 horas semanais. Ministraria ainda a Cadeira de *Estética* aos alunos da IV Área do Ciclo Geral, em 2 horas semanais. Desse modo, as 40 horas de trabalho previstas pelo contrato estavam "completadas".

Em 28 de dezembro de 1970, o então reitor, professor Murilo Humberto de Barros Guimarães resolve conceder exoneração a Ariano Vilar Suassuna, professor assistente, nível 20, do Quadro Único de Pessoal, do cargo em comissão, símbolo 5-C de Diretor do Departamento de Assistência Escolar e Extensão Cultural, a partir oficialmente de primeiro de novembro daquele ano.

1971-1980

Em 13 de agosto de 1971, em ofício nº 41/71-DEIC, o diretor desse departamento

(antigo DEC – Departamento de Extensão Cultural), professor Ariano Suassuna, dá as boas-vindas ao professor Marcionílio Lins, o qual assumira o cargo de reitor a partir daquele mês, aproveitando para informar-lhe que fora exonerado pelo seu antecessor, professor Murilo Humberto de Barros Guimarães, desse cargo, mas que ainda encontrava-se respondendo por sua direção, enquanto não fosse nomeado um substituto. O Ofício informa que "havia uma verba atrasada, necessária às despesas do departamento, mas que agora a situação já se resolvera e ele já poderia deixar a direção do atual DEIC (Departamento de Integração Comunitária da Pró -Reitoria, para Assuntos Comunitários).

Em 1º de setembro de 1971, o professor Suassuna informa que, em concordância com o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, representado pelo Monsenhor Francisco Apolônio Jorge Sales, e da Pró Reitoria para assuntos comunitários, representada pelo professor Arthur Coutinho, retorna ao cargo de diretor do DEIC.

Em 1973, Ariano Suassuna torna-se professor de *Sociologia*, no Curso de Licenciatura em Educação Física e Técnico de Desportos da UFPE.

Em 1975, o professor Ariano Suassuna assume o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Recife, a convite do então prefeito Antônio Arruda de Farias. O convite é feito em 26 de março de 1975, pelo Ofício nº 352/GP. Entretanto, em ofício datado de 31 de março daquele ano, em que comunica a sua anuência ao pedido do prefeito, o reitor da UFE, professor Marcionilo de Barros Lins escreve: "Tendo em vista, no entanto, a circunstância de ser necessário permanecer o referido professor no exercício do Magistério, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a presente disposição só poderá concretizar-se parcialmente, isto é, sem que ele deixe de cumprir seus encargos docentes, que exigem 24 horas semanais de trabalho".

Em 17 de dezembro de 1975, a Universidade Federal de Pernambuco renova o contrato de trabalho de Ariano Suassuna como Professor Assistente.

Em 9 de janeiro de 1976, Ariano Suassuna era professor Assistente no Departamento de Filosofia, encontrando-se afastado do cargo de Professor de Curso isolado para que pudesse exercer o cargo de Secretário de Educação e Cultura do município. A carga horária de 24 horas que cumpriria naquele ano estava assim distribuída:

Estética I - 1º semestre: pela manhã, de segunda a sexta-feira: 8 às 12 horas; pela tarde, às quintas-feiras, das 15 às 17 horas e às sextas-feiras, das 14: às 16 horas.

Estética II – 2º semestre: o mesmo horário.

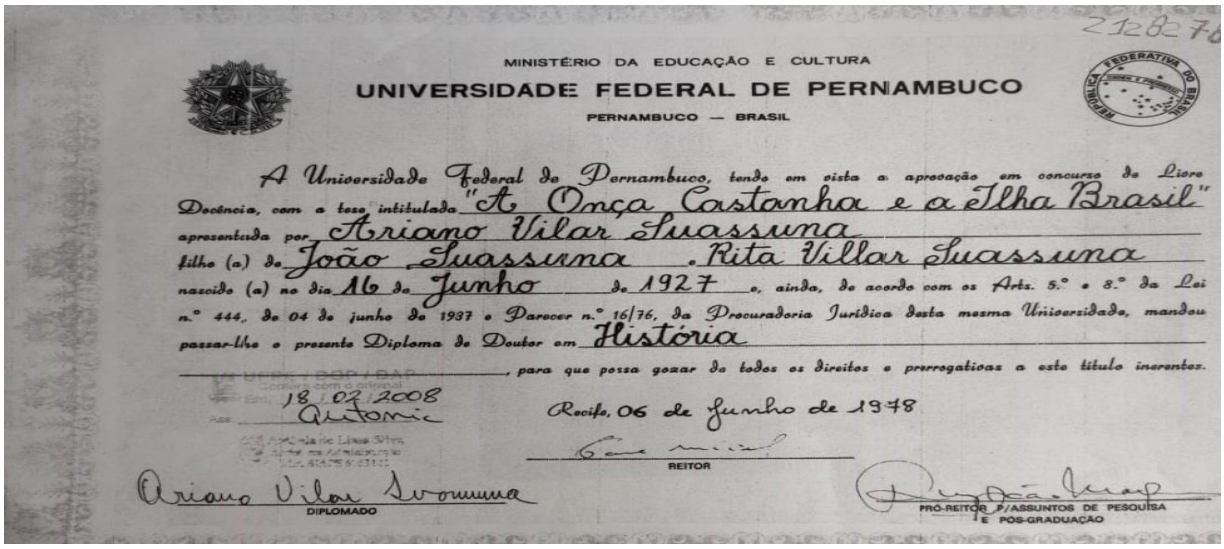
Em 30 de dezembro de 1976, Ariano Vilar Suassuna defende, na UFPE, a sua tese de

livre-docência, intitulada *A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma Reflexão sobre a Cultura Brasileira*, com a qual recebe o diploma de doutor em História.

Em 30 de março de 1977, após realização de concurso na instituição, o reitor da UFPE, professor Paulo Frederico do Rêgo Maciel, concede, de acordo com o Artigo 228 do Regimento Geral daquela universidade o título de Docente Livre em *História da Cultura Brasileira* ao então professor assistente Ariano Vilar Suassuna, lotado na época no Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Ariano Suassuna passa a lecionar *História da Cultura Brasileira* no Mestrado de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

Em 19 de abril de 1977, o reitor da UFPE, professor Paulo Frederico do Rêgo Maciel, coloca à disposição da Secretaria de Educação e do Recife, o professor Assistente do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ariano Vilar Suassuna, código M-401.5, do quadro permanente da instituição, para que continue exercendo o cargo comissionado de secretário daquele órgão, ficando entretanto afastado do outro cargo que exercia cumulativamente como professor de curso isolado do Centro de Artes e Comunicação.

Imagem 27: Diploma de Doutor em História, pela UFPE (1978), com a tese *A Onça Castanha e a Ilha Brasil.*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO — BRASIL

A Universidade Federal de Pernambuco, tendo em vista a aprovação em concurso de Livre Docência, com a tese intitulada "A Onça Castanha e a Ilha Brasil" apresentada por Ariano Vilar Suassuna filho (a) do João Suassuna e Rita Villar Suassuna nascido (a) no dia 16 de Junho de 1927 e, ainda, de acordo com os Arts. 5.º e 8.º da Lei n.º 444, de 04 de junho de 1937 e Parecer n.º 16/76, da Procuradoria Jurídica desta mesma Universidade, mandou passar-lhe o presente Diploma de Doutor em História, para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas a este título inerentes.

18/02/2008 Automic

Recife, 06 de Junho de 1978

REITOR

Ariano Vilar Suassuna
DIPLOMADO

PRÓ-REITOR P/ ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Fonte: Arquivo da Universidade Federal de Pernambuco.

Em 23 de setembro de 1977, o professor Armando Souto Maior, então coordenador do Curso de Mestrado em História da UFPE, envia o ofício nº 61/77, sugerindo ao pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, o nome do professor Ariano Vilar Suassuna para o cargo de vice-Coordenador do Curso de Mestrado em História, o qual se encontrava vago na ocasião, e cujo preenchimento se tornava necessário em virtude do crescimento do programa implantado.

Em 18 de maio de 1978, já tendo solicitado à Prefeitura do Recife exoneração do cargo de secretário de Educação e Cultura, o professor Ariano Vilar Suassuna envia ainda outro memorando no qual pede exoneração do cargo de vice- coordenador do Curso de Mestrado em História da UFPE, ao professor Armando Souto Maior, então coordenador daquele curso, que encaminha o pedido do docente ao pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação em 6 de junho de 1978. No memorando enviado ao professor Armando, escrevera Suassuna:

"Venho à sua presença expor e afinal solicitar o seguinte:

1- No próximo dia 31 deste mês, estarei deixando Secretaria de Educação e Cultura do Recife e reassumindo o meu outro cargo de professor, no Centro de Artes e Comunicação, onde aliás, já estou dando aulas, como é do seu conhecimento.

2- Minha saída da SEC da Prefeitura Municipal do Recife deve-se a vários motivos, entre os quais, a principal é a necessidade interior irresistível de voltar à minha vida de apenas professor e escritor, aquela que representa minha verdadeira vocação.

3- O exercício de cargos administrativos ligados à cultura, se por um lado me permitiu algumas realizações não destituídas de importância - pelo menos para mim – por outro lado, está agora prejudicando de modo fundamental meus estudos de professor e minhas atividades de escritor, motivo pelo qual resolvi abandoná-los definitivamente.

4- É dentro desse quadro que venho solicitar minha exoneração do cargo de vice coordenador do Curso de Mestrado em História, cargo para o qual V.S. ª me indicou, com muita honra para mim.

5- Compreendo o gesto de generosidade que o levou a isso, mas, de fato, estou psicologicamente impedido de continuar e me dilacerando e dispersando em atividades várias, no meio das quais não tenho condição para me concentrar e me dedicar ao estudo e ao trabalho de criação que, no meu caso, são fundamentais para minha realização como pessoa.

Em 31 de maio, Ariano Vilar Suassuna é exonerado, a pedido, do cargo de secretário de Educação e Cultura do Recife.

Em 30 e junho de 1978, o reitor, professor Paulo Frederico do Rêgo Maciel, resolve conceder dispensa a Ariano Suassuna da função de vice Coordenador do Curso de Mestrado em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para o qual fora designado pela Portaria nº 596, de 05 de outubro de 1977.

Em junho de 1978, Ariano Vilar Suassuna acumula dois cargos na Universidade Federal de Pernambuco:

1 - Professor Assistente do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas;

2 - Professor de 1º e 2º graus do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística no Centro de Artes e Comunicação.

Através da Ementa datada de 9 de maio de 1980, a Pró-Reitora, professora Merval Jurema, designa o professor Ariano Vilar Suassuna como presidente da comissão que irá analisar os projetos de Bolsa/Arte a serem concedidas aos estudantes da Universidade Federal de Pernambuco.

APOSENTADORIA

Em 14 de janeiro de 1987, é encaminhado o pedido de aposentadoria por tempo de serviço de Ariano Vilar Suassuna, pelo processo 173.860, do Chefe do Departamento de História do CFCH/UFPE, professor Carlos Alberto Cunha Miranda, ao diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPE:

"Senhor diretor,

Estamos encaminhando a V.S. ª, em anexo, o pedido de aposentadoria do professor Ariano Vilar Suassuna, Professor Adjunto, Ref. 04, em regime de 40(quarenta) horas, do Quadro Permanente, cadastro 173.860, afim de ser enviado ao Magnífico Reitor. "

De acordo com documentos do arquivo da universidade, em 19 de fevereiro de 1987, o reitor da UFPE, professor George Browne Rego, concede "aposentadoria a pedido" a Ariano Vilar Suassuna, matrícula nº 117.2.067.629, no cargo de Professor Adjunto, referência 04, cadastro nº 173.860, do Quadro Permanente da Universidade Federal de Pernambuco, lotado no Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em regime de 40(quarenta) horas.

Ariano afasta-se oficialmente da UFPE em 1989, após trinta e dois anos de magistério superior, mas não definitivamente. Durante os anos que se seguem, o vínculo entre o professor e a instituição permanece. Ele costumava declarar em entrevistas e aulas-espetáculo que sua bagagem cultural fora ali adquirida, como estudante e professor, e lá voltava com alegria e compromisso, sempre que convidado para eventos e ocasiões importantes para a universidade.

É relevante acrescentar que mesmo durante o seu trabalho como professor universitário, Ariano Suassuna continuaria desempenhando o seu trabalho no campo da

Literatura e também no da Cultura. De 1956 a 1960, foi encarregado do Setor de Cultura do Serviço Social da Indústria do Departamento Regional de Pernambuco, foi membro-fundador do Conselho Federal de Cultura (1967-1973) e atuou como diretor do DEC - Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, , cargo para o qual fora nomeado pelo reitor Murilo Guimarães, e que exerceu de 1969 a 1974, função que lhe possibilitaria realizar trabalhos e empreendimentos que culminariam, em 18 de outubro de 1970, no lançamento do Movimento Armorial.

No início da década de 1970, foi numa ocasião chamado para uma reunião no seu departamento, na UFPE. A pauta era a mudança do nome da disciplina *História da Cultura brasileira* para História *da Cultura no Brasil*. O professor Suassuna questionou a resolução do departamento, ao que lhe responderam que não haveria sentido para uma disciplina com aquele nome, uma vez que a Cultura brasileira não existia, configurando-se apenas como um episódio da Cultura ocidental. Na ocasião, Suassuna foi enfático: "- A Cultura francesa e a inglesa também são episódios da Cultura ocidental, mas existem, não é? E a Cultura brasileira também existe! Vocês não vão mudar o nome da disciplina não! Se quiserem mudar, mudem de professor. Enquanto eu estiver aqui será *História da Cultura brasileira*, está certo? " (Suassuna, 2008) – E o nome da disciplina permaneceu.

Na docência universitária, Suassuna trouxe para a academia os elementos populares de sua infância, em Taperoá, nos Cariris paraibanos para transitarem no universo erudito. Tendo sido criado no sertão, nutria por aquele pedaço do Brasil e por sua gente, esquecidos pelo poder central, admiração, solidariedade e respeito, e em sua formação, recebera grande influência do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, obra que ele considerava ser um grande tratado de antropologia sobre o povo brasileiro. Seu autor organizou a narrativa em várias partes, sendo as duas primeiras " a terra" e "o homem" e analisa a complexidade do problema etnológico no Brasil e a ação do meio na formação das raças. O protagonista da saga é o sertanejo, que Cunha considera antes de tudo um forte. Ao apresentar a figura do vaqueiro, chega mesmo a comparar a sua roupa de couro, usada na lida diária através das veredas espinhentas da caatinga à armadura do guerreiro: "Essa armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve o combatente numa batalha sem vitórias. " (CUNHA, 2001, p. 119)

Desta forma, inspirado por esta e outras leituras sobre o povo brasileiro, Suassuna sinalizava aos seus discentes que o conhecimento adquirido no universo literário podia ser uma grande aventura para a transformação da vida. A maior preocupação que tinha, inserindo-

o na vida escolar e social dos seus alunos, era capacitá-los para a vida em sociedade, munidos de consciência crítica. Segundo o educador José C. Libâneo, em suas reflexões sobre didática e prática de ensino, a educação tem como papel promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e aprendizagem das pessoas, para que constituídas como sujeitos, possam viver e agir na sociedade.

De acordo com o professor Carlos Newton Júnior, Ariano Suassuna, no cotidiano de sua prática docente, aliava ao seu preparo intelectual, uma visível paixão pela sala de aula. Como ele mesmo dizia: “Eu me empolgo comigo mesmo. ” Por conta disso, suas aulas na UFPE, dinâmicas como espetáculos teatrais, eram concorridíssimas, com os seus alunos regulares disputando espaço com alunos ouvintes e até com outros que já haviam concluído as disciplinas. Em suas aulas, não havia necessidade da realização de chamadas para computar assiduidade. Acreditava que as aulas deveriam ser um convite à aprendizagem e ao diálogo e por conta disso, nenhum aluno deveria frequentá-las por obrigação. As avaliações e os trabalhos eram aplicados de acordo com o nível de aprendizado da classe.

Em 18 de outubro de 1970, surgia o Movimento Armorial, cujo objetivo era criar uma arte erudita a partir dos elementos da cultura popular do Nordeste, e abrangia todas as formas de expressões artísticas, como música, dança, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, etc. O movimento iniciou-se na UFPE, sob a inspiração e direção de Suassuna, com o apoio do Departamento de Extensão Cultural da Pró-Reitoria para assuntos comunitários da universidade e mais tarde, recebeu o apoio da Prefeitura do Recife e da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Em 1981, o professor Suassuna era responsável pela escrita de uma coluna dominical no jornal *Diário de Pernambuco*, mas em 9 de agosto daquele ano, resolveu escrever um artigo que então tornou-se célebre, intitulado “Despedida”, encerrando a sua colaboração com o impresso e comunicando que se afastava a partir de então da vida literária e permanecendo apenas com sua atividade docente na universidade. Parou por um tempo de dar entrevistas e de participar de eventos culturais:

> A decisão está me custando muito, de modo que tenho o direito de pedir
> Que ela seja respeitada. Com a exceção da Universidade, o que eu tinha de
> Dizer, escrever ou fazer em público, já fiz. Basta de tanta grandeza. O resto
> É segredo, um segredo entre mim e Deus. [...] não me cobrem mais livros
> Que não estou mais escrevendo e pelos quais já perdi qualquer interesse.
> (SUASSUNA, 2007, p. 111-112)

Entretanto, a “despedida” não duraria muito. O interesse por sua obra literária continuaria, com pedidos e homenagens, como a eleição para a ABL, em 3 de agosto de 1989,

cadeira nº 32, da qual foi o sexto ocupante, na sucessão de Genolino Amado, cuja posse deu-se em 9 de agosto de 1990.

Como já registrado, o mestre Suassuna aposentou-se oficialmente do cargo de professor da UFPE em 1989, depois de uma longa carreira na sala de aula, fazendo dela um picadeiro e das aulas uma grande festa em nome da qualidade da educação e da cultura brasileiras. Em 30 de novembro de 1995, a universidade lhe concederia o título de "Professor Emérito", destinado àqueles que já aposentados atingiram alto grau de projeção no exercício de sua atividade acadêmica. Suassuna merecera o prêmio por destacar-se como o professor que foi, pela magnitude de sua prática docente de mais de três décadas e também pela sua produção como ensaísta, que lhe proporcionou relevante reconhecimento por todas as suas atividades acadêmicas, dentro e fora da sala de aula, inclusive por suas "aulas magnas". Em 1994, a editora da Universidade Federal da Paraíba havia publicado a transcrição de uma que ele realizara na instituição em 16 de novembro de 1992.

Por ter atingido um alto nível de reconhecimento profissional, e realizado feitos significativos na área da Educação, Cultura e Literatura, a ele foi conferido o título de *Doutor Honoris Causa* por diversas instituições de ensino superior do país: Em 27 de abril de 2000, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Em 31 de outubro de 2001, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Em 15 de maio de 2002, pela Universidade Federal do Sergipe; Em 29 de junho de 2002, pela Universidade Federal da Paraíba; Em 29 de setembro de 2003, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Em 25 de agosto de 2005, pela Universidade de Passo Fundo (RS); Em 25 de novembro de 2005, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Em 2010, pela Universidade Federal do Ceará; Em 24 de agosto do mesmo ano, pela Universidade Federal de Alagoas.

Evidenciaremos o título outorgado a ele pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), uma ocasião de muita emoção para toda a comunidade acadêmica. Ocorrida em 31 de outubro de 2001, a solenidade de entrega do título reuniu cerca de mil pessoas, no teatro Dolo Costa Filho. Após sua entrega, pelas mãos da então reitora Nilcéa Freire, houve uma apresentação de maracatu do Grupo Pró-culturas Populares (Laboratório de Programas e Culturas Populares e Folclóricas da UERJ), seguida pela fala de Ariano Suassuna, que ministrou uma de suas aulas-espetáculo sobre a defesa da Cultura brasileira, trazendo também no palco uma apresentação do Grupo Gesta, ligado ao Movimento Armorial pernambucano. Ariano elogiou os músicos, como "um grupo de jovens acendendo ali a chama da cultura brasileira. "

Durante a aula-espetáculo, o professor Ariano Suassuna relembrou suas histórias, confessando seus "arrudeios" e registrando o seu amor pelo magistério: "Eu gostava muito dos meus alunos, e o maior orgulho que tenho é que eles gostavam muito de mim também". Falou do "Brasil oficial" e do "Brasil real", onde o primeiro país, ainda não aceitou integrar o segundo, e que na sociedade, a injustiça continua. Afirmou ainda que "A Universidade brasileira ensina de costas para o país e para o povo", uma vez que nossos graduandos conhecem Kant, o maior filósofo alemão do Século XVIII, mas desconhecem quem foi Matias Aires, o maior filósofo brasileiro desse mesmo século.

Discursou, também, na cerimônia a presidente da Fundação do Museu da Imagem e do Som, a professora Marília Barbosa, que cumprimentou o Mestre Suassuna, dizendo que dentre tantos títulos que ele tinha, o de professor era o que mais trazia orgulho a todos.

Fechando a solenidade, Ariano foi surpreendido com a entrada no palco da Escola de Samba do Império Serrano, que traria no ano seguinte para a avenida o enredo "Aclamação e coroação do Imperador da Pedra do Reino, Ariano Suassuna"[31]

Por fim, antecipando as comemorações dos seus oitenta anos, a UFPE, sua segunda casa por mais de três décadas, cria e inaugura, em 21 de agosto de 2006. O NASEB (Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros). Em 2008, retorna à sala de aula da UFPE, no curso de Letras, lecionando *Estética,* a primeira disciplina por ele ministrada na instituição, na década de 1950.

2.1.1. A produção didática – Os passos que damos do desconhecido para o conhecido

A partir da década de 1950, Ariano Suassuna passou a dedicar-se à escrita de ensaios bastante elaborados, onde apresentou, de maneira aprofundada a Cultura erudita e a Cultura popular, já não prenúncio do que seria mais tarde o Movimento Armorial. De acordo com Newton Júnior "esses ensaios compõem um amplo painel do pensamento de Suassuna não apenas sobre as nossas manifestações artísticas, mas sobre o Brasil, seu povo e seu destino de um modo geral. " (2008, p. 7)

Ao ingressar na carreira de professor universitário, numa época de profunda escassez no mercado editorial de livros didáticos que contemplassem as cátedras que lecionava na UFPE, Suassuna começou a produzir o próprio material teórico, que usaria com seus alunos.

[31] - Informações obtidas no vídeo publicado originalmente no canal Núcleo de Memória Audiovisual CTE-UERJ, em 25/11/2019. Íntegra da Solenidade de Ariano Suassuna recebendo o título de *Doutor Honoris Causa.*

Inicialmente, produzia-o em mimeógrafo, reproduzia e distribuía para eles. Desse modo, essa produção pode ser caracterizada, segundo Newton Júnior, como uma extensão natural de sua atividade docente naquela instituição. Mais tarde, devido à qualidade das obras, elas seriam publicadas, algumas pela própria editora da Universidade Federal de Pernambuco por várias edições, inclusive. Ao longo dessas mais de três décadas, o professor Suassuna produziu ensaios, estudos e artigos de origem eminentemente acadêmica, que seriam posteriormente publicados em livros, anais e periódicos. Produziu ainda prefácios, posfácios, apresentações, introduções, e textos de suas conferências proferidas em eventos sobre Educação e da Cultura que foram mais tarde transcritas e publicadas pela UFPE. Todos esses seus escritos, utilizados em aula ou apresentações, e mais tarde publicados, configuram-se em documentos produzidos por ele, que hoje fazem parte do seu acervo didático para a História da Educação e da Cultura do Brasil.

O primeiro trabalho desse caráter a ser citado nesta pesquisa será a sua *Iniciação à Estética*, lançado em 1975, que já se encontra na 15ª edição. Nascida durante as aulas da disciplina "Estética" que Suassuna lecionou por décadas, a obra foi inicialmente um manual, escrito, utilizado, revisto e reescrito em mais de quinze anos de sala de aula. Foi pela primeira vez lançada pela editora universitária da Universidade Federal de Pernambuco, que pela qual foi objeto de mais quatro edições. Durante a entrevista para esta pesquisa, contou-nos Newton Júnior:

> "Foi assim, quando ele começou a lecionar *Estética*, fazendo apostilas, e depois lançou o livro com elas, na década de 1970. Ariano tinha uma boa biblioteca sobre o assunto, com traduções de vários autores argentinos. Sendo o socialista que era, ele a compartilhou, utilizando-a para escrever suas apostilas para a disciplina. Depois que lançou o livro, ele doou esses livros para a Biblioteca da universidade para que todos os alunos pudessem ter acesso àquelas obras. Naquela época, não havia a exigência de o professor entregar relatórios, projetos de pesquisa. Ariano ensinava, dava aulas, escrevia e publicava a sua obra, o que era computado como trabalho acadêmico. E ele dizia então que ser professor era um trabalho que lhe dava tempo de ler e escrever. Assim era a sua rotina: ele gostava de escrever pela manhã e à tarde, dava aulas, Dentro daquela carga horária não utilizada em sala de aula, escrevia suas obras, no campo do ensaio e da poesia. (NEWTON JÚNIOR, junho/2022)

Mais tarde, em 2003, a Editora José Olympio passou a editá-la e atualmente, a Editora Nova Fronteira assumiu tal ação, publicando-a na **Biblioteca Áurea**, uma parceria editorial entre a Nova Fronteira e a Amazon, que teve por finalidade a criação de uma espécie de "coleção de ouro" de clássicos dos mais variados gêneros e épocas, resgatando títulos de escritores consagrados. A obra, que " é 'uma espécie de 'prestação de contas' do seu trabalho como professor da disciplina *Estética*, na Universidade Federal de Pernambuco, no período de

1956 a 1973. ” (Newton Júnior, 2008, p. 11) já se encontra na décima quinta edição.

Imagem 28: Capa da Obra *Iniciação à Estética*, 1ª edição, 1975, UFPE.

Fonte – Arquivo da UFPE.

Nesta obra o autor sistematizou as reflexões dos grandes pensadores como Platão, Aristóteles, Kant e Hegel em relação ao assunto, não deixando, entretanto, de dar a sua contribuição para os debates acerca da Estética. Segundo Suassuna, a obra é um arcabouço do curso anualmente ministrado por ele aos estudantes da disciplina na UFPE. Ao publicá-la, o professor Suassuna procurou organizá-la didaticamente, para que os estudantes pudessem utilizá-la como um guia de estudos, e a dedicou ao professor e advogado Murilo Guimarães, que foi reitor da UFPE e também grande amigo.

Em 1966, escreve o ensaio *Olavo Bilac e Fernando Pessoa: uma presença brasileira em Mensagem?* Na ocasião, apresentando-se como ensaísta, observando entretanto que a crítica literária não seria sua especialidade, o professor Ariano Suassuna procura demonstrar , analisando textos dos dois poetas, que Olavo Bilac, antes de Fernando Pessoa teria recriado “miticamente a história marítima portuguesa, levado, no seu tradicionalismo, pela verdadeira obsessão que sentia por Portugal”.[32] Analisando o poema do poeta parnasiano brasileiro intitulado *Sagres*, escrito em 1898 e publicado em 1902, Suassuna demonstra que ele já é inspirado em Dom Henrique, ao passo que o primeiro poema de Fernando Pessoa dedicado ao infante é de 1913. Suassuna procura justificar que a ideia central do livro de Pessoa já se encontrava no poema de Bilac, como “uma gênese brasileira de Mensagem”. O texto foi publicado no mesmo ano pela Revista *Estudos Universitários* da UFPE. Em 1998, o ensaio foi publicado em Lisboa, pela Aríon Publicações.

No ano de 1962, o professor Suassuna escreve o ensaio *Teatro, Região e Tradição,*

[32] - SUASSUNA. *Bilac e Fernando Pessoa: uma presença brasileira em Mensagem?* (1966, pág. 78)

que publicou no livro *Gilberto Freire: sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte*, no qual analisa a parcela de influência por ele recebida em sua formação, vinda dos romances regionalistas nordestinos, como *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida e as obras de José Lins do Rêgo. Disserta ainda sobre o seu aprendizado no campo da dramaturgia, que culminou com que suas obras para o teatro tivessem influências tanto do romance nordestino como do teatro ibérico, pela semelhança que sempre percebeu existir entre o Nordeste brasileiro, Portugal e Espanha.

Em 1963, produziu um outro ensaio *Débora Brennand ou O Jardim e a Serpente*, sobre a Cultura brasileira em geral e a poesia em particular, publicado no livro Noites *de Sol ou As Viagens do Sonho*, lançado pelo Serviço Gráfico do Jornal do Commércio de Recife, em 1964. Débora Brennand foi uma poetisa pernambucana do Século XX, esposa do seu grande amigo, o artista plástico Francisco Brennand. Ela se destacou em espaços públicos de uma sociedade patriarcal, anteriormente destinados apenas aos homens, ocupando a Cadeira 37 da Academia Pernambucana de Letras. Na década de 1970, ingressaria no Movimento Armorial, como representante de sua literatura, na tessitura de uma poesia aristocrática e emblemática.

Em 1967, escreve o artigo *Encantação de Guimarães Rosa*, autor pelo qual sempre confessou ter grande admiração, publicado em 1967 pela editora da UFPE. Nele, o professor Suassuna comenta os depoimentos prestados no Conselho Federal de Cultura, em memória de João Guimarães Rosa, por Augusto Meyer, Afonso Arinos, Adonias Filho, Otávio de Faria e Josué Montello. Finalmente, expressa a sua própria opinião sobre o escritor, lembrando que não se pode esquecer a diferença que há entre "tempo cronológico" e "tempo real", aproximando Guimarães Rosa de Góngora, poeta espanhol do século XVII, e considerando-o um típico escritor do Barroco brasileiro. Suassuna sugere uma aproximação entre os estilos de Rosa e Euclides da Cunha, ambos barrocos, produzindo obras épicas, mas também distinções quanto às paisagens: "as matas fêmeas do *Grande Sertão: Veredas* são aparentadas com os bosques portugueses (...) e o mato macho, as paisagens secas e pedregosas que Euclydes da Cunha recriou (...) mais parecidos com as planícies e planaltos (...) do Dom Quixote" (Suassuna, 2008, p. 128)

No mesmo ano, seu trabalho *O Cancioneiro de Rodrigues Carvalho*, é publicado na Revista da Cultura do Conselho Federal de Cultura (MEC)

Em 1974, em plena efervescência do movimento cultural que fora idealizado e levado a cabo na Universidade Federal de Pernambuco, durante suas aulas e interações com seus

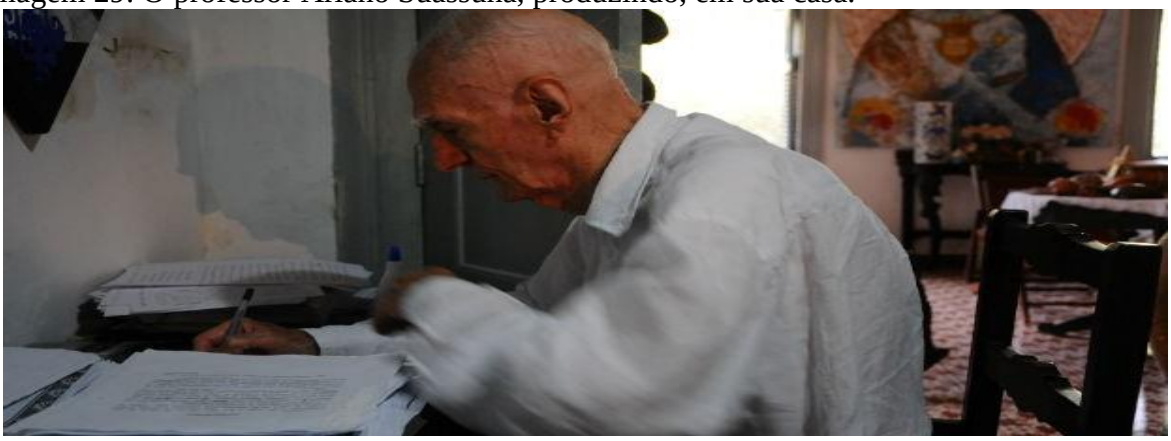
alunos e outros artistas da terra, o mestre tem publicado o ensaio *O Movimento Armorial*, pela Editora universitária da UFPE.

Esta pesquisa destaca ainda os trabalhos didáticos que ilustraram suas aulas e que foram mais tarde publicados: - *Cinema e Sertão*, publicado na Revista Cultural do MEC, em 1972; *Notas sobre o Romanceiro popular do Nordeste*, publicado pela Editora José Olympio, em 1974, e *A Arte Popular no Brasil*, publicada pela Companhia Editora de Pernambuco, em 1991.

Em 2008, Ariano Suassuna publica o seu *Almanaque Armorial*, que chama de "Grande Logogrifo Brasileiro da Arte, do Real e da Beleza", no qual reúne uma parte significativa desses trabalhos. O título do livro é uma homenagem aos "almanaques" sertanejos lidos durante a infância no sertão e o adjetivo "armorial" é uma alusão ao movimento que ele criara na UFPE e lançara a 18 de outubro de 1970, no Recife. O título foi o mesmo de duas colunas semanais que o mestre assinou em periódicos, onde fazia reflexões sobre o movimento. O termo "Almanaque" revela o critério da variedade dos textos que não são apenas de caráter literário, mas abordam a Arte e a Cultura em geral. Nele, estão inseridos os já aqui citados ensaios Olavo *Bilac e Fernando Pessoa: uma presença brasileira em "Mensagem"? Teatro, Região e Tradição*, *Encantação de Guimarães Rosa*, *A Arte popular no Brasil* e *Cinema e Sertão*. Ainda destacaremos *Genealogia nobiliárquica do teatro brasileiro*, *A Compadecida e o romance nordestino*, *Canudos, nós e o mundo* e *Euclydes da Cunha e os gramáticos*.

Como mestre, Ariano Suassuna produziu e transmitiu conhecimento, e segundo Newton Júnior, que teve o privilégio de ter sido seu aluno, repetia sempre em sala de aula uma frase de Lawrence Durrel, quando exemplificava para os seus alunos o grande paradoxo da aventura humana em direção ao conhecimento. "A cada passo que nós damos do desconhecido para o conhecido, mais se adensa o mistério. "

Imagem 29: O professor Ariano Suassuna, produzindo, em sua casa.



Fonte: Arquivo da família Suassuna.

2.2. O Movimento Armorial – Um laboratório de brasilidade

Inicialmente, cabe aqui explicar o significado da palavra "Armorial", um substantivo masculino que nomeia o livro onde são registrados os brasões. Compõe o conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um povo. Mas Ariano Suassuna já o transformara em adjetivo, em poesias escritas antes de 1970:

> Em nosso idioma, "armorial" é somente substantivo. Passei a empregá-lo também como adjetivo. Primeiro, porque é um belo nome. Depois, porque é ligado aos esmaltes da Heráldica, limpos, nítidos, pintados sobre o metal ou, por outro lado, esculpidos em pedra, com animais fabulosos, cercados por folhagens, sóis, luas e estrelas. Foi aí que, meio sério, meio brincando, comecei a dizer que tal poema ou tal estandarte de Cavalhada era "armorial", isto é, brilhava em esmaltes puros, festivos, nítidos, metálicos e coloridos, como uma bandeira, um brasão, um toque de clarim. Lembrei-me, aí, também, das pedras armoriais dos portões e fronteadas do Barroco brasileiro, e passei a estender o nome à Escultura com a qual eu sonhava para o Nordeste. Descobri que o nome "armorial" servia, ainda, para qualificar os "cantares" do Romanceiro, os toques de viola e rabeca dos Cantadores-toques ásperos, arcaicos, acerados como gumes de faca-de-ponta, lembrando o clavicórdio e a viola-de-arco da nossa Música barroca do Século XVIII. (SUASSUNA, Apud MORAES, 2000, p. 100.)

Conhecedor do conceito de Heráldica, como arte ou ciência que objetiva estudar a origem e o significado dos emblemas brasônicos, sendo ela sempre um objeto de distinção entre as elites de nobreza, afirma entretanto o mestre: " a unidade nacional brasileira vem do povo, e a Heráldica popular brasileira está presente nele, desde os ferros de marcar bois e os autos dos Guerreiros do Sertão, até as bandeiras das Cavalhadas."(SUASSUNA, 1974, p. 40) Afeito a inversões, o mestre cria ainda, a partir da heráldica dos ferros de marcar boi um alfabeto sertanejo, o alfabeto armorial.

Ao falarmos de Armorial, sempre nos remeteremos ao um movimento cultural que quis fundir o popular e o erudito. Antes do nascimento de Ariano Suassuna, seu pai, João Suassuna, enquanto presidente da província da Paraíba, já promovia cantorias no Palácio de governo, que podemos considerar como território de elite, de erudição. O próprio Suassuna menino, ainda em Taperoá tinha contato com as duas fontes: a erudita (na biblioteca do pai) e a popular (com o circo, com os cantadores e os mamulengos).

De acordo com o mestre Suassuna, a Arte armorial precedeu o próprio movimento. Em meados da década de 1940, quando cursava a faculdade de direito, ele começara a idealizá-lo, pensando inicialmente numa poética armorial. Para Newton Jr., o *Auto de João da Cruz*, peça escrita por Ariano em 1950, como uma releitura do *Fausto* de Goethe, já fazia

parte do Teatro armorial, antes mesmo do movimento ser fundado, exatas duas décadas depois.

Em 1946, aos dezenove anos, o jovem Suassuna organizara um encontro de cantadores, no Teatro de Santa Isabel do Recife, uma "atitude armorial", uma vez que trouxera os cantadores do povo para um espaço privilegiado, reduto da elite pernambucana. E a retomada com os seus amigos, entre eles Hermilo Borba Filho, do Teatro de Estudantes de Pernambuco, foi um grande aprendizado para ele, nesse encontro da arte popular com a erudita.

Em 1952, Suassuna escrevera um artigo onde chamava a atenção sobre as canções compostas pelo povo do sertão, que apresentavam influências das músicas árabe, indígena e ainda do Canto gregoriano. O mestre sonhava com uma música erudita brasileira que fosse baseada nesse amálgama. No final da década de 1960, na direção do Departamento de Extensão Cultural (DEC) da Universidade Federal de Pernambuco, Suassuna conhecera o jovem Antônio Nóbrega, com quem criou o Quinteto Armorial, onde o músico, cantor, ator, diretor e dançarino tocava as peças de Bach no violino e as canções populares na rabeca. Desse modo, o projeto Armorial surge dentro de uma universidade pública, idealizado por Suassuna, um de seus professores, com a sua preocupação de valorizar o saber popular, os mestres da cultura popular, que para ele era aquela que é feita pelo povo, pelo "Quarto Estado[33]", aqui identificado pelos analfabetos e os semianalfabetos.

Imagem 30: Capa do livro O *Movimento Armorial*, publicado em 1974, pela UFPE

Fonte: Arquivo da Universidade Federal de Pernambuco.

[33] - "Quarto Estado" é uma expressão utilizada pelo escritor russo Dostoiévski. Na França de Século XVIII, falava-se em três estados: nobreza, clero e povo. Mas o povo dividia-se em duas classes: A burguesia (que ao substituir a nobreza, passou a oprimir o povo) e o proletariado (o operariado urbano, os camponeses pobres, os desempregados e os sem-teto). A essa parcela do povo, foi que Dostoiévski chamou de o "Quarto Estado".

Assim, oficialmente, o Movimento Armorial nasceu no Departamento de Extensão Cultural, com o objetivo do professor Suassuna em criar uma arte brasileira erudita a partir da cultura popular, de olhar para dentro do país, estabelecer um diálogo entre a tradição e a cultura popular, decifrando um limite entre o "Brasil real" e o "Brasil oficial". Foi lançado em 18 de outubro de 1970, no quadragésimo aniversário da morte de João Suassuna, seu pai, na Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Recife, com o concerto "Três séculos de Música Nordestina – do Barroco ao Armorial". Segundo Ariano Suassuna, o Movimento Armorial foi mesmo uma resposta ao que ele chamou de um processo em curso de descaracterização e de vulgarização ao qual ele percebia submetida a Cultura brasileira. Por ele, incluía-se os instrumentos populares, como a rabeca, o pífaro, a viola caipira e o marimbau nas orquestras.

Durante a entrevista, em junho de 2022, o professor Carlos Newton Júnior, deu-nos seu parecer sobre a gênese desse movimento ter tido lugar dentro de uma universidade, idealizada, organizada e posta em prática por um professor:

> Todo professor universitário trabalha com Ensino, Pesquisa e Extensão. Esse é o tripé do trabalho docente na universidade. É a pesquisa que fomenta o ensino. E o ensino, quando sai da universidade, vira extensão. Essa é a ideia da "ação universitária". E Ariano Suassuna conseguiu unir tudo isso, a parte da extensão de pesquisa no Movimento Armorial. Porque ele foi o produto de um projeto de extensão de Ariano. Veja quantas pessoas ele formou: formou Maria Paula como bailarina. Nóbrega não era músico; só tocava um pouco de violino. E com ele, Ariano criou o Quinteto Armorial. Ele dizia a quem quisesse tocar, que o caminho era o Romanceiro popular. O Armorial foi um projeto de pesquisa pedagógica, e o seu orientador foi Ariano Suassuna. Ele dava os romances para Nóbrega e Antônio Madureira lerem e criarem as composições. Mas Ariano não estava interessado no sucesso. O Quinteto fez quatro discos, porque o interesse não era comercial. Era sempre o professor à frente, interessado na pesquisa de uma música brasileira erudita, a partir da popular.

Segundo Dona Zélia Suassuna, os primeiros encontros, ensaios e reuniões de trabalho do Movimento Armorial aconteceram em sua casa: "Meus filhos cresceram participando de tudo isso. " (2023)

O Armorial desenvolveu-se em três fases: a primeira – Experimental; a segunda – Romançal, e a terceira – Arraial (ou Ilumiara), quando o professor Suassuna já atuava como secretário de cultura no governo de Miguel Arraes (1995-1998).

Em outubro de 2020, em plena pandemia do Covid-19, a Cultura brasileira comemorava os 50 anos do Movimento Armorial, e para celebrar, o Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF) organizou a décima edição do Interculturalidades, que se realizou de 7 a 18 de outubro, on-line, com o título 50 *Anos do Movimento Armorial*, formado por mesas de debates, lives musicais, peças teatrais, palhaçarias, performances,

saraus e filmes. No folder da programação, após a apresentação do evento, definiu-se por fim "o dia em que, do Recife para o restante do Brasil, ouviu-se o manifesto inaugural de uma arte miscigenada por natureza que, de tanto olhar para o próprio quintal, universalizou-se."[34]

Em 10 de outubro, formou-se a Mesa 1 – *O Armorial como laboratório de brasilidade*, mediada por Isaura Mariano, com as participações dos professores e escritores Carlos Newton Jr. e Leonardo Guelman, do músico Antônio Madureira e da bailarina e coreógrafa Maria Paula Costa Rêgo. Para ela, uma apaixonada pela dança popular, " o Armorial na dança e em todas as expressões é infinito. Tem muito o que se fazer ainda. (...) No Armorial, o material é nosso e a criação é universal. "

Durante a realização da mesa-redonda, Antônio Madureira lembrou como passou a fazer parte do Movimento Armorial. Aos vinte anos, tinha um amigo, Fernando, que era aluno do professor Suassuna nas aulas de *Estética* e de *Filosofia*, na UFPE. O lançamento do movimento já tinha ocorrido na Igreja de São Pedro dos Clérigos, mas o mestre parecia não ter gostado do resultado do evento. Assim, o rapaz indicou Antônio Madureira como músico para Suassuna, e levou-lhe uma fita que o amigo gravara. Suassuna apreciou bastante e quis logo conhecê-lo, convidando-o imediatamente para trabalhar com ele e para assistir ao ensaio da Orquestra Armorial, no qual o músico tocou algumas de suas músicas e assim, surgia a primeira formação do Quinteto Armorial, em 1972, ano em que se realizou o segundo concerto. Dessa parceria, surgiria em 1976 uma orquestra, a Romançal, uma nova fase do quinteto. Por último, na década de 1990, surgiu o Grupo Arraial, que acompanhava as aulas-espetáculo de Ariano, com Maria Paula Costa Rêgo, na dança. As apresentações eram em praças, ginásios, estádios, onde o professor Suassuna falava de cultura seriamente e fazia as pessoas rirem.

Antônio Madureira, que ao referir-se no evento da UFF sobre a cultura e a civilização ameríndia declarou que "temos no Brasil uma das músicas mais antigas do planeta", e contou que estava acompanhando o mestre em sua última aula-espetáculo, em Garanhuns, em julho de 2014. "Zoca Madureira", era como o amigo da vida inteira lhe chamava. E ainda acrescentava: "- Zoca Madureira é o novo Villa-Lobos(...) se eu tivesse feito a metade da música que esse rapaz fez, eu era tão besta que não falava com ninguém. " Ariano Suassuna repetiu isso em várias ocasiões.

De acordo com a professora Gabriela Martin, o Movimento Armorial tem um lado arqueológico, porque foi uma verdadeira escavação da cultura brasileira. O professor

[34]- Transcrito do folder de apresentação do evento, acessado de http://www.centrodeartes.uff.br/eventos/10º-interculturalidades-50-anos-movimento-armorial, em 30 de setembro de 2020, às 19:30 horas.

Suassuna que era um grande pesquisador da Pré-história do Nordeste brasileiro, jamais concordou com a expressão "Cinco séculos de arte brasileira". Como assim? Não havia arte antes do descobrimento? Em sua conferência Uma *teoria da Arte rupestre*, publicada em 1991, o professor Suassuna escrevera sobre a nossa arte rupestre, sobre o artista pré-histórico brasileiro, que registrava em suas figuras as histórias que vivia, e o que esperava do futuro.

O colega de trabalho na UFPE, o professor de matemática, física e filosofia, Jarbas Maciel, que era violinista e fora aluno do Maestro Guerra Peixe, também participou da gênese do Armorial, tornando-se grande amigo de Suassuna. E em entrevista à Revista Continente, em 01/09/2014, concedida a Carlos Eduardo Amaral, enfatiza em tom profético:

> Daqui a 100 anos, Ariano vai ser o cara mais pesquisado, mais lido, mais 'tesado' (transformado em tese) do Brasil. Ele conseguiu meter uma broca e furar o subsolo cultural, étnico e etnográfico do país. Foi ao petróleo da cultura brasileira. (MACIEL, 2014)

Sem dúvida, o princípio norteador do Movimento Armorial foi a integração entre as artes: a música, a dança, o teatro, a arquitetura, entre outras manifestações. Ao lançar o movimento em 1970, O professor Suassuna dizia que se o Armorial partia das raízes populares da cultura brasileira, não se devia limitar-se a repeti-las. Era necessário criá-las e transformá-las de acordo com o temperamento e o universo particular de cada um, para enfim, expressarmos o que é nosso, com qualidade, seguindo o único caminho capaz de levar à verdadeira arte universal, "aquela que partindo do nacional, se universaliza pela boa qualidade. " (SUASSUNA, 1970). Para complementar a sua inferência, citava nessas ocasiões o escritor russo Tolstói: "Se queres ser universal, comeces por pintar a tua aldeia. "

2.3 – O canto de Ariano – Um ensaio pela tevê sobre cultura e identidade

Em 19 de março de 1999, estreava o quadro semanal O **Canto de Ariano,** ao meio-dia de sábado, que fazia parte do Programa NE-TV: 1ª Edição, não afiliada da Rede Globo, no Recife. Suassuna o apresentou até 13 de maio de 2006. Foi um espaço televisivo criado para expor os pensamentos do educador e artista, ao falar de educação e cultura, contar das memórias da infância, da juventude e das parcerias, e homenagear personalidades da literatura, da música e das artes plásticas. Suassuna fazia daquele momento semanal, gravado

em sua casa, em seu jardim, um espaço para difundir cultura e conhecimento. Era mais uma vez o professor-ator, o palhaço-professor, o defensor da cultura popular do Brasil.

Em um dos quadros, mostrou aos telespectadores o seu escritório, onde preparara suas aulas por décadas, e produzia seus escritos. Explicou que tudo o que escrevia, era primeiro em versão manuscrita, em papel pautado, que depois era datilografado. Mais tarde, uma segunda versão manuscrita era preparada, ilustrada por desenhos que ele mesmo pintava, e por fim, nascia uma última versão manuscrita com tinta nanquim e letras desenhadas, cheia de ilustrações.

Imagem 31: Mesa de trabalho de Ariano, com seus manuscritos e desenhos.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 32: Sala onde Ariano trabalhava, em sua casa, preparando as suas aulas e textos.

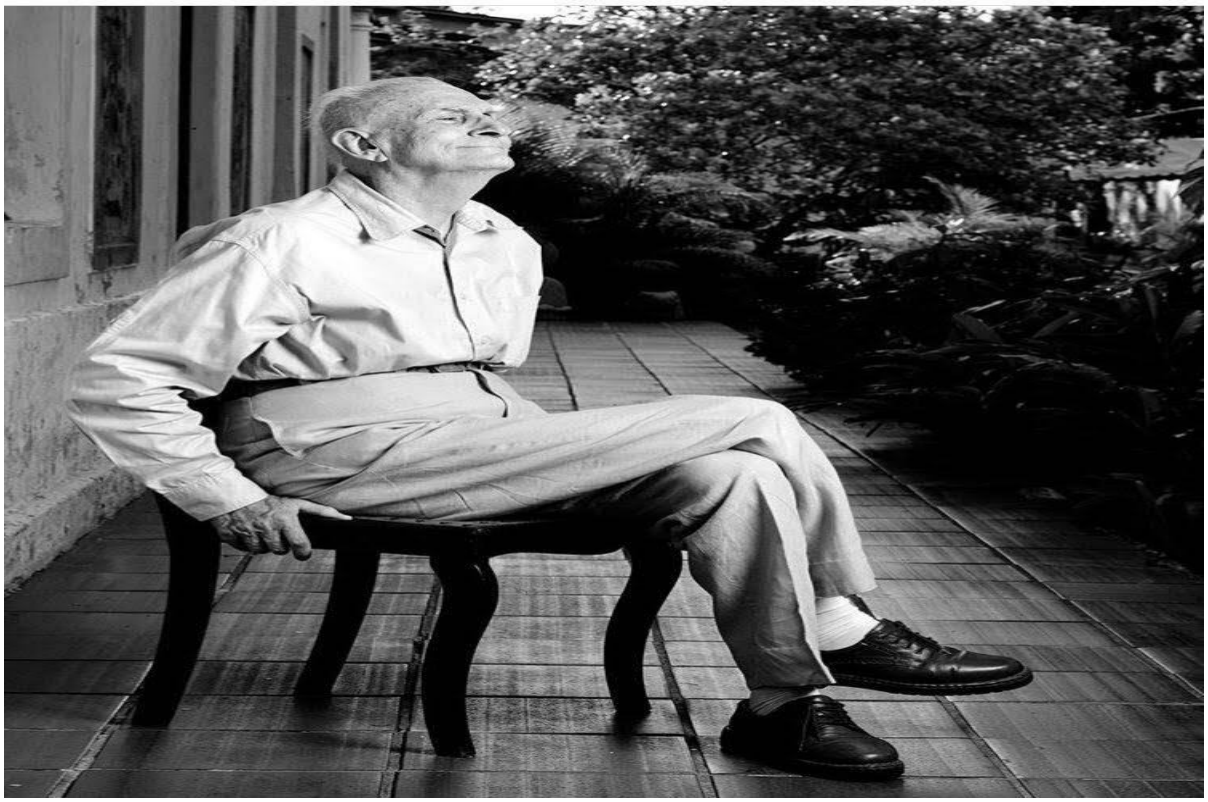
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Durante as edições do programa **O Canto de Ariano**, o professor Suassuna, já aposentado de suas aulas na Universidade Federal do Recife, falava da cultura brasileira e dos seus artistas, inclusive escritores e poetas. Eram verdadeiras aulas e oportunidades para o enriquecimento cultural, pela televisão. Durante aqueles anos, os telespectadores puderam assisti-lo, falando sobre a grande admiração que nutria por Euclides da Cunha, que com sua obra *Os Sertões* o fez acreditar no Brasil e no povo brasileiro; Sobre Monteiro Lobato, declarando no ar dever muito do seu amor pelos livros a ele. Contou que quando menino, certa época, por ter tirado boas notas, ganhara de dona Ritinha as obras completas dele, e que aqueles livros tinham sido os seus companheiros na infância e na adolescência. Foram livros que leu com um encantamento que durou por toda a vida. Contou também aos espectadores, sobre um episódio ocorrido em 1948, em sua primeira ida a São Paulo, quando avistou Monteiro Lobato numa livraria. O escritor paulista o cumprimentara, mas por timidez, só dissera também “Boa tarde! ”, perdendo a oportunidade de conhecê-lo. Um dos mais belos quadros do programa foi quando declarou a sua grande admiração por Manuel Bandeira, principalmente pelo seu poema *Vou me embora pra Pasárgada*, que logo após, recitou com desenvoltura, interpretando-o a seguir. O professor Ariano Suassuna possuía uma memória extraordinária.

Aquele programa era mesmo um lugar para se prestar homenagens. Assim, ao longo daqueles sete anos em que o **Canto de Ariano** era exibido, foi possível ao telespectador aprender de casa, do sofá da sala, sobre personalidades que fizeram a história da cultura

nacional e universal, como Ascenso Ferreira, Guimarães Rosa, Carlos Pena Filho, Miguel de Cervantes, Machado de Assis, a grande amiga Raquel de Queiróz, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e o gaúcho Simões Lopes Neto. A música e as artes plásticas também foram temas de muitos dos quadros, como quando Suassuna prestou homenagem aos amigos Sivuca (Severino Dias de Oliveira), Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa) e Francisco Brennand.

Imagem 33: O professor Suassuna, em seu jardim, gravando o programa "O Canto de Ariano.



Fonte: Acervo da família Suassuna.

2.4 – O Secretário de governo e os projetos culturais

> "Ingressei no patriciado das cidades como o escritor e professor que sempre fui. " (Ariano Suassuna, no discurso de posse na ABL, 1990)

Como já foi aqui registrado, o professor Suassuna esteve à frente de secretarias de governo por três vezes. A primeira foi em 1975, enquanto lecionava na UFPE, quando foi convidado para ser Secretário de Educação e Cultura do Recife, pelo prefeito Antônio Farias,

ficando no cargo até 1978, quando pediu exoneração para dedicar-se exclusivamente à sua verdadeira vocação de professor e escritor.

Enquanto secretário de cultura de Pernambuco, no governo de Miguel Arraes (1995-1998), elaborou e coordenou as aulas-espetáculo, práticas de produção de conhecimento partilhado, que eram eventos culturais organizados com muitos elementos icnográficos e musicais da Estética armorial, que continuaram até o fim de sua vida. De acordo com sua filha, Ana Rita Suassuna Wanderley, durante a entrevista para esta pesquisa, esse termo "aulas-espetáculo" foi como ele batizou esses eventos, quando iniciou suas apresentações, como secretário de governo. E sobre elas, acrescenta:

> As aulas-espetáculo foram muito importantes para fortalecer a Cultura brasileira. Na visão dele, um povo sem cultura, perde sua identidade. Além disso, as aulas também serviam para provocar uma reflexão política sobre a necessidade do nosso país enxergar que precisamos ter um olhar prioritário para as pessoas do "Brasil real" e reduzir as desigualdades sociais existentes. (Wanderley, 2023)

Ariano Suassuna percorria com a sua equipe os teatros, a escola da rede públicas, as universidades e centros culturais por todo o país. "Acho que todo professor tem que ter alguma coisa de ator, senão ele não terá sucesso. Sendo somente uma exposição de ideias, dificilmente ele chamará a atenção dos alunos" (SUASSUNA, 2010)

O seu Projeto Cultural Pernambuco-Brasil, no qual delineava suas ações enquanto secretário de cultura foi divulgado em junho de 1995, comunicando entre as quais a apresentação das aulas-espetáculo, compostas de explanações sobre a Cultura brasileira, exibição de músicas, danças e imagens ligadas à escultura, pintura, fotografia, etc.

Segundo ele, havia três tipos de aulas-espetáculo: a completa (quando se fazia acompanhar por músicas e dançarinos), a reduzida (apenas acompanhado pelo músico Antônio José Madureira), e a reduzidíssima (quando Suassuna assumia sozinho palco e plateia). Tudo era feito no improviso, sem texto pronto, com o "picadeiro" que era o palco de teatros, instituições as mais variadas, e até praças públicas de periferias e de cidades do sertão, iluminado por sua genialidade. Era sempre um momento de festa porque a grande questão era "discutir a situação da Cultura brasileira", um olhar sobre a identidade cultural do Brasil, com suas matrizes indígenas, portuguesas e africanas, através da música e da dança.

Na secretaria de cultura daquele que chamava de seu "estado paterno", Ariano Suassuna também inaugurou espécies de "anfiteatros" pelas periferias de Pernambuco, conhecidos por "ilumiaras", onde o povo podia realizar suas manifestações culturais como o Frevo, o Maracatu, o Cavalo-marinho e outros folguedos. A primeira a ser inaugurada foi a

“Ilumiara Zumbi”, em 11 de julho de 1997, localizada no bairro olindense de Cidade Tabajara. Durante o carnaval, ali se apresentam as agremiações do Maracatu, como a ”Piaba de ouro”. Suassuna Inaugurou também a “Ilumiara da Pedra do Reino”, que fica em São José do Belmonte. As esculturas e murais das ilumiaras são obras do escultor Arnaldo Barbosa. Em sua tese de doutorado aqui já citada, Jenesis Genuncio, mencionando documento da Unesco, elaborado a partir de uma conferência realizada no México, em 1982, registra que “ Toda pessoa deve poder participar da vida cultural, de modo que possa também exercer suas próprias práticas culturais. ” (2018, p. 33)

A proposta e a realização das ilumiaras surgiu porque como secretário de cultura do estado, o professor Suassuna deparou-se com uma portaria que reforçava a necessidade de interiorização dos centros de cultura como tentativa para diminuir a disparidade dos investimentos de cultura entre as diversas regiões do Estado. Até então, só havia sido feita uma pequena tentativa: o projeto do Museu de Barro de Caruaru. Mas sempre se constatava que os projetos tendiam à construção de prédios de difícil manutenção. A solução que vislumbrara como secretário de governo e professor, preocupado com uma cultura de qualidade acessível a todos, inclusive à gente do “Brasil real” fora estabelecer, como ponto de partida, locais e grupos comunitários onde o próprio povo organizasse atividades ligadas à arte, como no caso da “Ilumiara Zumbi”, no bairro olindense Cidade de Tabajaras, onde as pessoas já se organizavam como “brincantes” de ciranda, coco, forró, Cavalo-marinho, mamulengos e de Maracatu Rural com o Mestre Salustiano da Rabeca[35]. Na inferência do professor Suassuna, os locais onde essas artes eram praticadas configuravam-se como os verdadeiros centros culturais populares. E delas, podia-se partir para a criação de um centro real, barato, possível, que ao mesmo tempo correspondesse à verdade profunda do povo.

[35] - Manoel Salustiano Soares, O Mestre Salustiano da Rabeca, foi um ator, músico, tocador de rabeca, compositor e artesão Brasileiro, uma das maiores autoridades em cultura popular pernambucana. Foi o fundador do Maracatu rural Piaba de Ouro. Recebeu o título de “Patrimônio vivo de Pernambuco”.

Imagem 34: Anfiteatro Ilumiara Zumbi, fundado pelo então secretário de cultura Ariano Suassuna, em Olinda.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 35: Mural da Ilumiara Zumbi, onde estão representados Zumbi e Dandara.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 36: Mural da Ilumiara Zumbi representando Oulu e sua mãe Iemanjá.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 37: Mural da Ilumiara Zumbi representando Iansã e Ogum.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 38: Ariano e Zélia Suassuna, na Ilumiara Zumbi.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, foto de Robin Moreira Machado.

Imagem 39: Mural da Ilumiara Zumbi, com personagens brincantes dos folguedos Cavalo Marinho e Maracatu.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto de Robin Moreira Machado.

Em 26 de agosto de 1997, durante o seu secretariado, foi inaugurado, o Teatro Arraial, cujo nome é claramente uma homenagem ao Arraial de Canudos e a Antônio Conselheiro, figura emblemática que representa o povo do "Brasil real. " Aquele era o ano do centenário de destruição do Arraial de Canudos, e por isso, Ariano deu-lhe esse nome. O espaço se destina à apresentação de espetáculos teatrais e musicais, apresentações de circo e de dança, bem como de outros eventos culturais. Em 2014, após reformas, foi renomeado para Teatro Arraial Ariano Suassuna. É o único teatro gerido pelo Estado, na capital pernambucana, através da FUDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco).

Na primeira gestão de Eduardo Campos como governador de Pernambuco, Suassuna voltaria à secretaria de cultura (2007-2010). De acordo com o professor Carlos Newton Júnior, era uma secretaria especial de cultura, diferente de como fora no governo de Miguel Arraes, em 1995. Suassuna já estava com oitenta anos. E ao receber o convite de Eduardo Campos, dissera a ele não ter mais saúde para assumir uma gestão que envolvia tantos empreendimentos e estrutura. Desse modo, o então governador criou uma "secretaria especial de cultura", na qual o professor Suassuna ficaria apenas com o Projeto das aulas-espetáculo. A outra parte da cultura ficaria a cargo da FUNDARPE, que cuidaria inclusive dos museus. [36] Tomou posse em primeiro de janeiro do ano em que se tornaria octogenário, fazendo questão de nomear como assessores apenas artistas, para que juntos pudessem inclusive lutar contra a injustiça e a exclusão social de negros e mulheres. Era uma equipe composta por músicos, cantores, atores e bailarinos que junto com ele atravessavam todo o Estado de Pernambuco, de

[36] Informação obtida durante a entrevista com Newton Jr., em 13.06.2022.

Recife a Belém de São Francisco, contemplando com cultura de qualidade o maior número possível de cidadãos. Eram espetáculos das mais variadas manifestações artísticas da cultura nacional, como o maxixe, por exemplo, que nasceu da fusão de uma dança indígena com uma dança africana, assimiladas pelo português, dando origem a esse estilo de bailado.

Como a sua casa, o seu gabinete de secretário de governo também denotava seu estilo de vida: Uma pequena sala, num casarão secular, na Rua Aurora, 424, no Recife. Ali não havia luxos, nem tecnologia, sequer um computador. Sobre a mesa, coisas comuns às velhas repartições, um telefone e uma pequena escultura de um "guerreiro de lança", personagem do Maracatu.

Nessa gestão, o professor Carlos Newton Júnior foi um dos seus assessores, com Ariano tendo a finalidade de ter alguém para apresentar com ele as aulas-espetáculo:

> Ele disse: "- Tenho problemas de saúde (ele sofria de labirintite), e quando vou para o interior, posso não passar bem. E nesses dias, você faria as apresentações. " – No início, ele tinha pensado que não poderia fazer as aulas-espetáculo em todas as cidades. E pensou em dividir comigo. Eu era uma espécie de reserva. Mas na prática, Ariano acabava fazendo todas, porque percebia que boa parte daquelas plateias estava ali por sua causa. E se eu apresentasse, seria diferente. A parte dos músicos e dos bailarinos era a mesma, mas a presença dele é que era importante. Ele era a grande sensação. Até porque, na época, Ariano já era uma celebridade. A terceira montagem do *Auto da Compadecida* feita pela Globo, em 1999, sob a direção de Guel Arraes foi que de fato o tornou uma celebridade. Com o público jovem, ela foi determinante. Já não podia mais andar na rua sem ser reconhecido. Ele já tinha ficado muito famoso com as aulas que dava pelo programa de tevê *O Canto de Ariano*, aos sábados pela Rede Globo de Recife. (NEWTON JÚNIOR, 2022)

Newton Júnior também nos relata sobre a mudança significativa, no cotidiano do professor Suassuna, na época. No bairro Casa Forte, onde Ariano residia, havia uma praça onde ele, por determinações médicas, passara a fazer caminhadas. Mas com a fama, começaram os pedidos de autógrafo e o assédio. Um dia, o professor Carlos Newton foi visitá-lo, e o encontrou caminhando ao redor da grande mesa que tinha, na sala de jantar. Trazia várias pedrinhas no bolso e um cestinho sobre a mesa. E a cada volta que dava, depositava nele uma delas. Quando o amigo lhe perguntou o motivo, explicou: " – O médico disse que eu preciso caminhar, mas não posso mais andar na praça. "

> Então, veja, ele tinha ficado prisioneiro da própria fama. E quando foi trabalhar com Eduardo campos, dando essas aulas-espetáculo, já era esse Ariano que não podia chegar a lugar algum sem ser reconhecido. E essas aulas acabaram revelando que era impossível substituí-lo. Eu até ia, como uma espécie de reserva, mas ficava sentado, ajudando-o. E em algumas ocasiões, dividia o palco com ele. Para que não se cansasse muito, eu apresentava metade e ele a outra. Mas ele tinha que estar lá. E as aulas, quando eram para serem filmadas e distribuídas para as escolas, eram dadas só por ele. Nessa época, fomos colegas de trabalho. (NEWTON JÚNIOR, 2022)

No segundo mandato de Eduardo Campos, Suassuna integrou a Assessoria especial de governo, até abril de 2014, continuando com seus projetos culturais itinerantes. Nesse período, realizaram-se ao todo 177 aulas-espetáculo, levadas a 100 cidades do Estado de Pernambuco, de 2007 a 2014, sem contar as que ele levou Brasil afora, em vários tipos de instituições. Quando faleceu, em 23 de julho daquele ano, o governador, um ex-aluno, declarou que para ele, Ariano fora um grande professor não apenas na universidade, mas na vida, como ser humano e cidadão.

2.4.1 A Onça malhada, a Favela e o Arraial: um projeto de Ariano Suassuna sobre Educação e Cultura itinerantes

Diante de mim, as malhas amarelas
Do mundo, onça castanha e destemida.
No campo rubro, a Asma azul da vida.
À cruz do Azul, o Mal se desmantela. ”
(Ariano Suassuna, Iluminogravura, O Mundo do Sertão”, 1980)

Com o amadurecimento de suas aulas-espetáculo, o professor Suassuna desenvolveu durante o governo de Eduardo Campos o projeto de educação itinerante conhecido como “A Onça malhada, a Favela e o Arraial”. Com ele, Suassuna ampliava sua prática docente, transformando a sala de aula em *locus* itinerante, percorrendo juntamente com uma equipe de artistas, as periferias das cidades brasileiras, as favelas e os rincões do sertão, convidando o povo simples daqueles lugares a assistir a espetáculos de música, dança, teatro e literatura, numa espécie de circo.

Ariano Suassuna explicava o nome do seu projeto de educação itinerante de trás para a frente: Começava pelo Arraial, o de Canudos, que o inspirara em sua prática social, literária e docente, e cuja história conhecera ao ler a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Esse escritor fora enviado como correspondente até a região do confronto para cobrir os acontecimentos, a serviço do jornal A *Província de São Paulo*, atual *O Estado de São Paulo*. Ao presenciar a verdadeira face dos fatos, Euclides da Cunha compreendeu a injustiça social que ali acontecia e o quão era covarde, desigual e desumano aquele conflito. Ali estava o governo brasileiro, juntamente com a sociedade e o exército massacrando impiedosamente, com armas e calúnias, milhares de seres humanos pobres, negligenciados e abandonados nas

condições adversas do território do sertão árido. Para o professor Suassuna, que via o sertão como grande paradigma do Brasil, teria sido com Euclides da Cunha que o Brasil saíra do fundo da paisagem e se tornara um grande emblema.

A Guerra ou Campanha de Canudos (1896-1897) foi um confronto armado entre os membros da comunidade sociorreligiosa liderada por Antônio Conselheiro, que se tornou uma espécie de guia religioso no sertão do Brasil do final do Século XIX, e o exército brasileiro. No Arraial de Canudos, interior da Bahia, ele e seus seguidores, milhares de sertanejos excluídos social e economicamente pelo governo central, ergueram a cidadela de Belo Monte. Eles pretendiam ali recomeçar uma nova vida, trazidos pela seca que assolava o Nordeste do Brasil, fugindo do desemprego, da pobreza e da fome.

Algum tempo após ali estarem estabelecidos, lutando contra as adversidades da geografia e do clima para manter a subsistência, surgiram rumores disseminados por latifundiários e membros da Igreja de que os moradores da cidadela planejavam se armar, invadir e saquear cidades vizinhas, partindo depois para a Capital federal, o Rio de Janeiro, com o objetivo de depor o então presidente da república Floriano Peixoto, e reinstalar a Monarquia. A imagem de Antônio Conselheiro como "perigoso monarquista" foi propagada pela imprensa nacional, e ganhou o apoio da opinião pública. Debruçando-nos sobre o ocorrido em Canudos, constatamos que as "fake news" sempre fizeram parte dos fatos históricos. Pelos interesses políticos e econômicos dos poderes hegemônicos do final do Século XIX, foi difundida a narrativa de que Antônio Conselheiro e os sertanejos que o acompanhavam, após invadir a Cidade de Juazeiro, planejavam derrubar a República.

Não obstante existir nenhuma prova de que isso fosse verdade, as autoridades que até então só se lembravam da gente de sertão para a cobrança de altos impostos, enviaram quatro expedições militares, até que o lugar fosse destruído, com o massacre covarde de cerca de vinte e cinco mil pessoas.

O escritor Machado de Assis, por meio da crônica, gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura, costumava manifestar em seu tempo, o seu posicionamento em questões da política brasileira, o que fez em relação a Canudos, ao perceber que o sensacionalismo de grande parte da imprensa nacional prejudicava a compreensão da opinião pública a respeito daquele fato histórico. Em 22 de julho de 1894, publicou, no jornal *Gazeta de Notícias*, a crônica "Canção de Piratas", registrando a sua desconfiança em relação aos relatos oficiais que tratavam de Canudos e de Antônio Conselheiro, que chamavam de herege, ladrão e desordeiro. Para ele, Canudos era a voz do sertão contra aqueles que pela posse da terra,

enriqueciam à custa do trabalho escravo, fundamentado no direito de propriedade. E em várias de suas crônicas, publicadas nos anos que se seguiram, demonstra o seu protesto quanto a perseguição que se fazia ao Conselheiro e a sua gente, bem como a ausência do direito de resposta deles, visto que era papel primordial do jornalismo ouvir os dois lados da questão. Mas apenas o governo era ouvido, enquanto que Canudos era silenciado. Visto que a grande imprensa, distante geograficamente e emocionalmente do conflito, dava créditos a boatos, em 31 de janeiro de 1987, escreveu: " Nenhum jornal mandou ninguém a Canudos. "

A partir desse apelo, os jornais começaram a enviar seus correspondentes à localidade, afim de colher outros fatos que não fossem os trazidos pelas versões governistas, monopolizadoras da opinião até então. E representando o periódico *O Estado de São Paulo,* seguiu para a região o escritor e também jornalista Euclides da Cunha, que após retornar da missão, trazia vasto material histórico, antropológico e literário, e mais tarde produziria a sua obra prima, *Os Sertões,* contando ao mundo a guerra e a vida daquele povo sofrido e explorado, o sertanejo, com uma existência tão desvalida e diferente das pessoas privilegiadas que habitavam as cidades da faixa litorânea do Brasil. Ao conviver com ele, Euclides da Cunha descobrira o "Brasil real", território ao qual Machado de Assis referira-se. E descreveria para o mundo suas características geológicas, botânicas, zoológicas, hidrográficas e humanas. Narraria pela arte da palavra, a Literatura, a vida, as lutas, os costumes, a religiosidade, a coragem, a força e a resiliência daqueles que habitavam o interior "escondido" do Brasil que o outro Brasil, o "oficial", não valorizava. Frequentemente, ao citar este episódio da história do Brasil, Suassuna declarava ser impossível entender o Brasil sem entender antes o episódio de Canudos.

Ainda de acordo com Suassuna, as favelas brasileiras da atualidade seriam equivalentes urbanos do Arraial de Canudos do final do Século XIX. Nas favelas moram pessoas que também são cidadãos e devem ter acesso à cultura, mas sofrem muitas vezes a truculência das instituições: "Quando vejo a polícia cercando a favela, vejo o cerco a Canudos. Ali está o "Brasil real. " (SUASSUNA, 2007)

A mais antiga favela carioca é o Morro da Providência, ocupado em 1897 pelos soldados do Rio de Janeiro, ao voltarem do conflito de Canudos, que mobilizou cerca de doze mil soldados oriundos de dezessete estados brasileiros, dentre eles a Capital federal. Findo o confronto, em cinco de outubro de 1897, eles retornaram para casa, pobres e sem moradia e invadiram uma chácara que ficava no alto desse morro. Ali, identificaram uma planta a qual tinham encontrado na paisagem de Canudos, conhecida como *favela* e se lembraram de que

por isso o morro onde Antônio Conselheiro e seus seguidores haviam erguido a cidadela de Belo Monte chamava-se Favela. Relata Euclides da Cunha em *Os Sertões:*

> (...) elíptica curva fechada ao sul por um morro, o da Favela, em torno de larga planura ondeante onde se erigia o Arraial de Canudos. [...] O nome do morro devia-se a uma planta comum na região, as favelas, anônimas ainda na ciência - ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus..." (CUNHA, 1950, Págs. 22 e 41)

Segundo Ariano Suassuna, tanto Antônio Conselheiro e sua gente como os soldados que os massacraram pertenciam ao "Brasil real", pátria dos pobres e abandonados pelo "Brasil oficial", o país dos ricos e das autoridades governamentais. E esses militares haviam sido mandados para matar sua própria gente. A palavra *favela* faria a ligação entre os dois emblemas do Brasil verdadeiro: o emblema urbano e o rural, a "favela" das cidades grandes e o "arraial" do sertão. Antônio Conselheiro após ser encontrado já morto na cidadela, ainda tinha sido decapitado, e sua cabeça exposta ao público, como troféu de guerra da República. Ao falar sobre isso, Suassuna acrescentava que quando o "Brasil real" levanta a cabeça, o "Brasil oficial" vem e corta. Numa igreja do Morro da providência, dizem estar a cruz do Senhor do Bonfim, que ficava na capela de Canudos.

A Onça malhada que para Ariano Suassuna era o símbolo do povo brasileiro, seria uma metáfora da nação, mesclada por cores e etnias, simbolizando a variedade cultural brasileira. Suas malhas representariam as diversas etnias que formam o povo brasileiro. Dizia ter aprendido com Euclides da Cunha que o brasileiro era pardo, mas Gilberto Freire já lhe caracterizava como moreno. Finalmente, influenciado por Silvio Romero, concluíra que nosso povo era mestiço. Mas achou conveniente chamar a onça de malhada, aquela que representa todas as cores misturadas e estampa várias tonalidades. O animal das matas brasileiras marcara toda a sua vida e seria ainda um emblema cultural nacional:

> A onça é um animal mítico. Cheguei a ver duas quando menino e adolescente. Meu irmão, que estava com uma espingarda, correu para cercá-la, mas achei que ele tinha me deixado. Tive um medo que ninguém pode imaginar o tamanho. A onça é um animal belíssimo. Na medida em que ia me tornando escritor, ela foi aparecendo. Já adulto, encontrei um sertanejo que me revelou que a morte era mulher e se chamava Caetana. Passei, então, a chamar a morte de Moça Caetana. Depois notei que a palavra moça é quase onça, o animal mais matador do sertão. Fiz da morte uma mulher felina que às vezes se encarna em onça. " (SUASSUNA, 2007, s.p.)

Na verdade, a figura mítica da onça sempre acompanhou a sua trajetória pessoal, literária e docente. Em 1976, no concurso de Livre Docência da UFPE que lhe conferiu o diploma de Doutor em História, Ariano Suassuna defendeu a Tese intitulada *A Onça*

Castanha e a Ilha Brasil: Uma Reflexão sobre a Cultura brasileira, que tem na introdução o seguinte período:

> Sou um brasileiro, um latino americano. Pertenço, portanto, aos povos castanhos e insulares- também insulados - da Rainha do Meio-Dia, povos integrantes da Raça parda e Bruna do mundo, isto é, povos ao mesmo tempo noturnos e solares, apolíneos e dionisíacos, mais dançarinos e musicais do que reflexivos, mais da "plástica sensual" e da pulsação do ritmo estético do que da abstração. [...] foi deles que, a caminho da Índia e a partir do mito da Ilha Brasil – identificada frequentemente em seus sonhos com a Ilha Afortunada, Catai e Cipongo – surgiu o tronco ibérico da Cultura brasileira, aqui mais acastanhada ainda através dos cruzamentos e toques de sangue do Negro e do Vermelho, na busca da estabilização daquilo a que Euclydes da Cunha chamou de pardo e em que Sylvio Romero foi o primeiro a ver uma mestiçagem moral, cultural, muito mais importante do que a do sangue. (SUASSUNA, 1976, págs. 3 e 4)

Assim, quando Eduardo Campos o convidou para assumir novamente a pasta da Secretaria Especial de Cultura de Pernambuco, Suassuna não hesitou e voltou a unir educação, cultura e política, realizando o papel do Estado na promoção do conhecimento, retornando suas aulas-espetáculo, dessa vez com mais recursos para realizá-las da maneira como sempre sonhara. O palhaço que trazia em si falou mais alto, e Suassuna idealizou executá-las debaixo de uma lona de circo, com alegria, arte e beleza. Era a cultura popular discursada no picadeiro. Fora ainda na infância que travara seu primeiro contato com o teatro, e isso acontecera num circo, o *Circo Stringhini*, onde conheceria o palhaço Gregório, imortalizado em *O Auto da Compadecida* como o palhaço-narrador das aventuras e desventuras de João Grilo e Chicó.

No projeto, estavam envolvidos o Suassuna secretário de governo, o dramaturgo e o professor. Entretanto, desta vez, seria uma sala de aula com o ambiente físico de um palco de teatro. Tratar-se-ia de uma sala de aula itinerante, a sua "Onça malhada, a Favela e o Arraial". Eram espetáculos das mais variadas manifestações culturais, nos quais a secretaria de cultura procurava desenvolver atividades voltadas para o interior do Estado de Pernambuco e para os moradores de favelas. De acordo com Jenesis Genuncio, " a arte, em geral, e o teatro, em particular, abrem caminhos para a conscientização social, isto é, a cidadania cultural. " (2018, p. 76)

A coreógrafa do grupo era a bailarina Maria Paula Costa Rêgo, que fazia parte da Secretaria Especial de Cultura do Estado de Pernambuco, e que junto com Suassuna organizou as aulas-espetáculo Onça malhada (2007), Nau (2007), Chamada ao Piano (2010) e Tributo a Capiba (2011). Maria Paula começou na dança entre a infância e a adolescência, e aos dezessete anos, já coreografava. Cursando o Ensino Médio (antigo Científico), conheceu

no colégio a filha de Ariano, Mariana, de quem se tornou muito amiga, passando a frequentar a casa da família. O professor Suassuna reconheceu seu talento e mais tarde a levaria para o Balé Popular do Recife, que recriava as danças populares do Nordeste. Numa parceria de anos de pesquisas e práticas, fundariam juntos, em conjunto com brincantes e bailarinos, o Grupo Grial, inserindo as danças populares do Nordeste numa recriação cênica. Suassuna a apresentou ao Mestre Salustiano da Rabeca, que tinha na época um cavalo-marinho e um maracatu rural, fazendo com que Maria Paula frequentasse as "sambadas" pela primeira vez na vida, trazendo muitas mudanças, em termos da arte da dança. Ela pôde perceber que esses mestres e brincantes tinham que ter visibilidade, pelo valor imenso que tinha a sua arte. Segundo Maria Paula, essa arte, "além da qualidade, é inventiva, potente, arrebatadora. E o Grial trouxe para o seu cerne mestres e brincantes para participar de suas peças coreográficas. Não eram cenário, mas protagonistas, com seus corpos, movimentos e inventividade. "

Imagem 40: A bailarina Maria Paula Costa Rêgo e o Mestre Ariano, no palco.

Fonte: Acervo pessoal da artista.

Sobre a rotina do projeto, ela relembra que um dado muito relevante era que o professor Ariano usava, no bom sentindo, aqueles artistas em cena, como um exemplo vivo do que ele defendia sobre a Arte brasileira, que tinha no cerne as tradições populares:

> Então, as aulas tinham toda essa riqueza, porque ele dava toda uma aula teórica antes. E da metade para o final, ele convidava os músicos, os cantores e os bailarinos para expressar o seu discurso. Era muito impressionante! Primeiro, porque o discurso era maravilhoso! A aula sempre era incrível! Ele brincava, e em cada cidade, era um discurso diferente, uma aula diferente, porque cada cidade tinha suas especificidades. Às vezes, numa cidade, havia um quilombo perto, uma área indígena. Às vezes, uma cidade de direita extrema, com casos de racismo. Então, ele entrava com uma defesa maior da cultura afro-brasileira, indígena brasileira. Ele

> abria brecha onde tinha cegueira. Onde as pessoas não conseguiam ver a riqueza sobre o outro, sobre o diferente, sobre o que não era hegemônico{...} quando não entrávamos em cena, a gente ficava ali, muito próximos, porque era raro a gente fazer aula-espetáculo num teatro. Era geralmente numa arena. Então, ficávamos todos expostos. Eu gosto desse tipo de espetáculo, desse tipo de apresentação. Então, era um circo mesmo, né? Um circo entre aspas; não com uma lona, mas era a estrutura cênica de um espetáculo de circo. (COSTA RÊGO, 2023)

As apresentações buscavam discutir a identidade cultural do Brasil, com suas matrizes indígena, portuguesa e africana, através da música, do teatro e da dança. Os cenários eram criados pelo artista plástico Manuel Dantas Suassuna, filho de Ariano:

> Eu coreografava as aulas, criando o corpo e o ambiente para ser dançado. Eu e Dantas criávamos o universo cênico. Logicamente, Dantas era quem executava, e se tornava de fato, armorial, porque ele tinha esse dom de transformar um cenário qualquer em um cenário armorial. E Ariano vinha já com as músicas combinadas com Zoca (Antônio Madureira), e tinha inclusive a ordem dessas músicas, porque essa ordem estava ligada ao escopo do seu discurso, da sua aula. Logicamente que suas aulas não eram idênticas umas das outras, mas tinha um corpo, um esqueleto, uma espinha dorsal, que era sempre a mesma, que era a ordem das músicas. E estava ligada a um certo discurso. Em nossa equipe, o próprio corpo de cada um defendia já o discurso de Ariano dessa dança erudita, com base com cerne na cultura popular. A gente preparava cada aula a partir de uma lista de músicas dadas por Ariano e Zoca. {...} cada aula era diferente uma da outra, porque uma tinha uns panos, a outra tinha uma tela imensa atrás. A outra tinha apenas uma tela atrás e a gente dançava na frente do palco. Assim, a cada aula, a gente criava um universo, um contexto cênico diferente. (COSTA RÊGO, 2023)

Os espetáculos eram gratuitos, e as aulas itinerantes, compostas de muitos elementos iconográficos e musicais da Estética Armorial eram apresentadas em cenários simulando o picadeiro de um circo, montados em escolas públicas, universidades, em centros culturais, em presídios e até mesmo em praças públicas. Em alguns lugares, por ser o evento gratuito, solicitava-se que os inscritos trouxessem latas de leite em pó, mais tarde destinadas a programas de inclusão social.

Sua trupe, que era formada por ele, como o palhaço principal, e artistas do Grupo Arraial, composto por músicos, bailarinos, cantores, cantadores e violeiros ilustraria a sua defesa da Cultura do Brasil. Ariano Suassuna apresentava-se vestindo uma camisa vermelha e um casaco preto (as cores do seu time, o Sport Clube do Recife) e dizia sorrindo que estava vestido de “Ariano”. Terminava suas apresentações declamando para o público atento que o ouvia encantado:

> Pois é assim: Meu circo pela estrada.
> Dois emblemas lhe servem de Estandarte:
> No Sertão, o Arraial do Bacamarte
> Na cidade, a favela consagrada
> Dentro do circo, a vida, onça malhada,

Ao luzir, no teatro, o pelo belo,
Transforma-se num sonho – Palco e Prelo.
E é ao som deste Canto, na garganta,
Que a cortina do Circo se levanta,
Para mostrar meu Povo e seu Castelo.
(Ariano Suassuna, 2017, p. 15)

Maria Paula Costa Rêgo assinava as coreografias, que contavam com outros bailarinos: Gilson Santana, Pedro Salustiano, Jáflis Nascimento e Ana Paula Santana. O músico Antônio Madureira tocava acompanhado pelos cantores Ednaldo Cosmo de Santana, Isaar França, Eltony Nascimento, Jerimum de Olinda, Sérgio Ferraz e Sebastian Poch. As músicas do espetáculo eram criações eruditas com referências às influências da arte popular na cultura brasileira. A coordenadora de comunicação e produção do projeto era Daniela Maria de Lacerda.

O projeto da" Onça Malhada, a Favela e o Arraial" eram levado a estabelecimentos de ensino e a centros culturais, mas também chegava até o interior de Pernambuco, como as cidades de Belém do São Francisco e Arcoverde, apresentando-se em praças públicas para um público composto de pessoas muito humildes do "Brasil real", que muitas vezes sequer sabiam ler e escrever, mas que finalmente teriam acesso a um espetáculo de cultura erudita.

2.4.2 - O Projeto e as aulas-espetáculo

"Sou um pouco ator, como todo professor deve ser."
(Ariano Suassuna, 2007))[37]

As aulas ministradas pelo professor Ariano Suassuna sempre tiveram esse tom de conferência, e por conta da sua alma de artista, formaram um cotidiano de aulas-espetáculo já durante o tempo de professor universitário, quando ia além das práticas pedagógicas docentes tradicionais. Com essa prática, Ariano extrapolou os muros e o chão da escola, criando novo **Habitus professoral**[38], inspirando outros mestres da educação.

Em sua última obra o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, há uma referência sobre a sua primeira aula-espetáculo, na fala da sua personagem José Laurênio de Melo, que é uma homenagem ao amigo poeta e companheiro da faculdade de Direito , com esse nome, e que no livro, está se dirigindo a Dom Pantero, que é o próprio Ariano, nessa

[37] Entrevista à Revista *Nova Escola*, em 2007.
[38] A expressão denomina o caminho teórico-metodológico da construção de um recurso explicativo dos comportamentos de professores, sobretudo, do reendereçamento do objeto de estudo, do ato de ensinar na sala de aula.

obra considerada pelo próprio autor como autobiográfica " ...no dia 26 de setembro de 1946, vi você encantar o Público ao apresentar 3 Cantadores e 1 Poeta popular no Palco do Teatro de Santa Isabel" (SUASSUNA, 2017, p. 92) . Em sua coluna semanal **OPINIÃO**, do jornal *Folha de São Paulo*, Suassuna escreveria em 21 de março de 2000:

> A primeira aula-espetáculo que dei em minha vida aconteceu no Teatro de Santa Isabel, do Recife, em 26 de setembro de 1946. Teve como assunto central o nosso rico e variado romanceiro, e para ela contei com a ajuda de um poeta popular, Manuel de Lira Flores, e de três dos maiores cantadores que o Brasil Já teve, os irmãos Batista: Dimas, Otacílio e Lourival (mais conhecido como Louro de Pajeú). No dia 26 de setembro de 1996, comemorando os 50 anos daquela aula, organizei a "Grande Cantoria Louro do Pajeú", da qual participaram duas cantadoras, Mocinha de Passira e Minervina Ferreira, e dois cantadores, Oliveira de Panelas e Otacílio Batista, este último, o único sobrevivente da aula de 1946. (SUASSUNA, 2000)[39]

Entre 1994 e 1998, Ariano Suassuna oficialmente tornou-se secretário de Cultura de Pernambuco, durante o governo de Miguel Arraes, o que ele chamaria de "terceira saída de Quixote, em defesa da Cultura brasileira". Entretanto, em 2007, em entrevista ao **O POVO**, relembrando aquele 26 de setembro de 1946, declararia: " Aos 19 anos de idade assumi, por minha conta, o cargo de secretário de Cultura de Pernambuco, e nunca mais larguei, esteja nomeado ou não."[40]. No dia 4 de fevereiro de 2014, quase setenta anos depois, ele voltaria ao Santa Isabel, para uma outra uma aula-espetáculo, para encantar a plateia, ao discutir temas como arte, identidade cultural e mercado.

Em 1997, Ariano Suassuna foi convidado pelo Ministério da Cultura a apresentar uma dessas aulas na Universidade de Brasília. Mais tarde, foi lançado o vídeo "Aula-espetáculo", com direção e roteiro de Vladimir Carvalho. Desse modo, segundo Newton Júnior, essa teria sido a primeira a ser oficializada, com gravação e distribuição para as escolas do Brasil.

Uma de suas memoráveis aulas-espetáculo foi realizada no dia 28 de março de 2014, tendo como palco a famosa Casa da Rabeca, no bairro olindense Cidade Tabajara, fundada pelo seu amigo, o rabequeiro e brincante Mestre Salustiano. Naquele bairro, havia criado em 1997 o espaço cultural *Ilumiara Zumbi*, espécie de anfiteatro para as manifestações populares, peças teatrais e espetáculos musicais. A aula homenageou o grande amigo já falecido, o compositor Capiba, com o mestre Suassuna relembrando seu repertório de canções, com frevos e sambas-canções, recitando poemas, enquanto ao fundo, bailarinos do Grupo Arraial realizavam coreografias, revivendo as obras de Capiba.

---

[39] Conteúdo acessado no site da *Folha de São Paulo* www1.folha.uol.com.br, em 3 de fevereiro de 2021.
[40] - Conteúdo acessado do site do jornal *O Povo online* www20.opovo.com.br, em 4 de fevereiro de 2021.

Entusiasmado com os resultados e com a recepção alcançada junto ao povo da capital, Suassuna resolveu levar o projeto também para o interior do estado, saindo em caravana com sua equipe por vários municípios. A sua "trupe" era composta por representantes da cultura popular que como já explicamos, trabalhavam pela remuneração como assessores. Ariano tinha a secretaria e mais de dez cargos para ocupar. "E os ocupou com Antônio Madureira, Maria Paula Costa Rêgo e outros artistas, que sendo assessores, ficavam à disposição para ensaiar e realizar os espetáculos que acompanhavam as aulas. " (NEWTON JÚNIOR, 2022)

Maria Paula Costa Rêgo foi convidada para ser sua assessora como bailarina, em 1997, no governo Arraes, e uma outra vez, na mesma função, no governo de Eduardo Campos, quando ficou responsável pela criação coreográfica de suas aulas-espetáculo, tornando-se a coreógrafa do Grupo Arraial.

Enquanto Ariano Suassuna promovia uma discussão a partir do tema "Raízes populares da Cultura brasileira" eles se apresentavam para um público numeroso e atento. Ficava claro para todos que ali estava um escritor-professor no cargo de secretário de governo. Seu objetivo era oferecer cultura de qualidade aos menos favorecidos.

Tais aulas itinerantes, que também eram gratuitas, realizavam-se em teatros, auditórios, ou espaços equivalentes, pelas cidades, pelo sertão, favelas, presídios, periferias, ABL's, escolas de magistratura, universidades, praças e centros culturais por todo o país, indo até a Capital federal. A sensação era a de estar debaixo de uma grande lona de circo. Em 27 de junho de 2013, no segundo mandato de Eduardo Campos, com Suassuna nomeado pelo amigo e ex-aluno para estar à frente da Secretaria de Assessoria do Governador, as aulas itinerantes continuariam, e a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional de Brasília, com seus 1.300 lugares, tornou-se pequena para acolher o grande e eclético público, de várias faixas etárias, a partir dos 12 anos, que o aguardavam ansiosamente, para assisti-lo com o seu projeto **ARIANO SUASSUNA – ARTE COMO MISSÃO**, em sua defesa da Cultura brasileira e da Identidade nacional. Fez parte dessa aula uma exposição inédita de fotos de seu genro, Alexandre Nóbrega, composta de 30 fotografias ilustrando os últimos 10 anos de vida do professor, inclusive com cenas de suas viagens durante as aulas-espetáculo. Uma das mais interessantes era Ariano no aeroporto de João Pessoa, deitado no chão do terminal, lendo enquanto esperava o seu voo.

Essas aulas-espetáculos eram sempre lotadas e muito concorridas, com pessoas de várias gerações, razão pela qual Suassuna, mesmo depois de ter deixado o cargo de secretário de cultura, deu prosseguimento a elas como eventos culturais. Sempre ao seu lado,

dona Zélia relembra que acompanhava Ariano em todas as suas aulas, fossem elas no Recife, no interior de Pernambuco ou em qualquer lugar do Brasil: “Ele até comentava que tinha pena de mim por ouvir as mesmas histórias repetidas vezes, mas eu gostava. E cada aula tinha sempre algo diferente e especial. ” (2023)

O Projeto de educação e cultura itinerantes de Ariano Suassuna costumava fazer parcerias com as instituições sociais das localidades por onde passava. A aula-espetáculo *Nau*, por exemplo, uma viagem pela cultura brasileira, onde os espectadores revisitavam as tradições indígenas, portuguesas e africanas, que no primeiro ano fora vista por mais de sessenta mil pessoas, foi apresentada por alguns dias do mês de dezembro de 2008, em Arcoverde (Sertão do Moxotó), e realizou-se em parceria com a Fundação Terra que prestava atendimento a uma comunidade surgida em torno de um lixão. O projeto de Suassuna também ofereceu oficinas de dança para as crianças da localidade, ministradas pelos bailarinos Pedro Salustiano e Jáflis Nascimento.

Mas as aulas-espetáculo percorriam o Brasil. Com uma delas, Ariano Suassuna realizaria a abertura do ano acadêmico na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Em 2007, para homenagear seus oitenta anos, A Sarau Agência de Cultura brasileira, com o apoio da Rede Globo, promoveu o Projeto Ariano Suassuna 80, cuja abertura foi uma aula-espetáculo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Em 2008, o projeto percorreu toda a extensão do Estado de Pernambuco, estando presente em municípios do litoral, do sertão, da região metropolitana e de várias microrregiões, perfazendo um total de trinta e nove apresentações. Suassuna buscava a interiorização da cultura e tinha a visão do sertão como lugar de resistência cultural, o que aprendera pela leitura de Euclides da Cunha. Entretanto, compreendera mais tarde que a rocha viva do povo brasileiro também era formada pela gente das favelas. Levou sua Onça malhada e suas aulas-espetáculo para várias delas, como algumas do Recife, as Comunidade do Chão de estrelas e da Ilha de Deus.

Durante o segundo mandato de Eduardo Campos como governador de Pernambuco (2011-2014), Ariano e sua equipe viajaram por mais de setenta municípios pernambucanos, de Recife até o sertão. Suassuna dizia que procurava os excluídos, não somente pela geografia, mas pela própria situação social, que se colocava a serviço do povo do “Brasil real”.

Na tarde de 10 de outubro de 2012, Ariano ministrou uma aula-espetáculo na Escola Estadual Carlos Alberto, no Prado, Zona Oeste do Recife. O evento foi promovido através de

uma parceria do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (Naseb), do qual ele era o patrono, entidade que fazia parte da Universidade Federal de Pernambuco, com a escola, através do seu Projeto de Pré-vestibular Encontros Sociais (Prevest). O Núcleo Naseb já atendia aos alunos da Carlos Alberto e a toda a comunidade escolar, através de um outro projeto, o "Pontes de Cultura", que numa integração com o "Mais Educação" oferecia oficinas e grupos de rádio, TV e internet aos estudantes. As aulas do pré-vestibular eram ali ministradas por voluntários da UFPE, trabalhando as matérias de forma intensiva com os alunos daquela comunidade.

Na ocasião, Normando Albuquerque, coordenador da entidade, deu a seguinte declaração: "A escola tinha vontade de receber Ariano. Nós, do núcleo, achamos que essa seria a oportunidade imperdível para esses meninos. Ele tem muito a dizer e nós sempre temos muito a aprender. "

Em sua entrevista, Newton Júnior nos esclarece: " O Naseb apenas sacramentou esses eventos. Desde o governo de Miguel Arraes (1995-99), Ariano já dava essas aulas. Acontece que no governo de Eduardo Campos, foi lhe oferecida uma estrutura para fazer isso. "

Imagem 41: Aula-espetáculo na Escola Estadual Carlos Alberto Gonçalves de Almeida, no Recife (10/10/2012).

Fonte: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco.

Ariano Suassuna faleceu no auge de sua produção intelectual e de sua docência itinerante. No dia 16 de julho de 2014, encontrava-se em Salvador, ministrando suas aulas. Entretanto, a sua última aula-espetáculo seria realizada no dia 18 de julho de 2014, numa cidade do agreste pernambucano, Garanhuns durante o 24º Festival de inverno do município,

cinco dias antes do escritor e educador falecer aos oitenta e sete anos de idade, vítima de um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

Ele a realizou diante de um auditório lotado e atencioso, que prestava muita atenção em suas explanações, e divertia-se com a maneira como ele as conduzia, através de sua linha de raciocínio e memória extraordinárias. Ariano estava vestido de preto e vermelho, como Dom Pantero, sentado do lado direito do palco, numa cadeira diante de uma pequena mesa de madeira, com um palco de luz de penumbra, todo adornado com panos bordados de símbolos armoriais e acompanhado pelos artistas do Grupo Arraial.

Naquela noite, o professor Suassuna falou de Machado de Assis e a sua citação dos dois países. Contou mais uma vez da sua profunda reverência e admiração pelo povo do "Brasil real": "- Que povo danado, que povo inteligente, que povo engraçado! Como é bem-humorado e Corajoso! " A seleção brasileira acabara de perder a Copa de 2014 para a Alemanha, e Suassuna lembrava à plateia o talento que o brasileiro tem de fazer piada até com a tristeza. Mesmo sem ter familiaridade com as redes sociais, descobrira no Google um pequeno poema que lhe fizera rir: " A Alemanha bebe cerveja. / O Brasil bebe Pitu. / A Alemanha bebe na taça. / O Brasil toma na rima. "

Também relembrou aquela história de que por toda a vida ficara dividido entre os dois estados brasileiros nos quais viveu, mas que agora já achara a resposta para o dilema: Pernambuco era o seu estado paterno e a Paraíba o seu estado materno. Durante a aula, exaltou ainda a Língua portuguesa, para ele a mais bela entre todas, homenageou o amigo Capiba e contou como organizara a sua primeira aula-espetáculo, em 1946, aos dezenove anos. "- Foi um escândalo, mas um escândalo bom trazer um poeta e dois cantadores de viola para o Teatro Santa Isabel. " O diretor do espaço estava temerário: Como Ariano poderia querer trazer dois cantadores de viola para se apresentarem no mesmo palco em que Tobias Barreto e Castro Alves haviam recitado seus poemas? Ariano respondera: '- Doutor, eu gostaria de ouvir a opinião era de Tobias Barreto e de Castro Alves. E eu tenho a certeza de que eles iam gostar..." O diretor por fim, tinha deferido porque Ariano prometera usar apenas metade da verba para pagar aos cantadores, usando a outra parte para doar a um abrigo de cegos do Recife. Na autorização constava: " Deferido, tendo em vista a destinação filantrópica de metade da verba. " Depois de contar essa história para a plateia em Garanhuns, o professor dissera: "- Que falta de respeito aos nossos grandes poetas populares. " Esse era o Brasil que ele defendia como professor e artista.

2.5 – Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores - A dimensão do professor no Testamento Literário

Ariano Suassuna iniciou a tessitura do livro em 1981, e terminou duas semanas antes de sua morte, em 2014, sendo lançado apenas em 2017. Foram trinta e três anos de escrita e reescrita, o que levava o neto João a brincar, dizendo que o romance era mais velho do que ele. Em sua casa, no antigo quarto dos filhos, transformado em seu escritório, o professor e literato escrevia primeiro sempre à mão e fazia correções com uma caneta vermelha. Todas as ilustrações foram também feitas por ele. Ariano não dava uma obra por acabada enquanto não sentisse que tinha dado o máximo que lhe era possível naquele momento de criação. Sobre o processo da escrita, comenta a filha Ana Rita:

> Esse livro, ele escreveu e reescreveu várias vezes. E sempre discutia com sua irmã, Germana, e seu amigo José Laurênio, quando ele vinha a Recife, e com Carlos Newton. Às vezes, lia alguns trechos para a gente lá em casa. Pedia também alguma opinião ou sugestão com relação às ilustrações, principalmente, aos artistas da família. (WANDERLEY, 2023)

O professor Carlos Newton Júnior era quem fazia as revisões, e depois as digitalizações:

> Foram mais de trinta anos de escrita, e eu acompanhei uma parte dela. Eu digitei o livro, quando fui seu assessor, na secretaria de governo de Eduardo Campos. Ariano escrevia tudo a mão e fazia alterações. Tirava xerox do manuscrito, cortava e colava encima de outro. Fazia manualmente esse processo de copiar e colar que hoje fazemos no computador. E em seus últimos sete anos, eu fui digitando para ele, para facilitar. E foi assim que eu conheci todo aquele percurso. E até ficou mais fácil para ele alterar. Quando a família fechou com a editora para publicar, eu escrevi o prefácio, porque quem conhecia todo o percurso era eu. Para mim, o prefácio é alguma coisa que você lê e compreende a história que está ali. É como uma ferramenta para o leitor entender. (NEWTON JÚNIOR, 2022)

O romance é considerado uma espécie de testamento literário do autor, e podemos perceber no decorrer da narrativa o registro do legado artístico de Suassuna na poesia, na prosa, na ficção, no ensaio e na carreira docente, e ainda, que o escritor faz de si próprio um laboratório para a criação de Dom Pantero. O livro se estrutura em dois volumes – *O Jumento sedutor* e *O Palhaço tetra fônico*, cada um deles composto por quatro cartas publicadas no suplemento pseudoliterário *Sibila* do jornal *A Voz do Igarassu*, escritas pelo protagonista Antero Savedra, que assina as missivas com o pseudônimo de Dom Pantero, e veste a sua máscara, nas encenações. Essas missivas são dirigidas " aos nobres Cavaleiros e belas Damas da Pedra do reino". Ele o escreve, após retornar depois de uma longa ausência a Taperoá, em 1970, e resolve banhar-se nas águas do rio onde nadava e brincava com seus irmãos e amigos.

Mas ao lá chegar, percebe que ele agora é apenas um leito sujo e seco, onde, debaixo de uma ponte, que o cruza se encontra uma faminta e miserável família de retirantes. Por cima dela, as pessoas continuam as passar, como se esses desvalidos não existissem.

Antero Savedra, que como Suassuna, perde o pai e é educado por um tio, irmão de sua mãe, nos fala do "Brasil real", e protesta a favor dos pobres do Sertão, das favelas, das periferias, que são relegados pela injustiça, pela maldade e pela indiferença deste mundo. Escreve-o ainda para tentar reconstruir a casa de sua infância, onde fora feliz, "por meio das cartas e do Simpósio Quaterna, com seus vitrais, sua música, o claro-escuro do palco. Enfim, com aquele ambiente-de-encantação através do qual eu tentaria meus dias para sempre destroçados. " (2017, p. 37)

Durante a narrativa, indo à *Ilumiara Jaúna*, Antero Savedra encontra-se com Pedro Quaderna, narrador do *Romance d'A Pedra do Reino*, que o convida para ser professor de *Filosofia da Arte* na UNIPOPT, universidade de Taperoá, e também para ser secretário de cultura da cidade. Em troca, pede-lhe apenas que o ajude a escrever a sua obra.

O romance é, nas palavras de Raimundo Carrero " uma revelação, ao trazer à luz o espírito vivo, mágico e grandioso do verdadeiro Brasil, a iluminar, a esclarecer nossa formação inquieta e revolucionária, " e também nos ajuda a interpretar a cor, a raça e o sangue do brasileiro, ao contar seus amores, intrigas e aventuras. "

O termo *Ilumiara*, já citado por Suassuna no *Romance d'A Pedra do Reino* aparece inúmeras vezes em *Dom Pantero.* De acordo com Carlos Newton Júnior, trata-se de um neologismo usado para designar os "anfiteatros" formados por pedras insculpidas ou pintadas pelos povos originários do Brasil, que provavelmente os usavam como locais de culto.

Durante a nossa entrevista, esclarece:

> Esse termo *Ilumiara* surge na Literatura de Ariano na década de 1990. Até os anos de 1980, ele usava. Lumiara. Depois, acrescentou o *I*. Se você entrar na oficina de Brennand, encontrará um texto de Ariano dizendo que todo aquele conjunto é uma espécie de *lumiara*. *Ilumiara* é um espaço sagrado. Pode ser uma obra que representa uma nacionalidade, como Dom Quixote, que representa a cultura da Espanha. Assim, o conjunto da obra de Ariano Suassuna é uma *Ilumiara*. (NEWTON JÚNIOR, 2022)

Mas o termo também é usado para identificar conjuntos artísticos os mais diversos, realizados em todos os tempos e lugares da História da Humanidade, percebidos como símbolos da força criadora de um povo ou espaços de celebração de cultura. Como nos apontou Newton Júnior acima, para Ariano Suassuna, livros como *A Divina Comédia e Dom Quixote* são exemplos de *Ilumiaras*, porque representam em sua escrita anseios universais do

Homem, a partir de suas realidades locais. Dessa maneira, ainda de acordo com o entrevistado, a *ilumiara* que se constrói em Dom *Pantero no Palco dos Pecadores* é uma espécie de "roteiro para a compreensão da *Ilumiara* do próprio Suassuna" (2017, 16) uma vez que *" as ilumiaras* seriam marcos sagratórios do 'Brasil real' (em oposição ao 'Brasil oficial') erguidos em homenagem à Cultura brasileira. " (NEWTON JÚNIOR., 2017, p. 13) E Ariano ainda a descreveria como "uma Fortaleza na qual as gerações que vão nos suceder, na pior das hipóteses, poderão enxergar a face do Brasil verdadeiro e profundo. O Brasil que poderia ter sido e que não foi. " (2017, p. 32)

A percepção pelo leitor dos traços de uma autobiografia ocorre quando Dom Pantero se apresenta como um misto de ator, escritor, professor, palhaço e contador de histórias, cuja vida é dedicada à realização dessa grande Ilumiara, que é tecida a partir das obras dos três irmãos de Antero Savedra: o romancista Auro Schabino, o dramaturgo Adriel Soares e o poeta Altino Sotero. Ela seria a fusão da poesia *O Pasto incendiado* de Altino, *O Romance d'A Pedra do Reino*, escrito por Auro, *O Auto da Misericordiosa*, peça de Adriel, o ensaio do tio Antero Schabino intitulado *Diálogo d'A Onça malhada e a Ilha Brasil* (quase o título da tese de doutorado de Suassuna), *e* o Castelo-*de-cartas-espetaculosas do* próprio protagonista. Essas últimas procuram recriar o ambiente das "Aulas-espetaculosas", melhor dizendo, as aulas -espetáculo do professor Ariano. Antero Savedra, como o escritor Suassuna, chamou o livro de "Autobiografia musical, dançarina, poética, teatral e vídeo-cinematográfica. "

Sobre autobiografias, Ariano Suassuna as apreciava, e tinha como inspirações três em especial, que eram, segundo ele, grandes autobiografias literárias, disfarçadas ou involuntárias de seus autores: *Eu*, livro de poemas do seu conterrâneo Augusto dos Anjos, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, do carioca Lima Barreto, que o professor dizia ser "o Dom Quixote brasileiro". Pelo teor e riqueza do seu conteúdo, *O Romance de Dom Pantero* foi a maior entrevista que Ariano deu sobre si mesmo e a si mesmo. Segundo o seu filho, Manuel Dantas, garimpar e trazer à luz um material tão extenso é como fazer uma viagem afetiva. E o cenário escolhido foi Taperoá, Recife e a Ilumiara Jaúna, lugares de sua afetividade, resgatando diversas épocas de suas memórias, epifanias e saudades. Em 13 de agosto de 2011, inicia-se, sob a coordenação artística do seu filho Dantas, a execução da "Ilumiara Jaúna", na Fazenda Carnaúba, em Taperoá, um conjunto escultórico, em baixo-relevo, que será descrito no Romance de Dom Pantero.

No artigo *A Ilusão biográfica* de Pierre Bordieu, já citado nesta pesquisa, o autor fala da impossível unidade do "eu", da inexistência dessa unificação. Melhor dizendo, chama-nos

a atenção para a "fragmentação do eu" em oposição à "ilusão da unidade do eu" Como ilustração desse ser fragmentado, recorre-se à Literatura e é citado o poeta Fernando Pessoa, com seus mais de 15 heterônimos. Temos como exemplo Alberto Caieiro, o poeta bucólico; Álvaro de Campos, com sua poesia de vanguarda; Ricardo Reis, classicista e adepto ao abstrato; Raphael Baldaya, astrólogo lisboeta, com cartão de visitas e tudo, a oferecer seus préstimos, e ainda Bernardo Soares, com o qual Pessoa assina o seu *Livro do Desassossego*. A obra é apresentada na primeira página, com a observação: "Do 'Livro do Desassossego', composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, por Fernando Pessoa", uma antibiografia, pois o "autor" diz narrar indiferentemente a sua autobiografia sem fatos, a sua história sem vida:

> Sinto que, ainda ao dizer que sou sempre diferente, disse sempre a mesma coisa; que sou mais análogo a mim mesmo do que quereria confessar. (...) dir-se-ia que a minha vida, ainda a mental, é um dia de chuva lenta, em que tudo é desacontecimento e penumbra. (PESSOA, 1982, p. 294)

O *Romance de Dom Pantero*, uma obra autobiográfica de Ariano Suassuna nos remete a essa analogia, ao apresentar seus vários "eles", através das várias personagens que como poeta, romancista, dramaturgo, professor, ensaísta e artista plástico representam simbolicamente suas múltiplas representações. A constatação é a de que o tempo tratou de forjar nele não apenas o escritor, o dramaturgo, o poeta, o ensaísta, o artista plástico, mas também o professor, o pensador da educação e da cultura brasileira. Todas as suas facetas explicam a sua base humanística e sua prática pedagógica, e Bordieu nos chama a atenção para a questão da trajetória de vida, inferindo que:

> Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de *superfície social*, como descrição rigorosa da *personalidade* designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age com o suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos. (2006, p. 190)

Como secretário de governo, na pasta de cultura de Pernambuco, enquanto percorria o Estado, e mesmo mais tarde, todo o Brasil, Suassuna vestia-se de preto e vermelho, o que algumas pessoas aludiam às cores do seu time de futebol, o *Sport Club do Recife*. Na verdade, era a vestimenta com a qual Dom Pantero se apresentava, inclusive, o professor trazia ao pescoço o mesmo medalhão que a personagem, em seus espetáculos. Nas aulas-espetáculo, Suassuna era o próprio Dom Pantero, ou Dom Pantero seria o próprio Suassuna, em suas

encenações? De uma maneira ou de outra, o professor Suassuna, como Dom Pantero era o maestro de toda uma orquestra de música e dança:

> O nosso mestre passou a vestir-se de dois modos: de roupa clara quando encarna Antero Savedra, e de negro-e-vermelho quando representa Dom Paribo Sallemas ou Dom Pantero (sendo que, neste último caso, pendura um medalhão ao pescoço). E foi com essas roupas que ele, conduzindo sua trupe de Músicos, Atores, Bailarinos e Cantores, passou a empreender suas saídas pelos palcos, estradas e descaminhos do Mundo. No caso dele representado pelo Brasil (porque sempre sustentou que, sendo o Ser-Humano o mesmo em todos os lugares e em todos os tempos, se ele representasse o Brasil, estaria representando bem o Mundo inteiro, pois o 'Brasil é o Sertão do Mundo'. (SUASSUNA, 2017, p.52-53)

Durante a narrativa, Antero Savedra, agora professor de uma universidade de Taperoá, diz considerar-se um professor "horrivelmente tedioso" e nos conta ter certa vez surpreendido um grupo de alunos (Antônio Madureira, Aglaia Costa, Maria Paula Costa Rego e Romero de Souza Lima), realizando uma pequena pantomina. Os quatro aqui citados que nomeiam os alunos-personagens de Savedra, foram na verdade artistas que participaram de projetos de Suassuna. Ao citá-los, em *Dom Pantero,* Ariano Suassuna presta-lhes uma homenagem, como fez com tantas outras pessoas que fizeram parte de sua trajetória como literato e professor, aumentando ainda mais a característica autobiográfica da obra:

> Foi assim que comecei a convidar Artistas para participarem das Aulas, depois batizadas de Espetaculosas. Em tal companhia, até no Palco eu me animaria a aparecer, pois com suas Artes, eles sanariam minhas deficiências de Ator, criando em torno do bisonho professor que eu fora até ali, aquela aura-de-encantação que cercava Adriel nas apresentações dos nossos Espetáculos. Agora a oralidade teatral das novas Aulas, esta aura acrescentaria a beleza musical e dançarina da Festa, presente nos Espetáculos populares brasileiros e que eu, sozinho, era incapaz de alcançar. (SUASSUNA, 2017, p. 891)

Newton Júnior, que também é um poeta da 3ª Fase do Movimento Armorial, é representado no romance pela personagem Carlos de Souza Lima, o organizador do Simpósio Quaterna, evento cultural narrado no livro: " "Ali, como é uma autobiografia, um alter-ego, várias pessoas com as quais ele conviveu estão ali, como personagens, mudando apenas de nome. No livro, ele coloca tanto amigo quanto críticos. O 'equivocados[41]'"

No romance, cada uma das cartas terminava com os mesmos versos aqui citados anteriormente, com os quais Ariano encerrava suas aulas-espetáculo, pelo Brasil afora:

> Pois é assim: meu Circo pela Estrada.
> Dois emblemas lhe servem de Estandarte;
> No Sertão, o Arraial do Bacamarte;
> Na Cidade, a Favela-Consagrada.
> Dentro do Circo, a Vida, Onça Malhada
> Ao luzir, no Teatro, o pelo belo,
> Transforma-se num Sonho—Palco e Prelo

[41] Nesse trecho, o professor Carlos Newton Jr. Faz alusão à famosa e bem-humorada fala de Suassuna: " A Humanidade se divide em dois grupos: os que concordam comigo e os equivocados. "

> E é ao som deste Canto, na garganta
> Que a cortina do Circo se levanta
> Para mostrar meu Povo e seu Castelo.
> (Ariano Suassuna, 2017, p.15)

Dom Pantero (a *persona* de Antero Savedra) é afinal uma entidade elaborada a partir da fusão de Aribál Saldanha, Altino Sotero, Auro Schabino e Adriel Soares. Todos eles juntos são a fragmentação de Ariano Suassuna professor, ensaísta, poeta, romancista e dramaturgo, que ao conseguir materializar-se como Dom Pantero no palco, encarna todo o povo brasileiro:

> Sim, porque acabo de descobrir: assim como sucedeu a Cervantes, Shakespeare e Euclydes da Cunha, em relação a Dom Quixote, Hamlet e Antônio Conselheiro(as figuras que criaram para, sem clara consciência disto, fazer suas Autobiografias) toda a força que daqui por diante vai me permitir enfrentar a fera do Mundo, contar a minha vida e, com ela, a do meu Povo – Tudo isto somente será possível por meio desta *Persona* que atende pelo nome de Dom Pantero, Palhaço e Dono-de-Circo a percorrer as estradas e vilas do Sertão. (SUASSUNA, 2017, p. 782-783)

O professor Carlos Newton Júnior considerou o livro uma obra final: "é um romance de conclusão de obra, um romance de cume. De fato para ser melhor compreendido, requer uma certa familiaridade com o universo de Ariano, A poesia de Ariano é uma poesia complexa e esse romance traz a poesia também lá dentro" (2016)[42]

Finalmente, podemos dizer que a escrita de Dom Pantero foi o fruto de uma dedicação de mais de trinta anos, texto no qual ele sintetizou tudo o que produziu, em todas as modalidades. E para isso, usou o palco, instrumento através do qual, na fusão do professor e do palhaço, ele atuou em suas aulas-espetáculo. Para a neta, Ester Suassuna, também uma estudiosa de sua obra, "o romance de Dom Pantero é um grande apontador de caminhos para a Arte Armorial." (2020)

[42]Entrevista para o Bom Dia PE, em 28/12/2016. Acessado em 08/04/2020. G1.globo.com>pernambuco>noticia>esta-mantendo-a-chama-dele-acesa-diz-filho-de-ariano-sobrenovo-livro-do-escritor.

Imagem 42: Capa do box que contém os dois volumes do *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*.

Fonte: Obra da Editora Nova Fronteira, 2017.

3 – AULA-ESPETÁCULO Nº 3: A EDUCAÇÃO IDEAL PARA O "BRASIL REAL"

> "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o Mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais." (Rubem Alves, 2000, p. 93)

Como já foi esclarecido na parte introdutória, este capítulo tratará da experiência interativa de colegas de trabalho, e alunos familiares e amigos do professor Ariano Suassuna com ele, durante a sua produção docente. Para desenvolvê-lo, utilizamos a metodologia da história oral, realizando, transcrevendo e textualizando algumas entrevistas. Desse modo, prestigiando as fontes orais, tão presentes e valorizadas nas obras do escritor, que utilizou a memória e a história oral enquanto fontes históricas relevantes para a sua escrita e prática como professor e literato. Essas narrativas orais que impulsionaram a Humanidade, antes mesmo do advento da escrita, quando o mundo era apenas iluminado pelos raios e relâmpagos das tempestades. Alberti (2000), conceitua a história oral, como uma nova "metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea, surgida em meados do Século XX, após a invenção do gravador a fita. " E completa registrando que as entrevistas gravadas são feitas com atores e testemunhos do passado, e que experiências individuais, às vezes, mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção, passaram a ser vistas, nas últimas décadas, como importantes para a compreensão do passado.

Atualmente, dispomos de vários instrumentos para explorá-la, como os smartphones e câmeras GoPro, e até o modo de realizá-las, foi passando por adequações. No período da pandemia e nesse pós-pandêmico, muitas entrevistas são realizadas pelo remoto, através de plataformas, como o zoom meeting, como acabou ocorrendo com as realizadas para essa pesquisa, com exceção da feita com o professor Carlos Newton, quando houve a possibilidade de ser presencial. Todos os cinco interlocutores residem no Recife.

Entre os entrevistados, na categoria de membros familiares, temos a esposa, Dona Zélia de Andrade Lima Suassuna, a filha, Ana Rita Suassuna Wanderley, e a sobrinha, a professora Lívia Suassuna. " Na família, o que rege é a confidência; na esfera pública, o relato costuma ser mais formal. " (ALBERTI, 2000, p.5) tivemos ainda, a nos conceder informações sobre o professor, através de suas entrevistas, o ex-aluno, colega de trabalho e grande amigo, o professor Carlos Newton Júnior, e a bailarina e coreógrafa, Maria Paula Costa Rêgo, amiga da família e grande companheira de trabalho, como assessora, em seus projetos culturais. Esses colóquios foram realizados com o intuito de ouvir e depois registrar diferentes

percepções do nosso sujeito de pesquisa, através de indivíduos que se relacionaram com ele de distintos modos e situações, pertencendo a diferentes categorias de interação. Sobre lançar mão dessas versões diferenciadas, Alberti infere que:

> Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o que é particular, através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas relações. (ALBERTI, 2013, p.19)

Conforme foi elucidado na parte introdutória desta tese, houve dificuldades para a realização das entrevistas, que no início da pesquisa pretendia-se em maior número. Desse modo, tivemos que escrever esse terceiro e último capítulo com base nos dados de cinco apenas, que contemplaram o nosso objetivo, que era o de registrar as impressões de familiares, amigos, ex-alunos e colegas em trabalhos ligados à educação e cultura. Desse modo, com cerne nessas declarações, foi construída essa etapa final sobre esse sujeito de pesquisa da área da Educação, que com seu "habitus professoral" e sua compreensão política avançada, buscou abrir um caminho que levasse a uma escola, a uma educação ideal para o "Brasil real". E que com a sua produção e prática, no chão da "sala de aula tradicional" (apenas na arquitetura de tijolos e cimento), e nos projetos itinerantes de levar saber e cultura, legou ao Brasil, para quem quiser, inspirar-se e realizar um caminho sem volta: o de enxergar, valorizar e transformar vidas, proporcionando-lhes conhecimento. Como Suassuna mesmo dizia: "O conhecimento é a chave de tudo, é o grande salto. Não há outra alternativa de ascensão para quem nasce no "Brasil real".

De acordo com Verena Alberti, até a década de 1970, a História oral não tinha muitos adeptos na própria história por conta da importância e até um certo fetichismo que dava ao documento escrito. "O fato de ser escrito garantia, segundo se pensava, a objetividade do documento, enquanto a entrevista gravada estaria carregada de subjetividade. " (ALBERTI, 2000, p.1) para o historiador francês Henry Rousso, um dos fundadores do Institut d'Histoire du Temp Present (IHTP) " a entrevista é a palavra viva.". Ela transforma os depoimentos em fontes documentais para a história, uma vez que as pessoas entrevistadas, a partir dos seus lócus de convivência e experiência, lançam mão da memória, seja ela individual, coletiva, histórica ou principalmente afetiva. Sobre tal ponto, Ferrarotti acrescenta que a entrevista deve acontecer "num pé de igualdade entre pesquisador e o grupo pesquisado, uma

comunicação não apenas metodologicamente correta, mas humanamente significativa. (1983, p.46)

Alberti afirma que, em um trabalho de História oral, a biografia, a trajetória individual não é coisa isolada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista:

> O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade. Esse novo quadro na pesquisa histórica resultou em mudanças importantes no conteúdo dos arquivos e na concepção do que é uma fonte, e coincidiu com as transformações das sociedades modernas. Por exemplo: as decisões que antes eram tomadas no curso de uma troca de correspondência, hoje em dia são tomadas por telefone, fax ou e-mail, muitas vezes, sem deixar rastros em arquivos. Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam. (ALBERTI, 2000)

Suassuna frisava sempre a importância dos depoimentos na construção da história de trajetórias de vida. Ele mesmo gostava de falar a esse respeito durante suas apresentações ou quando era entrevistado, contando sobre a vida do seu pai, João Suassuna e da convivência com os tios maternos, que contribuíram para a sua bagagem intelectual e humanística:

> Posso dizer que, como escritor, eu sou, de certa forma, aquele mesmo menino que, perdendo o pai assassinado no dia 9 de outubro de 1930, passou o resto da vida tentando protestar contra sua morte através do que faço e do que escrevo, oferecendo-lhe esta precária compensação e, ao mesmo tempo, buscando recuperar sua imagem, através da lembrança, dos depoimentos dos outros, das palavras que o pai deixou. ” (SUASSUNA, 1990.)[43]

Com o passar do tempo e a evolução da história oral, que foi conquistando seu papel relevante na historiografia, a entrevista foi adquirindo estatuto de documento, destacando-se o objeto documentado, não mais o passado, como explica Alberti (2000). E complementa que o que é registrado e gravado, documenta uma versão do passado. Não obstante, o que passou a ser relevante nos estudos na área das Ciências humanas foi exatamente a comparação entre essa versão e outras diferentes. As pessoas entrevistadas lançaram mão de suas memórias individuais, na convivência com Ariano Suassuna, principalmente de períodos em que ele se percebeu um educador e promoveu práticas nesse sentido.

De acordo com Halbwachs, é como se cada memória individual fosse um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda, segundo o lugar que ali ocupa, e esse mesmo lugar muda, segundo as relações que mantemos com outros ambientes. A memória individual (interior, pessoal, autobiográfica) apoia-se na coletiva (que é exterior,

[43] - Trecho retirado do discurso de posse de Ariano Suassuna, na Academia Brasileira de Letras, em 9 de agosto de 1990. (pt.m.wikipedia.org, acessado em 27/01/2020.)

social e histórica). A memória é então o passado, se encontrando no presente, e ele não se apoia na história apreendida, mas na história vivida:

> A Memória coletiva se distingue da História sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (HALBWACHS, 2013, p. 102)

Ainda de acordo com o autor, a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, graças ao convívio social com outras pessoas, para ter consistência. A junção dessas lembranças de vários indivíduos que compõem o mesmo grupo, além de outras funções, completam a percepção dos acontecimentos vivenciados pelos envolvidos. “A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. ” (2013, p.12)

As informações obtidas pelas entrevistas foram textualizadas, compondo o corpo do capítulo, e organizadas nominalmente, como procedemos a seguir:

3.1. – A Família de um professor

3.1.1 Zélia, esposa e companheira da vida inteira

Dona Zélia de Andrade Lima Suassuna, viúva do professor Suassuna, tem 91 anos, e trabalha como artista plástica no ateliê de sua casa, cercada dos filhos, netos e bisnetos. Sempre esteve ao lado do marido, em todas as suas realizações, como artista e educador. “Ariano era muito companheiro e eu o acompanhava em tudo. Então, estávamos sempre juntos. ” Ele poderia ter sido apenas um homem das Letras, um artista, mas amava ensinar. No cotidiano “A Literatura e o Magistério tinham grande importância na vida de Ariano. Acho que uma coisa complementava a outra, tanto que ele até o fim da vida fez as duas coisas: escreveu e deu aulas-espetáculo até o seu encantamento. “ Foi bem cedo que começou a dar aulas-particulares, e aos dezessete, já era professor de português no SESI. Já frequentava a aulas de Direito, por falta de opção na época, de cursos na sua área, mas não se identificava, de fato. “E enveredou pela vida acadêmica e se encontrou como professor. De qualquer maneira, o mundo do direito foi fonte de inspiração no seu universo literário, a exemplo da cena do julgamento, no *Auto da Compadecida*. ” Apesar da projeção mundial da peça, a obra de Ariano preferida de Dona Zélia é *a Farsa da boa Preguiça*.

Em 19 de janeiro de 1957, casaram-se, e o professor já estava contratado para lecionar *Estética*, na então Universidade do Recife, o que iniciou logo após a lua de mel. Dona Zélia nos fala de como foram organizando essa rotina de casal, universidade, dramaturgia e filhos: “ Ariano era muito disciplinado. Trabalhava escrevendo em seu gabinete, pela manhã, em casa, e à tarde ia para a universidade. Criamos uma rotina, de forma que os filhos respeitavam seus horários de trabalho em casa, onde gostava de trabalhar, principalmente pela manhã. ”

No dia a dia, o marido tinha sempre muitas histórias para contar sobre suas aulas, sempre muito espirituoso e com bom humor, fazendo daquelas histórias o seu universo. Era muito querido na universidade, lugar onde fez muitos amigos, tanto entre os colegas de trabalho como entre seus alunos. “Em minha opinião, o grande legado que Ariano deixou para a Educação brasileira foi esse amor e respeito pelo Brasil e pela Cultura brasileira. ” Para ela, o marido era um socialista cristão, no verdadeiro sentido da expressão: “Conheci poucas pessoas com sua bondade ao pensar no outro, principalmente nos mais pobres. Era inconformado com a injustiça social. ” Como educador e artista, sempre desenvolveu uma luta em prol do povo brasileiro, como uma bandeira que sempre esteve hasteada: “Ariano achava que o “Brasil oficial” tem uma dívida histórica com o “Brasil real”.

Imagem 43: O casal Ariano e Zélia, no Sertão.

Fonte: Acervo da Família Suassuna.

Imagem 44: Ariano e Zélia, na divisa entre os Estados da Paraíba e Pernambuco.

Fonte: Foto de Juscelino Moura.

3.1.2 – A filha Ana Rita

Ana Rita Suassuna Wanderley, filha de Ariano Suassuna, tem 56 anos, é formada como Assistente Social pela Universidade Federal de Pernambuco, e atualmente é a Secretária de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos da Prefeitura do Recife. Ela e as irmãs moram no terreno onde se ergue a casa dos pais, no bairro da Casa Forte. Ariano construiu uma casa para cada uma das filhas, e assim, todas convivem na propriedade, com a matriarca, dona Zélia de Andrade Lima Suassuna.

A escolha profissional pela Assistência social, ela acredita ter vindo da influência do pai, como uma maneira de continuar trabalhando pelo "Brasil real": "Esses valores repassados influenciaram a minha forma de enxergar o mundo, e de não me conformar com as injustiças e desigualdades sociais, para que essas pessoas tenham uma vida digna. " Sempre viu o pai não fazer distinção entre as pessoas, independente de condição social. Tratava a todos com respeito. Ariano, segundo a filha, era uma pessoa que incansavelmente lutava por uma sociedade mais justa e igualitária para todos, através de sua arte, escritos e aulas. "Além de ser uma pessoa de muita fé e devoto de Nossa Senhora, vivia de forma simples, procurando seguir os ensinamentos do Cristo na sua vida diária. E sempre ajudou as pessoas mais carentes. " O pai sempre ajudou várias pessoas ao longo da sua vida: "Umas para realizarem seus estudos, outras para comprar casa própria. E muitas pessoas da Cultura popular. " Como educador, procurava respeitosamente valorizar a cultura de cada território do país, com suas identidades, crenças e valores.

A filha cita o fato do pai ter trabalhado muito cedo, como professor no SESI, ensinando português aos trabalhadores da indústria, destacando a facilidade de comunicação que sempre possuiu e o fato de gostar de estudar e ler. Como professor de português e até mesmo literato, Ariano sempre foi grande admirador do nosso idioma. Contava ter percebido o português como uma grande língua ao ler os sermões de Padre Antônio Vieira. Foi quando percebeu que a Língua portuguesa era fortíssima na teatralidade e musicalidade. Como escritor e professor, sempre respeitou a língua coloquial, popular. "Tenho antipatia pelos escritores que foçam a linguagem errada para aproximar-se do linguajar do povo. Procuram imitar a letra da linguagem popular, não o espírito. Isso é preconceito. " (2007, ps. 16-17)

Quando Ana Rita nasceu, Ariano já era professor há tempos: " Papai escrevia e preparava as suas aulas de manhã e dava aula no período da tarde. Durante a noite, gostava de ler, assistir a filmes e a alguns programas de televisão.

Imagem 45: Ana Rita menina e o pai.

Fonte: Acervo da Família Suassuna.

As várias lembranças que Ana Rita guarda do pai são todas bem positivas. São as de um pai muito presente no dia a dia, apesar de trabalhar como professor e escritor. Ariano Suassuna, quando não estava trabalhando, jogava bola com os filhos, levava-os à praia, a parques, a exposições de animais. Também frequentemente tocava violão e "cantava para a gente cantigas do Cancioneiro popular, entre outras de sua infância. No mês de julho, íamos para o Sertão. No final o ano, íamos para a praia. " Da infância, com esse pai, que gostava muito de ser professor, Ana Rita destaca uma lembrança: "Ele estava corrigindo as provas dos alunos em casa e eu e minha irmã Mariana junto. A cada prova que corrigia, a gente pedia para ele melhorar a nota. Ele achava muita graça, e às vezes, contava esse fato aos alunos. "

Ela relata que o pai em casa contava também muitas histórias do seu cotidiano na universidade: “Ele tinha uma relação muito boa com os alunos, e estudantes de outros cursos iam assistir costumeiramente às suas aulas. Papai era um excelente contador de histórias e tinha essa grande facilidade de comunicação com os alunos. ” Para a filha, era muito difícil separar o artista do professor, pois ele dando aula era um verdadeiro artista, com sua “habilidade de palhaço”.

Durante toda a sua produção docente, de acordo com a filha, Ariano Suassuna tinha como missão de vida a justiça social. E pelo caminho da Arte popular e da erudita, apresentava à sociedade os desafios do povo do “Brasil real”. “ Ele não queria apenas lhe dar visibilidade. Queria que esse povo tivesse as mesmas oportunidades do povo do “Brasil oficial”.

Ao aposentar-se como professor universitário, não se afastou da educação e da cultura: “Após esse período, trabalhou como secretário estadual de Cultura e fez aulas-espetáculo por todo o Brasil, além de se dedicar ao seu último livro. Ele não parou de realizar atividades até o seu encantamento. ” E para Ana Rita, filha desse homem célebre no Brasil e no mundo, e com ativa vida no cenário cultural e social do Recife, fizemos uma última pergunta: “- O que mais sempre esteve em evidência, em sua vida? Ser filha do homem das Letras ou do professor? ” A resposta foi imediata e firme: “- Ser filha do grande pai que era Ariano Suassuna. ”

3.2 – Os alunos

3.2.1 Carlos Newton Júnior

Carlos Newton de Souza Lima Júnior, 57 anos, é professor de *Estética e História das Artes*, na Universidade Federal de Pernambuco, e suas outras informações profissionais e artísticas já constam no subcapítulo das redes de sociabilidade. Grande parte de sua vida foi ao lado do mestre Suassuna, e aqui neste capítulo, representa além de aluno, também um colega de trabalho, durante o período em que Suassuna foi secretário de governo. As informações obtidas através da entrevista que nos concedeu contemplam essas duas partes, mas ambas serão registradas neste subcapítulo. Melhor, explicitando, a seguir, trataremos de registrar o aluno e o colega de trabalho.

Newton Júnior conheceu Ariano Suassuna aos dezessete anos, na UFPE, quando foi seu aluno na disciplina *Estética*, logo no primeiro período do curso de Arquitetura (1984-1988). Na época, a diferença entre eles era de quase quarenta anos. Ariano tinha a mesma idade que Newton Júnior hoje. " - Mas como eu era muito jovem, ele parecia muito velho. Mas o achei um homem engraçadíssimo! O primeiro impacto foi um estranhamento, porque ele se vestia de uma maneira diferente. " Ariano usava sempre umas roupas de cor cáqui ou branca, que lembravam muito um pijama. Lá na universidade, as pessoas até comentavam que Ariano vestia pijama para trabalhar, e usava umas alpercatas e cinto de couro. Quando se apresentou para a turma naquele ano de 1984, o professor Ariano explicou que aquelas suas roupas eram uma média do uniforme de trabalho do povo brasileiro, que ele pedia a uma costureira do Recife, Edite Minervina, para fazer. "- Ele se vestia diferente dos outros professores, e explicou-nos isso, citando Gandhi[44]." Depois, com o passar dos anos, abandonou as alpercatas por sapatos.

Newton Júnior nos relatou que o professor nunca dirigiu. Quando ficou mais velho, assumindo outros cargos, passou a ter motorista. Quando Ariano era seu professor, ia de casa para a universidade de transporte público. Saía de casa, atravessava o rio Capibaribe de bote e depois pegava um ônibus.

Sobre a influência que o mestre teria exercido sobre ele, um estudante de Arquitetura para o caminho das Letras, o ex-aluno nos contou que ao entrar no curso de Arquitetura, não sabia exatamente o que queria. "- Quando se é jovem, isso é muito comum. Eu entrei porque desenhava muito bem e achei que devia fazer Arquitetura. Mas depois, no meio do curso, já estava bastante interessado pela História da Arte. E fiz outro vestibular para História. " Tendo sido aprovado, cursou as duas faculdades juntas. A de História era à noite. E ele acha que isso foi fundamental para a sua escolha pela docência. "- Fiz primeiro Arquitetura, mas nem trabalho fazendo projetos. Acabei fazendo mestrado e doutorado em Letras e trabalho ensinando. "

Um fato que marcou muito o aluno Carlos foi que o professor Suassuna dava aulas citando autores. " – Ele falava sobre cordel e eu anotava... e fui percebendo que não tinha bagagem literária nenhuma. Ao entrar na universidade, eu tinha lido no máximo uns dez livros. Tinha lido alguma coisa de Machado de Assis, José de Alencar e José Lins do Rêgo. " Ele nem se lembra de ter frequentado biblioteca na época de colégio, que geralmente eram

[44] - Gandhi, que se formara advogado na Inglaterra, ao retornar e presenciar a opressão que o povo sofria do colonizador imperialista, abandonou o terno pela tanga tradicional do povo indiano como uma forma de rejeição à cultura ocidental que era pregada ditatorialmente. Foi a maneira de identificar-se simbolicamente com os pobres da Índia.

bons colégios tradicionais, que o seu pai pagava com muita dificuldade. “ – Era a época do Regime militar, uma educação muito tecnicista, na qual você era preparado para o vestibular. E assim, eu não tinha bagagem literária alguma. ” E o rapaz começou a anotar, a tomar notas de livros, dizendo a si mesmo que os leria. Porque o professor Suassuna incentivava muito a leitura, contando as histórias dos livros que usava nas aulas. “ – Uma vez, ele falou de *Crime e Castigo* e disse: ‘- Olhem, depois de lerem esse livro, vocês jamais serão os mesmos. Ninguém sai dele como entrou. É um livro que muda a vida da gente” O curso de Arquitetura tinha muitas disciplinas, e para não perder o foco, o aluno Carlos ia anotando aqueles livros como um “programa de estudos”, e dentro do possível, ia lendo-os.

Do “chão da sala de aula” que pisou como aluno de Ariano, Newton Júnior sempre ressalta a sua qualidade de ser engraçadíssimo, vindo daí a expressão “Educação pelo riso”. “A gente ria muito em suas aulas. Ele nos cativava pelo riso. Para demonstrar o assunto abordado na aula, sempre usava exemplos ligados ao risível, contando anedotas. Partindo daí, desenvolvia os temas da disciplina Estética. “Ariano era naturalmente um homem engraçado, o que era uma tradição de família. O pai, ele e os irmãos. Ele tinha um dom nato para contar histórias. Até Jorge Amado disse isso uma vez...”

No início da faculdade, ele não conhecia a obra de Ariano, o que veio a ocorrer posteriormente. Mas quanto a separar o artista do docente, já não era possível desde o início, porque o professor tinha “essa coisa performática, que fazia qualquer aula ser um espetáculo. Era o seu jeito de falar, de contar histórias, de criar aquela expectativa do desenlace. Na época, eu nem sabia avaliar isso tecnicamente, mas ele tinha um domínio de tempo da aula. ” Ariano nunca se perdia nas narrativas. Os alunos lhe faziam uma pergunta, e aquela pergunta gerava uma outra. Mas não se perdia para responder, e sempre voltava, para concluir a explicação. Suas aulas eram quase como uma conferência.

Um dia, Ariano chegou na sala e perguntou aos alunos: “- Olhem, vocês conhecem o grande escultor Brennand? ” - Ninguém conhecia. “ – Mas não é possível! ” E o mestre pegou toda a turma de Carlos, mais de cinquenta alunos para uma atividade fora da universidade. “A minha turma era grande, cerca de sessenta alunos. Mas ele nunca precisou fazer chamada para ter aluno em classe. A sala era sempre cheia, inclusive com alunos que já tinham feito a disciplina, mas que sempre voltavam para assistir. ” Todos reunidos, Ariano levou-os pela Várzea que havia naquele tempo, uns vinte minutos de caminhada, para depois apanhar uma balsa e atravessar o Capibaribe. “Continuamos pelo mato, até chegarmos à oficina de

Francisco Brennand, um ateliê que ele começou a construir em 1971, um espaço encantador, mágico, numa fábrica que o ceramista herdara do pai. Hoje, já se pode ir de carro até lá. ”

Quanto à didática tradicional, Ariano Suassuna não se preocupava, por exemplo, com planos de aula ou de curso. O seu compromisso era com a escrita de materiais a serem usados nas aulas, o que foi percebido por Newton Júnior. “Quando fui seu aluno, ele já tinha uma larga experiência como professor de *Estética*, quase trinta anos, e já tinha inclusive publicado o *Iniciação à E*stética, em 1975. E ia adequando-a aos cursos que ministrava. “ Isso foi uma coisa que o aluno aprendeu com o mestre. Quando, por exemplo, ensina *estética* para o curso de Artes visuais, os exemplos dados são mais para Artes visuais; quando ele ensina a mesma disciplina para a turma de teatro, o foco é mais em textos teatrais. E foi assim também que viu Ariano ensinar na universidade.

Quando o assunto eram as avaliações, nos relata Newton Júnior que na turma de Arquitetura, eles até faziam alguns exercícios de *Estética* para nota. Mas nos outros cursos, Ariano chegava e perguntava ao aluno se ele tinha entendido e quanto achava que merecia. O aluno ficava sério, e ele continuava: “ – Olhe, você veio, vou lhe dar oito. ” E explicava que fazia isso porque tinha a consciência de que o aluno não saía dali sem aprender nada da disciplina. “ – Isso vai ser fundamental! Se eu fosse um professor de Medicina, cirurgia, é claro que eu não agiria assim, perguntando ao aluno que nota ele acha que merece. “ O objetivo dele, como professor, era que os alunos entendessem que se aquilo que ele lhes ensinava fosse importante para eles, é claro que estudariam para o resto da vida. Era o desejo de despertar no aluno o interesse pela leitura, a sede pela Literatura. “ Ele sempre dizia que se você conseguisse despertar isso no aluno, ele já estaria formado, estaria no caminho. A ideia dele era essa. ”

Imagem 46: O professor Carlos Newton em entrevista para esta pesquisa.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, foto de Robin Moreira Machado.

Newton Júnior nos revela que faz isso hoje em dia, quando dá o curso de *História da Arte*: "Digo aos meus alunos que para eles estudarem a *História da Arte*, terão que conhecer o Mundo antigo. E para compreenderem a pintura do Mundo antigo, é fundamental a leitura da *Ilíada* e da *Odisseia*. Aquele que ler a *Odisseia*, nem precisa fazer prova. " Porque o livro de Homero trata das cenas do Mundo antigo, que estão nas pinturas daquela época. Mas o professor alerta que terá que ser a versão integral; não uma adaptação qualquer. " E o aluno lê, e eu dou dez. Ler a *Odisseia* é uma coisa tão fantástica, que é muito mais importante do que fazer uma prova. " Por isso, de acordo, com o que nos relata seu ex-aluno, Ariano não se preocupava com avaliações formais. Era um professor para o qual essa questão de nota era absolutamente secundária. Seu objetivo final era, através do ensino de suas disciplinas, como no caso da *Estética*, da *História da Arte,* que o aluno despertasse para a paixão pelo conhecimento.

Foi o que aconteceu com o seu aluno Carlos, que ficando tão encantado com aquele curso de *Estética*, matéria obrigatória na grade de Arquitetura, voltou a frequentar suas aulas, em outras disciplinas, como "aluno especial", porque na década de 1980, a universidade tinha um sistema de disciplinas isoladas, no qual o estudante poderia pagar qualquer disciplina de qualquer curso isolado, desde que não houvesse pré-requisito. Desse modo, Carlos fez cinco disciplinas com o professor Suassuna. Só *Estética,* foram duas vezes. Durante a graduação, em Arquitetura, e em sua primeira especialização e Teoria *da Arte*, em 1989, tendo acabado o curso de Arquitetura. Depois, seguiram-se mais três isoladas: *História da Cultura brasileira*, *Arte popular* e Arte *erudita*. Mais tarde, cursando Letras, fez *História da Literatura*. O professor Ariano Suassuna sempre olhava e dizia: "- Você por aqui de novo, é? " E foram ficando ligados. Quando Newton Júnior fez sua especialização, em 1989, sua monografia foi sobre o Movimento Armorial. Suassuna o convidou para ir a sua casa, arrumou-lhe material, e assim, o rapaz começou a frequentar a biblioteca do mestre, iniciando uma amizade que duraria por toda a vida.

Sobre envolvimento político, Newton Júnior nos diz que ele não costumava falar sobre isso durante as aulas, focando mais em suas disciplinas e temas: " Eu fui aluno de Ariano pela primeira vez em 1984, na época de redemocratização. Não havia essa polarização como hoje. Mas quando Arraes voltou do exílio, lançando-se candidato ao governo, ele o apoiou. " Foi quando pela primeira vez na vida se filiou a um partido político, o PSB.

No capítulo anterior, falamos das aulas-espetáculo que como secretário de governo de Pernambuco, o professor Suassuna, já aposentado como professor universitário, apresentou,

com sua “trupe de artistas”, como seus assessores. E como já ali registrado, Newton Júnior foi um deles, na gestão de Eduardo Campos. “Quando ele foi secretário da Cultura, no governo de Arraes, eu ainda morava em Natal. Só trabalhamos juntos, efetivamente, de 2007 a 2010, no primeiro governo de Eduardo Campos. ”

Por todo o tempo em que conviveram, Newton Júnior pode dizer que o professor Ariano Suassuna era um socialista, um homem que ajudou muitas pessoas, inclusive financeiramente. Era despojado e nem um pouco consumista, o que sempre se pôde observar pela mobília de sua casa. “Tinha esse hábito de austeridade do sertanejo. A própria casa da fazenda dele dá a perceber isso. A ideia de conforto para o sertanejo é diferente: é fartura na mesa, sem luxo, sem ostentação. ” Era um professor universitário que até o relógio era de algibeira, que ia para a universidade de ônibus, guarda-chuva na mão.

Newton Júnior termina o relato de sua experiência ao lado do professor Suassuna, inferindo que o povo do “Brasil real”, que tem a sua voz tantas vezes marginalizada, teve em Suassuna, alguém que a valorizasse, trazendo-a para os palcos, para os teatros do “Brasil oficial”, para que fosse ouvida de fato. Foi o que fez, como professor, como secretário de governo e como escritor. Para que ela reverberasse como parte da identidade do país, na academia, na universidade, nas escolas, nos teatros e anfiteatros populares.

3.2.2. Lívia Suassuna

Lívia Suassuna, 62 anos, é licenciada em Letras (1977-1981), pela UFPE, Mestra em Língua portuguesa pela PUC (1985-1989) e Doutora de Linguística pela UNICAMP (2000-2004). É professora de Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, onde ministra a disciplina de *Prática de Ensino de Português* para os alunos do Curso de Letras. É também professora de Pós-graduação de *Didática e Metodologia de Ensino da Língua portuguesa*. Atua como pesquisadora na área de Linguística e do Ensino de Português e Literatura brasileira, sendo autora de várias obras nesse campo. Lívia é sobrinha de Ariano Suassuna, filha do seu irmão, o doutor Marcos Suassuna, que foi pediatra no Recife. Conviveu desde a infância com o tio, e as famílias eram vizinhas. Está aqui nesta pesquisa como familiar e ex-aluna do professor Ariano Suassuna, o que podemos perceber pelos seus relatos sobre sua infância, neste subcapítulo, mas oficialmente, organizaremos sua participação como ex-aluna, na experiência

que teve na universidade, quando frequentou, mesmo de modo não oficial as aulas de *Estética*, ministradas por Suassuna. A parte de suas informações sobre a vida em família, complementou outros subcapítulos.

Imagem 47: A professora Lívia Suassuna.

Fonte: www.oconsoante.com.br)

Lívia Suassuna nos conta que aos seis ou sete anos de idade, morava com os pais e irmãos no Bairro da Boa Vista, próximo ao Centro do Recife. Mas o seu pai, o doutor Marcos Suassuna, sempre apreciou antiguidades e casas antigas, e acabou comprando uma propriedade na mesma rua do irmão Ariano, no bairro da Casa Forte. "A gente podia ir a pé de uma casa para outra. Era no mesmo estilo: casa antiga, com sítio atrás, fruteiras... e eu fiquei lá até a minha vida universitária. " Naquela casa, o pai morou por quarenta anos, com a esposa, as quatro filhas e um filho. "A tia Beta, irmã deles, também morava perto e tinha oito filhos. Era "uma cachorrada' de meninos. "

Em frente à casa da entrevistada, havia um curso de inglês o qual todas as crianças da família frequentavam, e a sua casa era o ponto de encontro, com um quintal tão grande que possuía até um campo de futebol, com arquibancada. "Mais para a frente, meu pai e tio Ariano compraram dois apartamentos duplex, coladinhos um no outro, na Praia de Candeias, que era onde a gente veraneava. " Também costumavam se encontrar no interior, em Taperoá, na propriedade da família de Ariano e na casa da avó materna todos estudavam nas mesmas escolas, numa convivência muito estreita.

As crianças da família sabiam que Ariano Suassuna era professor e escritor, e entendiam "escritor" também como uma profissão, e que por isso, ele era famoso. Mas como familiar, era muito receptivo, contador de histórias e fazia do cotidiano algo divertido. "Eu

ouvia as histórias dele umas dez mil vezes. Num aniversário, num almoço... e daquela história que repetia, eu ria como se estivesse ouvindo pela primeira vez. ” Na família, havia muitos contadores de histórias, que tinham o dom de nelas acrescentar detalhes que as faziam mais divertidas. Lívia tinha um tio que ria muito com essas histórias e dizia que eles podiam mentir à vontade, porque a verdade era muito sem graça. “ E assim, eu nasci e me criei em meio disso, de pessoas contadoras de histórias, numa família de narradores de histórias e memórias.

Toda a família dos Suassuna achava interessante o fato de Ariano ter tido seis filhos, e nenhum ter seguido a carreira do magistério. Não obstante, o Dr. Marcos era médico e três de suas filhas se tornariam professoras, mesmo havendo a tradição de médicos formarem filhos também médicos. E Joaquim (Juca), filho de Ariano, que frequentava muito a casa do tio, foi quem acabou se tornando médico. “Ele desde cedo já queria. Meu pai era médico pediatra e tinha um consultório no qual atendia durante a semana. Juca gostava de passar as tardes lá. Ficava fascinado. ”

Lívia Suassuna e outras duas irmãs se tornariam professoras, como o tio Ariano. E ela explica: “Sabe, eu devo isso ao respeito que os meus pais sempre tiveram pelas escolhas profissionais dos filhos, desde o começo. Eles sempre disseram ‘- Vocês vão estudar o que acharem que fará vocês felizes. ’ ” E comenta também que como muitas meninas, sempre brincou de ser professora, transformando uma garagem grande que havia em sua casa, numa escolinha, onde brincava com os primos, que eram muitos: trinta e seis, pelo lado paterno, e mais dezenove, pelo lado materno. “Eu fiz, lá na garagem, um arremedo de sala de aula, e brincava de escolinha. ” Ela, que gostava de imitar os seus professores, seus ídolos, com o tempo, foi se identificando tanto com isso, que pedia de presente de aniversário coisas para a escola, como giz colorido, cartolinas e joguinhos de aquarela. A afinidade intelectual com o tio Ariano Suassuna foi se intensificando mesmo durante o seu Ensino Médio, quando leu o *Auto da Compadecida*, quando foi se firmando na docência e na área de Letras. Aliás, é dela um pensamento que representa ambos: “A gente nasce Letras e termina Educação. ”

A professora Lívia Suassuna acabou por ser aluna do tio de uma maneira indireta, e não oficial. Ela começou a cursar a faculdade de Letras, em 1977, e infelizmente a sua turma nunca teve formalmente o tio como professor. Mas todos os cursos do Centro de Arte e de Comunicação da UFPE que envolviam Letras, Biblioteconomia, Música e Artes cênicas tinham um conjunto obrigatório e comum de disciplinas, como era o caso das disciplinas, *Estética, História da Arte, Teatro* e *Sociologia*. Desse modo, Lívia e vários dos seus colegas, por saberem que as aulas de Ariano eram consideradas maravilhosas e sedutoras, começaram

a frequentar a disciplina *Estética*. “ Essa matéria, eu, particularmente, fiz duas vezes. De maneira oficial, com o meu professor, e como ouvinte, com meu tio. ” Lívia lamenta nunca ter sido aluna do tio Ariano Suassuna oficialmente, para “constar numa caderneta”.

Segundo o seu relato, no Centro de Artes e Comunicação, as salas de aula têm umas janelas de correr, com esquadrias metálicas, possuindo um parapeito bem lago, onde cabem pessoas sentadas, com as pernas para dentro da sala. Durante as aulas de Ariano Suassuna, quem ficava sentado nas cadeiras era quem estava inscrito na turma, quem tinha direito à vaga ou chegava primeiro. Assim, aqueles ouvintes, na condição de “penetras”, tinham que se acomodar pelo chão. “ Mas eu corria para pegar o parapeito, para ficar de forma mais confortável, que não fosse no chão. E sempre conseguia. E eu me lembro de outras pessoas fazendo isso, uma galera, ali, no parapeito, para assistir às aulas de titio. ” E Lívia disse que era aquele tipo de aula na qual ninguém via o tempo passar, na qual se aprendiam conceitos da forma mais engraçada possível, pelos muitos exemplos com os quais Suassuna os ilustrava.

Ela cita a obra *Iniciação à Estética*, preparada por Suassuna para essas aulas. “Uma obra sem par, de um didatismo sem parelha. ” A sobrinha se lembra de uma distinção que Ariano Suassuna deu a eles, que consta desse livro. Numa aula, ele precisou explicar aos alunos a diferença que há entre o cômico e o humorístico. Naquela tarde, começou dizendo que” todo mundo chama quem diz uma coisa engraçada de humorista, mas que não é.” Que havia uma diferença entre o que faziam Chico Anísio e Chaplin. E explanou que havia uma diferença: “ - Na Estética, há a categoria do risível. Nele, há o cômico e o humorístico. O cômico é o que é só engraçado; o humorístico também é o engraçado, mas que ao mesmo tempo, lhe dá vontade de chorar. Ele é o engraçado que fala da tragédia humana. Esse é Chaplin! ” Lívia diz que se lembra disso, dito dentro de uma clareza tão grande, que é como se o professor Suassuna lhes tivesse ensinado tal conceito ontem. O mestre complementava dizendo aos alunos que a comédia, contraponto da tragédia, tem o seu lugar na arte. E quando citava Chaplin, lembrava da antológica cena do filme *The gold rush (Em busca do ouro)*, na qual o espectador é levado a oscilar entre o riso e as lágrimas, quando o vagabundo Carlitos (Chaplin), faminto e preso numa cabana do Alasca, durante uma nevasca, com alguns companheiros, começa a comer a sola do próprio sapato. “Ele tinha fome, e aquilo doía na gente. Ao mesmo tempo em que a gente ri, porque o filme é engraçado, fica emocionado também e chora. ”

Assim, durante essas aulas, para todas as categorias artísticas que ele explicava, na análise de obras literárias, para a própria História da arte, ele dava exemplos. E foi justamente

o que continuou fazendo, durante as aulas-espetáculo pelo Brasil. “Ele tinha essa clareza e simplicidade que são as propostas que Ítalo Calvino defende.[45] Lívia nos conta que em momento algum, o professor Suassuna “barateava o conhecimento; não simplificava para ser simplório. Qualquer conversa com ele era um aprendizado. ” Por causa disso, todos queriam ouvi-lo, sendo aluno da UFPE, matriculado ou não em suas disciplinas. Mesmo depois de idoso, como todos os irmãos, tinha uma memória extraordinária, bem como uma grande bagagem de conhecimentos. “A docência de titio nascia desse repertório. Naquele tempo, nós, os alunos, já assistíamos a uma aula-espetáculo, uma palestra. ”

Quanto à organização de suas aulas, existência de planos de curso e de aula, Lívia Suassuna nos ratifica o que já dissera Newton Júnior: Ele não fazia esses planos, uma vez que a sua noção de docência era outra, para além da tradicional, desconstruindo muitas normas da universidade por conta da sua sensibilidade de artista. Relata na entrevista que Suassuna costumava dizer: “Eu entrei aqui, nesta universidade pela via mais forte: convidado por uma pessoa. ” Mesmo sendo sua aluna por uma via indireta, ela pôde presenciar vários momentos que comprovam isso, e nas conversas em família, ele costumava contar muito desse seu lado de “ser professor”. Um desses fatos, era a impaciência que Suassuna tinha em ter que preencher anualmente as fichas de atualização cadastral da entidade, perguntando nome, documentos, endereço, estado civil. Um dia, ele decidiu: “Eu tenho um abuso tão grande disso que agora resolvi esculhambar. Eu vou mentir, vou botar umas coisas bem loucas para provar que ninguém olha isso aqui, que não acontece nada se eu inventar. ” E preencheu o seu nome como Marechal Deodoro da Fonseca e endereço: Rua da Amargura nº tal... E preenchia tudo errado, para desmistificar, provando segundo ele, como a “burocracia podia ser tão burra. ”

A chamada dos alunos era outro fator engraçado. Lívia afirma que hoje há pessoas que fazem isso de uma maneira muito intelectualizada, enfocando a questão do sujeito na relação do aparelhamento do Estado, o que é um objeto da Sociologia. Mas Ariano fazia isso de uma maneira muito intuitiva. Ariano era originalmente lotado no Departamento de História, mas também dava aulas em ciclos básicos do Centro de Letras. E ela se lembra de pelo menos duas histórias dele muito peculiares. Certa vez, durante uma reunião, no começo do ano letivo, estavam nesse centro, todos reunidos, e foi pedido que cada um se apresentasse. E os presentes fizeram isso, dizendo até mais competências do que possuíam, de fato. Todavia, chegando a vez de Ariano, ele disse: “- O meu nome é Ariano e eu não sou nada aqui dentro.

[45] - Ítalo Calvino (1923-1985) foi um dos mais importantes escritores da Literatura fantástica do Século XX. Nascido Em Havana, Cuba, era filho de cientistas italianos, onde viveu a maior parte de sua vida. Produziu ensaios e obras como *As Cidades invisíveis (sobre Marco Polo e Kublai Khan), Sob o sol Jaguar, Perde quem fica zangado* e *Seis Propostas para o Próximo* Milênio.

Sou do Departamento de História. ” E todos caíram na risada. Foi uma maneira dele desconstruir aquela realidade. Ao invés de dizer só o nome, cada um se preocupava mesmo era em mostrar suas credenciais, o que ele achava desnecessário. Ariano era assim: pelo humor, desmontava as pessoas.

A outra história também teve ocorrência numa reunião de início de semestre. Começou-se uma discussão para saber qual disciplina ficaria a cargo de cada professor. E aquilo virou uma briga. Ariano manteve-se quieto o tempo todo, mas quando o chefe do departamento perguntou qual disciplina ele pegaria respondeu: “ – Qualquer uma que me derem. Eu só ensino o que eu sei mesmo...”

Quando respondeu sobre a questão das avaliações, Lívia Suassuna afirmou que ele desmistificava isso também. “ – Eu nunca fui sua aluna regular, e como ouvinte, nunca fiz avaliações. Mas Betânia, minha prima, foi aluna dele no curso de Arquitetura e dizia que ele era muito generoso. ”. Dava notas para que todos pudessem passar. Ensinava e depois avaliava, partindo do princípio de que todos pudessem ter aprendido.

Ela chegou a trabalhar com ele em um de seus projetos culturais: “ O Boi castanho do meio-dia” Foi uma montagem a partir do um estudo que fizeram sobre o tradicional “Bumba-meu-boi, uma releitura desse folguedo do Maranhão. Criaram um grupo cultural, com o músico Antônio Nóbrega, um estudioso, um pesquisador das artes populares, que fazia a ponte com Ariano Suassuna, na parte do conteúdo. O grupo teve ainda aulas com o Mestre Faceta[46], que tinha um pastoril no Recife, e com ele aprendeu a confeccionar os bonecos. O resultado foi a realização de espetáculos de rua e desfiles no carnaval.

O professor e tio que Lívia Suassuna conheceu era um socialista no dia a dia. Quando se tornou secretário de governo, passou a ter carro e motorista à disposição. Para ele foi uma novidade, para quem sempre trabalhara usando transporte público, como bote e ônibus, mesmo sendo um professor universitário, dramaturgo e escritor. Há mesmo uma história que Lívia se recorda rindo. Uma tarde, o tio estava esperando o ônibus para trabalhar, enquanto comia um saco de amendoins que comprara de um ambulante. E havia um rapaz olhando-o com uma certa insistência que por fim, criou coragem e se aproximou e perguntou se ele era Ariano Suassuna. Ele confirmou e o rapaz confessou que estava desconfiado de que era ele, mas que não estava bem certo: “ – Onde já se viu Ariano Suassuna andar de ônibus e comer amendoim, no ponto? ” Assim era ele.

---

[46] - Constantino Leite Moisakis (1925-1986), o “velho Faceta”, foi uma personagem do pastoril profano de Pernambuco, onde nasceu. Foi cantor, compositor, músico e dançarino, e ainda pesquisador musical. Era um brincante que se apresentava pelo sertão, em pequenos povoados.

Como já dissemos, na década de 1970, foi por algum tempo secretário de Educação e Cultura na Prefeitura do Recife, quando pela primeira vez teve carro e motorista. Lívia se recorda de que ele secretariava pela manhã e lecionava à tarde. Muitas vezes, deu carona para a sobrinha, e muito generoso, quando passavam por algum ponto de ônibus e viam jovens que Ariano imaginava estarem indo para a universidade, pedia ao motorista para parar e oferecia carona: " – Alguém aí vai para a universidade? Quantos couberem, pode entrar aqui. " "

Há uma outra história lembrada pela professora Lívia que ilustra esse lado socialista do professor Suassuna. Quando secretário de governo, um dia, recebeu em audiência, uma mulher pobre, que havia ido lá para lhe pedir uma bolsa para a filha. "- Eu soube que o senhor dá bolsa para as crianças. E eu vim lhe pedir uma para a minha menina. Ela nunca teve uma bolsa. " Não havia, como ainda hoje, vagas suficientes na rede pública para os estudantes, e o poder público oferecia bolsas de estudos para amenizar a carência. Mas aquela senhora do "Brasil real" estava pensando no objeto bolsa, no sentido literal do termo. O tio ficara penalizado. Tirara um dinheiro do bolso e dissera a ela para comprar uma bolsa para a criança. "Era uma mulher muito humilde, a menina muito magrinha... e titio pediu a ela para marcar outra audiência, que ele iria providenciar uma bolsa de estudos para a filha. " Ariano Suassuna era sensível a esse "Brasil real". Ele sabia que não resolveria tudo, individualmente, mas lutou da forma que pôde. Foi muito criticado porque a maioria dos subsídios de sua época no secretariado ia para a Cultura popular porque Ariano sabia que sem eles, ela morreria. Essa prática era na docência, ou à frente de uma pasta no governo, do mesmo modo que elegera ser a defesa dessa parte do país, afirmando em várias ocasiões: "Em todo lugar da Sociedade brasileira, o oprimido perde, mas na minha obra, ele é um vencedor. "

3.3 – A colega de projetos culturais e de palco

3.3.1. Maria Paula Costa Rêgo

Maria Paula Costa Rêgo, 59 anos, possui licenciatura em Educação Artística (Teatro), pela Universidade Federal de Pernambuco, onde ingressou em 1982. É dançarina, pesquisadora da área e coreógrafa. Atualmente é coreógrafa do Grupo Grial, que fundou há vinte e cinco anos, com o mestre Ariano Suassuna. É citada e foi entrevistada para este capítulo nas categorias amiga e colega de trabalho. Já a apresentamos no subcapítulo no qual

tratamos do projeto *Onça Malhada, a Favela e o Arraial* no qual atuou. Maria Paula conheceu Ariano Suassuna no final da adolescência, por intermédio de sua filha Mariana, de quem tornara-se amiga, nos tempos do Ensino Médio (na época, segundo grau), período em que se envolveram com o teatro e a dança desenvolvidos no colégio que frequentavam. "Meu primeiro contato com Ariano foi aos dezessete anos, como pai de uma amiga minha, Mariana Suassuna, e começamos a frequentar a casa uma da outra. " Ela nos conta que apesar de naquele tempo não ter ainda conhecimento teórico do Movimento Armorial, entrar na casa de Ariano era entrar em contato com esse movimento. Na época, Ariano estava trabalhando com iluminogravuras armoriais, e tinha que dar conta de uma demanda enorme de caixas delas. Os amigos da família colaboravam no feitio daquelas pinturas. " Ele desenhava e quem chegasse na casa com mão segura com os pincéis, colaborava na pintura. Muita sorte minha entrar em contato com o Movimento Armorial daquela maneira: de dentro! Foi incrível! "

No colégio, havia uma trupe na qual Maria Paula coreografava a dança, e Ariano Suassuna sempre marcava a sua presença, nas apresentações. Um dia, ela leu no jornal que o Balé popular, criado por ele, estava de volta ao Recife, depois de longa temporada em São Paulo. Foi quando tomou conhecimento de que ele fora o fundador desse balé e o procurou para conversar. Ariano achei engraçado a empolgação da moça, e perguntou se ela gostaria de ter uma experiência com o grupo, fazer um estágio ou algo parecido, o que ela respondeu que sim. " E fomos nós dois, andando pelo bairro onde ele morava, até chegar na casa do diretor do balé, André Madureira. " Ariano perguntou a ele se Maria Paula poderia ser estagiária por um tempo determinado, e ele aceitando, tudo se concretizou. Em pouco mais de cinco meses, ela já era integrante do Balé Popular do Recife, onde participou como bailarina por sete anos.

Entrando na universidade, não foi aluna regular dele, que infelizmente, não lecionava para o seu curso. Mas Maria Paula frequentou muitas de suas aulas, como ouvinte. E pode dizer que ele lecionava exatamente igual a como realizaria anos mais tarde as suas aulas-espetáculo, como secretário de Cultura, no governo de Pernambuco. " Era crítico, cômico, usava exemplos incríveis (já como contador de 'causos' que era), para que tudo ficasse mais claro para os alunos. Suas aulas eram prazerosas, inteligentes e únicas. " Apesar de não ter convivido oficialmente o bastante com Ariano na universidade, pode afirmar por ter trabalhado com ele, ser impossível separar o professor e o artista, porque ele estava sempre criando histórias e causos, e novas situações para abordar nas aulas-espetáculo.

Em 1989, Maria Paula mudou-se para Paris, retornando em 1997, para criar o Grupo Grial de Dança. Quando vinha ao Brasil de férias, sempre ia visitá-lo. Certa vez, ele já era secretário de cultura, na gestão de Miguel Arraes, e na visita, surgiu a conversa sobre as experiências que Suassuna estava realizando com a dança. Maria Paula, que já trabalhara com ele nessa junção com o erudito e o popular, perguntou-lhe se ele não havia se lembrado dela para compor esse projeto. Suassuna mostrou-lhe um rabisco numa folha de papel, provando que um dos nomes escolhidos era o dela. Entretanto, como a amiga estava casada e morando na França, achava que não tinha o direito de convidá-la. Mas a bailarina não estava feliz na Europa, e sabendo do interesse do mestre que ela fizesse parte do projeto, decidiu dar a si mesma uma oportunidade de retornar ao Recife de vez. "- E aceitei na hora aquele convite atrasado. Em setembro daquele ano, já estávamos dando início à criação da primeira peça coreográfica do Grupo Grial, ' A Demanda do Grial Dançado'. "

O objetivo da criação desse grupo era pesquisar uma dança erudita tendo como essência fundadora as tradições populares do Nordeste, uma ideia que surgira desde o nascimento do Movimento Armorial, na década de 1970. Ariano desde então, já desenvolvera diversas pesquisas sobre a arte da dança, mas esse objetivo somente foi atingido junto o Grupo Grial de Dança, que ao longo desses vinte e cinco anos de existência, foi evoluindo e tomando forma.

Imagem 48: A entrevistada Maria Paula Costa Rêgo.

Fonte: Foto do acervo pessoal da artista.

Maria Paula, bailarina, tornou-se ainda sua companheira de trabalho naquele secretariado cujos assessores eram artistas. Lamenta não ter participado do projeto para a construção do anfiteatro *Ilumiara Zumbi*, construída no bairro Cidade Tabajara, em Olinda, onde morava Mestre Salustiano, uma de suas inspirações. Mas estava com Ariano, os outros bailarinos, os atores e os músicos, nas aulas-espetáculo as quais eram oferecidas para pessoas de diversos níveis sociais e lugares, não apenas em Pernambuco, mas para o Brasil. A maioria desses eventos ocorria mesmo era nas ruas, em quadras abertas ao grande público, e nas cidades do interior, quando quase todos da localidade compareciam, como se, segundo a bailarina, eles estivessem numa quermesse. A cidade inteira parava para ouvir o professor Ariano Suassuna falar sobre cultura, e assistir aos bailarinos, músicos e cantores se apresentarem. "Era assim muito impressionante aquele silêncio para ouvir Ariano, e ver o que ele propunha como arte. E quantas vezes, a gente não ouvia as pessoas dizerem: '- Nossa, eu nunca vi isso na minha vida! ' – Então, aquilo era muito gratificante! "

Imagem 49: A bailarina Maria Paula no teatro

Fonte: Foto do acervo pessoal da artista.

Ela nos relata que era incrível ver Ariano, uma pessoa que já passara dos oitenta, viajando pelo interior de Pernambuco, para mostrar a qualidade da arte que se fazia e faz no

Estado. Eram discursos políticos, porque através da arte, o professor Suassuna falava que era preciso que olhássemos para nós mesmos, olhar para o outro e " dar vez e visibilidade para os invisíveis, porque ele defendia uma arte composta da arte do povo e da arte da classe média alta, que era a arte erudita, não é? " Para Maria Paula, que ali estava se apresentando e ouvindo-o, o discurso de Ariano era político, quando ele colocava negros, brancos, índios e "caboclos", que formam a base inicial da cultura brasileira. " ...a gente colocava em cena e defendia esses elementos. Então, Ariano era quase um 'Quixote', porque a gente não viajava num ônibus maravilhoso. Viajava em vans, geralmente em ônibus sem ar condicionado. " Ariano, já um idoso, viajava quatro, cinco horas para dar uma aula, e dormia no lugar para voltar no dia seguinte. "Era, enfim, uma dificuldade para um senhor de oitenta aos oitenta e sete anos. Mas uma dificuldade que ele via com muita naturalidade, com paixão. E isso foi para mim um exemplo de vida. "

O que Maria Paula afirma ter aprendido com Ariano Suassuna foi a excelência. "Ele exigia conhecimento. Exigia que nos dedicássemos àquilo que defendíamos. E nos falava que uma das coisas sobre a universalidade da arte era a qualidade. " Uma qualidade que segundo o mestre, só chegava a cem por cento quando a gente repete, até a exaustão, a qualidade técnica e o estudo daquilo que se defende. "É preciso dar continuidade à pesquisa, se quisermos construir um discurso que precisa evoluir. " Ela diz que o grande legado que o mestre lhe deixou foi o estudo. "É estudar, é saber do que estamos falando, estamos praticando. Ariano era um artista e um professor exigente. Ele pleiteava consciência, instrumentos e informações sobre o que fazíamos na estrutura das aulas-espetáculo, defendendo o seu discurso. " Com o professor Ariano, Maria Paula diz ter aprendido, ficando-lhe como legado essa excelência, esse "norte estético", que ela segue na dança. E que além desse legado da excelência, ficou ainda a certeza de que é possível se criar uma obra de arte a partir do que o artista é, e não apenas do que já foi deixado como legado pelo poder hegemônico. "Não vale a pena a gente seguir uma só visão, se somos várias. Se somos 'um caule de muitas raízes'. E isso precisa ser levado em consideração, ao falarmos de um Brasil de hoje. "

Maria Paula relata que sempre presenciou a defesa de Ariano por uma arte que estivesse representando as três raízes do "caule primeiro". Se ele não visse, numa obra de arte, essas três raízes, não ficava satisfeito. Qualquer que fosse a manifestação artística, dança, teatro, escultura, poesia, arquitetura, nela ele queria ver os símbolos, os resquícios que dessem visibilidade ao povo, que na opinião de Maria Paula, ainda levanta a bandeira onde se pode

ler: “Nos dê voz! ” Para ela, “ por mais que a gente fale, a prática não vai na mesma direção. Nessa prática real, para que isso aconteça, ainda falta muito. ”

A última pergunta feita a Maria Paula foi a respeito dela ser personagem no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. Considera, é claro, estar nas páginas de um livro de Ariano Suassuna uma honra, mas que acha que todos aqueles alunos, amigos, parentes e colegas de trabalho, como ela, que lá estão como personagens da ficção, sempre foram, na verdade, personagens da História real dele, das páginas que ele estava escrevendo em sua vida, quando convivia com eles. E fala do seu caso, de tê-lo conhecido, em sua casa, levada pela amiga Mariana, filha do mestre, durante a adolescência. E dele valorizar sua arte, tornar-se um parceiro, em sua demanda muito específica com a dança popular, levando-a para o Balé Popular do Recife e fundar, anos mais tarde, com ela o Grupo Grial. “Então, Ariano não ia buscar suas personagens. Na verdade, esperava que elas acontecessem na sua vida. E a gente virava personagens não só da sua história, mas de suas experiências na arte. ” Ela, vinda de uma classe média alta, tendo uma visão hegemônica do mundo, não tinha ainda relação com a tradição. E Ariano deu-lhe o apontamento desse “norte”, e a apresentou ao Mestre Salustiano e família, fazendo-a mudar o olhar para a arte. E ao criar o Grial juntos, ocorreu essa mudança definitiva, deflagrando a transformação completa. “Então, foi isso! Estar nas páginas de Ariano é para mim uma honra. Mas foi uma honra tamanha e igual estar na Vida dele, entendeste? Nas páginas da Vida dele! ”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo ser um pouco a compilação do discurso e da prática do professor Ariano Suassuna para o "Brasil real" em suas aulas na universidade, abordando o caráter didático no qual elas se deram, em como desenvolveu o ensino, a pesquisa e a extensão que formam o tripé da docência universitária(o que culminou com o Movimento Armorial), em suas palestras pelo Brasil, em suas aulas-espetáculo que ecoavam do Sertão à "Selva de pedra", e através de seus outros projetos culturais que objetivavam dar maior visibilidade e chão ao povo brasileiro e a sua cultura. Ariano escutou a voz do povo brasileiro e a fez reverberar em seus escritos, em suas aulas e projetos. Foi a valorização e difusão da voz dessa gente, cuja composição da cultura, ampla e resistente, forja a nossa raça e lhe dá a identidade, sustentada por um caule de tripla raiz.

Suas ferramentas de trabalho eram a genialidade, a consciência social, a competência e suas múltiplas facetas ao longo da vida. Desempenhando o seu papel como escritor, dramaturgo, poeta, secretário de governo ou professor, não importava onde atuasse, estava a serviço e na defesa da Cultura brasileira. Como artista, professor ou homem público desenvolveu projetos de educação e cultura voltados para as classes mais populares (sertanejos e periféricos), buscando interligar o mundo das Letras com o da docência, o povo, a sociedade e a nação, porque era assim que o professor e escritor gostaria que assimilássemos toda a sua obra: como uma grande aula-espetáculo sobre o Brasil, sua cultura, seu povo, e elaborada para ele.

Portanto, acredito, ao reler o que produzi, que este texto se caracteriza como uma pesquisa sobre alguém que desenvolveu uma prática profissional fundamentada pela Literatura e pelo Magistério. Sobre um sujeito apaixonado também por eles, que teve suas epifanias, e traçou a sua trajetória pessoal e profissional ali ancoradas, que declarou o seu rompimento com as desigualdades no campo da Educação e Cultura, ao fundir o erudito e o popular, admoestando em suas práticas a cultura média. O lugar ocupado por Ariano Suassuna não é além ou aquém da História do país, da sua cultura, ou ainda, da História da Educação brasileira: é no centro delas.

Que este texto seja, de fato, sobre a sua vida como educador entre dois "Brasis", na sala de aula tradicional ou na itinerante, onde exerceu sua docência como um grande palco, iluminado pela cultura, erguido no "Sertão do Mundo", que foi como chamou nosso país. Que a presente pesquisa sirva de fonte a pesquisadores acadêmicos, a alunos da História da

Educação do Brasil. E a todos aqueles que em algum momento resolvam se debruçar sobre a história de produção docente do professor Suassuna. Que como fonte, esta pesquisa reverbere, se torne um meio para construir novas fontes e propiciar novas indagações. Fazer uma pesquisa é principalmente produzir conhecimento, que deverá estar ao alcance de todos, não apenas dos intelectuais, como registrou Marc Bloch, escrevendo a respeito do ofício do historiador: "saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos estudantes. " (2001).

Assim, podemos concluir que o objetivo do projeto de educação do mestre Suassuna, aqui abordado, para mesmo além da prática na universidade, era levar cultura de qualidade para os despossuídos, os não contemplados pela maioria dos programas educativos e culturais do poder hegemônico. Era provar que havia alternativas para evitar a descaracterização e vulgarização da cultura do país. Ele mesmo constatou ser impossível valorizar o Brasil sem valorizar sua gente mais humilde e cidadã, habitante das periferias, das favelas, dos sertões e demais redutos mais distantes das prerrogativas da sociedade, evidenciando o seu protagonismo.

Infere-se ainda que a "Educação ideal" para o povo do "Brasil real", que o professor Ariano elaborou e praticou, deu-se ainda ao trazer o prosaico, o espontâneo da cultura popular para a universidade, onde apresentou a cultura geral, sem esvaziar a local, vendo nela as questões universais, presentes na vida do ser humano. Desse modo, os alunos aprenderam o que era cultura a partir de sua própria cultura. E tal processo foi desenvolvido nos vários espaços formativos: na sala de aula tradicional, na itinerante, na administração das políticas públicas de educação e cultura. Era um mestre apresentando o saber, sem desqualificar o saber dos alunos e espectadores.

Esperamos ter mostrado que o professor Ariano Suassuna, um sujeito social, cujo legado, fundamentado e posto em prática a serviço da educação e da cultura, é de grande relevância para a História da Educação brasileira. Para essa História cujos manuais e compêndios ainda estão por ser escritos, na verdade, para compor nossos próprios anais, aja visto o levantamento feito no primeiro capítulo desta pesquisa, sobre os periódicos existentes que fundamentam esse campo. Eis assim a nossa conclusão para explicarmos a ausência do seu nome nesse campo científico da nossa História da Educação que pudemos perceber muito novo, tendo começado a ser problematizado e averiguado do ano de 2000 para cá. Porque nele há muito o que se pesquisar e registrar, inclusive nas histórias dos sujeitos e suas práticas docentes.

Ariano Suassuna, sujeito multifacetado, tinha um lado professoral de excelência. Ele percebia a educação como fenômeno de inclusão das minorias sociais, e enquanto educador, buscou caminhos através de suas pesquisas e práticas nesse viés. Acredito que todos os que compactuam da preocupação por uma educação de qualidade se beneficiarão com uma pesquisa sobre o mestre Ariano Suassuna, exemplo de artista, professor e cidadão brasileiro, "está certo? "

Se falarmos da Onça malhada, das favelas e dos arraiais, falaremos do "Brasil real", e nesses emblemas, nessas metáforas, nesses territórios que formam o nosso país continental, vislumbraremos o professor Suassuna. Um imortal não apenas por sentar-se na cadeira número 32 da Academia Brasileira de Letras, mas pelo legado que também deixou na Educação brasileira, ao mergulhar na alma do povo brasileiro. A nos fazer perceber que o erudito e o popular não se excluem. A nos ensinar humildade, generosidade, otimismo e maneiras de como educadores e cidadãos, prosseguirmos em nossos projetos por uma educação de qualidade para nossas crianças, jovens e adultos, por uma sociedade mais justa, para quem sabe um dia, termos a fusão dos dois "Brasis"? É preciso que a democracia seja republicana e a república seja democrática, para que possamos de fato abrir os braços e fazermos um país. Encerramos esta parte do texto com as palavras do mestre paraibano, apaixonado pela luminosidade do sertão e pela resiliência do nosso povo brasileiro, que mesmo numa terra árida cultiva a alma verde: "Sonho com o dia em que o Sol de Deus vai espalhar justiça pelo Mundo todo. " (Professor Ariano Suassuna)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na História oral.** Rio de Janeiro: CPDOC, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

_____. **O documento em história da psicologia: o oral e o textual**. In: Encontro Clio-Saché: Historiografia, Psicologia e Subjetividades – Paradigmas, 3 – Mesa redonda. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar.** Campinas: Editora Papirus, 6º ed. 2000, p.93.

ANDRÉ, Marli**. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador: V. 22, nº 40. P.95-103, Julho/dezembro, 2013.

ARISTÓTELES. **A Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.

BACELLAR, Carlos. Uso e mal-uso do arquivo. (In) Pinsky, Carla Bassanezi.(org.) **Fontes históricas**. São Paulo: editora Contexto, 2008

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Amílcar Almeida. **Da Pedra do Reino à Selva de Pedra**: O Brasil de Ariano. Suassuna na Folha de São Paulo. Recife: UFPE, 2004.

_____ **(Re) inventando o autêntico: Arte, Política e Mídia na trajetória intelectual de Ariano Suassuna.** Niterói: Instituto de Arte e Comunicação- UFRJ, 2013.

BEZERRA FILHO, José. **A Cultura popular no contexto armorial de Ariano Suassuna: Educação e emancipação.** Paraná: Universidade Federal de Maringá, 2011.

BINDÁ, Thirza Maria Bezerra & FROTA, Alexandre Gonçalves. **Bio-Hagiografia; uma possibilidade teórico-metodológica para narrar o itinerário histórico-espiritual do servo de Deus Frei João Pedro.** In: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (orgs.). Pesquisas bibliográficas na educação. Fortaleza: UFC, 2013.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista brasileira da Educação**, ANPED, nº 19. Rio de Janeiro: abril de 2002.

BORBA FILHO, Hermilo. **Diálogo do Encenador**. Recife: Imprensa Universitária/UFPE, 1964.

BORGES, Jorge Luís. **Poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARVALHO, Luís Fernando. Diários de elenco e equipe. **In**: CARVALHO, Luís Fernando (org.) **A Pedra do Reino da obra de Ariano Suassuna**. São Paulo: Editora Globo, 2007.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, História e Memória. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.) **Roger Chartier – a força das representações: História e ficção**. Chapecó, SC: Argos, 2011.

CUNHA, Euclydes da. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1950.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A propósito de Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. **Educação & Sociedade**, nº 9, maio, 1981.

_____. **Ideologia e Educação brasileira**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1979.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do Mundo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.

FAJARDO, Roberta Fernandes. **Narrativas de memória e cultura em Ariano Suassuna.** Canoas, RS: Universidade La Salle, 2017.

FAVARETTO, Fernando. **A Literatura de Ariano Suassuna na Tevê: Um estudo de formação estética.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs.). **O Método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____ . **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Carta de Paulo Freire a Ariano Suassuna. Nota explicativa de Carlos Newton Júnior. **Estudos Universitários**: revista de cultura, UFPE/Proex, v. 38, n 1, p. 33-40, jan.jun. Recife, 2021.

GENUNCIO, Jenesis. **Mediações e práticas culturais em uma escola de educação integral,**

o Ciep Avenida dos Desfiles/Passarela do Samba. (Tese de doutorado em educação) - Faculdade de Educação, UERJ, Rio de Janeiro: 2018.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros – Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Pessoas extraordinárias**. Resistência, Rebelião e Jazz. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

LEMOS, ANA Paula Soares. **Ariano Suassuna, o Palhaço-professor e sua Pedra do Reino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores**. Campinas: Educ. Soc., 2006.

LORIGA, Sabina. **O Pequeno X: da biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio & CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs.) **Práticas de Memória docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

MORAES, Maria Thereza Didier. **Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial, 1970/1976**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. Ariano Suassuna: **Arte como Missão – Vida e Obra em Almanaque.** Recife: Caixa Econômica Federal, 2014.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de suas vidas. In: **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PESSOA, Fernando. **O Livro do desassossego**. Lisboa: Ática, 1982.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação**. Curitiba: Educar, nº 18, Editora da UFPR, 2001.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. A História do tempo presente, 20 anos depois. In: PORTO JR. G. (Org.) **A História do tempo presente.** Bauru, São Paulo: Edusc, 2017.

SANTOS, Mauro Fernandes dos. **A Pedagogia da Festa - Memórias de Animadores Culturais e de Professores no CIEP Mª Joaquina de Oliveira e CIEP Brigadeiro Sergio Carvalho.** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

SIRINELLI, Jean François. "**O Intelectuais".** In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, ps. 231-269.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. Uma leitura sobre o intelectual orgânico em Gramsci. In: **Psicologia em Revista**, v.23, nº2, p.541-561.Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Adriana Barreto de & LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema**. In: Revista História da Historiografia, nº 9, págs. 28-37. Ouro Preto: UFOP, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Almanaque** Armorial. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2008, págs. 281-290.

_____. **A Onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a Cultura brasileira**. Tese de livre docência. Recife: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, 1976.

_____. **A Pena e a lei.** Rio de Janeiro: Agir, 4ª ed. 1979.

_____ .**A Pensão de Dona Berta e outras histórias para jovens**. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

_____. **Auto da compadecida.** Rio de Janeiro: Agir, 1985.

_____. **Farsa da boa preguiça**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. **Ferros do Cariri: uma heráldica sertaneja**. Recife: Guariba Editora de Arte, 1974.

_____. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

_____. **O casamento suspeitoso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

_____. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 8ª ed. 1989.

_____. **Poemas.** Seleção, organização e notas de Carlos Newton Júnior. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999, págs. 33/190/227-236.

_____. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. **Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p.15)

_____. **Um autor sem medo de adjetivos.** In: Revista Língua portuguesa, ano II, número 21. São Paulo: Editora Segmento, julho de 2007.

_____. **Vida-Nova Brasileira e Outros Textos em Prosa e Verso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022, págs.67-68.

VALENTE, Waldemar. **Misticismo e Região**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1963.

VICTOR, Adriana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo: CURY, Cláudia Engler. **A Escrita da educação no Brasil**: experiências e perspectivas. Maringá: Revista brasileira da História da Educação, v. 19, 2019.

Entrevistas, vídeos e dados acessados on-line:

Entrevista de Ariano Suassuna para o programa "Os Mágicos", em 1979. https://youtube/JYwkqT5LXO, acesso em 4/8/2020, às 9:56 horas.

Entrevista de Ariano Suassuna para o Almanaque da Folha de São Paulo, em 26 de outubro de 1991. Almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16jun00.htm, acessado em 3 de agosto de 2020, às 11:35 horas.

Entrevista de Ariano Suassuna para a Revista Literatura Viva – Série Depoimentos. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som**,** Editorial. 2001.

Entrevista de Ariano Suassuna para o Roda Viva, em 6/5/2002. https://tvcultura.com.br Acessado em 4/8/2020, às 14:24 horas. Programa Ariano Suassuna Especial – Parte 1, exibido na TV Assembleia do Rio Grande do Norte, em 2005.

Entrevista com Ariano Suassuna, para o Jornal O Globo, O país,, p. 13, em 6/8/2006, acessada em https://www2.senado.leg.br.

Entrevista com Ariano Suassuna para a Revista Veja, em junho de 2014, acessada em https://veja.abril.com.br/cultura/ariano-suassuna.estava.escrevendo.o.livro.de.sua.vida, acessada em 3/8/2021, às 16:00 horas.

Entrevista para NCE UFRJ – intervox.nce.ufrj.br, acessada em 20/1/2021, às 1612 horas.
. Programa especial relembrando o "Canto de Ariano". http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/07/o-canto-de-ariano-lembra-ideias-0bras-e-casos-da-vida-do-escritor.html, acessado em 31/7/2020.

Vídeo extraído da aula-espetáculo da FACAMP, em 2009, disponível em www.youtube.com/watch?+M3MsqbE2rO4, acessada em 22/8/2014, às 9:43 horas.

Vídeo de João Suassuna, neto do professor, prestando uma homenagem aos seus 91 anos, em junho de 2018, disponível em www. youtube.com/watch?v=GTRiMn17AMX, acessado em 4/8/2020, ás 20:51 horas.
Hermilo \Borba Filho in: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021, disponível em https://enciclopédia.itau.cultural.org.br/pessoas7224/hermilo-borba-filho, acessado em 3/8/2021, às 11:40 horas.

ANEXOS

ENTREVISTAS

Transcrição das entrevistas

1) Entrevista com Ana Rita Suassuna Wanderley

1 - NOME: ANA RITA SUASSUNA WANDERLEY
2 - IDADE: 56 anos
3 - PROFISSÃO: Assistente Social
4 - LOCAL DE TRABALHO: Prefeitura da Cidade do Recife
5 – CATEGORIA (S) COMO ENTREVISTADO: familiar (Filha)
6 - ANA RITA, POR TODA A VIDA, ARIANO SUASSUNA REGISTROU A LEMBRANÇA DO PAI, JOÃO SUASSUNA, ATÉ MESMO EM SEU DISCURSO DE POSSE, NA ABL. NO POEMA "AQUI MORAVA UM REI", ELE TRAZ AS PRIMEIRAS REMEMORAÇÕES DA CONVIVÊNCIA DE AMBOS, NA FAZENDA ACAHUAN. QUAL É A PRIMEIRA LEMBRANÇA QUE VOCÊ TEM DE SEU PAI, EM SUA INFÂNCIA? São várias lembranças, bem positivas Papai era um pai muito presente no nosso dia a dia, apesar de trabalhar como escritor e professor. Jogava com os filhos, íamos para praia, a exposição de animais, parques. Ele tocava violão com frequência e cantava para gente cantigas do cancioneiro popular, entre outras da sua infância. No mês de julho íamos para o Sertão e no final do ano para praia.
7 - VOCÊ É A FILHA CAÇULA DE ALGUÉM QUE FOI PROFESSOR PELA VIDA INTEIRA. QUAL É A PRIMEIRA LEMBRANÇA QUE VOCÊ TEM DO SEU PAI, COMO "O PROFESSOR SUASSUNA"? São várias lembranças, mas destaco uma história em que um dia, ele estava corrigindo as provas dos alunos em casa e eu e minha irmã Mariana junto. A cada prova que corrigia a gente pedia para ele melhorar a nota. Ele achou muita graça nisso e contava, às vezes, esse fato em suas aulas.
8 – É VERDADE QUE O SEU PAI, TENDO SIDO ESCRITOR, DRAMATURGO, POETA, ARTISTA PLÁSTICO, SECRETÁRIO DE GOVERNO, ERA COMO "PROFESSOR SUASSUNA" QUE GOSTAVA DE DE SER CHAMADO? VOCÊ PODERIA CITAR ALGUM MOMENTO NO QUAL TENHA PRESENCIADO ISSO? Ele gostava muito de ser professor, mas também gostava de ser chamado de Ariano.
9 - MORANDO NO RECIFE POR TODA A VIDA, E PARTICIPANDO DA VIDA SOCIAL E CULTURAL DA CAPITAL, O QUE MAIS SEMPRE ESTEVE EM EVIDÊNCIA? SER FILHA DO CÉLEBRE HOMEM DAS LETRAS OU DO PROFESSOR? Ser filha do grande pai que era Ariano Suassuna.
10 – DAS REDES DE SOCIABILIDADE DE SEU PAI, QUAIS NOMES VOCÊ PODERIA CITAR, COMO MAIS PRESENTES? E NA ÁREA DA EDUCAÇÃO? Papai tinha um círculo de amigos grande. Citarei alguns: José Laurênio, Francisco Brennand, Deborah Brennand, Hermilo Borba Filho, Leda Alves, Aloísio Magalhães, Capiba, Gilvan Samico, Ana Arraes, Maximiano Campos, Renato Campos, Antônio Madureira, Antônio Nóbrega, entre outros. Na área da educação: Paulo Freire, Ângelo Monteiro, entre outros.
11– ARIANO SUASSUNA COSTUMAVA CONTAR SOBRE UMA VIAGEM QUE VOCÊS FIZERAM, NUMA KOMBI, DE PERNAMBUCO PARA A PARAÍBA. SERIA A PRIMEIRA VEZ DE VOCÊS, FILHOS, NO SERTÃO. E QUE NA DIVISA DOS DOIS ESTADOS PEDIU QUE TODOS SALTASSEM PARA DIZER QUE VOCÊS ESTAVAM ENTRANDO EM SOLO SAGRADO. VOCÊ SE LEMBRA DESSE DIA? Lembro demais!

Papai contratou essa Kombi para irmos passar as férias no Sertão Ele tinha reformado a casa, e lá passamos todas as férias de julho. Ele pediu para parar o carro na divisa do estado e ficamos um grupo no lado de Pernambuco e outro no lado da Paraíba, e nos cumprimentamos.
12 - TENDO CURSADO A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, VOCÊ ACOMPANHAVA A CARREIRA DO SEU PAI, NAQUELA INSTITUIÇÃO? Acompanhava e em casa, ele nos contava muitas histórias do dia a dia na UFPE.
13 – VOCÊ TEM ALGUMA LEMBRANÇA DE COMO ERA A CONVIVÊNCIA DO SEU PAI COM OS ALUNOS, NAS DIVERSAS DISCIPLINAS QUE MINISTRAVA? Ele tinha uma relação muito boa com os alunos, inclusive, alunos de outros cursos iam assistir às aulas dele. Papai era um excelente contador de histórias e tinha uma grande facilidade de comunicação com os alunos.
14 – E COM EX-ALUNOS? ALGUNS MANTINHAM CONTATO E VIRAVAM AMIGOS E PARCEIROS DE TRABALHO? PODERIA CITAR ALGUNS? Mantinha contato sim. Vou citar dois: Cida Nogueira e Carlos Newton Júnior.
15 – É VERDADE QUE ELE AJUDAVA ALGUMAS PESSOAS CARENTES A REALIZAREM SEUS ESTUDOS? Papai ajudou várias pessoas ao longo da sua vida. Umas para realizarem seus estudos, outras para comprar casa própria e muitas pessoas da Cultura popular.
16 - APÓS A APOSENTADORIA, O PROFESSOR SUASSUNA CONTINUOU COM SUA DOCÊNCIA ITINERANTE, LEVANDO PELO BRASIL SUAS FAMOSAS AULAS-ESPETÁCULO. MAS MESMO AS AULAS DELE, NO ESPAÇO TRADICIONAL DA SALA DE AULA, SEMPRE FORAM CONSIDERADAS AULAS-ESPETÁCULO. VOCÊ JÁ TINHA OUVIDO ESSE TERMO ANTES DELAS ACONTECEREM, COM ELE SENDO SECRETÁRIO DE GOVERNO DE MIGUEL ARRAES? Não. Esse termo foi ele que "batizou" na época que iniciou as aulas no Governo do Estado.
17 - QUANDO ESTIVE NA CASA DE SEUS PAIS, PUDE VER O QUARTO DE TRABALHO DELE, ONDE ELE PREPARAVA SUAS AULAS E PRODUZIA SEUS ESCRITOS LITERÁRIOS. AQUELE TINHA SIDO ANTERIORMENTE O QUARTO DE SEUS IRMÃOS. QUANDO VOCÊ ERA MENINA, COMO ERA A ROTINA DO SEU PAI, COMO PROFESSOR, QUANDO NÃO ESTAVA NA UFPE? Papai dava aula no período da tarde, e de manhã, escrevia e preparava suas aulas. Durante a noite, gostava de ler, assistir a filmes e alguns programas de televisão.
18 – PARA OS QUE CONVIVIAM COM ELE, ERA POSSÍVEL SEPARAR O ARTISTA DO DOCENTE? Muito difícil de separar o artista do professor, ele dando aula era um verdadeiro artista, com sua habilidade de "palhaço".
19 – EM SUA OPINIÃO, O QUE LEVOU ARIANO SUASSSUNA A SE TORNAR UM PROFESSOR? ALGUM ACONTECIMENTO, INSPIRAÇÃO OU INFLUÊNCIA DE ALGUÉM LIGADO A ESSA ÁREA? Ele começou a dar aula muito novo, tinha 17 anos. Ensinava no SESI aos trabalhadores da indústria. Acredito que foi sua a facilidade de comunicação e o fato de gostar de estudar e ler.
20 – COMO ELE EXPLICAVA O "BRASIL REAL" E A SUA MISSÃO DE TORNÁ-LO VISÍVEL? Ele tinha como missão de vida a justiça social e pelo caminho da arte popular e da erudita, apresentava os desafios do povo do "BRASIL REAL". Não queria apenas dar visibilidade, queria que o povo do "BRASIL REAL" tivesse as mesmas oportunidades do povo do "BRASIL OFICIAL".
21 – COMO ERA A CONVIVÊNCIA DELE COM AS PERIFERIAS OU COM OS MORADORES DO SERTÃO? Ele não fazia distinção entre as pessoas, independente da sua condição social. Tratava todas com respeito, procurando valorizar a cultura de cada território do país, com suas identidades, crenças e valores.

22 - SENDO TAMBÉM UMA PESSOA LIGADA À CULTURA E À AREA SOCIAL, VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUM DE SEUS PROJETOS CULTURAIS? QUAIS? Não participei de nenhum projeto cultural dele.
23 - DURANTE AS ATUAÇÕES DE ARIANO SUASSUNA COMO SECRETÁRIO DE GOVERNO, VOCÊ TRABALHOU COM ELE? Nunca trabalhei com ele.
24 - O QUE PODERIA NOS DIZER SOBRE AS AULAS-ESPETÁCULO DESSA ÉPOCA? As aulas espetáculos foram muito importantes para fortalecer a cultura brasileira. Na visão dele, um povo sem cultura perde sua identidade. Além disso, as aulas também serviam para provocar uma reflexão política sobre a necessidade do nosso país enxergar que precisamos ter um olhar prioritário para as pessoas do "Brasil Real" e reduzir as desigualdades sociais existentes.
25 – QUANDO ELE SE APOSENTOU NA UFPE, COMO COSTUMAVA SER A SUA ROTINA? IMAGINO QUE TENHA SIDO DIFÍCIL, DEPOIS DE TANTOS ANOS. Ele se aposentou das aulas na UFPE, mas trabalhou como secretário estadual de cultura, quando fez aulas-espetáculo por todo o Brasil. Além de se dedicar ao seu último livro. Ele não parou de realizar atividades até o seu encantamento.
26 - A OBRA DOM *PANTERO NO PALCO DOS PECADORES* DEMOROU MUITOS ANOS PARA SER CONCLUÍDA. DURANTE A SUA TESSITURA, ELE COSTUMAVA CONVERSAR E TROCAR IDEIAS COM A FAMÍLIA? VOCÊ A CONSIDERA UMA OBRA AUTO-BIOGRÁFICA? POR QUÊ? Esse livro ele escreveu e reescreveu várias vezes. Ele sempre discutia com sua irmã Germana, seus amigos José Laurênio, quando ele vinha ao Recife, e com Carlos Newton. Às vezes, lia alguns trechos para a gente em casa. Pedia também alguma opinião ou sugestão com relação às ilustrações, principalmente aos artistas da família.
27 - NO PRELÚDIO DE DOM *PANTERO*, O PROFESSOR SUASSUNA DESCREVE UMA PRIMEIRA "AULA-ESPETACULOSA", EM PATOS, SERTÃO DA PARAÍBA. FOI MESMO LÁ A PRIMEIRA AULA-ESPETÁCULO, DURANTE O GOVERNO DE MIGUEL ARRAES? Não. Se não me engano, a primeira aula- espetáculo foi realizada aqui no Recife, em uma tenda de circo.
28 - É VERDADE QUE HÁ UM PROJETO DE CRIAÇÃO DE UMA CÁTEDRA, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA SOBRE A OBRA DE ARIANO SUASSUNA? Não sei informar.
29 - O PROFESSOR ARIANO SUASSUNA NUNCA FOI MARXISTA. DIZIA QUE APRENDERA A SER SOCIALISTA COM OS APÓSTOLOS DE JESUS CRISTO. SENDO PROFESSOR, COMO ERA A SUA PRÁTICA SOCIALISTA? Ele era uma pessoa que, incansavelmente, lutava por uma sociedade mais justa e igualitária para todas (os) através de sua arte, escritos e aulas. Além de ser uma pessoa de muita fé e devoto de Nossa Senhora, vivia de forma simples e procurava seguir os ensinamentos do Cristo na sua vida diária e sempre ajudou as pessoas mais carentes.
30 – CONVIVENDO COM ELE, ISSO INFLUENCIOU A SUA ESCOLHA PELA ASSISTÊNCIA SOCIAL? É UMA MANEIRA DE CONTINUAR TRABALHANDO PELO "BRASIL REAL"? Com certeza que os valores repassados influenciaram a minha forma de enxergar o mundo e de não me conformar com as injustiças e desigualdades sociais e lutar sempre para que as pessoas do "BRASIL REAL" tenham uma vida digna.
31 - APÓS MINHAS LEITURAS E PESQUISAS, ESCREVI EM MEU TEXTO DO DOUTORADO QUE, UM DOS OBJETIVOS DE ARIANO SUASSUNA, SEMPRE PREOCUPADO COM O "BRASIL REAL", ERA "DAR VOZ AO POVO BRASILEIRO QUE FAZ PARTE DESSE OUTRO PAÍS, E QUE É NEGLIGENCIADO PELO "BRASIL OFICIAL", SEM VISIBILIDADE. NA OCASIÃO DA QUALIFICAÇÃO, A BANCA DISCORDOU E PEDIU QUE EU RETIRASSE ISSO, POIS "O POVO BRASILEIRO

SEMPRE TERIA TIDO VOZ. ” ENTRETANTO, AINDA NÃO MEXI NO TEXTO, POIS CONTINUO INFERINDO DESSA MANEIRA, EM SE TRATANDO DA GENTE DO “BRASIL REAL”. O QUE VOCÊ ACHA A ESSE RESPEITO? Acredito que não fosse apenas dar voz ao povo do BRASIL REAL”. Ele queria uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as pessoas tivessem direito a uma vida digna.

2) Entrevista com Dona Zélia Suassuna

1- NOME: ZÉLIA DE ANDRADE LIMA SUASSUNA
2- IDADE: 91 Anos
3- PROFISSÃO: Artista plástica
4- LOCAL DE TRABALHO: Ateliê
5- CATEGORIA: familiar (Esposa)

6- DONA ZÉLIA, A SENHORA TEVE O PRIVILÉGIO DE SER O GRANDE AMOR E A COMPANHEIRA DE VIDA INTEIRA DO MESTRE ARIANO SUASSUNA. SEMPRE ESTEVE AO SEU LADO, EM TODAS AS SUAS REALIZAÇÕES, COMO ARTISTA E EDUCADOR. QUANDO SE CONHECERAM? QUAL FOI A COISA NELE QUE MAIS LHE ENCANTOU? Nós nos conhecemos no centro da Cidade do Recife. Na verdade, eu já o havia visto, senti uma emoção diferente, mas era muito menina e com uma diferença de 4 anos de idade, ele não me viu. Tempos mais tarde, nos vimos numa festa, meu coração bateu forte e ele desta vez, correspondeu, me notou. Depois, quando eu tinha 16 anos, estava no ponto de ônibus, acompanhada por meu irmão Cyro, na Avenida Guararapes, também no centro do Recife. Ele se aproximou e perguntou se podia ir na minha casa. Assim, começamos a namorar. O que mais me encantou em Ariano foram a sua generosidade e a sua retidão.

7 – ELE PODERIA, COM O TALENTO MÚLTIPLO QUE TINHA, TER SIDO APENAS UM HOMEM DAS LETRAS. ISSO JÁ O PROJETARIA NO MUNDO INTEIRO.TORNOU-SE ATÉ IMORTAL NA ABL., ENTRETANTO, MUITO JOVEM, TORNOU-SE PROFESSOR. O QUE O LEVOU A ESSE CAMINHO, A ESSA VOCAÇÃO PELO MAGISTÉRIO? A Literatura e o Magistério para Ariano tinham grande importância na vida dele. Acho que uma coisa complementava a outra, tanto que ele até o fim da vida fez as duas coisas: escreveu e deu aulas-espetáculo até o seu encantamento.

8 – QUAL FOI O PRIMEIRO TRABALHO DELE COMO PROFESSOR? Não sei ao certo. Deu aula particular bem cedo e foi professor no SESI, aos 17 anos.

9- FORMADO EM DIREITO, NÃO QUIS ADVOGAR E FOI DAR AULAS DE ESTÉTICA, NA UNIVERSIDADE. POR QUÊ? Ariano escolheu o Direito por falta de opção, na época, de cursos na sua área, mas não se identificava de fato. Enveredou para vida acadêmica e se encontrou como professor. De qualquer maneira, o mundo do direito foi fonte de inspiração no seu universo literário, a exemplo da cena do julgamento no *Auto da Compadecida.*

10 - ISSO ACONTECEU LOGO QUE SE CASARAM. COMO FORAM ESSES PRIMEIROS TEMPOS? A ROTINA NA UNIVERSIDADE, A DRAMATURGIA, A CHEGADA DOS FILHOS? Ariano era muito disciplinado. Trabalhava escrevendo em seu gabinete pela manhã, em casa, e à, tarde ia para universidade dar aula. Criamos uma rotina em casa, de forma que os filhos respeitavam seus horários de trabalho.

11 - COM OS DIREITOS AUTORAIS DA PEÇA *AUTO DA COMPADECIDA*, VOCÊS COMPRARAM A CASA ÀS MARGENS DO RIO CAPIBARIBE, NO BAIRRO CASA FORTE. COMO FOI A ESCOLHA DO LOCAL? COMO FORAM OS PRIMEIROS TEMPOS DE ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE? Sempre gostamos de casas antigas. Soubemos da existência de algumas no bairro de Casa Forte e fomos lá procurar. A que compramos não estava à venda na época, mas nos chamou atenção. Tempos depois foi anunciada e compramos. Mantivemos a arquitetura original até hoje, só acrescentando um terraço externo e decoramos com obras de arte.

12 - ELE PASSAVA MUITAS HORAS EM CASA, PREPARANDO AULAS E MATERIAL DIDÁTICO? Sim, Ariano era muito caseiro e como falei, trabalhou a vida toda em casa, principalmente pela manhã.

13 - DE TODOS OS LIVROS QUE ELE ESCREVEU, QUAL É O SEU PREDILETO? A *Farsa da Boa Preguiça*.

14 – COMO FOI SER A ESPOSA DO PROFESSOR ARIANO SUASSUNA, TENDO QUE LO DIVIDIS POR TANTAS DÉCADAS COM A UNIVERSIDADE? Foi tranquilo. Ariano era muito companheiro e eu o acompanhava em tudo. Então, estávamos sempre juntos.

15 – DAS REDES DE SOCIABILIDADES DELE, NAS VÁRIAS ÁREAS DA ARTE E DA CULTURA, QUE NOMES A SENHORA PODERIA CITAR COMO OS MAIS PRESENTES? OUTROS PPROFESSORES DA UNIVERSIDADE FREQUENTAVAM A CASA DE VOCÊS? Tínhamos um ciclo muito grande de amigos, além da família que sempre conviveu muito próxima. Posso citar alguns como: José Laurênio, Hermilo Borba Filho, Capiba, Gilvan Samico, Debora e Francisco Brennand, Raimundo Carreiro, Ana Arraes, Maximiano Campos, Renato Campos, Antônio Jose Madureira, Jarbas Maciel, Ângelo Monteiro, Cesar Leal, entre outros, e mais tarde, Carlos Newton Júnior.

16- A SENHORA É UMA GRANDE ARTISTA PLÁSTICA DO MOVIMENTO ARMORIAL, COM SUAS PINTURAS, CERÂMICAS, LITOGRAVURAS E DESENHOS. ESSE MOVIMENTO SURGIU NA UFPE, EM 1970, COM O PROFESSOR SUASSUNA. COMO FORAM AQUELES PRIMEIROS TEMPOS? UNIVERSIDADE, CASA, FILHOS, ARTE? Os primeiros encontros do Movimento Armorial, ocorriam na nossa casa mesmo, como os ensaios do Quinteto Armorial e reuniões de trabalho. Meus filhos cresceram participando de tudo isso.

17 – DURANTE AS ATUAÇÕES DO PROFESSOR ARIANO SUASSUNA COMO SECRETÁRIO DE GOVERNO, A SENHORA CHEGOU A TRABALHAR COM ELE, EM SEUS PROJETOS? Sempre fiz os meus trabalhos de cerâmica, porcelana e desenhos. Ariano era o meu maior incentivador. Usou minha arte para ilustrar seus livros e sempre me apoiava a participar de exposições coletivas.

18 – O QUE PODERIA NOS DIZER SOBRE AS AULAS-ESPETÁCULO DESSA ÉPOCA? A SENHORA O ACOMPANHAVA EM ALGUMAS DELAS? Eu acompanhava Ariano em todas as suas aulas, fossem elas no Recife, no interior de Pernambuco ou em qualquer lugar do Brasil. Ele até comentava que tinha pena de mim por ouvir as mesmas histórias repetidas vezes, mas eu gostava e cada aula tinha sempre algo diferente e especial.

19 – ARIANO SUASSUNA NUNCA FOI MARXISTA. DIZIA QUE APRENDERA A SER SOCIALISTA COM OS APÓSTOLOS DE JESUS CRISTO. SENDO PROFESSOR, COMO ERA SUA PRÁTICA SOCIALISTA? Ele, na minha opinião, era um socialista cristão, no verdadeiro sentido da expressão. Conheço poucas pessoas com sua bondade de pensar no outro, principalmente nos mais pobres. Era inconformado com a injustiça social.

20 – A CASA DE ELA É UM VERDADEIRO CENTRO CULTURAL, DESDE OS JARDINS ATÉ O INTERIOR. HÁ ALGUM PROJETO DE OFICIALIZAR O ESPAÇO, NESSE SENTIDO? Hoje a nossa casa é cheia de filhos, netos e bisnetos. No futuro, quem sabe, passe a ser um centro cultural?

21 – A SENHORA PODERIA NOS CONTAR ALGUM ACONTECIMENTO DA VIDA DE ARIANO SUASSUA COMO PROFESSOR QUE TENHA LHE EMOCIONADO, PELO AMOR DELE À EDUCAÇÃO? No-dia-a-dia, sempre tinha muitas histórias para contar de suas aulas e com bom humor, espirituoso, como era. Fazia sempre dessas histórias o seu universo.

22 – COMO ERA O RELACIONAMENTO DELE COM OS ALUNOS E COLEGAS DE TRABALHO? Muito bom. Ariano era muito querido, tanto que fez muitos amigos na universidade, tanto com colegas de trabalho, como com alunos.

23 – COMO ERA A AMIZADE DELE COM PAULO FREIRE? Ele tinha uma amizade com Paulo Freire. A vida não permitiu que convivessem muito, mas quando se viam era uma festa. Paulo Freire era muito grato a Ariano pelo apoio que lhe deu na época da ditadura.

24 – EM SUA OPINIÃO, QUAL FOI O GRANDE LEGADO QUE O PROFESSOR ARIANO SUASSUNA DEIXOU PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA? O amor e o respeito pelo Brasil e pela Cultura brasileira.

25 – O QUE A SENHORA PODERIA NOS DIZER SOBRE A LUTA DO PROFESSOR SUASSUNA EM PROL DO POVO DO “BRASIL REAL”? Ariano sempre defendeu o povo brasileiro, principalmente as pessoas do “Brasil real”, achando que o “Brasil Oficial” tem uma dívida histórica com o Brasil Real, por isso sua bandeira sempre esteve de pé, nesse sentido.

3) Entrevista com Carlos Newton Júnior

1 - NOME: CARLOS NEWTON DE SOUZA LIMA JÚNIOR
2 - IDADE: 57 anos
3 - PROFISSÃO: Professor de Estética e História das artes na UFPE. Também é poeta, ficcionista e ensaísta.
4 - LOCA DE TRABALHO: Universidade Federal de Pernambuco
5 – CATEGORIA (S) COMO ENTREVISTADO: Amigo, aluno e colega de trabalho nos projetos culturais.
6 - PROFESSOR CARLOS NEWTON, EM QUE MOMENTO DE SUA VIDA O SENHOR CONHECEU O MESTRE ARIANO SUASSUNA? Foi em março de 1984, aos dezessete anos, ao ingressar no Curso de Arquitetura, na Universidade Federal de Pernambuco, quando cursar *Estética* era uma das disciplinas obrigatórias. Ariano foi meu professor logo no primeiro semestre. Até então, eu o conhecia apenas pela obra *Auto da Compadecida.* Já tinha inclusive assistido a uma montagem da peça, em meu colégio, durante o segundo grau, e

Ariano compareceu e sentou-se na fileira em minha frente. Tínhamos lá um bom grupo de teatro. O João Grilo foi interpretado por um aluno, o Tuca Andrada, que depois fez carreira como ator.

7 - QUAL ERA A SUA IMPRESSÃO SOBRE ELE, NO INÍCIO DA CONVIVÊNCIA DE VOCÊS? O SENHOR ERA MUITO JOVEM NA ÉPOCA, NÃO ERA? Na época, ele tinha 57 anos (40 anos de diferença), a idade que tenho hoje. Mas como eu era muito jovem, ele me parecia muito velho. (Risos) mas o achei um homem engraçadíssimo. O primeiro impacto foi um estranhamento, porque ele se vestia de uma maneira diferente. Usava roupas das cores cáqui ou branca, que lembravam muito um pijama. As pessoas até diziam: "- O professor Ariano veste um pijama! " Calçava umas alpercatas e cinto feitos de couro, e dizia que suas roupas eram feitas por uma costureira, Edite Minervina, e que eram uma média do uniforme de trabalho do povo brasileiro. Era uma pessoa que se vestia diferente dos outros professores, e quando se apresentou para a turma, explicou isso, citando Gandhi. Depois, com o passar dos anos, ficando mais velho, abandonou as alpercatas pelos sapatos. Ariano nunca dirigiu. Ia para a universidade atravessando o rio Capibaribe de bote, e depois pegava um ônibus. Quando ficou mais velho, em outros cargos, tinha motorista. Eu terminei a faculdade de arquitetura em 1988, e no ano anterior, lá no Recife, fizeram uma grande festa para comemorar os seus 60 anos. Uma festa popular, na rua da casa dele.

8 - HÁ UMA FRASE QUE DIZ: "AFETO É O QUE AFETA! " ISSO PERMEOU A CONVIVÊNCIA DE VOCÊS DOIS? DIZEM QUE ELE O CONSIDERAVA COMO UM FILHO. DE ALGUMA MANEIRA, ELE LHE INFLUENCIOU PARA SEGUIR O CAMINHO DAS LETRAS? Quando entrei no curso de Arquitetura, ainda não sabia exatamente o que queria. Quando se é jovem, isso é muito comum. Eu entrei porque desenhava muito bem e achei que devia por isso, fazer arquitetura. Eu estava ali, mas não sabia o que queria. No meio do meu curso de arquitetura, fiz um outro vestibular e passei a cursar também a faculdade de História à noite. Naquele instante, eu já estava bastante interessado pela História da Arte. E acho sim que ele foi fundamental em minha escolha pela docência. Fiz primeiro arquitetura, mas nem trabalho fazendo projetos. Acabei fazendo mestrado e doutorado em Letras e trabalho ensinando.

Uma coisa que me marcou muito foi que ele dava aulas citando autores. Ele falava em cordéis e eu anotava...e eu percebi que não tinha bagagem literária nenhuma. Ao entrar na universidade, eu tinha lido uns dez livros, no máximo. E olhe que eu tinha frequentado colégios bons e tradicionais, que o meu pai pagava com muita dificuldade. Mas eu nem me lembro de ter frequentado bibliotecas. Só tinha lido alguma coisa de Machado de Assis, José de Alencar e José Lins do Rêgo, como por exemplo, *Fogo morto*. Ou seja, tinha lido muito pouco. Era a época do Regime militar, uma educação muito tecnicista, na qual você era preparado para o vestibular. E assim, eu não tinha bagagem literária alguma.

Com ele, fui anotando, tomando notas de livros, e pensei: "- Vou começar a ler esses livros! " Durante as aulas Ariano incentivava muito a leitura, quando contava as histórias dos livros. Uma vez, ele falou de *Crime e Castigo* e disse: "- Olhem, depois de lerem esse livro, vocês jamais serão os mesmos. Ninguém sai dele como entrou. É um livro que muda a vida da gente! " Como tínhamos muitas disciplinas, eu ia anotando aqueles livros como um "programa de estudos" e dentro do possível, ia lendo.

9 - GOSTARIA QUE O SENHOR FALASSE UM POUCO SOBRE O "CHÃO DA SALA DE AULA" QUE PISOU COMO ALUNO DE ARIANO SUASSUNA: Ele era um homem engraçadíssimo! Durante as aulas, a gente ria muito. Ele cativava os estudantes pelo riso. Para exemplificar o assunto abordado na aula, sempre usava exemplos ligados ao risível, contando anedotas. E a partir daí, vinha desenvolvendo os temas da disciplina *Estética*. Por isso, a expressão "a Educação pelo riso".

10 – COMO ALUNO, ERA POSSÍVEL SEPARAR O ARTISTA DO DOCENTE? Foi como já lhe expliquei. No início, eu não conhecia a obra de Ariano. Isso aconteceu depois. Mas ele tinha essa coisa performática, que fazia qualquer aula ser um espetáculo. Era o seu jeito de falar, de contar histórias, de criar aquela expectativa do desenlace. Na época, eu não saberia avaliar isso tecnicamente, mas eu acho que ele tinha um domínio no tempo da aula, e não se perdia nas narrativas. Às vezes, fazíamos uma pergunta, e aquela pergunta gerava outra. E ele não se perdia, para responder. Eu me lembro que teve um dia em que ele chegou na sala e nos perguntou: "- Olhem, vocês conhecem o grande escultor Brennand? " – Ninguém conhecia. "- Mas não é possível! " E ele pegou todo mundo, 50 ou 60 alunos, andando pela Várzea, uns vinte minutos de caminhada, para depois apanhar uma balsa e atravessar o rio. Depois, continuamos caminhando pelo mato, até finalmente chegarmos à oficina de Francisco Brennand, um ateliê que ele começou a construir em 1971, um espaço encantador, mágico, numa fábrica que o ceramista herdara do pai. Atualmente, já se pode ir de carro até lá.

11 – O SENHOR SE LEMBRA DE ALGUMA AULA EM ESPECIAL DO PALHAÇO-´PROFESSOR? Ele naturalmente era um homem engraçado. E posso dizer que esse negócio de contador de história era uma tradição de família. O pai, ele, os tios, os irmãos...Ariano tinha um dom nato para contar histórias. Até Jorge Amado disse isso.

12 - DURANTE ESSAS AULAS, COMO ERA A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS? Os alunos de Ariano eram muito jovens. Não tinham muita condição de interagir. Eles se divertiam. Faziam perguntas e ele respondia suas aulas eram quase como conferências.

13 - O QUE O SENHOR PODERIA FALAR SOBRE A DIDÁTICA USADA POR SUASSUNA, UMA VEZ QUE ELE NÃO SE PREOCUPAVA COM PLANOS DE AULA OU PLANOS DE CURSO? Quando eu fui seu aluno, ele já tinha uma larga experiência como professor de *Estética*, quase trinta anos, e já tinha inclusive publicado o Iniciação *à Estética*, em 1975. E ia adequando-a aos cursos que ministrava. Foi uma coisa que aprendi com ele, quando me tornei professor universitário. Por exemplo, quando eu ensino *Estética* para o curso de Artes visuais, os exemplos que dou são mais para Artes Visuais Quando ensino a mesma disciplina para a turma de teatro, me atenho mais a textos teatrais. Era exatamente o que o professor Ariano Suassuna fazia. Na verdade, não me lembro de planos de curso, de aula..., mas eu me lembro sobre as avaliações sim, que na minha época, na década de oitenta, ele já não fazia mais. Durante o curso de arquitetura, até fazíamos exercícios de *Estética.* Mas nos outros cursos, ele chegava e dizia: "- Olhem, eu tenho que dar uma nota para vocês hoje. " Chamava cada aluno e perguntava: "- Olhe, você entendeu o assunto? Quanto você acha que merece? " E o aluno ficava sério... e ele continuava: "- Olhe, você veio, vou lhe dar oito. " E explicava que fazia isso porque tinha toda a consciência que o aluno não saía dali sem aprender nada da disciplina. "- Isso vai ser fundamental! Se eu fosse um professor de Medicina, cirurgia, é claro que eu não agiria assim, perguntando ao aluno que nota acha que merece. " Enfim, o que ele queria era que a gente entendesse que se aquilo fosse importante para você, você iria estudar para o resto da vida. É aquela história: não existe saber sem sabor, não é? Ele queria despertar no estudante o interesse pela leitura, essa sede pela Literatura. Ele sempre dizia que se você conseguisse despertar isso no aluno, ele estaria formado, estaria no caminho. A ideia dele era essa.

Eu faço muito isso hoje. Às vezes, dou o curso de História da Arte e digo aos meus alunos: "- Olhem, para vocês estudarem a História da Arte, vão para o Mundo antigo. Para vocês compreenderem a pintura do Mundo antigo, é fundamental a leitura da *Ilíada* e da *Odisseia*. E complemento: "- Aquele que ler a *Odisseia*, que trata das cenas do Mundo antigo, nem precisa fazer prova. Mas tem que ser a versão integral; não uma adaptação qualquer. E tem aluno que lê...e eu dou dez. Ler a *Odisseia* é uma coisa tão fantástica, que é muito mais importante do que fazer uma prova.

Por isso, acho que Ariano não se preocupava com a avaliação formal, essa coisa de prova, de nota, que para ele era absolutamente secundária. Ele queria era despertar no aluno essa paixão pelo conhecimento, através da *Estética*, da *História da Arte*.

14 - POR ACASO, ELE ERA O TIPO DE PROFESSOR QUE SE MANIFESTAVA DURANTE AS AULAS SOBRE O "MOMENTO POLÍTICO" NO QUAL ELAS SE DAVAM? OU FOCAVA NA DISCIPLINA E SEUS TEMAS? Bem, eu fui aluno de Ariano pela primeira vez em 1984, na época da redemocratização. Então, ali não havia essa polarização como hoje. Mas quando Arraes voltou do exílio, lançando-se candidato ao governo, Ariano o apoiou. Foi quando pela primeira vez, ele se filiou a um partido político, o PSB.

15 - COMO ERA SER ALUNO DO PROFESSOR SUASSUNA? QUAIS DISCIPLINAS CURSOU TENDO-O COMO MESTRE? A minha turma era grande, cerca de 60 alunos. Mas ele nunca precisou fazer chamada para ter aluno em classe. A sala era sempre cheia, inclusive com alunos que já tinham feito a disciplina, mas que sempre voltavam para assistir. Eu fiquei tão encantado com aquele curso de *Estética* que fui aluno dele em outras disciplinas, como "aluno especial", porque naquela época, a universidade tinha um sistema de disciplinas isoladas. Você podia pagar disciplina de qualquer curso isolado, desde que não houvesse pré-requisitos. Desse modo, não fui aluno de Ariano só nessa disciplina. Fiz cinco disciplinas com ele. *Estética,* duas vezes: na graduação de arquitetura e na minha primeira especialização em *Teoria da Arte*, em 1989, quando acabei o curso de arquitetura. Depois, fiz mais três isoladas: *Cultura brasileira, Arte popular e arte erudita* (durante o mestrado em Filosofia), e cursei *História da Literatura*, no curso de Letras. Ele sempre olhava e dizia: "- Você está aqui de novo, é? " E fomos ficando mais ligados. Quando eu fiz minha especialização, em 1989, a minha monografia foi sobre o Movimento Armorial. E ele me convidou para ir a sua casa. Arrumou-me material e comecei a frequentar a biblioteca da casa dele.

16 – O QUE O SENHOR PODE NOS DIZER SOBRE AS OBRAS DIDÁTICAS QUE ELE PRODUZIU? ERAM UTILIZADAS NAS CÁTEDRAS QUE LECIONAVA? Foi assim quando ele começou a lecionar *estética*, fazendo apostilas e depois lançou o livro com elas, na década de 1970. Ele tinha uma boa biblioteca sobre o assunto, com várias traduções de autores argentinos. Sendo o socialista que era, ele a compartilhou, utilizando-a para escrever suas apostilas para a disciplina. Depois que lançou o livro, ele a doou para a Biblioteca da Universidade, para que todos os alunos pudessem ter acesso àquelas obras. Naquela época, não havia essa exigência de o professor entregar relatórios, projetos de pesquisa...Ariano ensinava, dava aulas, escrevia e publicava a sua obra, o que era computado como trabalho acadêmico. E ele dizia então que ser professor era um trabalho que lhe dava tempo de ler e escrever. Assim era a sua rotina: ele gostava de escrever de manhã e dava aulas à tarde. Dentro daquela carga horária não utilizada em sala de aula, escrevia suas obras, no campo do ensaio e da poesia. Quando estava na UFPE, além de professor, foi diretor do Departamento de Extensão Cultural e do Conselho Federal de Cultura.

17 - QUANDO VOCÊS COMEÇARAM A TRABALHAR JUNTOS? FOI NA UFPE OU ANTES? Quando eu fui para a Universidade Federal de Pernambuco, ele já estava aposentado. Lá, não fomos colegas de trabalho. E quando ele foi secretário da Cultura, no governo de Arraes, eu ainda morava em Natal, e só o acompanhava em algumas aulas-espetáculo. Só trabalhamos juntos efetivamente de 2007 a 2010, no primeiro governo de Eduardo Campos, numa secretaria especial de cultura. Ariano chamava Eduardo de Dudu. Ele era casado com Renata, filha de um irmão de Dona Zélia.

18 - ELE SE DIZIA SOCIALISTA, MAS NÃO MARXISTA. O SENHOR SE LEMBRA DE ALGUM MOMENTO DESSE PROFESSOR SOCIALISTA? Ele ajudou muitas pessoas, inclusive financeiramente. Era muito despojado, nem um pouco consumista. A gente percebe até pela mobília da casa dele. Tinha esse hábito de austeridade do sertanejo. A própria casa da

fazenda dele dá a perceber isso. A ideia de conforto para o sertanejo é diferente: é fartura na mesa, não luxo! Não ostentação! Nem telefone celular usou. Seu relógio era aquele de algibeira. Nunca teve automóvel, nunca dirigiu. Quando foi meu professor, nos anos de 1980, a gente o via no ponto, de guarda-chuva, esperando o ônibus.

19 - COMO O PROFESSOR ARIANO SUASSUNA CRIOU O MOVIMENTO ARMORIAL DENTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO? Todo professor universitário trabalha com Ensino, Pesquisa e Extensão. Esse é o tripé do trabalho docente na universidade. É a pesquisa que fomenta o ensino. E o ensino quando sai da universidade vira extensão. Essa é a ideia da ação universitária. E Ariano Suassuna conseguiu unir tudo isso, a parte de extensão, de pesquisa, no Movimento Armorial. Porque ele foi o produto de um projeto de extensão de Ariano. Veja quantas pessoas ele formou. Formou Maria Paula como bailarina. Nóbrega não era músico; só tocava um pouco de violino. Com ele, Ariano criou o Quinteto Armorial. Ele dizia a quem quisesse tocar, que o caminho era o Romanceiro popular. O Armorial foi um projeto de pesquisa pedagógica, e o seu orientador foi Ariano Suassuna. Ele dava os romances para Nóbrega e Antônio Madureira lerem e criarem as composições. Mas Ariano não estava interessado no sucesso. O Quinteto fez quatro discos, e o interesse não era comercial. Era sempre o professor à frente, interessado na pesquisa de uma música brasileira erudita, a partir da popular.

Assim, foi o Ariano Suassuna professor quem fez o Movimento Armorial. Ele sabia que o importante não era só estar ensinando *estética*, por exemplo, na sala de aula. Era também a educação através do espetáculo, daí as aulas-espetáculo. Ele acreditava que a grande obra de arte já educa, desde que seja de qualidade. Como dizia Paulo Freire: "- Desde que ela tenha belezura! " Não é qualquer arte que educa; é a arte bem-feita!

20 - DURANTE AS ATUAÇÕES DE ARIANO SUASSUNA COMO SECRETÁRIO DE GOVERNO, O SENHOR TRABALHOU COM ELE? Sim. Quando Ariano assumiu a Secretaria Especial de Cultura, no primeiro governo de Eduardo Campos, convidou-me para apresentar as aulas-espetáculo com ele. Ele disse: "- Tenho problemas de saúde (ele sofria de labirintite). E quando vou para o interior, posso não passar bem. E nesses dias, você faria as apresentações. No início, ele tinha pensado que não poderia fazer as aulas-espetáculo em todas aquelas cidades. E pensou em dividir comigo. Eu era uma espécie de reserva. Mas na prática, ele acabava fazendo todas, porque percebia que boa parte daquelas plateias estava ali por causa dele. E se eu apresentasse, era diferente. A parte dos músicos e dos bailarinos era a mesma, mas a presença dele é que era importante. Ele era a grande sensação. Até porque, na época, Ariano já era uma celebridade. A terceira montagem do *Auto da Compadecida* feita pela Globo, sob a direção de Guel Arraes, foi que de fato o tornou essa celebridade. Com o público jovem, ela foi determinante. Já não podia mais andar na rua sem ser reconhecido. Ele já tinha ficado muito conhecido com as aulas que dava pelo programa de tevê "O Canto de Ariano", aos sábados, pela Rede Globo do Recife.

No Bairro Casa Forte, onde residia, tem uma praça, na qual ele fazia caminhadas. Mas com a fama, as pessoas passaram a pedir-lhe autógrafos. Uma vez, fui visitá-lo em sua casa, e o encontrei caminhando, ao redor da grande mesa que tinha na sala de jantar. Trazia no bolso várias pedrinhas e um cestinho. Cada volta que dava, depositava ali uma das pedras. Quando lhe perguntei o motivo, ele explicou: " – O médico disse que eu preciso caminhar, mas não posso mais andar na praça. " Então, veja, ele tinha ficado prisioneiro da própria fama. E quando foi trabalhar com Eduardo Campos, dando essas aulas-espetáculo, já era esse Ariano que não podia chegar a lugar algum sem ser reconhecido. E essas aulas acabaram revelando que era impossível substituí-lo. Eu até ia, como uma espécie de reserva. Mas ficava sentado, ajudando-o. E em algumas ocasiões, dividia o palco com ele. Para que não se cansasse muito, eu apresentava metade e ele a outra. Mas ele tinha que estar lá. E as aulas, quando eram para

serem filmadas e distribuídas para as escolas, eram dadas só por ele. Aí sim, fomos colegas de trabalho.

21 - COMO FOI PREFACIONAR *DOM PANTERO*, LIVRO NO QUAL O SENHOR, JUNTAMENTE COM VÁRIOS COLEGAS, ERAM PERSONAGENS? Foram quase trinta anos de escrita, e eu acompanhei uma parte dela. Eu digitei o livro, quando fui seu assessor, na secretaria de Eduardo Campos. Ariano escrevia tudo à mão e fazia alterações. Tirava xerox do manuscrito, cortava e colava encima de outro. Fazia manualmente esse processo de copiar e colar do computador. E em seus últimos sete anos, eu fui digitando para ele, para facilitar. E foi assim que conheci todo aquele percurso. E até ficou mais fácil para ele alterar. Quando a família fechou com a editora para publicar, eu escrevi o prefácio, porque quem conhecia todo o percurso era eu. Para mim, o prefácio é alguma coisa que você lê e compreende a história que está ali. É como uma ferramenta para o leitor entender.

Ali, como é uma autobiografia (ele mesmo dizia que era uma "autobiografia musical dançarina"), um álter ego, várias pessoas com as quais ele conviveu estão ali como personagens, mudando apenas de nome. Eu por exemplo, apareço ali como "Carlos de Sousa Lima". No livro, ele coloca tanto os amigos quanto os seus críticos: "os equivocados".

22 - POR QUE O SENHOR AFIRMA QUE O CONJUNTO DA OBRA DE ARIANO SUASSUNA É UMA GRANDE *ILUMIARA*? Esse termo *Ilumiara* surge na Literatura de Ariano na década de 1990. Até a década de 1980, ele usava lumiara. Depois, acrescentou o I. Se você entrar na oficina de Brennand, você encontrará um texto de Ariano dizendo que todo aquele conjunto é uma espécie de *lumiara*. *Ilumiara* é um espaço sagrado. Pode ser uma obra que representa uma nacionalidade, como *Dom Quixote*, que representa a cultura da Espanha. Assim, o conjunto da obra de Ariano Suassuna é uma *Ilumiara*.

23 - NO PRELÚDIO DE DOM *PANTERO*, O PROFESSOR SUASSUNA DESCREVE UMA PRIMEIRA "AULA-ESPETACULOSA", EM PATOS, SERTÃO DA PARAÍBA. FOI MESMO LÁ A PRIMEIRA AULA-ESPETÁCULO, DURANTE O GOVERNO DE MIGUEL ARRAES? Não. Isso fez parte da ficção do romance. Oficialmente, a primeira aula-espetáculo foi na UNB (Universidade de Brasília), filmada e distribuída para as escolas do Brasil.

24 – O QUE LHE LEVOU A QUERER SE TORNAR O GRANDE PESQUISADOR DA OBRA DO SEU PROFESSOR, E HOJE SER A GRANDE AUTORIDADE NO ASSUNTO? Isso aconteceu de uma maneira muito natural. Como eu me interesso pela obra dele, acabei procurando conhecer. Há trinta anos que convivo com isso. E desde 2017, venho revisando toda a sua obra.

25 - PODERIA NOS FALAR UM POUCO SOBRE O NASEB (NÚCLEO ARIANO SUASSUNA DE ESTUDOS BRASILEIROS), CRIADO PELA UFPE EM 2007? LI QUE O PROFESSOR REALIZOU ALGUNS EVENTOS PARA OS ALUNOS DA REDE PÚBLICA, ATRAVÉS DELE. O Naseb apenas sacramentou esses eventos, porque desde o governo de Miguel Arraes (1995-1999), Ariano já dava essas aulas. O que aconteceu foi que no governo de Eduardo Campos, foi lhe oferecida uma estrutura para fazer isso. Ele tinha a secretaria e mais de dez cargos para ocupar. E ele os ocupou com Antônio Madureira, Maria Paula Costa Rêgo e outros artistas, que sendo assessores, ficavam à disposição para ensaiar e realizar os espetáculos que acompanhavam as aulas.

26 - O SENHOR PARTICIPOU DE ALGUMA MANEIRA DA REALIZAÇÃO DA SÉRIE *A PEDRA DO REINO*, QUE A GLOBO FILMOU EM TAPEROÁ, EM 2007, COMO HOMENAGEM AOS 80 ANOS DE ARIANO SUASSUNA? COMO O MESTRE VIVENCIOU ESSE MOMENTO, EM SEU UNIVERSO MÍTICO? COM CERTEZA, FORAM MUITAS AS EMOÇÕES! Eu não. Mas ele estava lá, visitando e conversando com os artistas, mas não participou diretamente. Ariano tinha uma relação muito forte com Taperoá, que nem sempre respondeu institucionalmente, em termos de política. Por exemplo,

no filme *Auto da Compadecida*, o prefeito era oposição à sua família e não permitiu que as filmagens fossem feitas lá.
27 - E O QUE PODE NOS DIZER SOBRE SUAS REDES DE SOCIABILIDADE? Ariano tinha muitos amigos. Foi amigo de César Leal, de Francisco Brennand e Hermilo Borba Filho. De outros grandes artistas como Abelardo da Hora. Muito amigo de Dom Hélder Câmara, Gastão de Holanda, do poeta José Laurênio de Melo e Aloísio Magalhães (grande nome das Artes plásticas), que cursaram com Ariano a faculdade de Direito e participaram juntos do "Gráfico amador", espécie de ateliê e editora experimental (1954-1961). Dessa amizade com Aloísio de Magalhães vem o grande apego de Ariano Suassuna às Artes plásticas. Essa rede de relações surgiu no Recife, em suas mocidades. E depois, nacionalmente, ao se tornar conhecido com o *Auto da Compadecida*, tornou-se grande amigo de Raquel de Queiróz, José Cândido de Carvalho (O Coronel e o lobisomem) e Guimarães Rosa. Como já disse, a nossa diferença de idade era de quase quarenta anos, mas fomos também muito amigos. Ele era padrinho do meu filho.
28 - APÓS MINHAS LEITURAS E PESQUISAS, ESCREVI EM MEU TEXTO DO DOUTORADO QUE, UM DOS OBJETIVOS DE ARIANO SUASSUNA, SEMPRE PREOCUPADO COM O "BRASIL REAL", ERA "DAR VOZ AO POVO BRASILEIRO" QUE FAZ PARTE DESSE OUTRO PAÍS. NA OCASIÃO DA QUALIFICAÇÃO, A BANCA DISCORDOU E PEDIU QUE EU RETIRASSE ISSO, POIS "O POVO BRASILEIRO SEMPRE TERIA TIDO VOZ. " ENTRETANTO, AINDA NÃO MEXI NO TEXTO, POIS CONTINUO INFERINDO DESSA MANEIRA. O QUE O SENHOR ACHA? O povo brasileiro sempre teve voz. O que ele fez foi levar essa voz, do povo do "Brasil real" a ser valorizada. Em sua obra, ele pega essa voz muitas vezes marginalizada e a traz para o palco, para o teatro do "Brasil oficial". " O conhecimento é a chave de tudo, é o grande salto", dizia Ariano. Não há outra alternativa de ascensão para quem nasce no "Brasil real" que não seja o conhecimento.

4) Entrevista com Lívia Suassuna

1 - NOME COMPLETO: Lívia Suassuna
2 - IDADE: 62 anos
3 - PROFISSÃO: Professora do Ensino Superior. Trabalha na formação de professores de Língua portuguesa e com os estágios de Letras.
4 - LOCAL DE TRABALHO: Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde ministra a disciplina de Prática de Ensino de Português para alunos do Curso de Letras. É também professora de Pós-graduação de Didática e Metodologia de Ensino da Língua portuguesa. Atua ainda como pesquisadora na Área de Linguística e do Ensino de Português e Literatura brasileira, sendo autora de várias obras nesse campo. Lívia Suassuna é licenciada em Letras-Português (1977-1981) pela UFPE, Mestra em Língua portuguesa pela PUC (1985-1989) e Doutora em Linguística pela UNICAMP (2000-2004)

5 – CATEGORIA (S) COMO ENTREVISTADO: Familiar (sobrinha) e aluna.

6 - PROFESSORA LÍVIA, A SENHORA É SOBRINHA DO GRANDE ESCRITOR, DRAMATURGO, POETA...ENFIM, GRANDE ARTISTA E ARAUTO DA ARTE E DA CULTURA BRASILEIRA, ARIANO SUASSUNA. ELE ERA IRMÃO DO SEU PAI, O MÉDICO MARCOS SUASSUNA. A MINHA PESQUISA ABORDA UMA OUTRA FACE DELE, A QUAL CONSIDERO MUITO RELEVANTE, QUE É A DE PROFESSOR,

EDUCADOR BRASILEIRO, QUE MERECE CONSTAR NOS ANAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. A SUA PARTICIPAÇÃO NO MEU TEXTO SERÁ DE SUMA IMPÓRTÂNCIA, COMO FAMILIAR E EX-ALUNA. DESDE JÁ, OBRIGADA POR ACEITAR PARTICIPAR! NA SUA INFÂNCIA, VOCÊS FORAM VIZINHOS, NO BAIRRO DA CASA FORTE, EM RECIFE. COMO FOI CONVIVER COM ELE, NESSA FASE? Eu tinha uns seis ou sete anos e nós morávamos no Recife, num bairro muito próximo ao Centro, que era o bairro da Boavista. Mas o meu pai, que era irmão de Tio Suassuna, gostava muito de antiguidades e casas antigas. Nessa época, tio Ariano já morava no bairro da Casa Forte. Morou lá, por toda a vida, desde que se casou, e o meu pai que tinha muita vontade de morar ali também, conseguiu comprar uma, muito perto da dele. A gente podia ir a pé de uma casa para a outra. Era no mesmo estilo: casa antiga, com sítio atrás, fruteiras...e eu fiquei lá até a minha vida universitária. Meu pai ficou nessa casa por quarenta anos. Então era assim: uma vida com muita estrepo lia no quintal. Lá em casa éramos eu, três irmãs e um irmão, e tio Ariano tinha seis filhos. A tia Beta, irmã deles, também morava perto, e tinha oito filhos. Era "uma cachorrada de meninos".

Em frente à minha casa, tinha um curso de inglês, que todos frequentávamos. Então, a minha casa era assim, o ponto de parada. E era uma casa tão grande que deu para fazer um campinho de futebol. Papai chegou até a construir uma arquibancada. E os primos viviam aqui. Digo aqui porque hoje, moro num apartamento construído nos fundos dessa casa de papai. Mais para a frente, meu pai e tio Ariano compraram dois apartamentos duplex, coladinhos um no outro, na Praia de Candeias, que era onde a gente veraneava.

Eu realmente convivi muito com tio Ariano, tia Zélia e os filhos deles. Do lado dos Suassuna, os primos mais próximos eram os filhos de tio Ariano e tia Beta. Estudávamos também nas mesmas escolas, numa convivência muito estreita. Tio Ariano também tinha propriedade em Taperoá e também a minha avó materna. E íamos passar muitas férias na casa dela, com muitos primos.

7 – COMO FOI TER UM ESCRITOR, DRAMATURGO E PROFESSOR NA FAMÍLIA? Era engraçado! A gente entendia "escritor" como uma profissão. E a gente compreendia que por causa disso, ele tinha uma certa fama. Mas tio Ariano era uma pessoa muito simples, muito amoroso, que recebia todos em casa. Era muito receptivo, gostava de contar histórias e fazia do cotidiano uma coisa muito divertida. Eu ouvia as histórias dele umas dez mil vezes, num aniversário, num almoço, e a história que se repetia, eu ria como se estivesse ouvindo pela primeira vez. Ele e os outros irmãos tinham essa capacidade de serem grandes contadores de histórias. E de acrescentar detalhes para tornar tudo mais engraçado. Eu tinha um tio-avô que também ria muito com essas histórias e dizia "- Pode mentir à vontade, que a verdade é muito sem graça! " E assim eu nasci e me criei no meio disso, de pessoas contadoras de histórias, numa família de narradores, de história e memória.

8 – A SENHORA CONTOU, EM UMA ENTREVISTA PARA O "LINGUAGEM NA LATA", DA UFRN, QUE O SEU PAI ERA MÉDICO E TEVE CINCO FILHOS, DOS QUAIS TRÊS SE TORNARAM PROFESSORES DE PORTUGUÊS-LITERATURA. ENTRETANTO, O PROFESSOR SUASSUNA TEVE SEIS FILHOS, MAS NENHUM OPTOU PELO MAGISTÉRIO. ALIÁS, UM DELES, FORMOU-SE EM MEDICINA, COMO O TIO. A FAMÍLIA NÃO ACHAVA ISSO ENGRAÇADO? Sim, achava. Minha mãe dizia que tinha um sexto filho, que era Juca, meu primo Joaquim, filho de tio Ariano, que vivia muito com a gente. Ele desde cedo já queria ser médico. Meu pai era médico pediatra e tinha um consultório, no qual atendia durante a semana. E Juca gostava também de passar as tardes lá. Ficava fascinado! Mas lá em casa, ninguém quis ser médico, mesmo havendo essa tradição de médicos formarem filhos também médicos. E o povo dizia: "- Como é que pode sair três professores de Literatura, numa casa onde o pai é médico? " Mas eu devo isso, sabe,

áurea, ao respeito que os meus pais tiveram pelas escolhas profissionais dos filhos, desde o começo. Eles sempre disseram: " – Vocês vão estudar o que acharem que fará vocês felizes. "

9 - ESTA É UMA FRASE SUA: "A GENTE NASCE LETRAS E TERMINA EDUCAÇÃO". ISSO ACONTECEU COM VOCÊS DOIS, TIO E SOBRINHA. COMO SUASSUNA TERIA CONTRIBUÍDO PARA O SEU INTERESSE PELA LITERATURA, PELA LINGUÍSTICA, PELO OPÇÃO PROFISSIONAL PARA O MAGISTÉRIO? Não. Foi bem antes. Eu, como toda menina, brincava de ser professora. Na minha casa tinha uma garagem muito grande, e como eu tinha muitos primos (trinta e seis, pelo lado paterno mais dezenove, pelo lado materno), brincava de ser a professora deles. Nas festas de aniversário, se a gente chamava só a parentada, já ficava de bom tamanho. As festas praticamente congregavam a família. Eu fiz lá na garagem, um arremedo de sala de aula, e brincava de escolinha. Fui me identificando tanto com isso, que pedia de presente de aniversário coisas para a escola. Como por exemplo: giz colorido, cartolinas coloridas, joguinhos de aquarela... E eu sempre me sentia muito bem nessa função de agregar, de explicar. Acho que foi por isso que na docência, escolhi formar professores. Desde muito pequena, eu imitava os meus professores. Então, isso é um pouco anterior a essa convivência com meu tio Ariano professor.

Fui ter uma afinidade intelectual com ele, quando estava maior, no Ensino Médio, quando li a Compadecida, quando fui me firmando na docência e na área de Letras.

10 – ARIANO SUASSUNA ESCREVEU UMA OBRA DIDÁTICA *INICIAÇÃO À ESTÉTICA"*, QUE SERVE HÁ DÉCADAS PARA O ENTENDIMENTO DE MUITOS ESTUDANTES ACERCA DE ARTE E LITERATURA. QUANDO ELE ERA PROFESSOR NA UFPE, O LIVRO ERA USADO PARA TODOS OS CURSOS DO CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO. A SENHORA FOI ALUNA DELE EM QUAL DISCIPLINA? QUAL O VALOR DESSA OBRA EM SUA FORMAÇÃO, PROFESSORA? Todos os cursos do Centro de Arte e de Comunicação que envolviam Letras, Biblioteconomia, Música, Artes Cênicas, todos eles tinham um conjunto obrigatório e comum de disciplinas, que eram por exemplo: *Estética, História da Arte, Teatro, Sociologia*, enfim. E meu tio Ariano era um dos professores dessas disciplinas. Mas aconteceu que a minha turma de Letras nunca o teve formalmente como professor. Mas como suas aulas eram maravilhosas e sedutoras, eu e vários colegas de turma começamos a frequentar a disciplina *Estética*. Essa matéria, eu, particularmente, fiz duas vezes: com o meu professor oficial, e como ouvinte, com o meu tio, nas aulas de Biblioteconomia, que nem era o meu curso. Então, na verdade, eu nunca fui aluna dele para constar numa caderneta, o que eu lamento. Ele não pegou minha turma nem uma vez. Sobre o livro *Iniciação à Estética*, é uma obra sem par de um didatismo sem parelha.

11 - COMO ERA O CHÃO DA SALA DE AULA DO PROFESSOR SUASSUNA? No Centro de Artes e Comunicação, as salas de aula têm umas janelas de correr, com esquadrias metálicas. Mas elas possuem um parapeito largo, bem largo, onde cabe uma pessoa sentada, com as pernas para dentro da sala. Durante as aulas do tio Ariano, quem ficava sentado nas cadeiras era quem era mesmo da turma, quem tinha direito à vaga e chegava primeiro. Assim, quem era "penetra", tinha que se arrumar por ali, no chão. Mas eu corria para pegar o parapeito, para ficar de uma forma mais confortável, que não fosse o chão. E sempre conseguia. E eu me lembro de outras pessoas fazendo isso, uma galera, ali no parapeito, para poder assistir às aulas de titio. E era aquela aula que você não via o tempo passar, em que você aprendia o conceito da forma mais engraçada possível. E ele dava muitos exemplos. Eu me lembro muito de uma distinção que ele fez, que está até no livro *Iniciação à Estética*. Ele explicou, naquele dia, que todo mundo chama quem diz coisa engraçada de humorista. Mas que não é. Há uma diferença: O humor de Chico Anísio não é o humor de Chaplin. E

explicava: “ - essa categoria maior na Estética, é a categoria do risível. Dentro do risível, você tem a divisão entre o cômico e o humorístico. O cômico é o que é só engraçado; o humorístico também é engraçado, mas ao mesmo tempo, você tem vontade de chorar. O humorístico é o engraçado que fala da tragédia humana. ” E esse é o Chaplin! Isso eu me lembro, áurea, como se ele tivesse me dito ontem. Isso é de uma clareza! Ele dizia que a comédia, contraponto da tragédia, tinha o seu lugar na arte. E quando ele falava em Chaplin, mostrava a personagem querendo comer a sola de sapato, porque tinha fome. Aquilo doía na gente. Ao mesmo tempo em que a gente ri, porque o filme é engraçado, fica emocionado também.

Assim, para todas as categorias artísticas que ele explicava, análise de obras literárias, a História da Arte, ele dava esses exemplos. Foi assim que ele fez depois, com as aulas-espetáculo. Ele tinha essa clareza e simplicidade, que são as propostas que Ítalo Calvino defende. Em momento algum ele barateava o conhecimento. Ele não simplificava para ser simplório. Qualquer conversa com ele era um aprendizado. Acho que era por isso que seduzia todo mundo. E todos queriam ouvi-lo, sendo aluno, matriculado ou não em suas disciplinas.

12 – AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, DESDE O FUNDAMENTAL, ATÉ O ENSINO SUPERIOR, COSTUMAM COBRAR DE NÓS, PROFESSORES, PLANEJAMENTOS ANUAIS E PLANOS DE CURSO E DE AULA. ENTRETANTO, É FATO CONHECIDO QUE O PROFESSOR SUASSUNA NÃO SE PREOCUPAVA COM ISSO, SEQUER FAZENDO AS SECULARES “CHAMADAS” A CADA AULA. COMO ELE ADMINISTRAVA E ORGANIZAVA SUAS AULAS? Ele não fazia esses planos de curso e de aula. Tinha outra noção de docência também. Ele dizia: “- Eu entrei aqui, na universidade, pela via mais forte: convidado por uma pessoa. ” Tio Ariano desconstruía muito as coisas da universidade. Acho que era por conta da sensibilidade diferenciada do artista. Então, eu me lembro que fui aluna dele por uma via muito indireta, como já expliquei. Mas nas conversas em família., ele contava muitas coisas de “ser professor”. Uma dessas coisas, que me fazia morrer de rir, era quando dizia: “ - Eu não tenho paciência para preencher aqueles formulários, cadastros ou fichas do setor de pessoal, que todo ano eles inventam e mandam para a gente, perguntando endereço, estado civil...” \Um dia, ele decidiu: “ – Eu tenho um abuso tão grande disso que agora resolvi esculhambar. ” E ele começou a pegar aquelas fichas, que era tudo para preencher na mão ainda e inventava: Nome completo: Marechal Deodoro da Fonseca; “ – Eu vou botar uma coisa bem louca, vou mentir, porque vou mostrar que ninguém olha isso aqui, que não acontece nada. “Endereço: Rua da Amargura não sei de quê...” E preenchia tudo errado, para desmistificar, para provar como a burocracia pode ser tão burra.

Sobre as chamadas dos alunos, era muito engraçado! Hoje, tem gente que faz isso de uma maneira muito intelectualizada. A questão do Estado, do Sujeito na relação do aparelho do Estado...isso tudo é objeto da Sociologia. E ele fazia de uma maneira muito intuitiva. Tio Ariano era lotado originalmente no Departamento de História, mas como dava muitas aulas em ciclos básicos do Centro de Artes, eu me lembro de duas histórias dele, no Centro de Letras. A primeira foi assim: Estava todo mundo começando uma reunião, e pediram para que cada um se apresentasse. E todos fizeram isso, dizendo mais coisas do que eram. “ Eu sou isso, eu sou doutor em...” E quando chegou a vez de meu tio, ele disse: “ – Meu nome ´é Ariano e eu não sou nada aqui dentro. Sou do Departamento de História. ” E todo mundo caiu na risada. Foi uma forma dele desconstruir aquela realidade. Ao invés de dizer só o nome, cada um se preocupava em mostrar suas credenciais, o que ele achava desnecessário. E pelo humor, ele desmontava as pessoas.

A outra história foi que uma vez, também no começo do semestre, começou uma discussão para saber qual disciplina ficaria a cargo de qual professor. E começou uma briga pelas disciplinas. E ele quieto. Mas quando o chefe do departamento perguntou: “ – E você,

Ariano, que disciplina você vai pegar? ” Ele respondeu: “ – Qualquer uma que me derem. Eu só ensino o que eu sei mesmo. ”

13 – COMO ERAM AS AVALIAÇÕES DAS DISCIPLINAS? HAVIA A COBRANÇA DE RELATÓRIOS, PROVAS, SEMINÁRIOS DE SOCIALIZAÇÃO? COMO ERA A PARTICIPAÇAO DOS ALUNOS NO DIA-A-DIA? Bem, como eu não fui aluna regular, só ouvinte, nunca precisei fazer avaliações. Mas Betânia, uma prima minha, foi aluna dele, no curso de Arquitetura, e dizia que ele era muito generoso. Ele desmistificava também isso. E dava notas para que todos pudessem passar. Ele ensinava no sentido de que todos pudessem ter aprendido. Não fazia disso uma guerra.

Ele, mesmo depois de idoso, como todos os irmãos, tinha uma memória extraordinária, e um grande conhecimento. E a docência dele nascia desse repertório. Os alunos ali assistiam a uma aula-espetáculo, uma palestra.

14 – A SENHORA CHEGOU A PARTICIPAR DE ALGUM PROJETO CULTURAL COM SEU TIO? Ele teve um discípulo, Nóbrega, que até hoje chama titio de “Mestre Ariano” E ele iniciou aqui no Recife um movimento para construir um “Bumba-meu-boi”. Fizemos um grupo cultural, estudamos o “Bumba-meu-boi”, tivemos aulas com o Mestre Faceta, que tinha um pastoril aqui no Recife, e aprendemos a confeccionar os bonecos. Nóbrega sempre foi um estudioso, um pesquisador da cultura. E montamos o “ Boi Castanho do Reino do meio-dia”. Fazíamos espetáculos nas ruas e saíamos no carnaval. Eu era “A dona da ema. ”

Nóbrega fazia essa ponte com tio Ariano, na parte do conteúdo. Era meio que um bloco, que saía no carnaval. Nós éramos muito jovens, e achávamos tudo muito divertido. E aprendíamos muito sobre tudo aquilo. Era uma diversão muito carregada de conteúdo. Naquela época, não se falava de Maracatu e Bumba-meu-boi como hoje.

15 – PROFESSORA, A SENHORA GUARDA COM CARINHO E VIVENCIA MUITAS DAS FALAS DO SEU TIO. UMA DELAS SERIA “EM TODO LUGAR DA SOCIEDADE BRASILEIRA, O OPRIMIDO PERDE, MAS NA MINHA OBRA ELE É UM VENCEDOR. ” ARIANO SUASSUNA DIZIA QUE A AFIRMAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS SOBRE A EXISTÊNCIA DE DOIS BRASIS, O “OFICIAL” E O “REAL”, TINHAM SERVIDO COMO UMA EPIFANIA PARA A SUA PRÁTICA DE ESCRITOR, PROFESSOR E CIDADÃO BRASILEIRO. A SENHORA DIZ QUE ELE TINHA UMA COMPREENSÃO POLÍTICA MUITO AVANÇADA, A FAVOR DA GENTE DO “BRASIL REAL”, DOS “DESPOSSUÍDOS”. ELE ERA UM SOCIALISTA. E DIZIA TER APRENDIDO ISSO COM OS APÓSTOLOS DE JESUS CRISTO. COMO ERA ESSE SOCIALISTA, QUE A SENHORA CONHECEU NA FAMÍLIA E NA SALA DE AULA? Bem, era no dia-a-dia. Por exemplo, ele nunca dirigiu e nem tinha carro. Andava de ônibus. Quando virou secretário de governo, foi que teve carro à disposição. Ele ia para a universidade de bote e de ônibus. Um dia, estava no ponto, aguardando o transporte, comendo um saquinho de amendoim, e um rapaz que já o olhava há algum tempo, perguntou-lhe se ele era o professor Ariano Suassuna. Ele confirmou. E o rapaz confessou que perguntou porque estava desconfiado que era ele, mas que não estava bem certo: “ – onde já se viu o professor Ariano Suassuna andar de ônibus, comendo amendoim? Assim era Ariano Suassuna.

Quando foi secretário de educação e cultura, na Prefeitura do Recife, teve um carro e motorista à disposição. Secretariava pela manhã e lecionava à tarde. Muitas vezes, quando ele ia para a universidade, me dava carona, e quando passava em algum ponto de ônibus pelo caminho, e via jovens que imaginava estarem indo para a universidade, pedia ao motorista para parar e oferecia carona: “ - Alguém vai para a universidade? Quantos couberem, pode entrar aqui. ” E ele era sempre muito generoso.

Quando secretário, um dia recebeu em audiência uma mulher bem pobre, que havia ido lá lhe pedir uma bolsa para sua filha: “ – Eu soube que o senhor dá bolsa para as crianças. E eu vim para pedir uma bolsa para a minha menina. Ela nunca teve uma bolsa. ” O poder

público distribuía bolsas porque na rede oficial não havia vagas suficientes. Mas aquela senhora estava pensando era o objeto bolsa, no sentido literal do termo. E meu tio ficou muito penalizado. Tirou um dinheiro do bolso e disse: "- Pronto, pois vá comprar a bolsa para sua menina. "- Era uma mulher muito pobre, a menina muito magrinha... "- E marque uma outra audiência para conseguirmos uma bolsa de estudos para ela. " Meu tio era muito sensível para esse "Brasil real". Claro que ele não iria resolver isso assim, individualmente, mas lutou da forma que pôde.

Foi muito criticado porque a maioria dos subsídios dessa sua época como secretário ia para a cultura popular. Mas explicava: " – A cultura popular morre, se a gente não subsidiar. "

Você sabe, áurea, que antes de morrer, ele tinha tido no ano anterior um infarto. E percebendo que o fim estava próximo, chamou a filha Mariana, que mora atrás da casa dele, e lhe disse: ' - Mariana, quando eu me for, quero que você assume a tarefa de vir aqui todas s noites rezar com sua mãe. E eu quero que você veja como a gente reza para continuar isso com ela. E Mariana disse que era a coisa mais linda, porque até então, ela nem sabia que eles faziam isso. Todas as noites, entre onze e meia-noite, eles faziam um lanchinho e rezavam para ir dormir. Eles começavam pedindo pelo Mundo, pela paz mundial, vinham pedindo pela América latina, pelo Brasil, pelo Nordeste, pelo povo pernambucano e pela família. E sempre assim, pedindo por todos, pelos pobres, pelos oprimidos. Ele sentia a ferida de nossa desigualdade social.

16 - É VERDADE QUE HÁ UM PROJETO DE CRIAÇÃO DE UMA CÁTEDRA, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA SOBRE A OBRA DE ARIANO SUASSUNA? Eu não sei, mas lá já tem expoentes, grupos que dão conta da obra dele.

17 – A SENHORA CHEGOU A LER O *ROMANCE DE DOM PANTERO*? Não. Eu ganhei, mas ainda não li, mas sei que se trata de uma obra-síntese.

5) Entrevista com Maria Paula Costa Rêgo

1 - IDADE: 59

2 - PROFISSÃO: Coreógrafa do Grupo Grial

3 - LOCAL DE TRABALHO: na sede do Grupo Grial de Dança

4 – CATEGORIA (S) COMO ENTREVISTADO: Amiga, aluna e colega de trabalho.

5 – MARIA PAULA, PESQUISANDO A SUA BIOGRAFIA, FICAMOS SABENDO QUE VOCÊ COMEÇOU A DANÇAR MUITO CEDO, AOS OITO ANOS DE IDADE. COMO FOI O SEU DESPERTAR PARA ESSA ARTE, E PORQUE ESSA LIGAÇÃO TÃO FORTE COM A TRADIÇÃO POPULAR? Minha Formação é de Improvisação, realizada durante minha infância e início da adolescência (entre 08 e 15 anos) numa Escola chamada Mater. Christi, em Recife/PE. Lá, tive contato com Ensila de Resende, discípula da professora argentina de dança, Maria Flux. Quando me desliguei dessa escola, tomei a frente de um grupo de alunos de teatro e dança, e comecei a coreografar. Foi quando me tornei amiga de uma das filhas de Ariano, a Mariana Suassuna, e passei a frequentar a família. Entrei no Balé Popular do Recife, através de Ariano Suassuna, e como ainda ensinava no colégio onde iniciei a coreografar, trazia os elementos da dança popular para recriar nas aulas que lecionava. Acho que era o início da década de 80...

Deixei o Grupo Aspara e o Balé Popular para ir estudar no Rio de Janeiro, e lá me encontrei com a Angel Vianna. Não tive muito tempo de contato com a Angel porque fui chamada de volta ao Balé Popular para realizarmos uma agenda nacional e internacional. Logo após realizar as turnês, em 1986, fui fazer Especialização em Coreografia na UFBA, e de lá viajei para Paris/FR, onde fiz uma segunda Licenciatura em Dança pela Paris VIII Sorbonne. Todos esses percursos quebrados, tinham uma linha única e muito clara para mim, que era o estudo

da dança popular como cerne de uma dança moderna (na época dos anos 80) e que se tornou contemporânea já na década de 90, durante os 11 anos que passei em Paris. Uma vez que eu entrei em contato com a dança popular junto ao Balé Popular do Recife, eu não saí mais deste universo, mas não como praticante da dança popular, mas como pesquisadora e criadora de uma dança moderna (até 1990) e contemporânea (a partir dos anos 90 em diante).

6 - ALÉM DO DESEMPENHO COMO DANÇARINA, PODEMOS DIZER QUE VOCÊ TAMBÉM É UMA GRANDE PESQUISADORA DESSA ARTE, INCLUSIVE DAS DANÇAS BASEADAS NOS FOLGUEDOS POPULARES NORDESTINOS. ALIÁS, VOCÊ TRABALHOU COM GRANDES NOMES, COMO POR EXEMPLO, MESTRE SALUSTIANO, FUNDADOR DO MARACATU RURAL PIABA DE OURO. NESSAS PESQUISAS E REALIZAÇÕES, COMO VOCÊ VÊ A IMPORTÂNCIA DE SE DAR VISIBILIDADE AO POVO DO "BRASIL REAL"? ESTÁ CORRETO DIZER QUE ESSA VISÃO DO PROFESSOR SUASSUNA PELA QUALIDADE DA CULTURA POPULAR, QUE INSPIROU O MOVIMENTO ARMORIAL, TERIA CONTRIBUÍDO PARA INSPIRAR VOCÊ COMO ARTISTA? Meu contato com as Tradições Populares teve início juntamente com a criação do Grupo Grial de Dança. Até então, eu vinha tendo contato com o balé Popular, que é um grupo para folclórico (não gosto desse nome...), isto é, o Balé já recriava as danças populares. Ele criou um lindo espetáculo onde juntou as danças populares do Nordeste, numa recriação cênica. No Grupo Grial, Ariano me apresentou o Mestre Salustiano, que na época tinha um cavalo-marinho e um maracatu rural. Comecei a frequentar as sambadas pela primeira vez na vida. E foi aí que tudo mudou!!

Ao me colocar em contato com Salustiano e família, Ariano pretendia me mostrar a qualidade destes artistas e me fazer compreender a riqueza de possibilidades que havia nestes universos, do cavalo-marinho e maracatu rural. Ele sabia, por experiência própria que o Grial poderia criar uma linguagem ímpar e autônoma (em relação às técnicas e estéticas hegemônicas). E foi o que construímos diariamente, em conjunto com os brincantes e bailarinos que passaram pelo Grial, durante estes 25 anos.

É importante dar lugar de visibilidade aos mestres e brincantes, porque geralmente, a arte deles não é reconhecidamente de valor. E tem um valor imenso!!! Além da qualidade, é inventiva, potente, arrebatadora.... E o Grial trouxe para o seu cerne, mestres e brincantes para participar de suas peças coreográficas. Não eram cenário, mas protagonistas com seus corpos, movimentos e inventividade.

7- MARIA PAULA, VOCÊ É BAILARINA E COREÓGRAFA, E POSSUI LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA (TEATRO), PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, ONDE FOI ADMITIDA EM 1982. VOCÊ FOI ALUNA DE ARIANO SUASSUNA? EM CASO AFIRMATIVO, COMO ERAM AS AULAS DESSE PROFESSOR QUE FAZIA DA SALA DE AULA O SEU PALCO, O SEU ´PICADEIRO? Eu não fui aluna regular de Ariano porque ele não lecionava para o meu curso, mas frequentei algumas das suas aulas. Ele lecionava exatamente igual a como realizava as aulas espetáculos, como Secretário de Cultura na Secretaria de Cultura do Governo de Pernambuco. Era crítico, cômico, usava exemplos incríveis (já como contador de "causos" que era) para que tudo ficasse mais claro para os alunos. Suas aulas eram prazerosas, inteligentes e únicas.

8 – QUAL FOI O SEU PRIMEIRO CONTATO COM ELE? FOI COM O ARTISTA OU COM O PROFESSOR? Meu primeiro contato com Ariano foi como pai de uma amiga minha... tinha uns 17 anos quando conheci Mariana Suassuna. Nos tornamos muito amigas e rapidamente começamos a frequentar a casa uma da outra. Lamento assumir que na época eu não sabia quem era Ariano Suassuna.

9 - SENDO MUITO JOVEM, NA ÉPOCA, QUAL FOI A SUA IMPRESSÃO SOBRE ELE, AO CONHECÊ-LO? Como foi escrito acima, eu lamento ter de assumir que na época eu não sabia quem era Ariano Suassuna. E demorei a ter contato teórico sobre o Movimento

Armorial. Digo teórico porque, ao entrar na casa de Ariano, entrávamos em contato com uma estética armorial porque ali, tudo era armorial. Inclusive, foi um período onde ele tinha de dar conta de uma demanda enorme de umas caixas com iluminogravuras armorias, e os amigos e amigas da família colaboravam no feitio daquelas pinturas. Ele desenhava, e quem chegasse na casa, colaborava na pintura - obviamente quem tinha uma mão segura com os pincéis. Muita sorte minha entrar em contato com o Movimento Armorial dessa maneira: de dentro! Foi incrível.

10 – EM 1977, ARIANO SUASSUNA AJUDOU A FUNDAR UM GRUPO DE DANÇA, O *BALÉ POPULAR DO RECIFE*, DO QUAL MAIS TARDE VOCÊ FARIA PARTE. NA ÉPOCA VOCÊ JÁ ERA MUITO AMIGA DA FILHA DELE, MARIANA SUASSUNA. CRONOLOGICAMENTE, ISSO FOI ANTES DO SEU INGRESSO NA UFPE. VOCÊ FREQUENTAVA A CASA DELES POR CONTA DISSO? COMO SE DEU O SEU INGRESSO NO GRUPO DE DANÇA? Me tornei amiga de Mariana Suassuna assim que entrei no colegial (na época 1º ano científico). Eu me envolvi no teatro e na dança naquele colégio (Contato Colégio e Curso), e levei Mariana comigo. Nos espetáculos criados pelo diretor da trupe e coreografado por mim, Ariano marcava sempre sua presença. No dia em que li no jornal que o Balé Popular do Recife, criado por Ariano Suassuna, estava de volta à cidade depois de uma longa temporada na cidade de São Paulo, eu acho que só faltei voar. Não sabia que ele tinha criado o Balé e fiquei curiosíssima para saber sobre aquilo. E fui lá na casa dele para conversarmos. Ele achou engraçado tamanha empolgação e perguntou se eu gostaria de ter uma experiência com o Grupo. Fazer um estágio, ou algo assim. E, lógico que eu respondi; sim!! E lá fomos nós dois, andando pelo bairro onde ele morava - Poço da Panela – até chegar na casa do diretor do Balé, André Madureira. Lá ele perguntou se era possível que eu fosse estagiária do Balé por um tempo determinado. André aceitou e em pouco mais de 5 meses, eu já era integrante do Balé Popular, onde participei como bailarina por 7 anos.

11 - CONVIVENDO COM SUASSUNA NA UNIVERSIDADE E NO UNIVERSO DA ARTE, ERA POSSÍVEL SEPARAR O ARTISTA DO DOCENTE? Não convivi o bastante com Ariano na Universidade. Mas posso dizer que, quando trabalhei com ele, era impossível separar os dois, porque ele estava sempre criando histórias e causos, e novas situações para suas aulas-espetáculo.

12 - APÓS VIVER MUITOS ANOS NA FRANÇA, VOCÊ RETORNOU AO RECIFE, EM 1997, E TEMPOS DEPOIS VOCÊ DOIS RETOMARAM CONTATO. COMO FOI ESSE REENCONTRO? ELE JÁ ERA SECRETÁRIO DE CULTURA DO ESTADO? E eu viajei para a França em 1989, e retornei em 1997, para criar o Grial, retornando de fato para morar no Brasil somente na virada do século. Em 1997, eu fui visitá-lo. Era uma visita de praxe, porque todas as vezes que eu vinha de férias, eu passava na sua casa para visitar todos. E lá surgiu a conversa sobre as experiências que ele estava tendo com a dança na Secretaria, e eu meio que questionei o fato dele não ter me chamado para participar desta experiência, visto toda a minha vida dedicada ao tema da junção entre popular e erudito. A resposta foi um rabisco num caderninho onde ele mostrava que havia pensado em mim, mas não se deu o direito de me convidar pois que eu estava casada e morava em outro país. Como eu não estava feliz na Europa, decidi ali, naquele momento, me dar a oportunidade de me curar, de me fazer bem, e aceitei na hora aquele convite atrasado. Em setembro de 1997, estávamos dando início à criação da primeira peça coreográfica do Grupo Grial: A Demanda do Graal Dançado.

13 – COMO SURGIU A IDEIA DE VOCÊS FUNDAREM O GRUPO GRIAL? QUAL ERA O OBJETIVO? O objetivo era pesquisar uma dança erudita com cerne nas tradições populares do Nordeste. A ideia surgiu desde o nascimento do Movimento Armorial em 1977. Ariano realizou diversas pesquisas, mas somente atingiu seu objetivo junto ao Grupo Grial de Dança, que foi tomando forma e evoluindo durante suas tentativas, ao longo dos seus 25 anos.

14 – SABEMOS QUE NAS VEZES EM QUE QUE ASSUMIU A SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO, ARIANO SUASSUNA ESCOLHIA ARTISTAS COMO ASSESSORES. VOCÊ FOI UM DELES? Fui convidada para ser sua assessora em dança, em 1997, no Governo Arraes, e depois como assessora em dança, no Governo de Eduardo Campos, responsável pela criação coreográfica de suas aulas espetáculos. Na verdade, eu era coreógrafa do Grupo Arraial.

15 – EM 2007, QUANDO ARIANO SUASSUNA ERA SECRETÁRIO DE GOVERNO, VOCÊ FOI DIRETORA E COREÓGRAFA DO PROGRAMA *A ONÇA MALHADA, A FAVELA E O ARRAIAL*, DA SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO. ISSO OCORRE COM O PROFESSOR SUASSUNA JÁ APOSENTADO NA UFPE. MAS ESSE PROJETO FOI UMA CONTINUAÇÃO DA DOCÊNCIA DELE, O QUE EU COSTUMO CHAMAR DE "SUA DOCÊNCIA ITINERANTE". SUASSUNA FOI PROFESSOR ATÉ SEUS ÚLTIMOS DIAS DE VIDA. O QUE VOCÊ PODERIA NOS CONTAR SOBRE SUA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NESSE PROGRAMA DE TÍTULO TÃO EMBLEMÁTICO? COMO SE DEU O CONVITE PARA SUA PARTICIPAÇÃO? O programa A *ONÇA MALHADA, A FAVELA E O ARRAIAL*, era bom, O Ariano usava, no bom sentido, os artistas, como um exemplo vivo do que ele defendia sobre a Arte brasileira, uma arte tendo no seu cerne as tradições populares. Então, as aulas tinham toda essa riqueza, porque ele dava toda uma aula teórica antes, e da metade para o final, ele convidava os músicos, os cantores e os bailarinos para expressarem o seu discurso. Então, era muito impressionante. Primeiro que o discurso era maravilhoso, não é? A aula sempre foi incrível, e ele brincava, e em cada cidade, era um discurso diferente, uma aula diferente, porque cada cidade tinha suas especificidades. Às vezes, numa cidade havia um quilombo perto, uma área indígena, às vezes, uma cidade de direita extrema, com casos de racismo, então, ele entrava com uma defesa maior da cultura afro-brasileira, indígena brasileira. Enfim, eram muito emocionantes as aulas de Ariano. Ele abria brecha onde tinha cegueira, onde as pessoas não conseguiam ver a riqueza sobre o outro, sobre o diferente, sobre o que não era hegemônico. Então, ele ia lá e dava uma aula inteira sobre arte e Arte brasileira. Então, era uma experiência linda, porque quando ele criou o Grial em 1997, ele dava uma aula antes do espetáculo, e depois a gente apresentava o espetáculo e a demanda do Grial dançava. Mas nós entrávamos concentrados lá dentro, fazendo alongamento. Então, eu realmente não ouvia muito aquela aula, não dava para ouvir, né? Em compensação, durante os oito anos do grupo Arraial, nós estávamos ou atrás ou na cena. Muitas vezes, ele chamava a gente no início da aula. Era raro, mas tinha essa possibilidade. E nós ficávamos ali. Quando não entrávamos em cena, a gente ficava ali, muito próximos, porque era raro a gente fazer aula-espetáculo num teatro. Era geralmente numa arena. Então ficávamos todos expostos. Eu gosto desse tipo de espetáculo, desse tipo de apresentação. Então, era um circo mesmo, né? Onde chegávamos era assim. Um circo entre aspas, não com uma lona, mas era a estrutura cênica de um espetáculo.

16 – OS ALUNOS DO PROFESSOR SUASSUNA AFIRMAVAM QUE AS AULAS DELE NA UFPE SEMPRE TINHAM SIDO AULAS-ESPETÁCULO. ENTRETANTO, O TERMO FICOU NACIONALMENTE CONHECIDO DURANTE O SEU TRABALHO COM SECRETÁRIO DE GOVERNO, QUANDO VIAJAVA PELO BRASIL, PROPORCIONANDO AO POVO, EM PARCERIA COM ARTISTAS COMO VOCÊ, ESPETÁCULOS CULTURAIS DE GRANDE QUALIDADE. ALIÁS, VOCÊS ORGANIZARAM JUNTOS VÁRIAS DESSAS AULAS-ESPETÁCULO, COMO POR EXEMPLO, ONÇA MALHADA (2006), NAU (2007), CHAMADA AO PIANO (2010), E TRIBUTO A CAPIBA (2011). COMO OS TEMAS ERAM ESCOLHIDOS? COMO FOI PREPARAR CADA UMA DELAS? COMO SE FAZIA A ESCOLHA OU

CONTRATAÇÃO DOS LOCAIS ONDE SE REALIZAVAM? De fato, as aulas mencionadas na pergunta, foram criadas coreograficamente por mim. Então, eu criava o corpo e o ambiente em que era dançado. Então, eu e Dantas, a gente criava o universo cênico. Logicamente, Dantas era quem executava, e se tornava de fato armorial, porque ele tinha esse dom de transformar um cenário em um cenário armorial. Então, Ariano vinha já com as músicas já combinadas com Zoca, e tinha inclusive a ordem dessas músicas, porque essa ordem estava ligada ao escopo do seu discurso, da sua aula, né? Logicamente que suas aulas não eram idênticas umas das outras, mas tinha um corpo, um esqueleto, uma espinha dorsal, que era sempre a mesma, que era a ordem das músicas, e estava ligada a um certo discurso. Defendia-se determinadas coisas que estavam ligadas à ordem das apresentações musicais, e obviamente cênica. Então, eu criava, o corpo, a dança de cada música. E eu defendia essa possibilidade de termos uma dança erudita, contemporânea, a partir do cerne popular, e logicamente que na equipe existiam brincantes, mas tinham pessoas que não eram brincantes de tradição, mas que eram do balé popular, como eu e Chão. Depois, Chão saiu do balé popular, mas era capoeirista. Tornou-se capoeirista durante o balé popular. E aí, depois, criou um centro chamado "Arrue malungo", de danças afro. Então, essa equipe, o próprio corpo de cada um defendia já o discurso de Ariano, dessa dança erudita contemporânea, com base, com cerne na cultura popular. Então, é isso: a gente preparava cada aula a partir de uma lista de músicas, dadas por Ariano e Zoca. Mas certamente, ele discutia muito isso com Zoca, né? Porque ele tinha uma ideia de que "naquela aula" ele iria defender isso. E o que ele tinha em mente, estava ligado à escolha da música. Então, eu ia lá e coreografava essas músicas. E focava no universo cênico, no espaço cênico. Então, cada aula era diferente uma da outra, porque uma tinha uns panos, a outra tinha uma telona imensa atrás, a outra tinha apenas uma tela atrás e a gente dançava na frente do palco. Desse modo, em cada aula, a gente criava um universo, um contexto cênico diferente.

17 – VIAJANDO COM O PROFESSOR SUSSUNA NESSES PROJETOS CULTURAIS, O QUE VOCÊ PODE NOS DIZER DO POVO DO "BRASIL REAL" PARA QUEM VOCÊS SE APRESENTAVAM, LEVANDO CULTURA DE QUALIDADE ATÉ ESPAÇOS NUNCA ANTES CONTEMPLADOS? A gente dançava para todo tipo de gente. Então, não era só para as pessoas do povo. Como era geralmente um espetáculo na rua, muitos deles na rua, ou num quadro aberta ao público, então realmente, a cidade inteira participava. Logicamente que os espetáculos de rio eram mais impressionantes, era um número maior, porque a gente entrava numa feste de quermesse. Imagina! A cidade inteira parava para ouvir Ariano falar, e ver os bailarinos, os músicos e cantores tocarem. Então, assim, era muito impressionante, o silêncio para ouvir Ariano e ver o que ele propunha como arte. E quantas vezes, a gente ouvia que as pessoas nunca tinham visto aquilo: - Nossa, eu nunca vi isso na minha vida! " Aquilo tudo era muito gratificante!

18 – VOCÊ PODERIA COMPARTILHAR CONOSCO ALGUM OU ALGUNS MOMENTOS QUE MARCARAM A SUA LEMBRANÇA NO CONVÍVIO COM ESSES ESPECTADORES, NO SERTÃO, NA FAVELA...? Tudo nesse projeto era impressionante. Não era apenas o espetáculo, né? Ver Ariano, umas pessoas que passou dos oitenta até os oitenta e oito, viajando para o interior de Pernambuco, e mostrar a qualidade da arte que se faz em Pernambuco...era incrível! Eram discursos políticos, óbvio, porque através da arte, Ariano falava, que nós precisamos olhar para nós mesmos, que precisamos dar vez e olhar, e visibilidade para os invisíveis, porque ele defendia uma arte onde o cerne fosse composto da arte do povo e da arte da Classe média alta, que era a Arte erudita, não é? Então era um discurso político, quando ele colocava negros, brancos e índios, quando a gente colocava caboclinhos, elementos da cultura que formam a base inicial da nossa cultura...a gente colocava em cena e defendia esses elementos. Então, impressionante uma pessoa, assim, era quase um "Quixote". A gente chamava *Ariano* de "Quixotesco", porque a gente não viajava

num ônibus maravilhoso. A gente viajava em vans, em ônibus, quando tinha mais gente eventualmente, e tinha um ar condicionado. Mas geralmente não. Ariano viajava quatro cinco horas, para dar um espetáculo, dormia no lugar para voltar no outro dia. Era enfim, uma coisa, uma dificuldade para um senhor dos oitenta aos oitenta e sete anos de idade. Mas era uma dificuldade que ele via com muita naturalidade, com muita paixão. E isso, para mim, é impressionante e exemplo para a vida.

19 - VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUMA MANEIRA, DO PROJETO DA *ILUMIARA ZUMBI*, UM ANFITEATRO POPULAR, NO BAIRRO OLINDENSE DE CIDADE TABAJARA? Não, eu não participei do projeto *Ilumiara Zumbi*. Logicamente que estávamos todos a par, mas esse teatro faz parte de um projeto maior, que são as quatro primeiras ilumiaras. Eu participava da secretaria, mas não desse projeto.

20 – QUAL FOI O LEGADO QUE FICOU PARA VOCÊ NA CONVIVÊNCIA, NÃO SÓ COM O ARTISTA, MAS SOBRETUDO COM O GRANDE EDUCADOR ARIANO SUASSUNA, QUE MERECE CONSTAR NOS ANAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA? O legado é o estudo. É estudar, é saber do que a gente fala, sobre o que a gente pratica. Ariano era um artista e um professor exigente. Então, tudo ao seu redor, ele exigia consciência sobre o que se fazia, e instrumentos, informação sobre o que se fazia, para que ele ficasse tranquilo, pelo menos para o nosso grupo que defendia e estava com ele, na estrutura das aulas-espetáculo, defendendo o seu discurso. Então, o que eu aprendi com Ariano foi a Excelência. Ele exigia conhecimento, exigia que a gente se dedicasse àquilo que defendíamos. Uma da coisa que ele falava sobre a universalidade da arte era a qualidade. E a qualidade só chega a cem por cento, quando a gente repete até chegar à exaustão a qualidade técnica daquilo que estamos defendendo, e também o estudo sobre o que estamos fazendo. Então, no caso, hoje, eu estou dando essa entrevista, a gente precisa saber sobre o que está falando, o que está defendendo para dar continuidade na pesquisa, na construção do discurso, que precisa evoluir. E não falar sempre na mesma coisa, sem nunca ter tentado avançar, transformar, ou enfim... Então, com Ariano, eu aprendi, e ficou como legado essa excelência, além, obviamente, do Norte. Foi ele quem apontou o "norte estético", e aí, de acordo com a minha vivência de vida e de arte, eu vou seguindo o Norte. Ariano tem o Armorial, Dantas tem o Armorial, e as pessoas que participam desse movimento e daqueles que também não participam. Porque tem gente que não gosta de participar de nenhum movimento, mas faz uma arte armorial. Então, cada um faz a partir do seu ponto de vista, a partir de suas necessidades de discurso. E de Ariano, além do legado da excelência, ficou o legado de que é possível sim, criar uma obra de arte a partir do que somos, e não somente do que nos deixaram como legado, que é essa visão hegemônica. Não vale a pena a gente seguir uma só visão, se somos várias, se somos um caule de muitas raízes. E isso precisa ser levado em consideração ao falarmos de um Brasil de hoje.

21 - APÓS MINHAS LEITURAS E PESQUISAS, ESCREVI EM MEU TEXTO DO DOUTORADO QUE, UM DOS OBJETIVOS DE ARIANO SUASSUNA, SEMPRE PREOCUPADO COM O "BRASIL REAL", ERA "DAR VOZ AO POVO BRASILEIRO" QUE FAZ PARTE DESSE OUTRO PAÍS. NA OCASIÃO DA QUALIFICAÇÃO, A BANCA DISCORDOU E PEDIU QUE EU RETIRASSE ISSO, POIS "O POVO BRASILEIRO SEMPRE TERIA TIDO VOZ. " ENTRETANTO, AINDA NÃO MEXI NO TEXTO, POIS CONTINUO INFERINDO DESSA MANEIRA. O QUE VOCÊ ACHA? Eu nunca conversei com Ariano sobre isso, sobre esse fato, não soube que isso tinha acontecido. Então, eu vou comentar sobre o tempo em que trabalhei com Ariano, e o tempo em que fui amiga dele e de suas filhas, e da família toda. Eu sempre presenciei a defesa de Ariano por uma arte que estivesse representando as três raízes do caule primeiro. Todo mundo sabe que com o tempo, o Brasil foi se formando de vários outros povos, mas que inicialmente, vamos

falar de 1500-1550, enfim, foi esse caule inicial triplo, que formou a Cultura brasileira. Então, esse povo, a gente não vê em canto nenhum. Eu estou respondendo a você, no Século XXI, estamos em 2023. Isso já não tem mais o mesmo peso, é muito mais possível, hoje, falar sobre isso do que foi no início do Grial, em 1997, ou no início do Movimento Armorial, em 1970. Assim, realmente, o mundo vai avançando, mas lentamente. E eu acho que uma banca não discordaria. Mas ainda temos muito trabalho a fazer. Essa bandeira de Ariano, que defende a visibilidade desse caule com essas três raízes, é necessária ainda hoje. Porque por mais que a gente fale, a prática não vai na mesma direção. Então, acho que está vivo o que ele defende, e acho que o que ele defendia era uma consequência. Ao defender uma arte onde visse as três raízes. Se ele não visse essas três raízes numa obra de arte, ele não ficaria satisfeito. Ele tinha que ver. Logicamente que cada artista tem à sua maneira de trabalhar, o seu nível de abstração, o seu nível de recriação. Então, está para o artista fazer esse trabalho, mas Ariano gostaria de ver, de sentir que naquela obra de arte, que seja dança, teatro, música, escultura, poesia, e outras linguagens, arquitetura... ele queria ver o povo ali, queria ver os símbolos, os resquícios, porque fazia parte dessa visibilidade. E uma coisa leva a outra. Ele defendia sim. E é uma pena que a banca não tivesse visto. Mas eu acho que isso é um discurso, eles falaram uma frase que hoje é bandeira: "- Nos dê voz! " Então, eu acho que isso não seria mais possível numa banca. Eu não acredito. Mas na prática real, para que isso aconteça, ainda falta muito.

22 – MARIA PAULA, PARA CONCLUIR, COMO VOCÊ SE SENTIU AO SE TORNAR PERSONAGEM NA OBRA *DOM PANTERO NO PALCO DOS PECADORES?* Eu acho que estar nas páginas de um livro dele, é uma honra (risos), uma honra muito grande! Mas eu acho que nós sempre fomos personagens da História de Ariano, das páginas que ele estava escrevendo na Vida, né? Porque eu tenho histórico de ser adolescente na casa dele, ele perceber que eu era bailarina, ele esperar que eu tenha uma demanda muito específica com a dança popular, que isso aconteceu por um acaso. E ele me levar para o balé popular, e a experiência começa. Então, Ariano não ia buscar seus personagens, mas ele esperava que eles acontecessem na sua vida. " – Então, agora vamos começar uma experiência. " E aí a gente virava personagem não das suas histórias, mas das suas experiências. Isso para mim é uma honra, porque se não fosse Ariano a me mostrar o que era tradição, o que eu já falo em outras respostas, eu tinha uma relação com o balé popular, e o balé popular era para-folclórico[47], eu nem tinha ideia da diferença entre para-folclórico e tradição. Porque eu vim de uma classe média, uma classe média alta, e a gente não tinha relação como hoje, a gente não tinha na época relação com a tradição. Então, eu dou graças a Ariano por me apontar este Norte, me dar esta oportunidade de encontro com Salustiano e família, e aí tudo começou. Eu comecei a ver, a adentrar, comecei a crescer, comecei a mudar, porque a gente indicia um trabalho com Ariano, porque mesmo que eu tenha feito balé popular, mas tudo veio muito lento. A mudança de olhar veio de uma maneira muito lenta. Porque nós somos formados assim, né? Em casa, na escola, na universidade. Então, nós temos essa visão hegemônica de mundo, não é? Então, aos poucos, quando eu comecei a criar o Grial, eu de fato comecei a entender. Eu vim me preparando junto ao balé popular, e quando viajei para a França, eu trabalhava na UNESCO também, a gente fazia espetáculos para a UNESCO, com bailarinos africanos. Então, tem assim...eu vinha me preparando para esta beleza e essa mudança de olhar. Mas, foi de fato no Grial, com apontamento de Ariano que eu adentrei num universo que eu disse: "- Minha gente, vamos nos mudar, vamos nos transformar completamente, senão o negócio não chega! " (risos) então, foi isso! Estar nas páginas de Ariano, é para mim uma honra, mas foi uma honra tamanha e igual estar na Vida dele, entendeste? Nas páginas da Vida dele.

[47] Grupo formado por pessoas que retrabalham,interpretam e apresentam vivências dos grupos folclóricos em forma de espetáculo. (http://www.cnfcp.gov.br>tesouro, acessado em 15/01/2023.